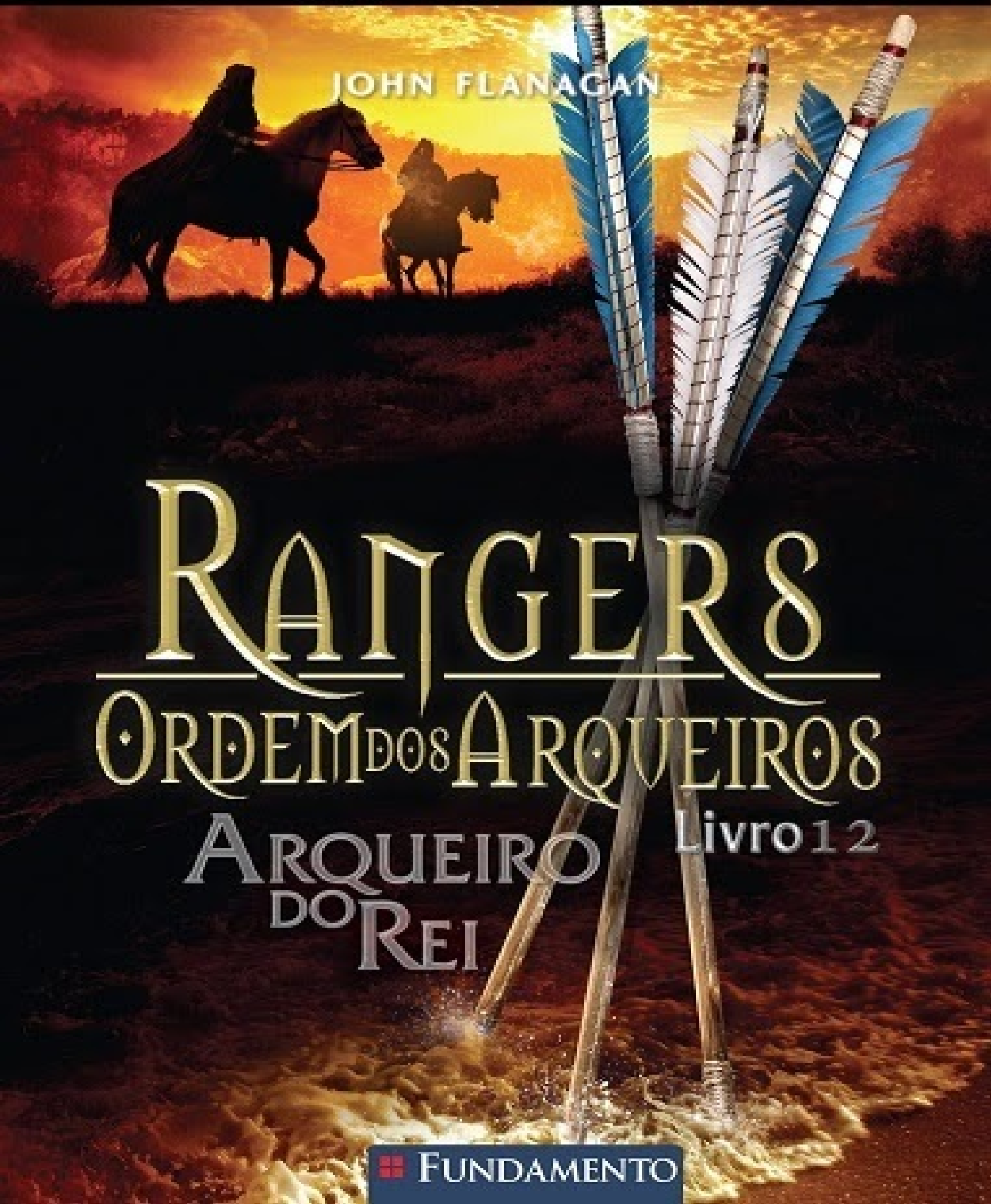
MAIS DE 8 MILHÕES DE CÓPIAS VENDIDAS



RANGERS

ORDEM DOS ARQUEIROS

Livro 12

ARQUEIRO DO REI

FUNDAMENTO

Perfis dos personagens

WILL foi um Arqueiro por muitos anos, tendo treinado com o lendário Arqueiro Halt. Entregue ao Castelo Redmont como um órfão, ele não conhece a verdadeira história de seus pais. Quando era mais jovem, sonhava em se tornar um cavaleiro, mas ele encontrou o seu verdadeiro caminho como um Arqueiro. Will é conhecido por sua lealdade e bravura, e provou-se em inúmeras batalhas. Agora um homem adulto, foi recentemente atingido por uma tragédia pessoal, e o uma vez travesso e espirituoso jovem cresceu amargo e sem humor, e agora é conduzido por uma negra paixão por vingança.

MADDIE – ou, para dar seu título formal, Princesa Madelyn de Araluen – é a filha de 15 anos de idade da Princesa Regente Cassandra e Sir Horace. Brilhante e alegre, ela frequentemente desafia os desejos de seus pais gastando seu tempo em jogos de caça nas florestas em torno do Castelo Araluen. Embora seja a herdeira do trono, ela não deseja passar sua vida em um casulo de proteção, e anseia por uma oportunidade de aprender as habilidades necessárias para conduzir os homens para a batalha.

HALT é um membro renomado do Corpo de Arqueiros, conhecido por seus métodos misteriosos e sua natureza incontrolável. Halt é um excelente arqueiro e usa um grande arco longo. Como todos os Arqueiros, sua habilidade com o arco é misteriosa, mortalmente precisa e devastadoramente rápida. Embora ele raramente demonstre emoções, ele considera Will como seu filho. Ele agora está oficialmente aposentado, mas ocasionalmente ainda realiza missões a pedido do comandante do Corpo.

HORACE é o principal cavaleiro do Reino. Como Will, ele é um órfão, e cresceu como um dos protegidos do Castelo Redmont. Quando era um jovem menino, ele costumava intimidar Will, mas agora eles são grandes amigos, tendo

se ajudado mutuamente em inúmeras missões. Mais tarde, ele se casou com a Princesa Cassandra, a herdeira do trono de Araluen, e sua filha vai governar um dia como rainha. Ele é confiável, leal ao código de conduta dos cavaleiros, e conhecido por seu apetite.

GILAN já foi aprendiz de Halt e é o único Arqueiro que usa uma espada. Ele é alto e bem-humorado, em nítido contraste com o seu antigo mestre. Ele é geralmente considerado o melhor do Corpo em movimento invisível. Apesar de suas piadas e jeito despreocupado, Gilan é sério sobre ser um Arqueiro, e suas habilidades o fizeram ser promovido rapidamente para as posições mais altas do Corpo.

JORY RUHL é um ex-mercenário que agora lidera uma gangue de criminosos que têm atacado aldeias em Anselm e feudos vizinhos, capturando crianças e exigindo resgates de seus pais. Ele mostrou que está disposto a assassinar inocentes para preservar a sua liberdade, e Will está determinado a deter a ele e seu bando a qualquer custo.

Capítulo 1

Aquela havia sido uma fraca colheita em Scanlon Estate. A safra de trigo fora escassa na melhor das hipóteses, e os pomares foram atacados por uma praga que deixou três quartos das frutas manchadas e apodrecidas nas árvores.

Como resultado, parte dos agricultores, trabalhadores rurais, pomicultores e catadores de frutas estavam enfrentando tempos difíceis, com três meses pela frente antes da próxima colheita, durante os quais eles não tinham nem de perto o necessário para comer.

Squire Dennis do Solar Scanlon era um homem de bom coração. Era também um homem prático e, ao mesmo tempo em que sua natureza bondosa dizia a ele para ajudar seus inquilinos necessitados, o seu lado prático reconheceu essa ação como um bom negócio. Se os seus agricultores e trabalhadores estivessem famintos, as chances eram de que fossem se mudar em busca de trabalho em uma região menos atingida. Então, quando os bons tempos voltassem para a propriedade Scanlon, haveria insuficiência de pessoas disponíveis para trabalhar em sua colheita.

Dennis tinha adquirido uma riqueza considerável ao longo dos anos e poderia superar os tempos difíceis que se avizinham. Mas ele sabia que tal opção não estava disponível para os seus trabalhadores. Assim, ele decidiu investir parte de sua riqueza acumulada neles. Ele montou uma cozinha para os trabalhadores, que ele mesmo pagou, e abriu-a para os necessitados que viviam em sua propriedade. Dessa forma, garantiu que o seu povo recebesse pelo menos uma boa refeição por dia. Não era nada sofisticado – geralmente uma sopa, ou um mingau feito de aveia. Mas era quente, nutritivo e os satisfazia, e ele estava confiante de que o custo seria mais do que recompensado pela contínua lealdade de seus inquilinos e trabalhadores.

A cozinha ficava na praça em frente à mansão. Ela consistia em fileiras de mesas de cavalete e bancos, e uma comprida mesa para servir, que eram protegidos do pior do tempo por toldos de lona esticados sobre postes acima deles, criando uma grande marquise. Os lados eram abertos. No mau tempo, isso muitas vezes significava que o vento e a chuva sopravam em torno das mesas, mas pessoas de fazenda eram resistentes e o arranjo era muito melhor do que comer ao ar livre.

Na verdade, cozinha era um nome errado. Toda a comida era feita na grande cozinha dentro da casa senhorial, e a comida era levada para ser servida aos lavradores famintos e suas famílias. Os trabalhadores da propriedade entendiam que o alimento era fornecido gratuitamente, mas era uma questão de princípio

que qualquer um que pudesse arcar com um pequeno pagamento iria fazê-lo. Na maioria das vezes, o pagamento vinha na forma de algumas moedas de cobre, ou de um produto – um par de coelhos ou um pato selvagem capturado da lagoa. A cozinha funcionava durante as duas horas que antecediam o anoitecer, assegurando que os trabalhadores pudessem desfrutar de uma noite de sono sem a as dores da fome roendo suas barrigas.

Era quase noite quando o estranho abriu caminho até a mesa de servir. Era um grande homem com cabelos loiros sujos na altura dos ombros. Vestia um colete de couro de carroceiro, e um par de luvas grossas estava enfiado no cinto, ao lado de uma bainha que envolvia a lâmina pesada de um punhal. Seus olhos corriam continuamente de um lado para o outro, nunca permanecendo muito tempo em um local, dando-lhe uma aparência de caçador.

O camareiro-chefe de Squire Dennis, que era responsável pela mesa de servir, olhou para ele com desconfiança. A cozinha dos trabalhadores era destinada aos moradores, não aos viajantes, e ele nunca tinha visto aquele homem antes.

— O que você quer? — ele perguntou, em um tom pouco amigável.

O carroceiro parou seu olhar de um lado ao outro por alguns segundos e focou no homem de frente para ele. Ele estava prestes a gritar bravatas e ameaças, mas o administrador era um homem corpulento, e havia dois homens que pareciam bem fortes atrás dele, obviamente encarregados de manter a ordem. Ele acenou na direção do caldeirão de sopa pendurado sobre o fogo atrás da mesa de serviço.

— Eu quero comida — disse ele asperamente — Não comi o dia inteiro.

O camareiro fez uma careta.

— Você pode tomar a sopa, mas terá que pagar — disse ele. — Comida de graça somente para os inquilinos da propriedade e os trabalhadores apenas.

O carroceiro fez uma careta, mas pegou uma bolsa suja pendurada em seu cinto e remexeu-a. O mordomo ouviu o tilintar de moedas enquanto elas eram escolhidas através do conteúdo, deixando algumas caírem de volta para a bolsa. Depositou três moedas de bronze na mesa.

— Isso dá? — Ele desafiou. — É tudo o que tenho.

O camareiro-chefe levantou uma sobrancelha, incrédulo. Ele tinha ouvido o tilintar de moedas caindo de volta na bolsa. Mas fora um longo dia e ele não seria incomodado com um confronto. Melhor para dar ao homem um pouco de comida e se livrar dele o mais rápido possível. Ele gesticulou para a garota que servia as tigelas de sopa.

— Dê-lhe uma tigela — disse ele.

Ela verteu uma porção saudável em uma tigela de madeira e colocou-a na

frente do homem, acrescentando um pedaço de pão duro.

O carroceiro olhou para as mesas ao redor dele. Muitas das pessoas assentadas estavam bebendo cerveja em canecas pequenas também. Não havia nada de incomum nisso. A cerveja era relativamente barata e o senhor das terras tinha decidido que seu povo não deveria ter uma refeição seca. Havia um barril atrás da mesa de servir, com cerveja gotejando lentamente a partir da sua torneira. O carroceiro apontou para ele.

— E quanto à cerveja? — Ele exigiu.

O camareiro endireitou-se um pouco mais. Ele não gostou das maneiras do homem. Ele poderia estar pagando pela refeição, mas era uma quantia insignificante e ele estava recebendo um bom valor por seu dinheiro.

— Isso vai custar mais — disse ele. — Mais duas moedas.

Resmungando, o carroceiro vasculhou sua bolsa novamente. Ele não mostrou nenhum sinal de constrangimento ao retirar mais moedas da bolsa depois de alegar que não tinha nenhuma. Ele as jogou sobre a mesa e o camareiro acenou para um dos seus homens.

— Dê-lhe uma caneca pequena — disse ele.

O carroceiro pegou sua sopa, pão e cerveja e se afastou sem outra palavra.

— E obrigado — o camareiro disse sarcasticamente, mas o homem loiro o ignorou. Ele abriu caminho por entre as mesas, estudando os rostos daqueles sentados lá.

O camareiro-chefe o assistiu ir.

O carroceiro estava, obviamente, à procura de alguém e, igualmente óbvio, esperava não encontrá-lo.

O servo que tinha servido a cerveja aproximou-se dele e disse em voz baixa: — Ele parece prestes a causar problemas.

O camareiro assentiu.

— Melhor deixá-lo comer e voltar ao seu caminho. Não lhe dê mais nada, mesmo que ele se ofereça para pagar.

O servo resmungou assentindo, depois virou quando um fazendeiro e sua família se aproximaram da mesa, olhando esperançosamente para o caldeirão de sopa.

— Vamos lá, Jem. Darei a você e sua família algo para manter suas costelas juntas, hein?

Segurando a tigela de sopa e a cerveja no alto para evitar bater nas pessoas sentadas nas mesas, o carroceiro fez o seu caminho até o fundo da tenda, perto das paredes de arenito da grande mansão. Ele sentou-se na última mesa, sozinho, de frente para entrada, onde ele podia ver os recém-chegados conforme eles entravam na grande tenda aberta. Ele começou a comer, mas com os olhos se

movendo constantemente para observar a frente da tenda, e conseguiu derramar e babar uma boa parte da sopa em sua barba e na parte da frente de suas roupas.

Ele tomou um grande gole de sua cerveja, ainda com os olhos à procura acima da borda da caneca de madeira. Havia apenas um centímetro de líquido quando ele repousou-a novamente na mesa. Uma serviçal, movendo-se através das mesas e recolhendo pratos vazios, fez uma pausa para olhar para a caneca. Ao vê-la praticamente vazia, ela estendeu a mão para a caneca. Mas o carroceiro parou seu braço, agarrando-lhe o pulso com força desnecessária, de forma que ela ofegou.

— Deixe-a — ele ordenou. — Ainda não terminei.

Ela puxou o pulso para longe de seu aperto e curvou os lábios em direção a ele.

— Grande homem — ela zombou. — Termine suas últimas gotas de cerveja então.

Ela se afastou com raiva, virando uma vez para olhar para ele. Quando o fez, uma carranca surgiu em seu rosto. Havia uma figura camuflada e encapuzada de pé bem atrás da cadeira do carroceiro. Ela não o tinha visto chegar. Num momento não havia ninguém perto do carroceiro. Então, o homem camuflado apareceu, aparentemente surgido da terra. Ela balançou a cabeça. Isso era fantástico demais, ela pensou. Em seguida, ela reconsiderou, observando a capa malhada cinza e verde que o homem usava. Era a capa de um Arqueiro, e as pessoas diziam que Arqueiros podiam fazer todo tipo de coisas não naturais – como aparecer e desaparecer à vontade. O Arqueiro estava exatamente atrás da cadeira do carroceiro. Até agora, o homem mal-humorado não tinha ideia de que ele estava lá.

A sombra do capuz escondia as características do recém-chegado. A única parte que estava visível era uma barba cinza-aço. Então, ele escorregou o capuz para trás para revelar um rosto sombrio, com olhos escuros e cinzentos, cabelos bagunçados combinando com a barba.

Ao mesmo tempo, ele tirou uma pesada faca de caça de baixo da capa e bateu suavemente o seu lado plano no ombro do carroceiro, deixando-a descansando lá para que o carroceiro pudesse vê-la com a sua visão periférica.

— Não se vire.

O carroceiro endureceu, sentado ereto em seu banco. Instintivamente, ele começou a virar para ver o homem atrás dele. A faca bateu em seu ombro, mais forte dessa vez.

— Eu disse não.

O comando foi proferido em um tom mais autoritário e algumas das pessoas nas proximidades perceberam a cena se desenrolando na mesa. O murmúrio de

vozes se extinguiu ao silêncio à medida que mais pessoas notavam. Todos os olhos se voltaram para a mesa dos fundos, onde o carroceiro estava sentado, aparentemente paralisado.

Em algum lugar, alguém reconheceu o significado da capa cinza manchada e a pesada faca de caça.

— É um Arqueiro.

O carroceiro vacilou quando ouviu as palavras, e um olhar assombrado surgiu em seu rosto.

— Você é Henry Wheeler — disse o Arqueiro.

O olhar assombrado do homem mudou para um de um medo miserável. O grande homem balançou a cabeça rapidamente, saliva voando de seus lábios enquanto ele negava.

— Não! Eu sou Henry Carrier! Você pegou o homem errado! Eu juro.

Os lábios do Arqueiro se retorceram no que poderia ter sido um sorriso.

— Wheeler... Carrier. Não é uma mudança muito criativa se você está planejando mudar de nome. E você deveria ter se livrado do Henry.

— Eu não sei do que você está falando! — O carroceiro balbuciou.

Ele começou a se voltar para enfrentar o acusador. Mais uma vez, a faca bateu-lhe bruscamente no ombro.

— Eu falei. Não. Se. Vire.

— O que você quer de mim? — A voz do carroceiro estava subindo de tom.

Os observadores estavam convencidos de que ele sabia por que o Arqueiro grisalho o tinha pego.

— Talvez você possa me dizer.

— Eu não fiz nada! Quem quer que seja esse Wheeler, não sou eu! Eu lhe digo, você tem o homem errado! Me deixe em paz, eu digo.

Ele tentou colocar um tom de comando sobre as últimas palavras e falhou miseravelmente. Elas saíram mais como um apelo carregado de culpa por misericórdia do que a indignação de um homem inocente. O Arqueiro não disse nada por alguns segundos. Então falou três palavras: — A Pousada Wyvern.

Agora, a culpa e o medo eram demasiado evidentes no rosto do carroceiro.

— Lembra-se, Henry? A pousada Wyvern no Feudo Anselm. Dezoito meses atrás. Você estava lá.

— Não!

— E sobre o nome Jory Ruhl, Henry? Lembra-se dele? Ele era o líder de sua gangue, não era?

— Eu nunca ouvi falar de nenhum Jory Ruhl!

— Oh, eu acho que você ouviu.

— Nunca! Eu nunca fui a qualquer Pousada Wyvern e não tive nada a ver

com o... — O grande homem parou, percebendo que estava prestes a condenar a si mesmo com suas palavras.

— Então você não estava lá, e você não teve nada a ver com... o que exatamente, Henry?

— Nada! Eu nunca fiz nada. Você está distorcendo as minhas palavras! Eu não estava lá! Eu não sei nada sobre o que aconteceu!

— Você está se referindo ao fogo que você e Ruhl puseram na pousada, por acaso? Uma mulher acabou morta no incêndio, lembra? A diplomata. Ela saiu do edifício. Mas havia uma criança presa dentro. Ninguém importante, apenas uma camponesa – o tipo de pessoa que você consideraria abaixo de sua visão.

— Não! Você está inventando isso! — Wheeler chorou.

O Arqueiro foi implacável.

— Mas a diplomata não achou que ela não fosse importante, não é? Ela voltou para o prédio em chamas para salvá-la. Ela jogou a menina através de uma janela do andar superior, em seguida o teto desabou e ela acabou morta. Certamente você se lembra agora?

— Eu não conheço nenhuma Pousada Wyvern! Eu nunca estive no Feudo Anselm. Você tem o homem erra...

De repente, com uma velocidade que contrariava o seu tamanho, o carroceiro estava de pé, girando para a direita para enfrentar o Arqueiro. Quando ele começou o movimento, a mão direita pegou o punhal de seu cinto e ele o balançou em um ataque indireto.

Mas, rápido como era, o Arqueiro era ainda mais rápido. Ele estava esperando algum movimento brusco, desafiador, conforme o desespero crescia na voz de Wheeler. Ele deu um rápido meio passo para trás e a faca de caça foi erguida para bloquear o punhal do carroceiro.

As lâminas se encontraram com um ruído estridente, em seguida, o Arqueiro rebateu o movimento do carroceiro com o seu. Girando sobre seu calcanhar direito, ele desviou o punhal ainda mais com sua lâmina e seguiu o movimento com a mão esquerda espalmada, batendo em Wheeler na mandíbula.

O carroceiro resmungou em estado de choque e cambaleou para trás. Seus pés se enroscaram no banco em que ele estava sentado e ele tropeçou, caindo sobre a borda da mesa, e em seguida, despencando com um baque no chão. O carroceiro ficou ali, imóvel. Uma mancha escura sinistra começou a se espalhar por todo o relvado.

— O que está acontecendo aqui?

O camareiro-chefe saiu de trás da mesa de servir, com seus dois assistentes atrás dele. Ele olhou para o Arqueiro, que sustentou seu olhar firmemente. Em seguida, o Arqueiro deu de ombros, apontando para a figura imóvel no chão. O

camareiro desviou o olhar, ajoelhou-se e estendeu a mão para virar a figura mais pesada.

Os olhos do carroceiro estavam abertos. O choque do que tinha acontecido estava congelado em seu rosto. Seu próprio punhal estava enterrado profundamente em seu peito.

— Ele caiu sobre a faca. Ele está morto — disse o camareiro.

Ele olhou para cima para o Arqueiro, mas não viu nem culpa, nem arrependimento em seus olhos escuros.

— Que pena — disse Will Tratado.

Então, reunindo a sua capa em torno dele, ele virou-se e saiu da tenda.

Capítulo 2

Os primeiros raios de luz pintavam o céu oriental. Na floresta em torno do Castelo Araluen, pássaros começaram a cantar para anunciar o dia vindouro – primeiro sozinhos ou aos pares, mas gradualmente se unindo em um coro de alegria geral. Ocasionalmente, um podia ser visto esvoaçando entre as árvores bem espaçadas em busca de alimento.

A ponte levadiça do grande castelo estava atualmente erguida. Essa era uma questão de disciplina. Ela era erguida todas as noites, às nove horas, embora Araluen estivesse em paz durante alguns anos. Aqueles no comando do castelo sabiam que a paz pode ser quebrada sem aviso prévio. Como o rei Duncan havia dito alguns anos antes, "Ninguém nunca morreu por ser cuidadoso demais".

Havia uma pequena ponte de madeira do outro lado do fosso – pouco mais do que um par de pranchas com corrimãos de corda. Poderia ser rapidamente retirada em caso de ataque. Na sua extremidade exterior, um par de sentinelas estava de guarda. Havia mais vigias nas muralhas do castelo, é claro. Vários pares de olhos percorreram o bem cuidado gramado que se estendia por várias centenas de metros em todos os lados do castelo, e a floresta densamente arborizada além.

Enquanto duas sentinelas observaram, um deles empurrou o companheiro.

— Lá vem ela — disse ele.

Um corpo esguio tinha emergido das árvores e caminhava até o campo relvado levemente inclinado para o castelo. O recém-chegado estava vestido com um colete de caça de couro que ia até as coxas, um cinto sobre uma camisa de lã grossa de mangas compridas e calções de lã. As calças estavam enfiadas em botas de cano alto de couro macio e não curtido.

Não havia nada sobre a figura para indicar que ela era uma menina. O conhecimento da sentinela provinha do fato de que esta era uma ocorrência regular. A garota de quinze anos de idade muitas vezes saía escondida do castelo para caçar na floresta, para a fúria de seus pais. A sentinela achou graça. Ela era uma figura popular entre eles, brilhante, alegre e sempre pronto para compartilhar o produto de uma caça bem sucedida. Como resultado, eles fechavam os olhos para suas idas e vindas, apesar de não anunciarem o fato. Sua mãe, afinal, era a Princesa Regente Cassandra, e nenhum soldado de baixo escalão arriscaria seu desfavor, ou o de seu marido, Sir Horace, o principal cavaleiro do Reino.

Quando Maddie – ou, para dar-lhe seu título formal, Princesa Madelyn de Araluen – chegou mais perto, ela reconheceu os homens no posto. Eles eram

dois de seus favoritos e seu rosto se iluminou com um sorriso.

— Bom dia, Len. Bom dia, Gordon. Vejo que vocês tiveram uma noite tranquila.

A sentinela chamada Gordon sorriu de volta para ela.

— Foi assim até uma feroz donzela guerreira surgir da floresta agora mesmo e ameaçar o castelo, Sua Alteza — disse ele.

Ela franziu o cenho para ele.

— O que falamos sobre esse negócio de Sua Alteza? É tudo um pouco formal demais para as cinco horas da manhã.

A sentinela assentiu e se corrigiu.

— Desculpe, Princesa.

Ele olhou de volta para as paredes do castelo. Uma das sentinelas de lá acenou, confirmando o fato de que eles haviam reconhecido a Princesa também.

— Suponho que seus pais não saibam que você foi caçar?

Maddie franziu o nariz.

— Eu não queria incomodá-los — ela disse inocentemente. Gordon levantou uma sobrancelha e sorriu conspiratório. — Estou perfeitamente segura, como você pode ver.

A sentinela chamada Len deu de ombros, incerto.

— A floresta pode ser perigosa, Princesa. Nunca se sabe.

Seu sorriso se alargou.

— Não é muito perigosa para uma jovem guerreira feroz, certo? E eu não sou indefesa, você sabe. Tenho a minha faca de caça e o estilingue.

Ela tocou a longa tira dupla de couro que estava pendurada frouxamente em torno de seu pescoço. Depois, como menção do estilingue a lembrou de alguma coisa, ela abaixou o saco de caça carregado que estava pendurado em seu ombro.

— Aliás, eu tenho uma lebre e um casal de pombo-torcazes. Vocês poderiam aproveitá-los?

As sentinelas trocaram um olhar rápido. Eles sabiam que se Maddie aparecesse com animais recém-caçados no castelo, perguntas seriam feitas a respeito de como ela os tinha conseguido. Por outro lado, a adição de um pouco de carne fresca seria uma mudança bem-vinda para a mesa dos soldados.

Gordon hesitou.

— Eu adoraria pegar os pombos, Princesa. Mas a lebre? Se minha esposa for descoberta cozinhando a lebre, as pessoas podem pensar que eu cacei ilegalmente.

Apenas o rei, sua família, ou altos funcionários e guerreiros tinham o direito de caçar animais como lebres nos arredores do castelo. Arqueiros, é claro, caçavam onde quer que quisessem, com a multa sendo desconsiderada por estas

questões. As pessoas comuns eram autorizadas a caçar pequenos animais, como coelhos, pombos e patos. Mas uma lebre era uma questão diferente. Um camponês ou soldado podia ser multado por ter uma.

Maddie fez um gesto de desprezo.

— Se alguém perguntar, diga que eu lhe dei. Eu confirmarei.

— Eu não gostaria de trazer-lhe problemas — Gordon hesitou ainda assim, a mão a meio caminho da lebre.

Maddie riu descuidada.

— Não seria a primeira vez. Provavelmente não seria a última. Pegue-a. E você pega os pombos, Len.

As sentinelas finalmente cederam, levando a caça e agradecendo em coro. Maddie acenou, afastando sua gratidão.

— Não foi nada. Eu não quero jogá-los fora e ver boa comida ir para o lixo. E vocês estão me salvando de um monte de explicações.

Os guardas guardaram os animais na pequena guarita que os abrigava no mau tempo. Maddie acenou para eles e caminhou levemente por toda a passarela, indo para o pequeno postigo ao lado do portão principal do castelo. As sentinelas sorriram um para o outro. Esta era uma das vantagens de ser atribuído à sentinela do lado de fora.

— Ela é uma boa menina — disse Len.

Gordon, que era o mais velho dos dois por alguns anos, concordou.

— Como sua mãe — disse ele. Em seguida, ele acrescentou, pensativo — Veja bem, Princesa Cassandra costumava nos perseguir quando se esgueirava para fora do castelo quando era menina.

Len ergueu as sobrancelhas.

— Sério? Eu não tinha ouvido falar disso.

— Ah, sim — Gordon assentiu, lembrando. — Ela praticava suas habilidades de espiã com as sentinelas. Em seguida, atirava com a atiradeira na ponta de nossas lanças. Era um terror, até nos acostumarmos com seus truques.

Len estava tentando relacionar a atual Princesa Cassandra – a zelosa governante do Reino – com a imagem que seu companheiro tinha desenhado de uma moleca aventureira aterrorizando os guardas do castelo.

— Você nunca perceberia isso agora. Ela é tão calma e digna, não é?

Capítulo 3

— EM QUE MALDITO INFERNO DE ESCONDERIJO VOCÊ ESTAVA? — A calma e digna Princesa Cassandra exigiu.

Maddie congelou em choque quando as palavras de sua mãe ecoaram em volta da sala de estar dos aposentos reais. Ela tinha subido a escada da torre na ponta dos pés e seguido silenciosamente até os quartos, destravando a porta com cuidado, em seguida, abrindo-a rapidamente para evitar os guinchos persistentes das dobradiças. O interior estava na escuridão, com cortinas pesadas vedando todas as janelas e apenas algumas brasas no fogo.

Ela parou ao lado da porta, seus sentidos alertas para qualquer som ou indício de outra presença na sala. Ela tinha tirado as botas antes de subir as escadas e agora as segurava em sua mão esquerda. Satisfeita de que seus pais ainda estivessem dormindo em seu quarto, ela começou a andar pisando cuidadosamente sobre o tapete grosso para seu próprio quarto.

Em seguida, sua mãe – perita na arte de emboscada, como a maioria das mães são – a tinha assustado com seu furioso rugido. Maddie parou no meio do caminho, um pé equilibrado sobre o tapete. Ela olhou freneticamente ao redor da sala. Estava convencida de que estava vazia. Agora ela percebia a forma fraca da mãe sentada em uma grande poltrona de espaldar alto.

— Mamãe! — ela disse, se recuperando rapidamente. — Você me assustou!

— Eu a assustei?

Cassandra se levantou da poltrona e atravessou a sala para enfrentar a filha. Ela estava de camisola, com um pesado robe sobre ele para protegê-la do frio. Um observador teria comentado sobre a semelhança entre as duas mulheres. Ambas tinham pequena estatura, eram magras e graciosas em seus movimentos. As duas tinham olhos verdes e características atraentes. E ambas tinham o mesmo determinado inclinar em seus queixos. Em tempos passados, as pessoas teriam se enganado confundindo-as como irmãs, e não seria nenhuma surpresa se isso acontecesse. Elas compartilhavam a mesma massa de cabelos loiros, embora houvesse um cinza ocasional em Cassandra agora – prova da tensão sob a qual tem estado, gerenciando o Reino de seu pai enfermo nestes últimos três anos.

— Eu a assustei? — ela repetiu mais perto, sua voz subindo alguns tons com incredulidade.

— Eu pensei que você estivesse dormindo — disse Maddie, tentando um inocente sorriso.

Na verdade, ela tinha certeza de que sua mãe estava dormindo quando ela deixara seus aposentos, várias horas antes. Ela olhara no dormitório real para ter

certeza disso.

— Eu pensei que você estivesse dormindo — replicou a mãe. — Se bem me lembro, à nona hora você fez uma grande cena sobre o quão cansada estava.

Ela fingiu um enorme bocejo. Maddie estava desconfortavelmente consciente de que era uma excelente representação de seu próprio desempenho na noite anterior.

— Oh, eu estou tãão cansada! — Cassandra disse, ainda imitando-a em uma exagerada vozinha feminina. — Receio que eu vá para a cama imediatamente.

— Ah... sim — disse Maddie. — Bem, eu acordei. Eu estava morrendo de fome, então fui até a cozinha pegar algo para comer.

— Levando suas botas — Cassandra observou.

Maddie olhou para baixo para elas, como se as visse pela primeira vez.

— Hum... Eu não queria deixar lama por todo o tapete — disse ela rapidamente. Muito rapidamente. Falar rapidamente muitas vezes resulta em um erro.

— Traria muita lama da cozinha — Cassandra falou uniformemente.

Maddie abriu a boca para responder, mas não conseguia pensar em nada a dizer. Ela a fechou novamente.

— Madelyn, você está louca? — Cassandra disse, sua raiva finalmente estourando como água jorrando através de uma barragem quebrada. — Você é uma Princesa, a herdeira do trono depois de mim. Você não pode passear pela floresta na calada da noite. É muito perigoso!

— Mãe, é só uma floresta. Não é perigoso. Eu sei o que estou fazendo. Eu vi um texugo — acrescentou ela, como se isso fosse desculpa para o que ela tinha feito.

— Oh, bem, se você viu um texugo, isso torna tudo bem! — o sarcasmo de Cassandra cortou como um chicote. — Por que você não mencionou o texugo imediatamente? Agora eu posso voltar para a cama e dormir em paz porque eu sei que você não estava em perigo. Como você poderia estar quando viu um maldito texugo?

— Mãe... — Maddie começou em um tom que implicava que sua mãe não estava sendo razoável.

Maddie só chamava Cassandra de “mãe” quando ela estava exasperada com o que via como um comportamento obsessivo de excesso de controle. Cassandra estava muito bem ciente desse fato e seus olhos brilharam com raiva.

— Não me venha com Mãe para cima de mim, Madelyn! — Ela retrucou.

Os ombros de Madelyn se endireitaram e ela ficou um pouco mais alta. Ela era dois centímetros menor que a sua mãe e, às vezes ela sentia que a deficiência a colocava em desvantagem.

— Então não venha você com Madelyn para cima mim! — Ela respondeu secamente.

Cassandra só a chamava pelo nome completo, formal, quando sentia que a garota estava sendo irresponsável, imatura e irritante.

— Vou chamá-la de Madelyn a qualquer momento que eu quiser, mocinha!

Maddie revirou os olhos.

— Oh, estamos no mocinha agora? — ela disse, cansada. Ela fez um gesto acenando com as mãos. — Deixe tudo para lá. Vamos ouvir a ladainha dos meus pecados. Eu sou uma garota terrível. Sou irresponsável. Sou uma vergonha para a casa real de Araluen.

Ela ficou de frente para a mãe dela, com uma mão no quadril em uma pose petulante, totalmente irritante como só uma adolescente pode ser quando sabe que está no lugar errado, mas se recusa a admiti-lo. A mão de Cassandra se contraiu e ela sentiu um impulso irresistível de dar um tapa na filha. Ela enfiou as mãos nos bolsos do robe para impedir tal ação. Respirou fundo e baixou a voz.

— Há ursos naquela floresta, Madelyn. O que você faria se se encontrasse com um?

— Dondy diz que, se você encontrar um urso, você se agacha, fica parado e não faz contato visual.

Dondy era o silvicultor real e mestre de caça.

— Ele também diz que é um último recurso e tem sucesso apenas na metade das vezes.

— Então eu correria para o outro lado. Ou subiria em uma árvore. Uma árvore pequena e fina, então ele não poderia subir depois de mim. — Ela adicionou o último rapidamente, antes que Cassandra pudesse apontar que ursos são capazes de subir em árvores. Era óbvio que ela não ia se render a este ponto.

Cassandra mudou de rumo.

— Também há criminosos, salteadores, fora-da-lei e bandidos. Eles se escondem na floresta.

— Eles são bem poucos e estão distantes entre estes dias. Papai verificou isso — Maddie respondeu.

Horace tinha conduzido recentemente uma série de varreduras armadas para expulsar os bandidos de suas tocas na floresta.

— Só precisa de um. Você sabe muito bem. Você poderia ser sequestrada e mantida presa em troca de resgate.

— Ele precisaria me pegar primeiro — Maddie respondeu teimosamente.

Cassandra se virou, levantando suas mãos em resignação.

— Veja bem, nós teríamos que estar dispostos a pagar para ter você de volta

— ela murmurou. Seu tom indicava que não se tinha certeza sobre isso.

A porta do quarto se abriu, permitindo que um feixe de luz penetrasse no cômodo escuro. Horace entrou. Seu cabelo estava desgrenhado e seu camisolão estava escondido sob sua calça. Seus pés estavam descalços. Assim como a lâmina da espada na mão direita. Ela brilhava à luz da lanterna ele segurava na mão esquerda, enviando reflexos aleatórios ao redor das paredes.

— O que está acontecendo? — disse. Vendo apenas sua esposa e filha na saleta, ele colocou a espada de lado, inclinando-se contra a parede. Ele segurou a lanterna mais alto, estudando sua filha na luz. — Você foi caçar novamente — disse ele. Seu tom era uma mistura de raiva e resignação.

— Pai, eu estive fora apenas por uma hora... — Maddie começou, sentindo que seu pai poderia ser mais razoável do que Cassandra. Ela sabia que poderia trazê-lo rapidamente à sua maneira de pensar.

— Eu estive esperando mais de duas horas — Cassandra a cortou. — Encontrei sua cama vazia e estive sentada aqui desde então.

Horace balançou a cabeça. Qualquer esperança de que ele pudesse ser mais indulgente que sua mãe foram frustradas por suas próximas palavras.

— Você é estúpida, Maddie? Ou está apenas determinada a desafiar sua mãe e eu? Tem que ser uma coisa ou outra, então me diga. O que é isso?

Não era justo, pensou Maddie, a forma como os adultos dão a você duas alternativas igualmente condenáveis e insistem que você escolha uma. Ela cruzou os braços e baixou os olhos da expressão zangada de seu pai.

— Eu estou esperando — disse Horace.

Maddie apertou a mandíbula. Ela olhou para seus pais irritados e eles devolveram o olhar. Por fim, Cassandra não pôde suportar o silêncio.

— Maddie, você é a herdeira do trono. Você governará Araluen um dia — começou ela, e Maddie aproveitou a abertura que ela tinha criado.

— E como eu posso fazer isso se você me mantém trancada em um casulo protetor? Se eu não sei nada sobre enfrentar o perigo, tomar decisões e pensar rapidamente?

— O quê? — disse a mãe, franzindo a testa.

Mas Maddie continuou.

— Se eu fosse um menino, meu pai iria me ensinar a lutar, montar e levar os homens em batalha...

— Eu te ensinei a montar — disse Horace, mas ela balançou a cabeça impaciente.

— Se eu me tornar rainha, como posso pedir aos homens para sair e lutar por mim se eu não sei nada sobre como fazer isso sozinha?

— Você terá conselheiros — lembrou Cassandra. — Pessoas que conhecem

essas coisas.

— Não é o mesmo! Se esperará que eu tome decisões — ela apontou um dedo para a mãe. — De todas as pessoas, você deveria entender isso! Quando tinha a minha idade, você lutou contra os Wargals, foi sequestrada por Escandinavos e comandou arqueiros contra os Temujai. Você lutou ao lado do meu pai!

— Isso foi por acidente. Eu não planejei fazer essas coisas!

— Mas você escolheu ir para Arrida e lutar contra os Tualaghi, e escolheu ir para Nihon-Ja e resgatar papai. Você matou o tigre das neves...

— Alyss matou — Cassandra disse, mas Maddie ignorou a interrupção.

— E você costumava fugir para a floresta e praticar com seu estilingue...

A cabeça de Cassandra se levantou rapidamente.

— Quem te disse isso?

— Vovô. Ele disse que costumava ficar muito preocupado com você.

— Seu avô fala demais — Cassandra respondeu, apertando os lábios. — De qualquer forma, mesmo que eu tenha feito essas coisas, não quer dizer que você deve fazê-las também.

— Mas as pessoas a respeitam! Eles sabem que você já enfrentou o perigo! Isso é tudo o que estou pedindo, um pouco do mesmo respeito! E eu estou entediada! Quero alguma emoção em minha vida!

— Bem, esta não é a maneira de obtê-la! — rebateu Cassandra.

— Então como é? Diga-me! Eu não quero passar os meus dias aprendendo bordados, geografia e gramática! Quero aprender coisas mais importantes.

— Talvez possamos dar um jeito... — Horace disse com certa dúvida. Ele podia ver um grão de sentido no que a sua filha estava dizendo.

Mas ela se virou para ele imediatamente.

— Como o quê? O que podemos fazer funcionar?

Ele fez um gesto impotente no ar.

— Eu não sei... alguma coisa... vamos ver.

Maddie finalmente explodiu em raiva.

— Oh, ótimo! Vamos ver. A grande desculpa dos pais para não fazer nada! Isso é fantástico, pai! Vamos ver!

— Não fale assim comigo — Horace disse a ela, embora estivesse consciente do fato de que a frase “vamos ver” era uma tática parental experimentada e verdadeira para adiar decisões difíceis.

— Por que não? Será que vamos ver o que acontece comigo se eu fizer? O que vamos ver? — Ela se inclinou em direção a ele, desafiando-o, com as mãos nos quadris. Todo o seu corpo parecia tremer de indignação e frustração.

— Tudo bem. É isso — Horace retrucou. — Você está confinada ao seu

quarto por uma semana! Vou colocar uma sentinela na porta e você não vai sair!

As bochechas de Maddie ficaram flamejantes com raiva de si mesma agora.

— Isso é tão estúpido e mesquinho! Acho que vamos ver como isso funciona! — Ela gritou.

— Então são duas semanas — Horace disse, tão zangado quanto ela. Ela respirou fundo para responder e ele inclinou a cabeça para um lado. — Pensando em tentar três semanas?

Ela hesitou, e em seguida viu o olhar nos seus olhos. Ela se virou e marchou com raiva até a porta de seu próprio quarto.

— Isso é tão injusto! — ela gritou, e bateu a porta atrás de si.

Horace e Cassandra trocaram um longo olhar. Horace balançou sua cabeça, derrotado, e pôs o braço em volta dos ombros da esposa.

— Isso correu bem — ele disse.

Capítulo 4

Halt e Pauline guiaram seus cavalos para uma parada quando a estrada surgiu das árvores sob o castelo de Araluen. Nenhum deles sugeriu isso, nem mesmo trocaram um olhar. Foi simplesmente uma resposta natural à visão repentina do castelo, com suas torres e pináculos, e bandeiras tremulando bravamente no vento em diversos pontos em torno do muro.

— É impressionante, não? — Pauline falou suavemente.

Halt olhou de lado para ela, um meio sorriso em seu rosto.

— Sempre foi — ele concordou. — Ainda assim, eu não o trocaria por Redmont.

Por comparação, o castelo de Redmont era sólido e funcional, sem nada da graça e beleza que Araluen oferecia. Mas era seu lar. Era onde Halt e Pauline tinham passado grande parte de suas vidas e era onde eles finalmente haviam revelado seu amor eterno um pelo outro.

A vida em Redmont também era muito menos formal, o que era mais condizente com a ideia de Halt de como as coisas deveriam ser. Ele tinha descaso por rotinas estritamente ordenadas e ocasiões no palácio real, com sua rígida aderência a protocolos e posição social. Ele achava que esse comportamento era desnecessário e tolo e ficava sombrio cada vez que era obrigado a estar em qualquer tipo de evento formal. Felizmente a mensagem que eles receberam de Gilian indicava que não haveriam formalidades envolvidas nessa visita.

Eles instaram seus cavalos avante em um trote lento, seus cascos criando pequenas nuvens de poeira que pairavam no ar quente. Eles estavam viajando sozinhos, com apenas um cavalo de carga e nenhuma escolta. Não que eles precisassem de uma. Mesmo Halt já estando aposentado, e seu cabelo ter se transformado de um cinza pimenta com sal para prata, ele ainda era o Arqueiro mais famoso do Reino, e um oponente formidável para qualquer ladrão em potencial. O enorme arco que ele carregava em sua sela evidenciava o fato.

— Você acha estranho — Pauline perguntou — ser convocado pelo seu antigo aprendiz?

Halt franziu os lábios.

— Não foi tanto uma convocação — ele a corrigiu. — Foi mais um pedido.

Fazia três anos que Crowley tinha falecido. O Comandante dos Arqueiros morreu pacificamente em seu sono. Foi um fim irônico para o seu velho amigo. Após uma vida de batalhas, intrigas e perigo, ele simplesmente parou de respirar numa noite. Foi encontrado com os olhos abertos e um sorriso zombeteiro no

rosto. Pelo menos aquilo foi apropriado, pensou Halt. Crowley tinha sido famoso pelo seu senso de humor travesso. Ele obviamente tinha morrido pensando em algo que o divertia e Halt encontrou conforto com o fato. Com a morte de Crowley, muitas pessoas imaginaram que Halt assumiria o posto de Comandante. Porém ele reagiu com horror diante da sugestão.

— Papeladas, relatórios, organização, ficar sentado atrás de uma mesa escutando os problemas e reclamações de todo mundo. Você consegue me imaginar fazendo isso? — disse a Pauline naquela época.

Sua esposa sorriu, olhando para sua expressão severa.

— Creio que não consiga — ela havia concordado.

Assim, a posição foi oferecida a Gilan. Para sua surpresa, ele acreditava ser de longe muito jovem para o cargo. Mas a nomeação havia sido recebida com aprovação unânime pelos outros Arqueiros. Gilan era, junto com Will Tratado, um dos jovens mais conceituados do Corpo – e um dos mais experientes, principalmente em termos de assuntos internacionais. Gilan tinha viajado mais e visto mais ação do que muitos Arqueiros. E ele estava acostumado a estar perto dos bastidores do poder. Seu pai era o Mestre de Guerra do Reino e Gilan tinha um relacionamento próximo com a Princesa Cassandra e Sir Horace, o principal cavaleiro do Reino. Ainda mais a seu favor, aos olhos dos Arqueiros, ele fora treinado pelo próprio Halt.

Will poderia ter sido considerado para o cargo, embora fosse mais novo que Gilan. Mas enquanto ele e Halt eram muito respeitados, até mesmo reverenciados como indivíduos, era-se amplamente reconhecido que eles preferiam agir independentemente e tinham uma inclinação para quebrar as regras. Gilan, por outro lado, era mais disciplinado e organizado, e mais adequado para a tarefa de comandar e controlar a elite e distinto grupo dos cinquenta Arqueiros de Araluen.

— Você acha que ele vai pedir-lhe para ir a outra missão? — Pauline perguntou, após cavalgarem por alguns minutos em silêncio.

De tempos em tempos, mesmo estando aposentado, Halt concordava em aceitar missões para Gilan.

Ele considerou a questão, mas balançou a cabeça.

— Ele teria dito na carta — Halt respondeu. — Não me pediria para vir até aqui se houvesse a chance de eu dizer não. Além disso, se ele quisesse que eu fosse em uma missão, por que me pediria para vir até o Castelo Araluen? Tenho a impressão de que é algo pessoal.

— Você não acha que Jenny finalmente concordou em se casar com ele? — disse Pauline, sorrindo.

Tinha sido outra surpresa quando nos últimos anos Jenny decidira que ela

não tinha nenhum desejo de arrancar a si mesma e seu próspero restaurante de Redmont para seguir Gilan até o Castelo Araluen. Ela o amava, todos sabiam disso. Mas ela queria manter sua individualidade e sua carreira.

— Nos casaremos um dia — Jenny tinha dito a Gilan. — Mas no momento você está completamente ocupado com os negócios dos Arqueiros ou está em uma missão em algum lugar. Eu não tenho desejo de ser esposa do Comandante.

Gilan tinha ficado um pouco chocado por suas palavras francas.

— E se eu encontrar outra pessoa? — ele perguntara, com um pouco de malícia.

Jenny dera de ombros.

— Então você será livre pra fazer o que quiser. Mas você não encontrará ninguém como eu.

Ela tinha razão. Então eles continuaram seu namoro à longa distância, com Gilan tomando todas as oportunidades que encontrava para ir ao Feudo Redmont passar um tempo com ela. Toda vez que eles se encontravam, ele renovava seu pedido de casamento. E ela renovava seu adiamento.

— Eu acho que não — Halt respondeu agora à pergunta de Pauline. — Você conhece Jenny. Se ela decidiu se casar com ele, estaria transbordando de emoção.

— Verdade — concordou Pauline. Ela suspirou baixinho. — Você acha que fomos um mau exemplo para eles, esperando o máximo que podíamos?

— Eu não acho que foi um mau exemplo — Halt contou a ela. — Além disso, a espera te manteve interessada.

Ela se torceu na sela para poder olhar para ele. Foi um olhar longo e duro, e Halt percebeu que pagaria por aquela graça. Talvez não hoje, nem amanhã. Mas um dia – provavelmente quando ele menos esperasse. Mesmo assim, valeria a pena. Ela tinha uma vida inteira de prática no Serviço Diplomático.

Eles agora estavam perto da ponte levadiça. Ela estava baixada, o que era normal durante o dia. Duas sentinelas montavam guarda do lado de fora. Eles chegaram perto e saudaram os dois viajantes. Não havia necessidade de Halt e Pauline se identificarem. Sua chegada era esperada e eles eram reconhecidos de longe por todo o Reino, principalmente aqui na capital.

— Arqueiro Halt e Lady Pauline — disse o superior dos dois. — Bem-vindos ao Castelo Araluen.

Ele gesticulou para passarem, afastando-se para acentuar o convite.

Halt acenou para os dois homens.

Pauline favoreceu o superior das sentinelas com um sorriso radiante.

— Muito obrigada, Cabo — ela se inclinou para frente, olhando mais perto para o outro homem. — E será você, Malcolm Landers? Eu lembro quando você

me ajudou com meu cavalo na última vez que visitei Araluen.

O rosto familiar do homem se abriu em um sorriso encantado.

— Verdade, minha senhora. Ele perdeu uma ferradura, se bem me lembro.

Halt balançou a cabeça ligeiramente. A habilidade de sua esposa de relembrar nomes e rostos, mesmo aqueles de soldados comuns, era uma fonte de admiração para ele. Coisa do treinamento diplomático, ele pensou. Depois se corrigiu. Não, Pauline era genuinamente interessada nas pessoas. Ela gostava delas e nunca esquecia aqueles que faziam uma boa ação para ela. Ele percebeu que seu simples ato de lembrança e reconhecimento garantiu a ela um seguidor devoto. Malcolm Landers agora faria tudo por ela.

É claro, disse baixinho para o cavalo. Ter uma beleza deslumbrante também ajuda nestes momentos.

Não é algo de que você será sempre acusado, replicou Abelard.

— Pare de falar com seu cavalo, querido — Pauline falou quando eles continuaram seu caminho através e abaixo da ponte levadiça. — Eu sempre sei — ela disse, e ele se perguntou como ela sabia o que ele estava se perguntando.

Eles se encontraram no pátio com um jovem aprendiz de Arqueiro. Gilan instituiu um sistema onde ele “pegava emprestado” aprendizes de seus mestres por dois a três meses, para que pudessem ajudá-lo em seu trabalho como Comandante.

— Faz sentido para dar a eles uma noção de como a Corporação é administrada — ele tinha dito a Halt. — Quem sabe? Um dia talvez um desses garotos possa acabar como Comandante.

Halt revirou os olhos com a ideia.

— Deus nos ajude — dissera ele baixinho.

— Bom dia, Arqueiro Halt. Bom dia, Lady Pauline — o atual aprendiz de Comandante os cumprimentou. — Meu nome é Kane e estou ajudando o Comandante. O Comandante envia suas desculpas. Ele está abordando os guerreiros formandos na Escola de Guerra — ele olhou com nervosismo para os dois. — Ele sugeriu que eu deveria mostrar as suas acomodações e ele se juntará a vocês quando estiver livre.

Pauline contribuiu com um sorriso.

— Nós entendemos. Gilan é um homem ocupado, afinal.

Kane gesticulou para um jovem cavalariço que estava parado nas proximidades do estábulo, mudando o peso de um pé para o outro, enquanto esperava.

— Posso deixar Murray cuidar dos seus cavalos? — ele sugeriu.

Halt hesitou. Pauline sabia que ele mesmo preferia cuidar de Abelard. Mas ela também sabia que aquele jovem se gabaria por anos de que ele tinha cuidado

do cavalo de Halt.

— Deixe Murray cuidar, querido — ela disse em voz baixa.

Abelard sacudiu a cabeça. Eu concordo. Ele irá fazer um trabalho melhor que você. E vai me mostrar respeito extra.

Ele vai é te mostrar maçãs extras, é o que você quer dizer.

— Não fale com o seu cavalo, amor. Pessoas estão olhando — Pauline falou com voz baixa.

Halt virou um olhar perplexo para ela.

— Como você sabe quando eu estou fazendo isso?

Ela sorriu pra ele.

— Seu nariz se contrai — ela respondeu.

Um pouco desnorteado, Halt deixou o cavalariço tomar conta da rédea de Abelard com uma mão. Ele conduziu o cavalo de Pauline com a outra mão e se dirigiu para os estábulos. Halt e Pauline seguiram Kane para um andar superior da torre do castelo, onde uma suíte confortável fora preparada para eles. No caminho, Kane continuou olhando disfarçadamente para o famoso Arqueiro, fascinado pelo fato de que ele ficou olhando para seu próprio nariz e esfregando a ponta dele com o indicador e o polegar.

Assim que chegaram aos aposentos preparados para eles, Pauline declarou que iria tomar um banho, e mandou criados buscar água quente.

— Darei meus respeitos ao Rei Duncan enquanto você toma seu banho — Halt disse.

Pauline assentiu enquanto desempacotava vários vestidos e os pendurava no guarda-roupa.

— Eu o verei mais tarde, quando ele tiver tempo para se preparar.

Duncan estava de cama fazia muitos meses, devido a uma lesão na perna que era incurável. Antes com uma constituição forte e cheio de energia, agora ele era uma sombra de sua antiga personalidade. Ele perdera peso e musculatura, e Pauline, consciente do senso de dignidade do Rei, sentiu que ele gostaria de tempo para se preparar e parecer bem antes de cumprimentar uma visita feminina. Halt concordou sombriamente.

— Boa ideia — disse ele. — Vou dar-lhe os seus cumprimentos.

Preparado como estava, ainda assim foi um choque quando Halt foi conduzido ao quarto do Rei. Fazia alguns meses desde a última visita de Halt ao Rei e ele estava depressivo ao ver o quanto Duncan havia degenerado. Suas bochechas estavam fundas, seus olhos muito brilhantes e febris. E o seu corpo era magro, a pele parecia estar pendurada. A perna ferida estava apoiada em sua frente, debaixo de muitos cobertores.

Eles conversaram sobre assuntos irrelevantes por alguns minutos.

Halt percebeu que, apesar de Duncan estar feliz em vê-lo – um de seus amigos mais antigos e firme defensor – o Rei estava fraco e se cansou rapidamente enquanto falavam. Halt encurtou sua visita e fez suas despedidas, mas Duncan chamou-o para mais perto da cama. O rei tomou seu pulso com uma mão em forma de garra e inclinou-se para a frente.

— Halt, vigie Cassandra. Não é fácil para ela – tomar conta do Reino enquanto estou deitado na cama.

Halt forçou uma risada.

— Irei, meu senhor, mas você estará bom e em pouco tempo poderá assumir o comando novamente.

Antes de ele terminar, Duncan estava balançando a cabeça.

— Não vamos nos enganar, Halt. Eu não tenho muito tempo. E quando eu for embora, ela precisará de amigos — ele fez uma pausa, respirando com dificuldade, seus olhos fecharam por alguns instantes. Depois eles abriram de novo. — Graças a Deus por Horace. Ela não poderia ter escolhido um marido melhor.

O velho Arqueiro sorriu com carrinho ao pensamento do jovem e honesto cavaleiro que era completamente dedicado à Princesa.

— O senhor não poderia falar maior verdade — ele respondeu.

Irônico, pensou. Horace tinha sido um órfão, nascido de origem camponesa. Logo ele se tornaria o homem mais poderoso e influente no Reino, sentando à direita de Cassandra enquanto ela governava.

— Ela precisará dele — o Rei falou. — Não é fácil para uma mulher governar. Haverá aqueles que irão ressentir-se dela e tentar testá-la. Ela precisará de toda a ajuda que conseguir. De Horace. De você. E de Will.

— Nós daremos a ela — Halt garantiu ao Rei. Então, ele não pôde deixar de sorrir. — Mas não subestime sua filha, meu senhor. Ela sabe o que quer e sabe como conseguir.

Um sorriso cansado atravessou a face de Duncan.

— E, pelo o que ouvi, a filha dela está logo atrás — disse ele.

Ele soltou o pulso de Halt e, como se o esforço fosse demais para ele, caiu de volta nos travesseiros, acenando com uma mão fraca em despedida.

Halt atravessou silenciosamente até a porta, imerso em pensamentos. Quando colocou a mão no trinco, voltou-se para o Rei a que serviu por muitos anos. Duncan já estava dormindo, seu peito subindo e descendo irregularmente debaixo das cobertas.

Triste, Halt saiu.

— Nenhum de nós está ficando mais jovem — falou para ninguém em particular.

Então sorriu. Abelard teria uma resposta áspera para isso, pensou ele.

Capítulo 5

Não havia se passado nem 10 minutos desde que Halt retornara ao seu quarto quando Kane bateu na porta.

— O Comandante está livre agora — ele informou. — Ele pergunta se podem se juntar a ele em seu escritório.

Halt e Pauline seguiram o jovem Arqueiro enquanto ele os levava vários níveis abaixo para o setor administrativo na torre. Os níveis superiores eram de acomodações e suítes.

O escritório de Gilan na torre era iluminado e arejado, com as persianas bem abertas para admitir o ar fresco. Arqueiros odiavam ficar confinados, Pauline sabia. Embora algumas vezes o amor deles por ar fresco pudesse ser um pouco extremo. Ar fresco era tudo muito bom. Ar frio era outra coisa. Mas ela estava ciente desta peculiaridade e por isso estava usando um cachecol por sobre o vestido.

Gilan cumprimentou alegremente Halt e Pauline, abraçando os dois e aceitando um beijo na bochecha de Pauline. Ela olhou-o com carinho. Não podia deixar de olhar para os dois antigos aprendizes de Halt como filhos. Ela notou que o seu rosto normalmente alegre possuía mais algumas rugas do que da última vez que ela o havia visto. O peso da responsabilidade, pensou.

Ao contrário de Halt e Will, Gilan estava sempre barbeado. Isso dava a ele uma aparência mais jovem que ficava em desacordo com sua posição no Reino.

— Gilan — disse ela — você parece bem.

E, além daquelas rugas, ele estava.

Ele sorriu para ela.

— E você parece mais bonita a cada dia, Pauline — ele respondeu.

— E eu? — Halt perguntou, simulando gravidade. — Eu fico mais bonito a cada dia? Mais impressionante, talvez?

Gilan observou-o criticamente, com a cabeça tombada para um lado. Então anunciou seu veredicto.

— Desleixado — ele apontou.

Halt ergueu as sobrancelhas.

— Desleixado? — ele perguntou.

Gilan assentiu.

— Eu não sei se você está ciente dos recentes avanços tecnológicos, Halt — disse. — Mas há uma nova e maravilhosa invenção chamada tesoura. As pessoas a utilizam para cortar o cabelo e fazer a barba.

— Por quê?

Gilan apelou a Pauline.

— Ainda usando a faca de caça para fazer a barba, não é?

Pauline assentiu, deslizando a mão pelo braço do marido.

— Pelo menos quando eu o apanho.

Halt olhou para ambos com um olhar fulminante. Ambos se recusaram a ceder, assim ele abandonou a expressão.

— Você mostra multa falta de respeito para o seu antigo mentor — ele falou para Gilan.

O jovem encolheu os ombros — Isso vem da minha elevada posição como seu Comandante.

— Não meu — Halt apontou. — Estou aposentado.

— Então posso esperar pouco em termos de respeito de você? — Gilan sorriu.

— Não. Mostrarei respeito apropriado... no dia em que você treinar o seu cavalo para voar para ao redor das torres do castelo.

Pauline sabia que esses insultos de boa índole poderiam continuar por algum tempo. Ela decidiu interromper o fluxo.

— Por que você nos queria ver, Gil? Está planejando levar meu marido para longe? — ela perguntou.

Gilan estava a ponto responder outro insulto ao seu antigo mentor. A pergunta direta pegou-o de surpresa.

— O quê? Oh... não. Longe disso. Eu queria falar com você. Com os dois.

Pauline indicou uma mesa baixa, com quatro cadeiras confortáveis colocadas em torno, dispostos perto da lareira.

— Então, vamos sentar e conversar? — ela sugeriu.

Mas Gilan objetou.

— Aqui não. Quero falar com vocês dois, e Cassandra e Horace. Eles estão nos esperando nos aposentos reais.

Como Comandante dos Arqueiros, Gilan poderia convocar Halt e Pauline para Araluen. Mas ele não podia fazer o mesmo com a Princesa Regente e seu consorte, velhos amigos ou não. Ele abriu o caminho para a porta, segurou-a aberta para Halt e Pauline, e em seguida, liderou o caminho para as escadas.

— Subindo... descendo... subindo novamente. Você tem alguma piedade para com os meus velhos ossos? — Halt reclamou.

Gilan estava caminhando rapidamente em direção a uma das escadas em espiral que levava aos níveis superiores.

— Nem um pouco — ele respondeu com alegria por cima do ombro.

Horace e Cassandra estavam esperando na sala de estar da suíte real. Gilan bateu na porta e, quando ouviu a resposta de Cassandra, a abriu e conduziu seus

dois companheiros para dentro.

Quando entraram, Cassandra se levantou da cadeira para abraçar os dois.

— É tão bom ver vocês! — exclamou ela.

Ela não poderia falar mais. A responsabilidade de governar o Reino era um fardo pesado e Halt e Pauline eram mais do que amigos. Eles eram companheiros para toda a vida. Halt, em particular, passou muitos anos como conselheiro dela e protetor em situações perigosas, da Escandinávia até as montanhas de Nihon-Ja. Horace esperou até a sua mulher lhes dar as boas vindas, em seguida, abraçou os dois.

Halt estudou-o com cuidado.

— Como é a vida no Castelo Araluen? — perguntou ele.

O rosto honesto de Horace pareceu um pouco triste.

— Está tudo bem — disse ele. — Mas eu sinto falta dos velhos tempos.

— Você quer dizer os velhos tempos, quando você podia correr afora com este tratante para todos os cantos da terra e evitar as responsabilidades? — Sua esposa colocou.

— Exatamente — Horace respondeu num tom tão sincero que todos riram. Halt virou seu olhar sobre a Princesa. — Eu me lembro de você fugindo também de vez em quando.

Ela acenou com a mão em um gesto negativo.

— Não vamos discutir isso agora — ela opinou.

Houve uma leve batida na porta que levava aos aposentos de Madelyn.

— Entre — Cassandra respondeu, e a porta se abriu para admitir a jovem Princesa.

— Halt. Lady Pauline. Como é maravilhoso ver vocês.

Madelyn hesitou por um segundo, então, parecendo chegar a uma decisão, atravessou a sala e abraçou os dois. Enquanto abraçava Pauline, Halt passou a olhar para seus pais. Quando fez isso, ele sentiu a tensão inconfundível na sala. Cassandra, que nunca tinha sido capaz de esconder seus sentimentos de Halt, tinha um ligeiro franzir na testa, e Horace parecia desconfortável.

Madelyn parou de abraçar Pauline e acenou com a cabeça uma saudação para Gilan.

Horace limpou a garganta, sem jeito.

— Muito bem, Madelyn — ele disse. — Você fez seus cumprimentos. Agora temos que ir.

Ele fez um gesto em direção à porta que dava para o quarto dela. Maddie sorriu para os recém-chegados, e refez seus passos.

— Conversaremos mais tarde — Halt falou para ela.

Ele tinha um relacionamento fácil com Maddie, e serviu para ela muitas

vezes como confidente no passado.

Ela lhe deu um sorriso triste.

— É claro — ela respondeu, e fechou a porta.

Halt olhou com curiosidade para seus dois velhos amigos.

— Problemas no paraíso? — ele perguntou gentilmente.

Cassandra mexeu os ombros, irritada.

— Oh, ela é tão irritante, Halt! Ela é teimosa e irresponsável, e tão irritante. E se você tentar falar com ela sobre isso, ela bufa, suspira e revira os olhos, de modo que você simplesmente quer estrangulá-la!

Halt esfregou a barba, pensativo.

— Parece sério — disse ele. — Bufando, suspirando e revirando os olhos, você diz? Nunca ouvi falar de um adolescente que se comportasse assim.

— Você pode brincar com isso, Halt — Horace falou. — Não tem que aguentar. Ela deixou Cassandra doente de preocupação. Ela foge para a floresta no meio da noite, sozinha. Nós a prendemos em seus aposentos por duas semanas como castigo. Talvez isso a faça aprender uma lição.

A expressão de Halt disse a seu velho amigo que ele duvidava. Uma garota teimosa como Maddie só se tornaria mais teimosa com esse tipo de restrição.

Horace viu a expressão cética e sentiu que tinha de acrescentar algo mais.

— Ela está assumindo riscos e diz que pode cuidar de si mesma. A floresta pode ser perigosa!

— Mas, basicamente, ela é uma garota sensível, não é? — Halt perguntou. — E eu imaginando que ela pudesse cuidar de si mesma. Ela é boa com uma faca de caça. Eu a ensinei, depois de tudo. E ouvi dizer que ela é muito boa com o estilingue dela.

— Quem lhe disse isso? — Cassandra perguntou abruptamente.

Halt ergueu as mãos em um gesto defensivo.

— Seu pai poderia ter mencionado isso. Eu estava conversando com ele há uma hora.

— O pai fala demais — disse Cassandra, franzindo o cenho.

Halt sorriu com tolerância para ela. Ao longo dos anos, ele aprendeu que pais tendiam a ser os críticos mais duros de seus próprios filhos.

Avós e tios – e classificando-se como um tio honorário de Maddie – tendiam a ver o quadro mais completo, e eram capazes de descontar quaisquer oscilações menores de comportamento, avaliando-os contra a natureza razoável global da criança. Pauline também sabia disso. Mas também sabia que nada poderia ser mais irritante para os pais do que uma pessoa de fora dizendo-lhes que uma criança teimosa não era nem de longe tão ruim quanto eles estavam fazendo parecer.

— Talvez não seja da nossa conta, Halt... — ela começou.

— Não. Está tudo bem — disse Cassandra.

— O que ela faz na floresta? — Halt perguntou.

— Ela rastreia animais. E caça.

— Ela é boa?

Cassandra deu de ombros, incerta. Horace respondeu antes que pudesse parar para pensar.

— Aparentemente, sim. Ela nunca volta de mãos vazias. Mas ela dá aos guardas do castelo.

Cassandra olhou para ele.

— Como você sabe disso? — ela exigiu.

Horace pareceu confuso. Ele baixou o olhar do dela.

— Eu... err... posso ter ouvido alguns dos guardas conversando.

— E você escolheu não compartilhar isso comigo?

— Não achei que precisava. Eu sabia que você iria ficar com raiva.

— E você estava certo! Se tivesse escolhido...

Pauline bateu palmas rispidamente. Era uma prova de sua personalidade e de sua autoconfiança chamar a Princesa Regente e pedir ordem de uma forma tão imperativa. E uma prova de respeito de Cassandra em relação à diplomata alta e loira que ela aceitaria tal rispidez.

— Horace! Cassandra! Isso é o suficiente! — Ambos pararam e olharam para Pauline, e ela continuou em um tom mais suave. — Vocês não são os primeiros pais a serem levados à loucura por uma filha adolescente. E vocês não serão os últimos. É difícil, eu sei. Mas não deixem isso se tornar muito grande. Mantenham-se em perspectiva. Vocês precisam se manter unidos, não brigar entre si.

Os dois olharam humildemente para baixo em seus sapatos. Halt sorriu para si mesmo novamente. Pareciam crianças desobedientes repreendidas por uma mãe severa.

— E parece-me — ele apontou — que ela não é a primeira Princesa a sair para a floresta durante a noite à procura de aventura.

Cassandra franziu o lábio.

— Oh, você não vai começar.

— Basicamente, Maddie é uma boa garota — ele continuou. — Ela é inteligente, valente e engenhosa. Porque essa é a maneira como vocês a criaram.

— Bem — disse Gilan, um pouco impaciente — se isso está resolvido pelo momento, talvez possamos discutir a razão pela qual pedi para vê-los.

Todos se viraram para ele, perguntando-se o que ele ia dizer.

Eles não precisaram esperar muito.

— É Will. Estou muito preocupado com ele.

Capítulo 6

— Passaram-se dezoito meses desde a morte de Alyss — disse Gilan. — Naquela época, algum de vocês se lembra de ver Will rindo, ou ao menos sorrindo?

Infelizmente, os outros balançaram suas cabeças. Trocaram olhares desconfortáveis. E então Pauline disse: — É de quebrar o coração. Ele sempre foi tão alegre, uma pessoa tão feliz. Sempre sorridente, sempre brincando. Nesses dias, é como se uma luz dentro dele tivesse apagado.

— É claro que não podemos esperar que ele fique bem alguns meses após perder Alyss — Halt disse. —Afinal, ela era sua alma gêmea e perdê-la foi um choque terrível.

A morte de Alyss foi o resultado de um terrível desastre. Ela estava voltando, com uma pequena escolta, da corte Celta, onde estava supervisionando a renovação do acordo de defesa entre Araluen e Céltica. Era uma viagem e missão de rotina. Mas no caminho de volta, ela ficou presa numa situação em Anselm, um dos feudos do sul. Por alguns meses, uma gangue de criminosos, liderados por um mercenário chamado Jory Ruhl, vinha roubando vilas em Anselm e seus feudos vizinhos. Já que os moradores das vilas não eram ricos, normalmente a vila inteira era forçada a contribuir para o resgate. A polícia local havia recebido a informação de que Ruhl e sua gangue se encontrariam uma noite numa pousada chamada The Wyvern. Coincidentemente, esta pousada era onde Alyss havia escolhido ficar. A polícia havia organizado uma legião de voluntários que foi à pousada.

Infelizmente, a tentativa de prisão foi má sucedida. Ruhl foi avisado de que a legião se aproximava e ele e sua gangue estavam escapando quando a polícia e seu reforço chegou ao local. Ocorreu uma briga e um dos voluntários foi morto. Procurando criar uma distração enquanto escapavam, Ruhl e um de seus homens atearam fogo na pousada. O teto logo estava em chamas e a fumaça cobria o pequeno jardim. Hóspedes da pousada começaram a gritar, procurando segurança, e logo toda a fumaça e as pessoas gritando assustadas deixaram a polícia sem saber quem era quem. Na confusão, Ruhl e seus quatro capangas escaparam pela floresta.

Alyss e seus três guardas armados estavam entre os hóspedes que escaparam do prédio em chamas. Mas assim que parou no jardim, a diplomata loira tinha olhado para cima e visto um rosto na janela. Era uma garota de cinco anos de

idade, lutando desesperadamente para abrir a janela emperrada. Conforme seu medo cresceu, a fumaça tomou conta do cômodo e ela começou a tossir e seus olhos a fechar.

Cega pela fumaça e desorientada, ela se afastou da janela e não pôde mais ser vista. Sem hesitar, Alyss entrou novamente na pousada em chamas, ignorando os avisos de seus guardas. Ela lutou para subir as escadas, já em chamas, e foi para a entrada da pousada com os olhos fechados e seu rosto protegido do calor por seu antebraço. Ela se moveu, seguindo seu caminho pela parede, tocando-a com sua outra mão. Achou a trava da porta, a forçou a abrir e entrou cambaleando no quarto em que a garotinha estava. Alyss caiu de joelhos onde havia um pouco de ar puro e engatinhou em direção à janela.

Apenas um vago quadrado de luz contra o preto da fumaça era visível. No chão abaixo da janela, ela conseguiu distinguir fracamente a forma da menina. Alyss foi rapidamente à garota, vendo que seu peito subia e descia conforme respirava, procurando desesperadamente por um pouco de ar puro. Alyss se levantou e pegou sua adaga. Colocou-a no pequeno espaço entre a janela e sua moldura e a balançou com toda sua força. Com uma pequena rachadura, a janela abriu, batendo contra a parede de fora. Alyss se abaixou e pegou a garota em seus braços colocando-a na moldura. No jardim, seus guardas observavam horrorizados. Eles podiam ver quão em chamas a pousada estava. O local em que Alyss estava era um dos poucos ainda não atingidos pelo fogo.

— Pegue-a! — Alyss gritou e escorregou a garota inconsciente ao jardim através da ladeira de palha.

Conforme a garota chegou à ponta, os três guardas se aproximaram para pegá-la. O peso de seu corpo escorregando mandou pó em um dos guardas e os outros dois cambalearam. Mas conseguiram segurar a garota. Então olharam para a janela, de onde Alyss saía.

Uma parede de chamas se espalhou pela palha, entre Alyss e o topo do telhado. A madeira e as vigas abaixo daquele ponto do telhado haviam queimado, invisíveis por alguns minutos, e o fogo de repente queimou através delas. Alyss estava fora de vista. Então, com um terrível estrondo, o telhado acima e em volta de onde ela estava caiu em meio a fumaça e chamas. Em uma fração de segundos, não havia nada a não ser um vazio repleto de fumaça em frente à pousada. Então mais madeira queimou e toda a frente do lugar caiu. Alyss não teve chance.

— Eu sei — Gilan disse, quebrando o longo silêncio que se seguiu ao que Halt disse. — Não é algo fácil a superar.

Todos haviam voltado ao terrível dia em que ouviram sobre a morte de Alyss, vendo o desastre em suas cabeças conforme era descrito pelos seus guardas.

— Era tão típico de Alyss — Cassandra disse baixo — desistir de sua própria vida desse jeito. Seus guardas disseram que ela nunca hesitou – apenas correu ao incêndio para salvar a garota.

— Talvez não tivesse sido tão ruim para Will se tivéssemos conseguido enterrar seu corpo — Pauline disse.

O fogo havia sido tão intenso que o corpo de Alyss nunca fora recuperado.

— Funerais podem ser terrivelmente tristes, mas ao menos dá às pessoas uma sensação de finalidade às deixadas para trás. Eu sei que me sinto como se houvesse um vazio que não foi preenchido. Deve ser bem pior para Will — Gilan esperou alguns segundos e continuou: — Eu consigo entender seu sofrimento e sentimento de perda. Isso é algo que ele terá que enfrentar eventualmente. E tenho certeza de que ele vai. Mas tem algo a mais.

Os outros o olharam curiosos. Mas Halt sentiu que ele sabia do que o jovem Comandante falava.

— Jory Ruhl e sua gangue — Halt sussurrou.

Gilan assentiu.

— Ele se tornou amargurado sobre eles terem escapado. Se colocou na tarefa de pegá-los. Ele está em uma missão pessoal de vingança e a obsessão está alimentando o mal em sua cabeça e alma, até que ele não pense em mais nada.

Cassandra deu um pequeno soluço e levou a mão à garganta. O pensamento de Will, seu companheiro de muito tempo – quase um irmão substituto – sendo levado e dominado por uma paixão escura trouxe lágrimas a seus olhos. Ela lembrou-se de seus dias juntos na ilha de Skorghijl há muito tempo, quando ele a havia protegido e cuidado dela, mantido seus espíritos bem através dos momentos mais difíceis. Lembrou-se dele em Arrida, vindo resgatá-los no último momento, assim como Halt sabia que ele o faria.

Você não conseguia pensar em Will sem ver seu cabelo castanho e aquele largo sorriso no rosto. Will sempre teve uma energia interior. Era entusiasmado e curioso, sempre procurando algo novo e interessante na vida. Era essa característica que tinha levado as pessoas de Nihon-Ja a batizá-lo de chocho ou borboleta. Ele parecia voar alegremente de uma ideia à outra, de um evento ao outro.

Cassandra viu Will várias vezes desde a morte de Alyss, mesmo que ele evitasse seus amigos. Ele vinha sendo uma figura de rosto sério e barba grisalha nos últimos dias. Não havia sinal do velho Will. Pauline estava certa. Era como se uma luz dentro dele tivesse apagado.

— Ele precisa de algo para tirar de sua cabeça a ideia de vingança — Halt disse. — Você não pode designá-lo a uma missão – dar-lhe algo para ocupar seus pensamentos?

— Eu tentei — Gilan respondeu com um olhar severo. Parou antes de continuar. — Ele recusou nas duas ocasiões.

Halt ficou chocado com essas palavras.

— Recusou? Ele não pode fazer isso!

Gilan fez um gesto sem esperança.

— Eu sei, Halt. Assim como Will. Se acontecer de novamente, terei qe suspendê-lo do Corpo.

— Isso o mataria — Horace disse.

Gilan olhou para ele.

— E ele está ciente disso. Mas não liga. O que significa que não posso lhe passar outra tarefa. Ele se recusará e eu terei que fazer algo. Ao mesmo tempo, não posso ter meu Arqueiro mais efetivo sentado nas mãos, pensando sobre Jory Ruhl e sua gangue e planejando como pegá-los. Mas colocando tudo isso de lado, ele é meu amigo e odeio vê-lo desviado de seu caminho.

— Pensei que ele já houvesse pegado algum deles — Horace observou.

— Três dos cinco. Ele pegou um apenas duas semanas atrás. Seu nome é Henry Wheeler. Will o confrontou e Wheeler tentou escapar.

— O que aconteceu? — Halt perguntou, mesmo que temesse a resposta.

As pessoas simplesmente não escapam de alguém tão habilidoso e mortal quanto seu antigo aprendiz, e ele não queria ouvir que Will tinha sangue em suas mãos.

Gilan pareceu sentir seus pensamentos. Ele balançou a cabeça brutamente: — Wheeler está morto. Mas não foi Will que o matou. Ele tentou atacar Will e caiu sobre sua faca.

Halt soltou um silencioso suspiro de alívio.

— E os outros dois? — ele perguntou.

— Will capturou os dois e os trouxe para julgamento e condenação. Mesmo que tenha me dito que esperava que eles tentassem escapar. Sinto que ele até mesmo lhes deu várias oportunidades para fazê-lo. Mas eles não eram estúpidos o suficiente para tentar — houve um breve silêncio enquanto eles pensavam em seu velho amigo.

— E Ruhl? — Horace perguntou.

— Will quase o pegou numa ocasião — Gilan respondeu.

Halt olhou para cima rapidamente.

— Eu não sabia disso.

Gilan assentiu.

— Não foi muito depois de começar a caçá-los. Ele ficou a cinco metros dele. Ruhl estava num barco de fundo chato, atravessando um rio. Will apenas chegou tarde demais, depois do barco partir da margem. Eles estavam cara a cara por alguns segundos. Mas quando Will pegou seu arco, Ruhl havia se escondido atrás de fardos de lã. Will tentou segui-lo, escalando o cabo superior que segurava o barco contra a corrente. Mas quando Ruhl se afastou da margem, cortou o cabo e derrubou Will no rio. Ele chegou perto de se afogar.

— Tão perto — Halt lamentou — imagino que o tenha deixado ainda pior.

Gilan assentiu.

— Então, Gil — Pauline disse, sempre a certa para ação prática — o que você sugere que façamos – além de simplesmente falar sobre isso e torcer nossas mãos?

Gilan hesitou. Ele estava indo em direção a terreno incerto, mas seu instinto lhe disse que a chave para a salvação de Will estava com as pessoas daquele cômodo – aqueles mais próximos a ele.

— Olhem — ele falou lentamente — nós somos aqueles que ele ama acima todos. E aqueles que o amam. Talvez se todos nós falássemos com ele juntos, se o colocarmos em um lugar e dizer-lhe como estamos preocupados com ele, como podemos ver o dano que essa vingança está fazendo lhe causando, bom, talvez o fato de que todos estamos dizendo entre em sua cabeça. Talvez ele vá... Eu não sei... Sair dessa? — Ele terminou de falar com uma pergunta, olhando para os outros implorando por uma resposta.

Para dizer a verdade, ele não estava certo do que resultaria. Mas sentia que este grupo de pessoas era a chave para solucionar o problema de Will. Talvez a força do amor destes por ele pudesse quebrar a fumaça preta que estava tampando sua mente, abrir a cortina que o separava de tudo a não ser de um pensamento – a vingança pela morte de Alyss.

— Eu não acho que apenas conversar vá resolver — Horace disse pensativo.

Cassandra o interrompeu.

— Mas, certamente, se todos conversássemos com ele, todos de uma vez, poderíamos convencê-lo?

Horace franziu os lábios.

— Eu não sei. Você sabe como Will é. Ele é teimoso. Sempre foi — ele olhou para Halt procurando confirmação, e o velho Arqueiro o fez. — As chances são — Horace continuou — que se apenas conversarmos com ele, ele vá balançar a cabeça e fingir concordar conosco. E então, quando tivermos terminado, ele vai simplesmente continuar como tem sido — ele parou, seu rosto se tornou numa carranca pensativa. Ele se sentiu próximo a uma ideia, mas não podia compreendê-la. — Nós precisamos de um novo foco para ele. Algo que vá

acabar com sua obsessão com Jory Ruhl e seu cúmplice restante. Algo que vá ocupar sua cabeça tão plenamente que não deixe espaço para pensar sobre vingança.

Gilan balançou suas mãos, derrotado.

— Bom, como eu disse, tentei mandá-lo em duas missões e ele...

— Precisa ser algo mais chamativo, mais pessoal que apenas uma missão — Pauline disse, percebendo o que Horace queria dizer. Como ele, ela sentiu que havia uma ideia fora de alcance.

Foi Halt quem entendeu.

— Ele precisa treinar um aprendiz.

Todos se viraram para ele. A ideia, uma vez dita, parecia muito óbvia. Tanto Horace quanto Pauline assentiram. Era onde eles estavam chegando, sem perceber.

Gilan olhou esperançosamente por alguns segundos, então balançou a cabeça frustradamente.

— O problema é que não temos nenhum candidato no momento. E não podemos oferecer-lhe alguém sem qualificação. Ele vai simplesmente recusar pegar alguém que não está apto a se colocar em risco, e ele estará certo. Não vou poder culpá-lo por isso.

— Eu não estou pensando em qualquer aprendiz — Halt disse. — Precisa ser alguém com quem ele já tem uma ligação pessoal. Alguém com quem ele se importa, para que não possa recusar. Precisa ser alguém que vá envolvê-lo emocionalmente – assim como física e intelectualmente — ele olhou para sua esposa. — Lembra-se de anos atrás, quando mandei Will para Céltica com Gilan e comecei a agir um pouco erroneamente?

— Você começou a jogar nobres pelas janelas do castelo, se me lembro bem — seus lábios se contorceram para segurar um sorriso.

Halt fez um gesto que indicava que ele não queria entrar em detalhes sobre aquela época de sua vida.

— Que seja. Você percebeu que eu precisava de uma nova influência em minha vida para tirar minha cabeça das coisas que me perturbavam.

— Se bem me lembro, você foi designado para acompanhar Alyss em uma missão — ela disse.

— E isso resolveu. Sua juventude e alegria me tiraram do meu mau humor.

Lady Pauline levantou uma sobrancelha.

— Isso não o impediu de jogar pessoas em fossos.

— Talvez não. Mas ele mereceu — Halt respondeu, mostrando um raro sorriso. E então ficou sério novamente. — De qualquer maneira, o que estou pensando é que, se colocarmos alguém como descrevi sob a responsabilidade de

Will, isso talvez tire sua cabeça da vingança. E se conseguirmos fazer isso, estaremos no caminho certo em ajudá-lo a aceitar e a viver com a perda de Alyss.

— É claro que você nunca supera completamente a perda de um ente querido — Cassandra apontou.

Halt concordou com ela.

— Não. Mas você pode aprender a viver com isso e aceitar. E, ao poucos, a dor vai se tornar mais suportável. Não vai embora, mas fica mais suportável.

Gilan estava observando seu antigo mentor enquanto ele falava. O jovem Comandante conhecia Halt, provavelmente melhor que ninguém naquele cômodo.

— Imagino que você tenha alguém específico em mente para ser o aprendiz de Will? — ele perguntou.

Halt olhou para ele.

— Eu estava pensando em Madelyn.

Capítulo 7

De repente, todo mundo estava falando ao mesmo tempo.

— Madelyn? Você quer dizer a minha Madelyn? — Cassandra exclamou, chegando a se erguer um pouco.

— Você deve estar brincando, Halt! — disse Horace.

— Mas ela é uma menina! — Aquele era Gilan.

Halt esperou até que todos ficassem em silencio. Então ele lhes respondeu calmamente.

— Sim, Cassandra. Eu quero dizer a sua Madelyn. E não, eu não estou brincando, Horace. E sim, Gilan, estou ciente de que Madelyn é uma menina.

Ele notou que, sozinha entre aqueles na sala, sua esposa não tinha dito nada. Ele olhou de lado para ela e não se surpreendeu ao ver que ela estava balançando a cabeça, pensativa. Ele lhe deu um breve sorriso. Os outros ainda estavam totalmente perplexos com sua sugestão. Cassandra tinha caído para trás em sua cadeira quando percebeu que ele estava falando sério. Ele falou com ela agora.

— Evanlyn — ele disse. Como Will, Halt normalmente usava esse nome para ela em privado. Era um sinal de afeto entre eles. — Vamos pensar em algo. Se você tivesse um filho, em vez de uma filha, o que ele estaria fazendo agora?

— Eu não tenho um filho... — começou ela, mas ele ergueu suas mãos para protestar.

— Apenas adapte-se. Vamos dizer que, hipoteticamente, você tem um filho. Como você estaria preparando-o para o seu futuro como governante de Araluen?

Cassandra mordeu o lábio. Ela podia ver o que estava acontecendo e ela recusou a dar qualquer apoio à sugestão dele.

Horace respondeu por ela.

— Ele estaria no exército — Horace respondeu num tom monótono.

Cassandra, abatida, virou-se para encará-lo.

— Horace! — ela exclamou em tom de acusação, mas Horace, alto, prático e honesto, deu de ombros. Ele não teve como evitar a resposta.

Halt assentiu gentilmente, os olhos ainda fixos em Cassandra quando ela se virou de costas para ele. Ela corou. Ele podia ver que ela lamentou a súbita onda de raiva que ela tinha dirigido para o marido.

— É isso mesmo. Provavelmente em um regimento de cavalaria. Você o teria treinado com a espada e a lança durante os últimos anos, gostaria de pensar, certo, Horace?

Horace assentiu, um pouco lamentavelmente. Durante o tempo da gravidez de Cassandra, ele nutriu visões de treinar o filho para montar e manejar uma

espada e uma lança como o pai. Quando Cassandra entregou a filha, ele sentiu um momento chocante de surpresa. Ele simplesmente nunca considerou essa possibilidade. Deve ser dito que isto foi superado rapidamente por um profundo, duradouro prazer com a perspectiva de criar uma filha. Mas ele se lembrou daqueles longínquos sonhos agora.

Halt continuou.

— Provavelmente seria um jovem oficial, comandando um esquadrão, aprendendo a conduzir os homens em combate, como tomar decisões de vida ou morte. E acho que você não iria insistir para que ele fosse mantido longe do combate. Você reconheceria que ele teria que ser visto como um líder que compartilhou perigo com os homens que ele comandou. Talvez ele fosse designado a um mandato de serviço de piquetes no norte, protegendo contra invasores de Scotti. Ou estaria patrulhando a costa sudoeste, combatendo contrabandistas e Moondarkers.

Ele fez uma pausa, olhando para os dois. Horace parecia resignado, como se concordasse que era isso o que se esperava que um filho seu fizesse. Os lábios de Cassandra estavam pressionados em uma linha fina e teimosa.

— O que ele não estaria fazendo seria estar sentado em um grande e confortável castelo, cercado por centenas de homens com armas e nunca saber o que era enfrentar o perigo, ficar cara a cara com um inimigo e sair por cima.

Gilan abriu a boca para dizer algo, mas Halt levantou a mão para detê-lo. Ele sabia qual era a objeção de Gilan, mas ele iria lidar com isso em um minuto ou dois.

— Então porque com sua filha seria diferente? — Perguntou ele.

Os olhos de Cassandra piscaram ao encontrar os dele.

— Porque ela é minha filha! — ela retrucou. — Você espera que ela vá para o exército e lidere um pelotão de cavalaria?

— Não — Halt respondeu em um tom razoável. — Mas acho que se juntar aos Arqueiros seria uma alternativa lógica. Ela teria que aprender a comandar, tomar decisões, julgar uma situação e chegar com a resposta certa no tempo certo. Quanto ao lado mais físico da batalha, bem, nós, os Arqueiros, sempre tendemos a dar um passo atrás e deixar essa parte de bater para pessoas avantajadas como Horace. Sem ofensa — ele acrescentou com um pequeno sorriso.

Horace deu de ombros.

— Eu me lembro de você ter o seu lugar na linha de batalha mais de uma vez, Halt.

Halt assentiu.

— Eu tinha. Mas não é absolutamente necessário para o Arqueiro fazê-lo.

Isso geralmente era apenas vaidade da minha parte.

— Mas mesmo assim você admite que haveria perigo? — Cassandra disse.

Halt se virou para ela.

— Claro. Vivemos em um mundo perigoso. Quando você estiver morta e enterrada e Maddelyn herdar o trono, haverá pessoas que não a quererão lá. Eles têm suas próprias agendas e seus próprios candidatos a governantes. Se pensarem que estão lidando com uma garota indefesa, tentarão tirar proveito do fato. Eles podem ser um pouco mais relutantes se souberem que ela foi uma Arqueira treinada – e tem o apoio de todo o Corpo. Nós tendemos a cuidar um do outro, você sabe.

Cassandra considerou suas palavras. Araluen estava em paz, mas ela estava ciente de que ainda havia elementos no reino que estariam prontos a se rebelar com a menor sensação de fraqueza de seu governante. E qualquer mudança de governante sempre poderia precipitar uma luta de poder entre as pessoas ambiciosas. A própria reputação de Cassandra e a habilidade de Horace como um guerreiro foram suficientes para manter tais elementos na baia. O povo de Araluen estava ciente de que sua futura rainha não era de ser intimidada ou subornada de qualquer forma. Qualquer rebelião contra ela seria extinta rapidamente.

Mas Maddie? O que ela traria para o trono? Qual seria a sua reputação? Ela viu agora que a descrição de Halt dela como uma menina indefesa era muito precisa. Claro, ela teria assessores e apoiadores. Mas Cassandra sabia que a verdadeira força do trono vinha a partir do governante. De sua capacidade, sua confiança, sua habilidade e experiência em lidar com situações difíceis e assustadoras. Mas ainda assim...

— Mas e o perigo, Halt? Como posso colocar minha filha em perigo? E se ela se ferir? — Ela disse, sua voz miserável.

— E se ela estiver correndo para uma aula de costura, tropeçar na barra da longa saia feminina, cair da escada e quebrar o pescoço? — Halt perguntou. — Você não pode superprotegê-la.

Ele fez uma pausa, lembrando-se de sua conversa com Duncan.

— Seu pai disse que as coisas serão difíceis para você quando herdar o trono. Elas vão ser ainda mais difíceis para Maddie. Ela pode não encontrar alguém como Horace para apoiá-la.

Halt inclinou-se e tomou as mãos de Cassandra.

— Você estaria colocando-a aos cuidados do maior e mais capaz Arqueiro que Araluen já conheceu — disse ele em voz baixa.

Ele sentiu a surpresa entre os outros e olhou para eles.

— Oh, Will é melhor do que eu fui — disse ele, sorrindo.

Um dia, a sua vaidade pode não ter lhe permitido dizer isso, mas agora as palavras saíram facilmente.

— Talvez melhor não. Mas, certamente, tão bom quanto — admitiu relutantemente Gilan.

— E ele é mais jovem — Pauline sorriu.

— Obrigado por esse lembrete — Halt disse a ela. Então ele se virou para Horace e Cassandra. — Pensem nisso. Maddie poderia estar em mãos mais seguras? Will a ama. Ele é o padrinho dela. Ele olha para ela como sua sobrinha, senão como sua filha de aluguel. Vocês estariam confiando-a aos seus cuidados e sabem que ele morreria antes de deixar qualquer coisa machucá-la.

— E Will não vai morrer facilmente — Horace observou.

Ele estava começando a ver a lógica na ideia de Halt. Quando pensava sobre isso, sabia que Maddie estaria em boas mãos com Will olhando por ela.

Halt sentiu a mudança de atitude de Horace. Ele pressionou a vantagem.

— Além disso, você mesmo disse que ela é rebelde e difícil. Talvez ela precise da disciplina que a vida como aprendiz traria. Eu não estou dizendo que ela deve fazer o aprendizado completo de cinco anos. Um ano deveria ser o suficiente – apenas para que ela ganhe a sua folha de carvalho de bronze. A experiência vai lhe fazer muito bem.

Cassandra tinha preparado o fôlego para responder, mas agora ela parou, e um olhar pensativo veio sobre o seu rosto.

— Isso é verdade — ela falou suavemente.

Ela tinha uma imagem mental de Maddie conversando com Will, e descobriu como esse tipo de comportamento poderia repercutir em cima dela. Will não aceitaria nenhum disparate de um aprendiz, mesmo que ele amasse.

— Cassandra — disse Pauline, e a Princesa olhou para a loira graciosa, por um momento, vendo sua velha amiga Alyss. — Lembro-me de uma conversa que tive com seu pai quando você queria ir para Arrida para resgatar Erak. Eu falei a ele, e eu vou falar-lhe agora, que uma rainha tem que fazer essas coisas – tem que arriscar. Tem que sair para o mundo. Você não pode governar corretamente a partir de uma torre de marfim. Esta é uma boa ideia.

Cassandra se viu assentindo. Ela tomou uma decisão, olhou para Horace e viu o acordo em seus olhos. Como sempre, ele sabia o que ela estava pensando.

— Sim — ela disse brevemente.

— Há um pequeno problema que vocês todos estão ignorando — Gilan apontou. — Ela é uma garota. Nós nunca tivemos uma garota no Corpo de Arqueiros.

— Talvez seja a hora de ter uma — disse Halt.

Pauline olhou para ele com aprovação absoluta. Até que ponto o duro, mal-

encarado, tradicionalmente ocupado marido dela havia chegado, ela pensou.

— Mas... — Gilan começou. Ele estava sem palavras até que pensou em uma objeção. — Ela é pequena. Como ela poderia carregar a todo instante um arco de trinta e cinco quilos de tração? E essa é a nossa principal arma.

— Eu sou pequeno — Halt respondeu. — Will é assim.

— Mas as meninas tem uma estrutura muscular diferente dos meninos — disse Gilan. Ele olhou se desculpando para Cassandra e Pauline. — Eu não estou sendo tendencioso contra as garotas aqui. É apenas um fato físico. Em geral, nós somos mais musculosos do que vocês. E Maddie é uma garota ligeiramente pequena. Ela nunca constituiria a massa muscular que você precisa para atirar com um arco.

— Bem, nós teremos que encontrar uma maneira de contornar isso — Halt respondeu. — Talvez mudar um pouco o nosso pensamento. Por outro lado, as meninas são mais leves em seus pés do que os rapazes. Ela seria excelente para movimentos silenciosos e camuflagens. Ela é ágil. E essas são todas qualidades que um Arqueiro necessita.

Ele podia ver que Gilan estava lutando com o conceito. Ele sorriu para si mesmo. Na verdade, era uma ideia que ele estava pensando por alguns meses. Não especificamente em relação a Maddie, mas como um conceito geral. Ele tinha consciência de que havia uma escassez atual de candidatos a aprendiz adequados, como Gilan tinha mencionado. E ele tinha começado a pensar que o corpo estava ignorando uma fonte potencial de tais pessoas. Metade dos jovens de quinze anos no reino eram meninas. Algumas delas teriam que ser candidatas adequadas. Não havia Arqueiras, simplesmente porque nunca houve. Isso, em si, não era um bom motivo. Esta poderia muito bem ser a hora de soprar as teias de aranha e deixar entrar algum novo pensamento.

E quem melhor para patrocinar uma nova ideia do que o próprio Halt? Afinal de contas, juntamente com Crowley, tinha reformado o Corpo muitos anos atrás. Talvez fosse hora de um pouco mais de reforma.

Como a principal objeção de Gilan – a dificuldade de encontrar uma garota forte o suficiente para puxar um arco – Maddie era ideal para demonstrar uma solução alternativa.

— Eu me pergunto, vocês poderiam liberar sua filha de seus aposentos por uma hora ou mais? — Ele perguntou a Cassandra e Horace. — Eu queria que ela mostrasse uma coisa a Gilan.

Capítulo 8

Halt, Gilan e Maddie estavam praticando com as armas no quintal da Escola de Guerra de Araluen. Para o fim desta demonstração, Halt havia solicitado que Horace e Cassandra ficassem longe. Ele sabia que havia atrito entre a menina e seus pais e não queria que isso interferisse em sua concentração.

Maddie olhou curiosamente para Halt. Ela não tinha certeza do que estava acontecendo, mas ela o observava arrumar dois antigos capacetes de torneio medieval em postes a cerca de setenta metros de onde eles estavam. Ele sorriu para ela.

— Gilan está interessado em uma nova possível arma para o Corpo — ele contou a ela. — Pensei que você pudesse ser a melhor pessoa para demonstrá-la.

— Você quer dizer o estilingue? — Ela perguntou, olhando para as tiras de couro duplas em sua mão direita.

Quando ele arranjara sua libertação temporária do quarto, Halt havia lhe pedido para trazer seu estilingue e o suprimento de munição que ela usava.

— Exatamente. Agora, Gilan, você concorda que este parece ser o intervalo ideal para atirar em um homem blindado?

GIlan assentiu. O arco pode disparar muito mais que setenta metros, é claro. Mas a esta distancia, ainda teria o poder e a força enviar uma flecha e esmagar o capacete de aço de um inimigo. E se o atirador precisasse, ainda haveria tempo para mais um tiro.

Não que os Arqueiros errassem frequentemente, se errassem alguma vez.

— Então vamos ver você fazer isso — Halt falou para Gilan.

Gilan levantou seu arco e, com um movimento suave e automático que veio de anos de prática, trouxe uma flecha da aljava sobre o ombro e pôs na corda. Sem parecer ter objetivos, ele recuou e atirou.

Eles ouviram o barulho estrondoso que a flecha fez ao atingir o capacete do lado esquerdo, perfurando através do aço no que seria o nível da testa. O capacete saltou e girou no poste, paralisado pela flecha, e rolou na poeira do pátio de treinamento.

— Lento — Halt apontou.

Gilan virou e olhou tristemente para ele.

— Eu gostaria de vê-lo fazer melhor — ele desafiou.

Halt permitiu-se um leve sorriso.

— Infelizmente, deixei meu arco no nosso apartamento — disse ele, e Gilan fungou. Halt olhou para Maddie. — Então, vamos deixar o segundo alvo para você, mocinha.

Maddie deslizou a corda de um lado do estilingue em torno do dedo médio da mão direita, depois agarrou o final trançado da outra tira entre seu polegar e o indicador. Enquanto ela fez isso, pegou uma carga de chumbo da bolsa em seu cinto e encaixou no remendo de couro no meio do estilingue. Halt notou com satisfação que ela fez isso sem olhar. Seus olhos, levemente estreitados, se concentraram no capacete na outra extremidade do pátio de treinamento.

Ela se virou de lado, avançando a perna esquerda em direção ao alvo, e deixou a bola de chumbo balançar por trás de seu corpo, no final das duas tiras. Ela virou o estilingue em um lento movimento pendular diversas vezes, certificando-se de que a carga estava firmemente integrado em sua bolsa. Ela apontou seu braço e mão esquerda em direção ao alvo, então chicoteou seu braço direito em uma ação de arremesso overhand, o braço movendo-se em um arco rápido vinte graus a partir da vertical e seu corpo seguindo através do movimento. Quando ela chegou ao ponto de lançamento, ela soltou o fim do nó entre o polegar e o indicador. A bola de chumbo saiu voando do estilingue, o poder de seu lance ampliou diversas vezes pelo comprimento extra e a alavancagem que acrescentou à ação.

CLANG!

O segundo capacete girou loucamente no poste, depois parou num ângulo torto.

Gilan assentiu, impressionado.

— Nada mal.

Ele liderou o caminho até o pátio de treinamento para examinar o resultado do lançamento dela. Havia um enorme amassado no capacete, também na altura da testa. Alguns traços de prata brilhante do metal foram pulverizados em todo o aço.

— Não penetrou — disse ele, mordendo o lábio, pensativo.

Halt tocou o entalhe enorme no capacete.

— Não. Mas você gostaria de ter a sua cabeça dentro do capacete quando isso aconteceu?

— Isso definitivamente não faria muito bem ao usuário — Gilan admitiu. Ele esfregou o dedo no respingo do metal prateado. — O que você está usando como munição? — Ele perguntou.

Maddie pegou outro projétil da bolsa em seu cinto e entregou a ele. Gilan ficou momentaneamente surpreso com o peso.

— Chumbos — disse ela.

— Isso parece fazer o truque — ele estendeu a mão e ela lhe passou o estilingue. Ele examinou. — Tão simples. E tão mortal — ele devolveu. — Você usa uma técnica diferente da sua mãe. Eu me lembro que ela girava, dava voltas

e voltas horizontalmente... — ele demonstrou, acenando com a mão direita sobre a sua cabeça em um círculo plano.

Maddie deu de ombros com desprezo.

— Não é uma boa técnica — ela opinou. — Eu não sei como ela nunca bateu em nada. É tão difícil avaliar quando você está girando-o na horizontal.

— Oh, ela bateu em muitas coisas — Halt revelou a ela. — Mas ela teve que praticar durante horas para obter qualquer tipo de precisão.

— Isso é mais eficiente — Maddie respondeu. — E, além disso, se você se erguer e girar o estilingue em torno de sua cabeça duas ou três vezes, estará se fazendo de alvo.

— Bom ponto — Halt admitiu. — Quantos tiros você consegue em um minuto?

Maddie empurrou para fora seu lábio inferior, hesitante.

— Eu não tenho ideia. Nunca contei o meu tempo.

— Então vamos ver, sim?

Ele parou e pegou o capacete em que Gilan tinha atirado, puxando a flecha e devolvendo-a para o Comandante do Corpo de Arqueiros. Então recolocou o capacete no poste e fez um gesto para Maddie para retornar à linha de tiro.

— Tudo bem. Alterne entre os dois e vamos ver o quão rápida você é — ele disse a ela. — Mas lembre-se, rapidez não é bom se você não for precisa. Se você tem um grande e desagradável pirata ibérico vindo para você com um facão, não é bom atirar cinco vezes nele em rápida sucessão. É melhor acertar de uma vez, lentamente.

Ela sorriu para ele.

— Entendido.

Ela apoiou seus pés, enfiou a mão na bolsa de munições e carregou um tiro para o estilingue. Mais uma vez, ela o deixou balançar lentamente para trás e para frente por alguns segundos.

— Comece! — Halt gritou.

Os lábios de Gilan moveram-se quando ele começou a contar os segundos silenciosamente.

Ela deixou uma das bolinhas voar, e antes que ela atingisse o alvo, já estava carregando outra no estilingue. Desta vez, ela não se incomodou com essas oscilações preliminares curtas, pôs seu braço para cima e sobre quase imediatamente. Enquanto ela lançou, eles ouviram o barulho de seu primeiro tiro acertando o alvo. Então, ela estava recarregando e ajustando seu braço para cima e, mais uma vez, visando o primeiro alvo.

CLANG! CLANG!... CLANG! CLANG!

— Pare de atirar! — Halt gritou quando Gilan ergueu sua mão.

Ela tinha lançado seis tiros longos no minuto que ele tinha contado, embora o quarto projétil tivesse perdido o seu alvo.

— Cinco dos seis — ele comentou, pensativo. — Não é de todo mal.

Maddie se virou e confrontou os dois Arqueiros, seus pés separados, as mãos nos quadris.

— Se importam em me dizer do que se trata isso tudo? — Ela desafiou, olhando de um para o outro. Quando Halt abriu a boca para responder, ela acenou com a mão para detê-lo.

— E não me invente alguma história sobre GIlan avaliar o estilingue como uma nova arma. Se você estivesse apenas interessado no estilingue, por que se importaria com o quão rápido eu posso atirar?

Gilan e Halt trocaram um rápido olhar. Não foi despercebido por Maddie. Mas ela também não disse nada.

— É bastante óbvio que você está testando a mim, e não a arma. A questão é: por quê?

— Talvez seja algo que seus pais devam discutir com você — Halt falou finalmente.

Maddie suspirou profundamente.

— Mamãe e papai? Eles estão interessados em me manter confinada. Você sabe que eu estou presa no quarto por mais uma semana, não é?

Um sorriso tocou os cantos da boca de Halt.

— Ouvi alguns rumores nesse sentido. E, claro, não há nenhuma boa razão para que eles fizessem isso, não é?

Maddie revirou os olhos e suspirou resignada.

— Ah, tudo bem. Talvez eu tenha fugido e ido caçar uma ou duas vezes...

Halt levantou uma sobrancelha e ela emendou a confissão.

— Ou cinco ou seis vezes seguidas. E talvez eu tenha sido um pouco insolente quando falaram comigo sobre isso.

A sobrancelha, que tinha acabado de voltar ao normal, subiu novamente.

— Tudo bem, talvez tenha sido um pouco mais do que isso — ela admitiu.

— Eles só estão fazendo o que acham que é melhor para você, Maddie — Halt disse a ela suavemente.

Ela baixou os olhos e arrastou sua bota na areia do pátio de treinamento.

— Eu sei — ela falou, infeliz. — Mas eles têm que me tratar como uma Princesa preciosa o tempo todo?

— Bem, você é uma Princesa – e você é preciosa para eles — Halt lembrou. — Para todos nós, como uma questão de fato.

Ele gostava de Maddie. Ao longo dos anos, eles tinham formado um vínculo estreito. Gilan estava ciente disso. Foi por isso que ele decidiu ficar de fora dessa

discussão e deixar para Halt.

Apesar de si mesma, Maddie sorriu levemente.

— Você sempre consegue me atar em nós.

Halt pegou a mão dela.

— Tudo o que eu estou dizendo é que eles se preocupam com você. Eles não querem ser tão superprotetores, mas é difícil para eles soltar as rédeas. Eles sabem disso também. Mas acredite em mim, eles estão tentando, e eles tiveram uma ideia.

— Que você não vai me contar?

— Não. Não cabe a mim fazer isso. Você deve saber por eles.

Maddie respirou fundo.

— Então vamos voltar ao castelo e eles poderão me dizer... presumindo que eu passei em seja qual for o teste que você armou pra mim?

Halt olhou para Gilan.

— Eu acho que ela passou, não é?

Gilan sorriu para a jovem Princesa.

— Ah sim. Eu acho que sim.

Capítulo 9

Maddie estava nervosa ao enfrentar Cassandra e Horace. Halt e Gilan a tinham deixado quando chegaram à porta dos aposentos reais.

— Isso é entre vocês e seus pais — Halt disse a ela. — Falaremos com você depois.

Agora ela estava em silêncio, esperando que eles dissessem alguma coisa. Normalmente, ela refletiu melancolicamente, estavam todos prontos para conversar – listar sua longa série de crimes. Mas agora eles pareciam relutantes em começar. Um olhar incerto passou entre eles, como se cada um estivesse esperando que o outro começasse. A tensão estava ficando demais para ela suportar. Ela decidiu pegar o touro pelos chifres. Se ela estava prestes a receber uma má notícia – e ela assumiu que sim – era melhor acabar com isso o mais rápido possível.

— Halt disse que vocês tinham algo para me dizer — ela falou.

Houve outro daqueles olhares rápidos entre eles, então seu pai limpou a garganta.

— Ah... ah – hum... bem, sua mãe e eu queremos falar com você. Sobre o seu futuro.

O coração de Maddie se afundou até suas botas. Se essa ia ser uma conversa oficial sobre o seu futuro, ela sabia o que poderia acarretar. Mais restrições. Mais regras. Menos liberdade. Haveria longas dissertações sobre o seu dever como a segunda na linha de sucessão ao trono depois de sua mãe. Haveria instruções sobre o que ela podia e não podia fazer. E seria mais do que o anterior – por agora. Seu futuro não era um assunto que queria discutir com seus pais. Mas era óbvio que ela não tinha escolha. Ela esperou e dessa vez Cassandra falou.

— Maddie, não podemos ter você correndo selvagemente, fazendo o que quer e assumindo os riscos do jeito que você tem feito.

A boca de Maddie ficou em uma linha fina. Ela percebeu que havia finalmente empurrado seus pais longe demais e agora eles não iriam recuar. Era tarde demais para fazer o tipo de discurso – totalmente falso – de desculpas que a tinha livrado de problemas no passado. Ela recorrido a esse passo muitas vezes, e agora a paciência deles estava no fim.

— Você precisa de ordem e disciplina em sua vida. Você precisa de um senso de propósito — esse era o seu pai.

Seus ombros caíram em desespero. Ordem, disciplina e propósito, pensou. Poderia ficar pior do que isso?

Ela pensou freneticamente. Não havia nada que pudesse fazer para evitar

isto? Não havia um subterfúgio que ela poderia tentar? Ela tinha que tentar.

— Mamãe, pai, eu sei que venho me comportando terrivelmente e posso ver como eu lhes chateei. Mas eu...

Sua mãe a deteve com um gesto impaciente.

— É tarde demais para isso, Maddie. Nós lhe demos uma chance atrás da outra e você continuou a fazer o que queria e desrespeitar a nossa autoridade. Bem, a nossa paciência está finalmente chegando ao fim. Nossas mentes estão feitas.

E isso foi tudo, Maddie pensou. Conhecia a mãe suficientemente bem para saber que Cassandra tinha uma vontade de ferro e não seria dissuadida de um caminho, uma vez que ela tivesse escolhido. Maddie respirou fundo e esperou pelo pior.

— Nós decidimos — Horace falou — mandar você para Will como uma aprendiza.

O coração de Maddie pulou. Ela manteve os olhos baixos, não querendo que eles vissem a súbita luz de prazer que ela sabia que era muito óbvia. Esperou alguns segundos até que ela estivesse sob controle, então olhou para eles, de repente com medo de que ela tivesse confundido o que Horace havia dito.

— Will? — Ela perguntou timidamente. — Você quer dizer o Tio Will?

Will era seu padrinho. Ele tinha sido o seu responsável e sua nomeação e jurara atuar no lugar dos seus pais, se alguma vez fosse necessário. Ela amava Will. Quando era criança, ela o visitava frequentemente em Redmont, permanecendo em sua pequena cabana quente, ia a caças e acampamentos na floresta com ele. Will era divertido. Will tinha um senso de humor pernicioso que combinava com ela própria.

Claro, ela pensou, ele esteve bastante sério desde a morte de Alyss. Ela o tinha visto uma ou duas vezes desde então, e ele fora cruel e sem humor. Mas isso era de se esperar. Ele superaria isso em breve. Ela percebeu que sua mãe estava respondendo à pergunta que ela havia feito.

— Sim. Will. Seu padrinho. Vamos pedir-lhe para levá-la como uma aprendiza e treiná-la como uma Arqueira.

— Mas... Eu sou uma menina — Maddie falou, insegura.

Sua mãe olhou para ela secamente.

— Às vezes eu me pergunto se você é — disse ela.

Maddie acenou o sarcasmo de lado.

— Eu quero dizer... não há Arqueiros mulheres. Nunca houve... ou houve?

Ela franziu o cenho, tentando pensar se já tinha ouvido falar de tal coisa. Em seguida, ela balançou a cabeça. Tinha certeza de que nunca houvera uma Arqueira antes.

— Você será a primeira — confirmou o pai.

— E eu vou viver com o Tio Will? Em Redmont? — ela perguntou.

Ambos assentiram, e ela não pôde evitar o sorriso enorme se espalhando por todo o seu rosto.

O Castelo Redmont era muito menos abafado e formal do que Araluen. Barão Arald e sua esposa, Sandra, eram anfitriões geniais e sempre a trataram com carinho. Não só isso, ela pensou, ela era superior a todos em Redmont – mesmo o Barão Arald. Não haveria ninguém lá que pudesse dizer a ela como se comportar ou o que fazer. Esta era uma notícia maravilhosa!

— Eu não pensaria tão fácil no Tio Will se eu fosse você — disse Horace, em tom de advertência. — Você será a sua aprendiza, você sabe.

— Sim. Sim — ela disse, emocionada, sua mente correndo.

Ela podia ver um futuro de festas, bailes, piqueniques e caça no Castelo Redmont, com ela no centro das coisas, ordenando que as pessoas fizessem a sua vontade, sem receber ordens de seus pais.

Claro, ela teria que ter cuidado para não exagerar. Se chegasse a notícia até eles de que ela está se divertindo muito, eles estariam sujeitos a cancelar toda a ideia.

— A vida como aprendiza não será fácil — disse a mãe, olhando-a com cuidado.

Maddie rapidamente se recompôs e olhou para ela devidamente castigada.

— Eu sei. Mas farei o meu melhor.

Interiormente, ela estava exultante. Will a amava. Ele a adorava. Ela podia torcê-lo ao redor de seu dedo mindinho. Ela sempre foi capaz fazê-lo. Por que as coisas seriam diferentes agora?

— Então... você está disposta a aproveitar isso? — Cassandra perguntou, e Maddie baixou os olhos, balançando a cabeça de forma submissa.

— Farei o meu melhor — disse ela. — Quero que vocês tenham orgulho de mim.

Gilan e Halt cavalgavam até a pequena cabana abaixo das árvores do castelo Redmont. Quando eles se aproximaram da cabana, puderam ver uma onda de fumaça de madeira da chaminé. Puxão, em seu estábulo atrás da cabana, relinchou uma saudação a Blaze e Abelard. Eles responderam.

— Bem, pelo menos ele está em casa — disse Gilan.

Enquanto ele falava, a porta da cabana se abriu e Will saiu para a pequena varanda. Ele acenou para seus dois velhos amigos.

— Halt. Gilan — disse ele.

O coração de Halt se afundou um pouco com o tom desprovido de emoção de Will. Anteriormente, a sua chegada teria sido uma ocasião de cumprimentos felizes, piadas e insultos alegres. Agora ele simplesmente se inclinou contra um poste na varanda, assistindo enquanto eles desmontavam.

Halt deu um passo na direção dos dois degraus que levam até a varanda, então parou.

— Podemos entrar? — ele perguntou incisivamente.

De alguma forma, a falta de cerimônia merecia algum tipo de censura.

— Claro.

Will ficou de lado e fez sinal para eles entrarem na cabana.

Halt tirou a capa e olhou ao redor do espaço familiar. Ele franziu a testa ligeiramente. Havia pratos sujos na bancada da cozinha e duas das cadeiras estavam afastadas da mesa de pinho, viradas em ângulos aleatórios. A lareira estava cheia de cinzas mortas e precisava de uma boa limpeza. A capa de Will estava jogada descuidadamente sobre as costas de uma das poltronas que ladeavam a lareira. Olhando através da porta aberta para o quarto de Will, anteriormente o seu próprio quarto, Halt podia ver que a cama estava desfeita.

Will notou a direção de seu olhar e moveu-se para fechar a porta do quarto.

— Ainda não tive tempo para a limpeza hoje — ele murmurou.

Halt levantou uma sobrancelha.

— Ou ontem, aparentemente.

Pelo menos, pensou, seu antigo aprendiz teve a graça de parecer um pouco envergonhado.

— Sentem-se — Will convidou, voltando-se para a pequena alcova na cozinha. — Vou fazer um café.

Halt e Gilan trocaram um olhar enquanto se sentavam nas poltronas ao lado do fogo. Gilan balançou a cabeça tristemente. Obviamente, Halt pensou, suas mentes estavam funcionando em pensamentos semelhantes.

Will atiçou o fogo na cozinha, em seguida, abriu a porta da fornalha e jogou alguns pequenos gravetos para aumentar as chamas corretamente. Ele balançou a chaleira. Houve um som de salpicos.

— Vou pegar um pouco de água — ele falou, e dirigiu-se para a porta.

A bomba ficava no pátio exterior. Mais uma vez os amigos trocaram um olhar. A primeira coisa na rotina normal seria buscar água fresca pela manhã.

— Ele simplesmente não parece se preocupar com nada — Gilan falou uma vez que Will estava lá fora.

Hal assentiu, as sobrancelhas se unindo em uma carranca.

— Então, cabe a nós fazê-lo preocupar-se.

A porta se abriu e Will voltou com a chaleira cheia. Colocou-a sobre a placa

de aquecimento e, em seguida, ocupou-se das xícaras e do pote de café.

— Eu sei por que vocês estão aqui — ele falou.

Halt encolheu os ombros.

— Talvez você não saiba — respondeu.

— Vocês vão me dizer para sair dessa e me recompor. Bem, eu sinto muito se o lugar está uma bagunça. Me desculpe, eu estou uma bagunça.

Agora que ele mencionou o fato, Halt percebeu que suas roupas estavam amassadas e manchadas e seu cabelo e barba estavam longos e sem corte.

— Mas eu não me importo com tudo isso. Tudo que me importa é ver Jory Ruhl no final de uma corda.

— Eu posso entender isso — disse Gilan. — Mas o Corpo precisa de você.

— O corpo pode ficar sem mim até que eu esteja pronto — Will respondeu com petulância. — Eu tenho coisas mais importantes para fazer.

Capítulo 10

Houve um momento de silêncio na cabana, então Halt se levantou lentamente, os olhos brilhando de raiva. Ele apontou um dedo para o seu antigo aprendiz. Quando falou, sua voz era quase um sussurro. Mas não foi menos intensa por isso.

— Como você ousa dizer isso! — Cuspiu. — Como você se atreve a virar as costas para o Corpo no momento em que você tem algum sofrimento pessoal em sua vida? Eu não passei anos treinando-o e me preocupando com você, vendo-o se transformar em um homem que me orgulhava, para vê-lo desmoronar assim! Você fez um juramento quando se juntou ao Corpo. Eu sei que isso significava alguma coisa para você. Será que não significa mais nada para você agora?

Will fez um gesto estranho.

— Não. Eu... Eu só...

— Will, eu sinto muito que Alyss se foi. Eu realmente sinto. Eu a amava, você sabe. Todos nós amávamos.

— Não tanto quanto eu — Will disse com amargura.

Halt assentiu.

— Não. A dor é mais profunda para você. E será mais difícil de suportar. Mas você pode suportar. Você deve. Você tem que seguir em frente.

Will olhou para ele com raiva.

— Você espera que eu simplesmente a esqueça?

— Não! Espero que você se lembre dela sempre. E que valorize e honre essa memória. Mas honrar sua memória não significa devorar-se com essa obsessão por vingança até que não haja espaço para mais nada em sua vida. Isso está te destruindo, Will.

— Deixe-me encontrar Ruhl — Will disse, um tom de súplica em sua voz. — Deixe-me encontrá-lo e trazê-lo a julgamento e, depois, estarei feliz em voltar a ser um Arqueiro novamente.

— Não é assim que funciona — Gilan falou com raiva. — Você é um Arqueiro e tem seus deveres para atender como um Arqueiro. Todos nós temos. Você não pode colocá-los de lado para servir a si mesmo, e depois aceitá-los novamente quando se sentir bem com isto.

— Você é uma das raras pessoas que podem fazer a diferença neste mundo. Você é um líder. É um herói para milhares de pessoas comuns. Eles olham para você e te respeitam. Você lhes dá esperança e algo em que acreditar. Como se atreve a rejeitar essa responsabilidade? Como se atreve a jogar o respeito por você de volta em seus rostos?

— Talvez eu não me importe com eles — Will respondeu, sua voz baixa.

— Então você não é a pessoa a quem ensinei sobre honra e dever — Halt olhou para ele e Will corou.

— Você é necessário, Will — Gilan disse suavemente, a raiva dissipada agora. — O Corpo precisa de você, seus amigos precisam de você.

— Que amigos? — Will perguntou.

— Horace e Evanlyn — Halt explicou. — Dos seus amigos mais antigos do mundo. O homem que você lutou ao lado inúmeras vezes. E a menina que enfrentou perigo com você – que se recusou a abandoná-lo quando os escandinavos o capturaram, e quando os Temujai invadiram sua posição na Escandinávia. Eles estão pedindo sua ajuda. Você vai recusá-los – enquanto fica em um canto sentindo pena de si mesmo?

— Eles precisam de mim? — Will perguntou hesitante. — O que há de errado?

— É Maddie. Sua afilhada. Ela está constantemente se metendo em encrencas. Está correndo selvagemente e os deixando loucos. Eles estão preocupados com ela e não conseguem encontrar uma maneira de controlá-la. Eles pensam que você pode ser capaz de fazê-lo.

Will franziu a testa.

— Eu? O que eu posso fazer? Se eles não podem lidar com ela, como esperam que eu faça isso?

— Eles querem que você a treine como aprendiza — Gilan respondeu.

Will realmente recuou em choque com essas palavras.

— Maddie? Uma menina?

— Maddie. Uma menina — Halt repetiu. Ele estendeu a mão dentro de sua jaqueta e mostrou um envelope de linho, segurando-o para Will. — Eles escreveram para você, pedindo sua ajuda.

Will pegou o envelope distraidamente. Sua mente estava girando em alta velocidade. Uma aprendiza garota? Nunca houve tal coisa, pensou. Então ele se perguntou, por que não? Em toda a sua vida ele esteve aberto a novas ideias, novas formas de pensar. Por que não isso? Evanlyn teria sido uma Arqueira soberba, ele pensou. Ela era corajosa e inteligente. E a filha dela era o mesmo. Ele olhou para o envelope de novo, vendo o selo de Evanlyn na cera vermelha que lacrava o envelope.

— Darei a minha resposta amanhã — disse ele.

Mais tarde naquela noite, Will abriu o envelope que continha a carta de Horace e Cassandra.

Houve uma separação incluída na carta, mas estava marcada para ser lida depois. Enquanto estudava as palavras, seu coração bateu por seus amigos. Era uma carta curta, mas não menos comovente pela sua brevidade.

Will, Horace e eu estamos necessitando desesperadamente de sua ajuda. Madelyn tornou-se incontrolável e voluntariosa – e, apesar de todos os nossos esforços, estamos no final dos nossos juízos quanto ao que fazer com ela.

Madelyn, como você sabe, herdará o trono um dia e precisa começar a aprender a disciplina e as responsabilidades que vem com esse papel. Mas ela se recusa a ouvir a Horacce ou a mim mesma. Ela se adapta a si mesma, fugindo para a floresta durante a noite, colocando-se em risco enquanto faz isso.

Além disso, é claro, ela coloca o reino em risco. Se ela fosse capturada ou sequestrada, Horace e eu seríamos colocados em uma posição insustentável. Se ela for tomada por inimigos do Estado, teríamos que escolher entre o bem de nossa filha e nosso país. Nós tentamos explicar isso, mas ela dá de ombros à possibilidade, rindo do que ela vê ser nossa cautela excessiva.

Tentei de tudo para discipliná-la e tê-la sob controle, mas os meus esforços foram em vão. Ela insiste em me desafiar e a Horace e, vivendo aqui no Castelo Araluen, ela está cercada por pessoas que ela pode muito facilmente dobrar à sua vontade. Alguns desses subordinados estão no temor honesto de sua posição. Outros, tememos, podem estar plantando as sementes para a consideração favorável no futuro.

Qualquer que seja a razão, nós estamos assistindo a nossa filha se transformar em uma rebelde indulgente e indisciplinada. Ela deve saber que sua vida privilegiada também traz consigo responsabilidades e deveres.

Como já discutimos este problema, chegamos à conclusão de que são necessárias medidas drásticas. Maddie precisa ser removida da atmosfera privilegiada da vida na corte para compreender as realidades deste mundo. Ao mesmo tempo, ela deve aprender as habilidades e a autodisciplina que precisará como uma futura governante.

Falando sobre isso, Horace e eu concordamos que você pode muito bem ser a melhor pessoa para ajudá-la – e a nós. Você ama Maddie, e nós também. Tão importante quanto isso, ela te ama e te respeita. Você tem uma relação especial com ela que pode muito bem tirá-la desse comportamento. As pessoas nos dizem que é uma fase e a maioria dos adolescentes passam por este estado de rebelião contra os pais. Com o tempo, ela pode voltar a ser ela mesma. Mas vivemos em tempos incertos. Meu pai está doente, como você sabe, e eu assumi a responsabilidade de gerir o reino em seu lugar. Se algo vier a acontecer comigo, ela teria que assumir e, francamente, eu me preocupo que ela não estaria à altura

do desafio.

Ensine a ela, Will. Leve-a para debaixo de suas asas e ensine-a a ser forte, responsável e corajosa. Ela tem o potencial de ser todas essas coisas, mas precisa de orientação. Para o bem da nossa longa amizade, peço-lhe para ajudá-la.

Evanlyn (Cassandra)

Por baixo das palavras escritas por Cassandra, Horace tinha adicionado uma breve nota de sua autoria.

Will, Por favor, concorde com a nossa solicitação. Cassandra não vai admitir isso, mas a tensão de governar o reino é muito pesada. Ela não pode lidar com a tensão adicional do comportamento de Maddie ao mesmo tempo. Eu me preocupo com a sua saúde e bem-estar, bem como a da nossa filha.

Eu faria isso se eu pudesse. Mas tentei e falhei. Talvez quando Maddie fosse mais jovem, nós tenhamos errado em mimá-la. É uma armadilha fácil de cair com um único filho. Agora ela precisa de uma mão de fora – de uma pessoa em quem ela confia e respeita. Não consigo pensar em ninguém mais adequado para essa tarefa do que você.

Se você ler o documento extra que nós incluímos, perceberá o quão seriamente encaramos todo este assunto. Use-o, se necessário. Temo que você possa muito bem precisar.

Ao longo dos anos, você ficou ao meu lado mais vezes do que posso contar. Peço-lhe para fazê-lo uma vez mais.

Horace

Will dobrou a carta e bateu-a cuidadosamente na palma da mão. Então ele abriu o segundo documento. Ele era curto e direto ao ponto – apenas alguns parágrafos de comprimento. Mas seus olhos se arregalaram de surpresa. Então ele redobrou e recostou-se na cadeira, pensando.

Gilan tentou dissuadi-lo de sua obsessão pela vingança contra Jory Ruhl e sua gangue. Ele usara palavras como “dever” e “obrigação”. Eram termos abstratos e tornaram-se insignificantes à luz da mágoa de cortar o coração da morte de Alyss.

Mas isto era algo muito mais tangível e imediato. Um pedido de ajuda das duas pessoas que ele mais amava agora no mundo – a quem ele tinha amado durante anos. Ele vacilou, então, perguntou-se a questão fundamental.

— O que Alyss gostaria que eu fizesse?

Ele disse as palavras em voz alta e, como sempre, a cabeça de seu cão Sable se levantou e sua cauda bateu uma vez. Ele a ignorou. Ele sabia o que Alyss diria se ela estivesse aqui.

Ela consideraria o fato de que, ao concordar em formar Madelyn, ele estaria

servindo o Reino e ajudando a garantir o seu futuro. Mas ainda mais importante seria um fato acima de tudo. Ele quase podia ouvir sua voz dizendo duas palavras.

— São amigos.

Velhos amigos. Melhores amigos. As amizades que foram testadas no fogo de dúzias de desafios. Duas pessoas que estavam com ele e salvaram sua vida mais vezes do que podia contar.

Não havia dúvida quanto a que a resposta seria. Este era um pedido que ele simplesmente não podia recusar.

Capítulo 11

No dia marcado, Maddie chegou à cabana de Will abaixo do Castelo Redmont para começar seu treinamento.

Ela chegou no dia correto, mas não na hora correta. Will a esperava desde as nove horas da manhã. Era bem depois do meio-dia quando ela entrou na pequena clareira. A essa altura, Will tinha desistido de esperar por ela. Pelas primeiras duas horas, ele se sentou com expectativa na varanda das cabana, olhando para a trilha estreita entre as árvores, onde ele sabia que ela iria aparecer.

Finalmente, com uma expressão de desgosto murmurada, ele voltou para dentro para ler os últimos maços de relatórios que haviam chegado naquela manhã por Gilan. Era rotina normal para todos os Arqueiros estudar os relatórios de outros feudos. Mas Will tinha um interesse extra. Ele examinou os relatórios – reunidos a partir de Arqueiros de todo o Reino, que detalhavam crimes locais e eventos fora do comum – à procura de qualquer indício de atividade que pudesse indicar onde Jory Ruhl tinha ido parar.

Ele estava envolvido num relato do Feudo Cordom sobre um mestre balsa criminoso que recolheu passageiros para atravessar o rio Gadmun, então os roubou, tirou todos os seus pertences e os obrigou a pular na água para ter sua chance de sobreviver contra a corrente veloz. Ele separou o relatório de lado, colocando-o em uma pasta de couro que continha um maço fino de outros relatórios que poderiam dar indícios de Jory Ruhl.

— Poderia ser ele — disse a si mesmo. — É o tipo de coisa que ele faria.

Sable, deitada no chão ao lado dele com a cabeça sobre as patas, abriu os olhos e observou-o com expectativa, o rabo agitando-se rapidamente. Ele balançou a cabeça.

— Só estou falando sozinho. — Volte a dormir.

E foi o que ela fez, com notável rapidez.

Poucos minutos depois, seus olhos se abriram de novo e ela virou a cabeça em direção à porta. Pouco tempo depois que ela fez isso, Will ouviu o relinchar rápido de aviso de Puxão vindo do estábulo. Foi bastante baixo – um aviso para Will, e não a saudação alta que Puxão dera para Abelard e Blaze quando Halt e Gilan vieram visitá-lo. O sinal de Puxão não revelava nenhuma conotação de perigo. Ele estava apenas relatando a presença de pessoas que se aproximavam da cabana. Fosse amigo ou inimigo, ele não tinha ideia.

Sable levantou-se com um grunhido, sacudiu-se e se dirigiu para a porta, a cabeça abaixada, focinho farejando o chão à sua frente. Will guardou o relatório, empurrou a cadeira para trás e levantou-se também. Ele permitiu que Sable

passasse pela porta no momento em que a abertura era grande o suficiente. Então ele saiu para a varanda, saindo da sombra para ficar na borda das tábuas, inclinando-se contra uma das colunas de apoio.

Ele saiu a tempo de ver Maddie emergir das árvores e seguir para a pequena clareira na frente da cabana. Sua sobrancelha direita subiu em um ponto de interrogação quando ele percebeu que ela não estava sozinha. Outra garota, da mesma idade que ela, estava alguns passos atrás dela. Mas enquanto Maddie era franzina e graciosa em seus movimentos, a outra garota estava um pouco acima do peso e parecia desconfortável na sela.

Havia outras diferenças. Maddie montava um cavalo castrado Arridi cor de areia. Tinha linhagem e pelagem finas, um rosto orgulhoso, inteligente. Ele próprio trotava com dignidade, dando um passo curto e baixando seus cascos delicadamente e com ritmo. A montaria da outra garota era uma égua de aparência plácida. Um pouco mais alta do que o cavalo de Maddie, tinha ossatura forte e não possuía nada da graça ou da fluidez do movimento do Arridi.

Suas roupas também eram muito diferentes. Maddie usava calças de lã fina, com botas de montaria na altura dos joelhos e uma jaqueta de manga curta roxa, feita de couro de qualidade. Era apertada na cintura por um cinto feito de discos de prata conectados, e um longo punhal pendurava-se em sua lateral, numa bainha de couro trabalhado.

Ela usava uma capa até a cintura, que estava puxada para um lado e deixava o braço e o ombro direito livres, uma moda que se tornou popular entre os ricos oficiais de cavalaria mais jovens nos últimos anos.

Sua companheira usava um vestido de linho verde liso, com uma prática capa de lã sem adornos. Ela olhou ao seu redor com curiosidade e um pouco de incerteza, enquanto Maddie seguia com confiança e um ar de familiaridade.

Pelo hálito de Gorlog, Will pensou. Ela trouxe sua criada consigo.

E não apenas sua criada. Trotando obedientemente atrás dos dois cavalos vinha um baio carregado. De pernas curtas e corpo em forma de barril, estava adornado com valises de couro como chifres e pacotes em seu dorso. Parecia estar carregando mais peso do que qualquer um dos dois cavalos da frente.

Will respirou fundo. Seu primeiro instinto foi berrar um discurso inflamado de perguntas raivosas para Madelyn, começando com O que você acha que está fazendo? Passando em seguida para Quem no inferno veio com você? E terminando com O que você tem embalado? Roupas para uma viagem de um ano pelo Reino?

Em vez disso, ele se controlou, esperando até que Madelyn registrasse sua presença na varanda. Ela sorriu.

— Olá, Tio Will. Eu não percebi que você estava aí. Vocês Arqueiros certamente podem se mover em silêncio quando querem, não é? Prestarei mais atenção para aprender sobre isso nas próximas semanas.

Will observou o período de tempo que ela mencionou. Ela não tem ideia de quanto tempo isso vai levar, pensou. Ela acha que passará um par de semanas passeando pela floresta e, em seguida, voltará para casa.

Ele engoliu as frases furiosas que se formavam em sua mente.

— Você está atrasada — ele falou em voz baixa.

Ela pareceu um pouco surpresa, depois deu de ombros.

— Estou? Eu não tinha ideia. Disseram-me para chegar aqui hoje. Eu não sabia que havia algum horário especial.

— Houve. Às nove horas. Foram as ordens de Gilan.

Maddie franziu a testa, ainda sem mostrar muito remorso sobre sua chegada tardia.

— Ordens? — ela repetiu. Ela olhou para sua criada. — Rose-Jean, o Comandante Gilan lhe passou alguma ordem para mim?

A outra garota parecia confusa e um pouco preocupada. Se Maddie não notara a expressão irada de Will, sua criada definitivamente notara. Ela era, afinal, uma serva, e estava acostumada a estar alerta para sinais de descontentamento de seus superiores.

— Não, minha senhora. Ele...

— Ele a teria dado a você, Maddie — Will interrompeu-a bruscamente. — A carta. Em um envelope de linho grosso.

— Oh... isso? — Maddie disse. Ela riu. — Sim. Eu a tenho. Pensei que fosse apenas uma carta de despedida – um cartão de adeus ou algo assim. Eu não li-a ainda.

— Talvez seja uma boa ideia você fazê-lo — Will sugeriu. Sua voz tão perigosamente baixa.

Maddie não percebeu, mas Rose-Jean definitivamente sim. Sua expressão preocupada se tornou ainda mais preocupada.

— Oh, eu farei isso mais tarde! — Maddie respondeu facilmente. — Tenho certeza de que você pode me informar de tudo o que preciso saber.

— Bem, uma coisa que você precisa saber é que deveria estar aqui há mais de três horas. Onde você esteve?

Maddie ainda não estava entendendo. A criada olhou ao redor, desejando poder se encolher atrás de alguma coisa para sua proteção quando a tempestade desabasse – como ela saiba que aconteceria. Ela não tinha ideia do por que o sombrio Arqueiro barbudo estava tão furioso. Mas agora sentia que havia muito mais do que isso.

— Paramos no castelo para ver Arald e Sandra — Maddie respondeu, descuidada.

— Barão Arald e Lady Sandra — Will corrigiu-a, colocando ligeira ênfase nos dois títulos.

Maddie deu de ombros, sorrindo.

— Para você, talvez. Para mim eles são Arald e Sandra.

A fúria de Will cresceu ainda mais. Ele estava começando a entender o que Evanlyn e Horace vinham passando com sua filha. Mas ele se controlou com esforço, falando de forma muito lenta e deliberada. Ele não queria um confronto aqui com Madelyn, especialmente na frente de sua criada. Sabia que a criada ficaria constrangida e desconfortável se houvesse uma cena.

— Não. Para você eles são Barão Arald e Lady Sandra. E é melhor você se acostumar a isso — disse ele.

Maddie inclinou a cabeça para ele, um sorriso confuso no rosto.

— Tio Will, eu sempre os chamei de Arald e Sandra. Você provavelmente não entende isso. Mas, como Princesa, eu os excedo.

Will respirou fundo. Ele olhou rapidamente para a criada e viu a tensão em sua postura. Ele soltou o fôlego e, em seguida, disse em um tom razoável: — Maddie, gostaria de desmontar e vir até aqui?

Ele indicou que queria que ela se juntasse a ele na varanda da cabana. Ela assentiu com a cabeça e desmontou suavemente, passando as rédeas para a criada.

— Segure Sundancer para mim, sim, Rose-Jean? — disse ela.

Em seguida, ela atravessou a pequena clareira e se aproximou da varanda. Will segurou-a pelo cotovelo e a levou alguns passos mais longe.

— Devo dizer, Tio Will, que você está se comportando muito estranhamente. Eu nunca o vi desse jeito — Maddie falou.

Quando suas vozes ficaram fora do alcance da criada, Will disse calmamente: — Maddie, há vários fatos a que você precisa se acostumar. Você não está aqui para umas férias glorificantes...

— Oh, eu sei disso! — ela o interrompeu, com um gesto de desprezo. — Mamãe e papai tiveram alguma ideia maluca de que eu deveria aprender...

— Fique quieta! — Will estalou.

Como antes, ele manteve a voz baixa, mas não havia dúvida na intensidade do seu tom. Madelyn recuou meio passo. Ninguém nunca tinha falado com ela daquele jeito em sua vida. Bem, talvez seus pais, mas certamente ninguém de qualquer escalão menor.

— Tio Will... — começou ela com altivez, mas Will fez um gesto de basta com a mão direita, que a cortou antes que ela pudesse dizer mais alguma coisa.

— Esqueça o Tio Will. Você percebendo ou não, você é agora um membro do Corpo de Arqueiros e eu sou o seu mentor. Como Arqueiros, referimo-nos um ao outro pelo primeiro nome. Então você vai me chamar de Will – nada mais do que isso. Eu não sou seu tio. Não sou seu padrinho. Sou o seu mentor e seu instrutor. Você é minha aluna e minha aprendiz. Vou chamá-la de Maddie ou Madelyn. Não temos nenhuma relação especial que não seja mentor e aprendiz. Entendeu?

Agora as sobrancelhas de Maddie se reuniram em um nó teimoso e ela olhou para a figura de barba cinzenta à sua frente.

— Eu acho que você está presumindo um pouco demais aqui, Ti... Will — ela se corrigiu. — Não vamos esquecer que eu sou a Princesa Real de Araluen.

— E não vamos esquecer que eu sou um Arqueiro do Rei — Will respondeu calmamente. Ele viu a breve luz de perplexidade nos olhos dela e elaborou. — Eu respondo apenas ao rei, ou seu representante. A ninguém mais. Neste caso, a sua mãe. Apesar de raramente fazer questão, tecnicamente, eu excedo a todos, subtraindo-se o Rei ou seu representante. Isso significa os barões, as suas mulheres, cavaleiros... e princesas.

— Isso não pode estar certo! — Maddie protestou. — Eu nunca ouvi falar de tal coisa!

— Como eu disse, nós raramente fazemos questão disso. Mas tenha a certeza de que estou certo. Além do mais, sua mãe e seu pai me deram plena autoridade sobre você enquanto você estiver passando por sua formação. Portanto, o seu posto aqui não significa nada para mim, nem para qualquer outra pessoa.

O ar confiante de Maddie começou a abandoná-la. Ela sabia que os Arqueiros exerciam enormes, e muitas vezes indefinidos, poder e autoridade no Reino. E, enquanto ela não tinha certeza de que o que Will dizia era verdade, também não tinha certeza se não o era.

— Agora — Will continuou num tom mais conciliador — você ficará aqui comigo durante a sua formação, e não no castelo. Mas sua criada não. Arqueiros não têm criadas domésticas. E aprendizes de Arqueiro definitivamente não podem tê-las.

Ele deixou Maddie com sua mandíbula escancarada e deu um passo para trás, descendo da varanda para falar com Rose-Jean.

— Rose-Jean — ele falou — Madelyn viverá aqui na cabana enquanto ela treinar como uma Arqueira. Infelizmente, como você pode ver, estamos bastante apertados para o espaço. Você se importaria em voltar para o castelo e dizer ao senescal do Barão que você precisará de um alojamento lá até o momento em que pudermos escoltá-la de volta ao Castelo Araluen?

Rose-Jean olhou para sua senhora, não tendo certeza de como reagir. Se ela

obedecesse ao Arqueiro, sabia que arriscaria ter a ira de Madelyn. Mas também sabia que nenhuma pessoa sensata desconsideraria as instruções de um Arqueiro – especialmente um sênior como o famoso Will Tratado. Will sentiu seu dilema e deu um passo a frente, tomando a rédea do cavalo de Maddie de sua mão sem resistência.

— Está tudo bem, Rose-Jean — ele falou suavemente. — Apenas vá até o castelo. Seja uma boa garota.

— Rose-Jean... — Maddie começou.

— Calada! — Will retrucou, sem se virar para olhar para ela. Então, fez um gesto para a criada ir embora.

Chegando a uma decisão, Rose-Jean girou seu cavalo e galopou de volta para a estrada em direção ao castelo. O cavalo de carga assistiu-a ir, sem saber se a seguia. Então, na ausência de quaisquer instruções definidas, ele abaixou a cabeça e começou a mastigar a grama curta na borda da clareira.

Will ofereceu as rédeas de Sundancer para uma princesa muito surpresa e sem interesse.

— Coloque o seu cavalo no estábulo atrás da cabana — disse ele. — Eu vou cuidar do seu cavalo de carga.

Depois, quando Madelyn avançou para tomar as rédeas de sua mão, ele acrescentou: — Mas esta será a última vez que eu o faço.

Capítulo 12

Uma vez os cavalos foram acomodados no estábulo, Will mostrou a Madelyn o pequeno quarto que seria dela. Relembrando seu próprio primeiro dia, ele tinha colocado um vaso de flores brilhantes no quarto, assim como Halt tinha feito por ele, tantos anos antes. Mas levaria mais do que um ramo de flores ajudar Maddie a recuperar-se do estado de choque e mágoa que houvera em sua chegada.

Ela entrou no quarto e fechou a porta atrás de si. Em sua época não era nada mais que uma cortina, mas ele decidira que Madelyn poderia precisar de uma forma mais substancial de privacidade enquanto estava com ele, então Will pediu aos carpinteiros de Redmont que fizessem uma porta antes de sua chegada.

Ele olhou para a porta fechada, se perguntando se a chamava para a sala. Decidiu que ela tinha tido surpresas o bastante por um dia e deixaria que ela tivesse algumas horas para meditar sobre as coisas.

Ele preparou o jantar – um guisado de frango salgado e batata – e quando a escuridão caiu, ele acendeu as lanternas na sala principal da cabana e preparou uma fogueira.

As luzes quentes e amareladas das lanternas e das chamas bruxuleantes do fogo lançaram uma aura alegre ao redor da sala. Quando sentiu que havia passado tempo suficiente para meditar, ele bateu suavemente na porta.

— Maddie — ele chamou. — Jantar.

Em seu quarto, a fome competiu contra o orgulho e seu sentimento ferido. Depois de vários minutos, a fome venceu e a porta se abriu. Ela surgiu com toda a dignidade que conseguiu reunir, tomando seu lugar à mesa enquanto ele a servia.

Ela comeu avidamente, notando com surpresa como a refeição estava deliciosa. Ela não tinha ideia de que Wil cozinhava tão bem. Mas o clima entre eles ainda era tenso, e sua conversa era limitada a necessidades – como o pedido ocasional de sal ou pão para ser provado. Quando ela terminou, ela se levantou da mesa.

— Eu vou para o meu quarto — ela falou. Por um momento, ela considerara pedir permissão, mas teimosamente descartou a ideia.

Will encontrou seu olhar, vendo que a raiva ainda estava lá. Dê-lhe tempo, pensou ele, e acenou com a cabeça concordando.

— Boa ideia. Amanhã será um grande dia.

Maddie ficou bem acordada sobre a pequena cama durante horas, ouvindo os

sons da noite da floresta ao seu redor, lutando contra as lágrimas que ameaçavam rolar. Foi tudo tão diferente do que ela havia pensado que seria. Will – o Tio Will que ela amara por tantos anos – estava sendo sombrio e distante. Sua desaprovação era óbvia.

Mas por que, ela perguntou-se. O que ela tinha feito de errado?

Na verdade, embora ela mesma não estivesse ciente disso, a arrogância e petulância de Madelyn resultavam de um sentimento de inferioridade e falta de autoestima.

Seus pais eram reconhecidos em todo o Reino. Horace, seu pai, era o cavaleiro mais habilidoso de Araluen, temido pelos inimigos e respeitado pelos amigos. Ele era uma figura maior que a vida, um verdadeiro herói.

E sua mãe não era menos. Ela era uma princesa, é claro, e estava atualmente no poder do Reino no lugar de seu pai. Mas ela também tinha ganhado a aprovação e o respeito de seus súditos. Sua vida tinha sido cheia de aventuras e conquistas.

Contra isso, o que Maddie tinha feito? O que ela poderia esperar realizar? Quanto mais ela media-se contra seus famosos pais, mais ela se encontrava ausente.

Lágrimas ameaçaram vir mais uma vez, mas ela arqueou seus olhos furiosamente, forçando-os para trás e recusando-se a deixar as lágrimas caírem.

Eu não vou chorar, disse furiosamente, e, eventualmente, com esse pensamento em primeiro plano em sua mente, ela caiu em um sono inquieto.

Ela acordou ao som baixo de Will mexendo em potes e panelas na cozinha. Por um momento, ela não tinha ideia de onde estava e olhou ao redor do pequeno quarto, tentando se lembrar. Pela primeira vez, ela notou o ramalhete brilhante de flores no peitoril da janela, e a toalha dobrada ao pé da sua cama. Pendurada em uma estaca na parte de trás da porta estava uma bata felpuda – um roupão, ela adivinhou.

Ela se levantou e abriu a porta. Will, que estava ocupado na pequena cozinha, ouviu-a e se virou.

— Dormiu bem? — Ele perguntou, e ela assentiu.

Ela olhou ao redor da pequena cabana, vendo seus detalhes pela primeira vez. Na noite anterior, ela estava chocada e confusa demais para perceber muita coisa. Agora ela viu que havia apenas uma grande sala central, com uma alcova para a cozinha e outro quarto além do dela. Will viu sua expressão perplexa.

— O banheiro fica nos fundos — disse ele. — Café da manhã em dez minutos.

Ela balançou a cabeça de novo, incerta quanto à forma de responder. Seu tom de voz e suas maneiras não eram tão sombrios como na noite anterior. Ela

decidiu manter sua reação neutra. Voltou para o seu quarto, pegou a toalha e o roupão e então dirigiu-se à porta.

A cadela de Will estava esparramada ao sol matinal na varanda. Ela bateu a cauda em saudação e Maddie parou para coçar suas orelhas.

— Olá, menina. Qual o seu nome?

Sable, é claro, não respondeu. Mas ela esticou a cabeça para trás, os olhos fechados de prazer, para permitir que Maddie a acariciasse no queixo e na pele grossa em seu pescoço. Maddie deu-lhe um tapinha final e levantou-se. Ela olhou em volta, tendo em vista a pequena clareira. Era realmente um belo local, decidiu. O sol estava começando a mostrar-se sobre as copas das árvores, e o ar estava fresco com o cheiro do dia nascente.

Ela lavou-se sob um chuveiro rudimentar na casa no banheiro, tremendo com a água fria. Então enxugou-se rapidamente, vestiu o roupão e voltou para a cabana. De volta ao seu quarto, ela hesitou, perguntando-se o que deveria usar. Ela havia largado suas roupas no chão na noite anterior, mas, é claro, Rose-Jean não estava aqui para recolhê-las e dobrá-las, e separar as roupas limpas para o dia seguinte. Na verdade, as roupas dela estavam todas nas valises, que ainda estavam no estábulo.

Finalmente, ela decidiu que iria vestir a roupa que usara no dia anterior. Vestida, ela voltou para a sala principal.

Will olhou para cima, balançando a cabeça em uma acolhida. Ele colocou um prato sobre a mesa.

— Eu não sei como você gosta de seus ovos — disse ele. — Eu os fiz mexidos.

Ela torceu o nariz.

— Eu não gosto de ovos.

Will respirou fundo.

— Você não gosta de ovos — repetiu ele. Ela balançou a cabeça. — E bacon?

Ele olhou para o fogão, onde outra panela estava estalando alegremente na placa sobre as brasas.

Mais uma vez, ela balançou a cabeça. Pareceu-lhe ser um pequeno gesto espalhafatoso, mas ele segurou seu temperamento.

— Temos um presunto curado ao ar especial que é feito para nós por um açougueiro no Castelo Araluen — disse Maddie. — É tão leve e delicado. Ele simplesmente derrete em sua língua. Mas o bacon? — Ela estremeceu dramaticamente. — Eca!

— Bem, nós não temos qualquer presunto curado ao ar. Talvez mais tarde pudéssemos ir às compras à Vila Wensley e pegar algumas cotovias em vez

disso? — Will sugeriu, o sarcasmo em seu tom.

Ela balançou a cabeça, ignorando-o.

— Eu gosto de frutas — ela falou.

Will soltou um pequeno suspiro de alívio.

— Fruta é bom — disse ele.

Ele selecionou uma maçã grande e brilhante de uma tigela no balcão da cozinha e colocou-a em um prato na frente dela. Maddie olhou para ele com incerteza.

— Maçãs não são frutas? — Will perguntou.

Maddie fez um pequeno gesto.

— Bem, geralmente, os criados a descascam e cortam em fatias para mim — ela comentou.

Houve um longo silêncio. Eles olharam um para o outro. Ela podia sentir que, mais uma vez, o tinha incomodado. De repente ele se moveu, tirando a maçã do prato e depositando-a na madeira áspera da mesa.

Houve um silvo de aço contra couro quando sua faca de caça saltou da bainha de sua lateral. Em seguida, ele a trouxe para baixo, e com um retumbante clang, cortou a maçã em duas metades, que oscilaram suavemente sobre a mesa.

— Considere-a em fatias — ele falou.

O café da manhã continuou em um silêncio tenso. Will, cedendo um pouco, fez um pouco de pão fresco, juntamente com manteiga e conservas feitas de framboesas. A conserva tinha sido um presente de Jenny e era a sua favorita. Ele se perguntou com ironia por que ele estava dando um pouco para Maddie.

Ela comeu com prazer, percebendo o quão faminta estava. Will, por sua vez, comeu os ovos mexidos e bacon que tinha preparado antes. Quando Maddie terminou seu pão e geleia, ele foi para trás dela pegar o fumegante bule de café sobre a placa do fogão. Café deixaria tudo certo, ele pensou. Ninguém poderia manter um mau humor quando eles tinham uma xícara de café doce e quente diante deles.

— Café? — ele perguntou, já começando a derramar um pouco do líquido perfumado em seu copo.

— Eu não bebo café — ela respondeu.

Will arqueou as sobrancelhas em surpresa.

— Por que não? Todo mundo bebe café.

— Eu não. Não gosto do sabor. Prefiro leite, se você tiver... por favor — ela acrescentou, após uma pausa.

Ele aceitou que a última palavra era uma grande concessão por parte dela.

Havia um jarro de leite fresco resfriando com um pano úmido. Ele o pegou e serviu para ela, balançando a cabeça enquanto observava o líquido branco e cremoso enchendo seu copo.

— Como é que esperam que eu faça de você uma Arqueira? — ele murmurou.

Ela não tinha certeza de como deveria responder a isso. Sabiamente, ela permaneceu em silêncio. Mas o leite era bom, ela pensou.

Após o café da manhã, Will tomou um gole da segunda xícara de café. Talvez houvesse alguma vantagem sobre ela não gostar da bebida, ele pensou, se sempre sobrar café no pote para si. Maddie terminou seu leite e pegou todos as cascas e migalhas de pão de seu prato.

— Esse é um pão excelente — ela falou. — Você o fez também?

Ela não tinha certeza de quão longe suas habilidades culinárias iam. Mas ele sacudiu a cabeça.

— Há um padeiro em Wensley que traz todas as manhãs. Na verdade, no futuro, você pode ir buscá-lo e salvá-lo de uma viagem. Esse pode ser um dos seus deveres sem-a-criada.

Ela sentiu que ele a estava testando e se recusou a morder a isca. Ela simplesmente assentiu com a cabeça e ele continuou.

— Além disso, você vai fazer a sua cama e arrumar o seu quarto todas as manhãs antes do café.

Ele lançou um olhar significativo para seu quarto, onde os lençóis ainda estavam caídos e torcidos.

— Fazer minha cama? Eu não...

— Sim, você vai. Ou será que você pensa que a criada fará isso para você?

Ela fechou sua mandíbula com raiva.

— Bem, eu não vejo por que devemos viver como camponeses — disse ela. — Rose-Jean poderia facilmente vir aqui todos os dias e...

— Rose-Jean foi embora — ele a interrompeu.

Por um momento ela não compreendeu.

— Foi embora? Foi embora para onde?

— Voltou ao Castelo Araluen. Havia um grupo de mensageiros saindo mais cedo esta manhã e arranjei para ela ir com ele. Não poderíamos tê-la tropeçando por aí por conta própria, poderíamos?

— Mas... ela era a minha criada. Você não tinha o direito... — Ela parou, vendo a luz brilhar em seus olhos.

— Maddie, por favor, entenda, eu tenho todo o direito. Ela era sua criada quando você era a princesa. Agora você é uma aprendiza de Arqueiro. E Arqueiros não têm criadas domésticas. Acho que já mencionei isso.

Will sentiu uma torção cruel de diversão quando se lembrou de uma conversa semelhante com Halt em seus primeiros dias como aprendiz. Os aprendizes de Arqueiro fazem todo o trabalho doméstico, ele se lembrou de Halt lhe dizendo.

— Além disso — ele acrescentou — você vai varrer esta cozinha todos os dias depois do café da manhã, e limpar a lareira. E toda sexta-feira, você pode levar o tapete para o lado de fora e bater a poeira.

Ela o encarou com os olhos semicerrados. Ele fingiu não perceber por alguns segundos, em seguida, ergueu as sobrancelhas em uma pergunta.

— Será que você tem algo a dizer? — perguntou ele.

Ela respondeu muito deliberadamente: — Posso perguntar quem realizou estas tarefas antes de eu chegar?

Will assentiu, como se a pergunta fosse boa.

— Na verdade, fui eu — ele respondeu. — Posso ver agora porque Halt gostava de ter aprendizes. Eu deveria ter pegado um há muito tempo.

Ela não disse nada, apenas levantou-se e se dirigiu para o quarto dela, fazendo a cama em uma série de movimentos bruscos, irritada. Quando terminou, ela olhou ao redor da sala e viu que havia apenas uma pequena área com cortinas para o armazenamento de roupas. Não caberia um décimo das roupas que ela trouxera.

— Onde é que vou guardar as minhas roupas? — ela exigiu.

Will colocou a cabeça pela porta e fez um gesto para a pequena área com as cortinas.

— Isso deve servir — ele disse a ela.

Ela balançou a cabeça e deu uma risada oca.

— Aquele espaço pequeno não vai caber nenhuma das roupas que eu trouxe comigo.

Will acenou alegremente com a mão.

— Oh, não se preocupe com elas. Elas já estão em seu caminho de volta para o Castelo Araluen com Rose-Jean.

Capítulo 13

— Você tem certeza de que não está sendo muito duro com ela? — perguntou Jenny.

Will considerou a questão por um momento, depois sacudiu a cabeça.

— Acho que tenho que ser duro, Jen — ele respondeu. — Ela é mimada, voluntariosa e arrogante, e vou precisar tirar isso dela se quero trabalhar com ela.

Eles estavam sentados sob um toldo na área de alimentação ao ar livre na frente do restaurante de Jenny. Ela lhe deu um olhar avaliador, depois assentiu.

— Talvez. Mas não exagere, está bem? Tenho certeza de que ela não é uma garota má no coração.

— Bem, eu estou tentando lembrar como Halt me tratou — Will respondeu — e estou sendo guiado por isso.

— Você que dizer no momento em que ele o tratou horrivelmente — ela falou com um sorriso. — E você não era uma princesa.

— Nem ela é agora. E é isso que eu tenho que lembrá-la. Ela é minha aprendiza e não tem mais direitos ou privilégios do que qualquer outro aprendiz. Ela não recebe nenhum tratamento especial.

— Apenas certifique-se de que, enquanto você não dá a ela um tratamento especial por um lado, não esteja puxando-a na outra direção — Jenny avisou. — Onde ela está agora, a propósito?

— Ela está com Mistress Buttersby, sendo equipada com seu uniforme — Will disse, apontando com um polegar para rua abaixo. — Pelo menos, Mistress Buttersby está lhe mostrando como adaptar as roupas para que elas sirvam. Maddie terá que fazer o trabalho sozinha. Ela poderia fazer isso de vez em quando — acrescentou ironicamente.

Jenny olhou para ele. Era o primeiro traço de humor que ela via em seu velho amigo durante meses. Mas ela era inteligente o suficiente para não mencionar. Deixou o pensamento vagar longe. Ela iria partilhá-lo com Gilan quando ele visitasse o Feudo Redmont – algo que ele fazia mais vezes do que o estritamente necessário. Ela sabia o quanto Will estava sofrendo pela perda de Alyss e pensou que foi um golpe de gênio atribuir Maddie a ele como uma aprendiza. Ela olhou ao longo da rua e apontou.

— Parece que ela está voltando.

Maddie estava caminhando até a colina rasa em sua direção, os braços sobrecarregados com uma pilha de roupas. Envolto desajeitadamente por cima de seus ombros estava um item familiar – o manto cinza e verde malhado que era o item padrão para todos os Arqueiros e seus aprendizes.

— Ela parece um pouco sobrecarregada — Jenny acrescentou, sorrindo, quando Maddie derrubou um par de botas e um colete de couro no chão.

Quando ela se abaixou para recuperá-los, ela derrubou mais roupas. Ela recebeu três peças básicas – camisas de lã e calças curtas, o gibão de couro e dois pares de botas – juntamente com a capa, e a massa de roupas estava se provando ser difícil de carregar.

— Foi um dia esmagador — Will comentou.

Mas ele não fez nenhuma tentativa de se levantar e se mover para ajudá-la. Quando Maddie chegou mais perto, botas, camisas e calças equilibrados precariamente, Jenny teve pena e levantou-se e postou rapidamente ao lado dela.

— Deixe-me ajudá-la — disse ela.

Maddie olhou com gratidão e abriu mão de metade da carga. Ela seguiu Jenny até o restaurante e deixou cair o pacote restante em uma mesa próxima.

— Ela me deu os menores tamanhos que ela tinha, mas todos são muito grandes — ela falou um pouco sem fôlego.

Jenny sorriu.

— Não é de se estranhar. Afinal, você é a primeira Arqueira.

— Ela lhe mostrou como adaptá-las? — Will perguntou.

Maddie assentiu.

— Vai levar horas para pegar tudo.

— Bem, você só precisa de um conjunto para começar. Isso não deve demorar muito. Você pode conseguir esta noite, depois do jantar — Will disse.

Ele não tinha certeza se ela estava procurando por simpatia, mas se estava, não conseguiu.

Jenny e Will tinham bebido suco de frutas batidas. Ela acenou para o garçom para que ele trouxesse um terceiro copo para Maddie, que aceitou avidamente e tomou um gole profundo.

— Aaaah. Isto está ótimo. Obrigada — disse Maddie.

— Deve ser tudo muito diferente e confuso para você — Jenny falou gentilmente. — Espero que Will não esteja sendo muito mau para você, Maddie. Eu sou Jenny, por sinal.

Ela estendeu a mão, sorrindo. Maddie considerou hesitante por um momento. Tinha chegado mais ou menos a um acordo com a estranha relação que agora existia entre ela e Will. Afinal de contas, como ele apontara, ele era um funcionário do Reino e estava tecnicamente acima ela. Mas Jenny era diferente. Jenny era uma plebeia. Ela era uma cozinheira – não tinha realmente um status maior do que um criado do Castelo Araluen teria. Maddie não tinha certeza de que os termos de nome próprio fossem adequados o bastante entre elas.

Mas Jenny tinha sido simpática e acolhedora, e Maddie não queria aborrecê-

la. Ela tentou ser diplomática. Como a maioria dos adolescentes de quinze anos, foi um longo desvio da realidade.

— Hmm... Eu não tenho certeza de que seja adequado para você me chamar de Maddie — ela falou em tom de desculpas. — Na realidade, você deveria me chamar de “Princesa” ou “Sua Alteza”.

O sorriso de Jenny desvaneceu-se e ela recolheu a mão. Will encarou com fúria nublada as palavras de Maddie. Jenny se levantou e disse friamente: — Terei isso em mente — ela assentiu brevemente para Will. — Eu te vejo mais tarde, Will. Tenho trabalho a fazer.

Ela entrou no restaurante. Maddie olhou para Will, impotente, e abriu as mãos num gesto derrotado.

— O quê? O que eu fiz de errado agora? Eu entendo como são as coisas entre nós dois. Mas tenho que deixar todo mundo falar comigo como se eu fosse uma ninguém? Afinal de contas, ela é apenas uma cozinheira.

— Jenny é uma das mais antigas amigas de seu pai. E minha. Nós todos crescemos juntos. E ela é conhecida de sua mãe há anos. Se a sua mãe sente que está tudo bem para Jenny chamá-la por seu primeiro nome, não vejo por que com você deveria ser diferente.

— Mas as coisas eram diferentes naquela época. Afinal, quando minha mãe conheceu a todos, ela estava viajando incógnita. Teria sido inútil usar o título. Mas eu não. Eu sou...

— Você é uma criança mimada e arrogante a quem uma lição precisa ser ensinada. Eu esperava que não chegasse a isso, mas aparentemente é necessário. Siga-me.

Ele se levantou abruptamente e saiu do restaurante. Maddie o seguiu, fazendo malabarismo com botas, jaquetas e camisas mais uma vez em uma pilha confusa.

— E não deixe cair nada! — ele exclamou.

Ela seguiu a figura que andava rapidamente até a rua e ao longo do trajeto da floresta, que levou para a cabana. Uma vez lá, Will abriu a porta com força e foi até a mesa que estava contra a parede, remexendo os papéis até encontrar o que estava procurando.

Ela tropeçou atrás dele, derramando itens de uniforme em toda a varanda e sala de estar. Parou hesitante quando ele se virou para encará-la, um envelope na mão. Ele desdobrou a folha de pergaminho, em seguida, estendeu-o para ela.

— Leia isto — disse ele.

Ela leu as primeiras palavras na folha e ficou em choque com seu conteúdo. Olhou rapidamente para o final da página e viu a assinatura de sua mãe e de seu pai acima de seus selos individuais. Não havia dúvida. Este documento era

genuíno. Ela voltou para o topo da página e leu, sentindo o sangue fugir de seu rosto.

Quero que saiba que nós, abaixo assinado, renunciamos a todos os laços com a nossa filha, Madelyn, e revogamos todos os seus títulos e privilégios como uma princesa do reino de Araluen.

Ela está deserdada como uma Princesa e como nossa filha, e que nenhum privilégio ou respeito anteriormente concedido devido à sua qualidade de membro da família real de Araluen seja mantido.

Até qualquer aviso prévio, ela será conhecida e chamada simplesmente de Mistress Madelyn Altman, ou, enquanto aguarda a concordância do Arqueiro Will Tratado para atuar como seu mentor, o título alternativo de aprendiza de Arqueiro Madelyn.

Isto terá efeito imediato, a partir da data deste anúncio, e continuará por tempo indeterminado até que possamos decidir restabelecer Madelyn à sua antiga posição.

Dado sob os nossos nomes e selos, Vossa Alteza Real Cassandra, Princesa Regente do Reino de Araluen e todos os seus territórios Sir Horace Altman, Cavaleiro Principal do Reino, Campeão Real

As assinaturas foram rabiscadas ao lado dos selos de cera. Maddie olhou para a data. A ordem tinha sido escrita no dia anterior ao que ela tinha deixado o Castelo Araluen para montar até Redmont. O tempo todo que ela esteve na estrada, ela percebeu, ela já tinha sido deserdada – uma ninguém qualquer. Seus olhos se encheram de lágrimas.

— Como eles puderam fazer isso? — ela perguntou, a voz embargada. — Será que eles realmente me odeiam tanto?

Will balançou a cabeça.

— Eles não te odeiam. Estão simplesmente no fim de suas forças. Pensaram que talvez eu precisasse ter esse documento para fazê-la entender quão grave essa coisa toda é. Eu esperava que não tivesse que lhe mostrar isso. Mas tornou-se necessário. Eu tenho dito, Maddie. Você não é mais uma Princesa. E você não pode mais se comportar como se fosse. Você é minha aprendiza. Você não é melhor do que ninguém aqui em Redmont – nem Jenny, e nem o garoto do estábulo do castelo, nem o mais jovem dos aprendizes da Escola de Guerra. Por outro lado, você não é pior do que qualquer uma dessas pessoas, também. Você é uma igual entre iguais.

Maddie franziu o cenho.

— Mas você disse que os Arqueiros estão entre os mais altos oficiais superiores no Reino... — ela começou hesitante.

— Arqueiros estão. Seus aprendizes não. E você não é oficialmente uma aprendiza ainda. Você será, como um título de cortesia. Mas treinará por doze meses antes de ser avaliada e aprovada na Corporação.

— Doze meses? — Ela ficou horrorizada com a perspectiva. — Doze meses? Eu pensei...

— Você pensou que duraria um fim de semana ou dois. Então você cavalgaria de volta para casa, diria que está arrependida e convenceria seus pais de que percebeu suas escolhas erradas e tudo seria perdoado. Certo?

— Bem... Sim. Acho que sim — disse ela.

Ela percebeu quão ruim ele soou quando falou aquilo daquela forma. Ela também percebeu que era exatamente como as coisas tinham sido pelo menos meio dúzia de vezes no passado. Seus pais davam a punição, que ela cumpria por um dia ou uma semana, então pediria desculpas e as coisas voltariam ao normal. E algumas semanas mais tarde, ela estaria de volta ao seu antigo comportamento ruim.

— Você já fez isso uma vez, muitas vezes, Maddie — Will falou-lhe seriamente. — Cassandra e Horace finalmente tiveram o suficiente. Quer você goste ou não, eu sou sua única esperança agora.

Seu lábio começou a tremer e ela sentiu uma lágrima se formando em seus olhos. Ele percebeu, mas não deu nenhum sinal disso. Ela teve um choque, ele sabia, talvez o maior choque da sua jovem vida. E agora não era o momento de cismar.

Ele apontou para as peças de uniforme espalhadas por todo o espaço.

— Reúna estas roupas — disse ele. — Encontre os itens que melhor se ajustem. Apenas uma camisa, calças e botas. Não há necessidade da capa. Amarre as botas bem apertadas e esteja lá fora em cinco minutos.

— Lá fora? — Ela repetiu, atordoada com a súbita mudança de assunto. — O quê...?

— Vamos dar uma corrida. Quero ver como está o seu físico. Cinco minutos!

Sem esperar por uma resposta, ele caminhou porta afora, batendo-a atrás dele. Ela ouviu as botas na varanda enquanto Will se dirigia para o estábulo na parte traseira da cabana, ouviu Puxão dar um breve relincho de saudação ao seu mestre.

Então ela percebeu que estava perdendo tempo e ainda tinha que encontrar as peças que melhor se ajustassem para sua roupa nova. Lutando para reuni-los, ela correu para o seu quarto.

Ela surgiu alguns minutos depois. Se tinha ultrapassado o limite de tempo ou não, ela não tinha ideia. Mas pelo menos Will não fez nenhum comentário. Ele estava sentado montando Puxão, esperando na pequena clareira atrás da cabana.

— Você não vai correr? — Ela perguntou.

Ele levantou uma sobrancelha.

— Eu sei como está o meu físico — disse ele. — Vou montar. Você corre. Vamos até Foxtail Creek. É um pequeno povoado a oito quilômetros daqui. Apenas um agradável passeio de ida e volta.

Ele indicou um caminho que seguia por entre as árvores.

— Vamos.

Ela partiu por entre as árvores, cabeça baixa, balançando os braços, as pernas se movendo. Correu suave e uniforme, dando um bom ritmo. Seu passo era equilibrado e leve. Will e Puxão estavam atrás dela. O pequeno cavalo contraiu suas orelhas, intrigado.

Como ela reagiu?

— Reagiu a quê? — ele perguntou. Maddie ouviu seu comentário sussurrado e se virou com curiosidade. Ele acenou adiante. — Continue.

Ser deserdada. Como ela lidou com isso?

— Como você sabe disso? — Desta vez, Will manteve a voz baixa, de modo que era quase inaudível.

Eu já lhe disse. Se você sabe, eu sei.

Não pela primeira vez em sua carreira, Will se perguntou se o seu cavalo estava falando com ele, ou se ele estava simplesmente falando sozinho. Ele decidiu que não queria saber a resposta para isso.

— Bem, ela não estava alegre — respondeu ele. Em seguida, ele ergueu a voz. — Caminhe por trezentos passos. Em seguida corra novamente — ele falou.

Maddie assentiu sem olhar para trás. Ela desacelerou para uma caminhada rápida, então quando chegou à contagem de trezentos, começou a correr novamente. Will viu seus ombros e a cabeça se erguendo. Seu corpo era uma combinação determinada. Ele balançou a cabeça em aprovação.

— Ela está em forma o suficiente — ele comentou. — E puxou sua mãe em certos pontos.

Puxão sacudiu sua juba curta. Eu sabia que ela puxaria.

— Ah, é mesmo? E como você sabia?

Eu sou um cavalo Arqueiro. Entendemos de boa criação.

E realmente, não havia nada que Will pudesse dizer em resposta a isso.

Capítulo 14

Will acordou na manhã seguinte com o cheiro de bacon frito.

Ele franziu a testa, cheirou o ar experimentalmente e confirmou o fato. Era definitivamente bacon frito. Seu estômago vazio retumbou em antecipação. Ele balançou as pernas para fora da cama, vestindo-se às pressas, e abriu a porta para a sala principal da cabana.

Maddie estava no fogão, uma frigideira numa mão e um grande garfo na outra. Ela sorriu quando ele entrou, esfregando a sonolência de seus olhos, alisando o cabelo desgrenhado.

— Eu fiz o café da manhã — ela anunciou. — Eu não sabia como mexer os ovos, assim eu os fritei.

Ela apontou-lhe um lugar à mesa.

— Bem, isso é uma surpresa — ele observou, e ela colocou um prato cheio diante dele.

A surpresa aumentou quando ele olhou para o bacon, frito com três centímetros de comprimento e reduzido a tiras rígidas.

Os ovos não estavam muito melhores – ela tinha queimado o fundo e as gemas eram duras e secas. Will olhou para eles, hesitante, depois pegou a faca e o garfo, determinado a comê-los.

Ela tentou, pensou. Pode não ter conseguido, mas já estava tentando, e ele viu o sentimento por trás do gesto. Era sua maneira de pedir desculpas, e de forma mais significativa – se de uma forma totalmente não comestível – que simplesmente pronunciar as palavras.

Ele espetou o garfo em uma das tiras de bacon que prontamente se desintegrou em uma massa de fragmentos afiados. Maddie observou com cuidado enquanto ele pegava vários pedaços e colocava em sua boca, chupando-os para amaciá-los.

— Está bom? — Ela perguntou. — Eu nunca cozinhei bacon antes.

— É notável — ele murmurou, passando a língua pelas lascas de bacon que enchiam sua boca. — Um primeiro esforço muito louvável.

Ele engoliu o bacon com um pouco de dificuldade, em seguida, tentou os duros ovos escuros no fundo. O sabor de clara de ovo queimada encheu sua boca. Ele mastigou e engoliu.

— Eu não tinha certeza sobre esses pedaços pretos na parte inferior — ela falou, ansiosa.

— Eles acrescentam sabor — Will opinou.

Ele percebe que ela já tinha recolhido o pão fresco do dia da padaria. Ele

rapidamente arrancou um pedaço, passou manteiga e devorou. Colocou mais manteiga nas gemas dos ovos duros. Queria pelo menos amaciá-los um pouco.

Maddie se sentou em frente a ele e ele olhou com inveja para o prato de frutas diante dela – uma maçã e alguns morangos suculentos, rechonchudos. Ela também tinha uma grossa fatia de pão com manteiga e geleia. Ela tomou um grande gole de leite e um pedaço de pão e geleia. Ele percebeu que sua própria boca estava seca e entupida com o gosto de comida queimada.

Ele olhou em volta para o jarro de água e um copo, mas quando ele estendeu a mão, ela se antecipou.

— Fiz café — disse ela.

Agora foi uma surpresa. Ele não havia detectado nenhum vestígio do rico aroma perfumado de café feito na hora. Embora agora que ela mencionou, ele estava ciente de um leve cheiro na cozinha.

Seu velho bule de café estava assentado em cima fogão, vapor saindo de seu bico. Ela o apanhou, protegendo a mão da alça quente com um pano de cozinha, colocou uma caneca diante dele e derramou.

Um filete de água quente um pouco escuro emanou do bule para sua caneca. Ambos olharam para ele. Fosse o que fosse, Will pensou, não era café. Maddie franziu o cenho quando percebeu o mesmo.

— Isso não parece certo — disse ela, em dúvida. — Tenho certeza de que eu fiz certo.

— O que você fez? — Ele perguntou, pegando o copo e fiscalizando o líquido levemente marrom dentro dela. Ele cheirou. Havia um aroma de café ali. Era fraco. Mas estava lá.

— Enchi o bule com água fria, coloquei para ferver na placa do fogão. Então, quando ela ferveu, coloquei o café – três grandes colheradas. Pensei que seria o suficiente.

— Deveria ter sido — ele respondeu, distraído.

Três colheres deveriam ter produzido uma bebida rica e escura. Não este café insípido e impostor que o confrontou. Um pensamento lhe ocorreu.

— Onde você conseguiu o café? — Ele perguntou, pensando que ela poderia ter reutilizado.

Mas ela fez um gesto para a jarra de cerâmica na prateleira de cima na cozinha, onde ele mantinha os grãos de café.

— Ali. Eu vi onde você pegou.

Will estava começando a entender.

— E você apenas... colocou três colheres do pote?

Ela assentiu com a cabeça.

— Você não acha que deveria moê-lo em primeiro lugar? — ele perguntou

gentilmente.

Maddie franziu a testa, sem compreender o que ele estava dizendo.

— Moê-lo?

— Moê-lo. Normalmente eu moo os grãos em pó. Isso libera o sabor do café, que você vê.

Ela ainda estava segurando o bule. Will o pegou dela e abriu a tampa, olhando para dentro. Uma vez que a nuvem de vapor inicial se dissipou, ele pôde ver uma série de pequenas formas redondas marrons flutuando em cima da água.

Ele começou a rir. Ele não pôde impedir, e no momento em que ele começou, sabia que era um erro. Ele se forçou a parar, mas o estrago estava feito. Maddie o observava, o rosto aflito, quando percebeu o quanto falhara. Ela queria fazer-lhe um bom café da manhã como uma maneira de dizer “vamos começar de novo”. Mas tudo o que conseguiu foi arruinar o seu café. Ela agora começou a suspeitar que o bacon e os ovos não estavam exatamente bons.

Will cobriu sua boca, forçando o riso de volta.

— Sinto muito — ele falou contritamente, embora pudesse ver a decepção no rosto dela.

Ele podia ver a forma como o queixo estava contraído e seus lábios estavam pressionados juntos enquanto ela fazia um esforço para não chorar.

— Eu estraguei tudo, não foi? — ela perguntou. — Não só o café, mas o resto também.

— Deixe-me colocar desta forma... não é o melhor que já comi. Comer o bacon foi parecido com mastigar cacos de cerâmica. E os ovos mereciam um destino melhor.

Ela baixou o olhar, totalmente cabisbaixa. Ela odiava falhar.

— Mas eu não deveria ter rido — continuou ele, em um tom mais suave. — Você tentou e foi um bom pensamento. Ninguém me fez café da manhã em meses.

— Eu aposto que ninguém jamais fez um café da manhã assim — disse ela, com os olhos para baixo.

— Eu não posso dizer que sim. Mas como posso esperar que você acerte da primeira vez? Alguma vez você já cozinhou ovos e bacon antes?

Ela balançou a cabeça, não confiando em si mesma para falar. Em sua mente, ela tinha visto Will vindo à mesa, surpreso e encantado, devorando a refeição e bebendo alegremente seu café. Era para ter sido sua maneira de pedir desculpas por seu comportamento com Jenny – comportamento que até mesmo agora a fez estremecer quando pensou nisso.

E agora isso... esse desastre absoluto. Ela sentiu a mão de Will em seu ombro e ela olhou para cima. Seus olhos eram muito quentes e suaves – como os do Tio

Will que ela havia conhecido quando menina.

— Maddie, você fez um esforço e esse é o principal. E quando você não me deu o melhor café da manhã do mundo, você fez uma coisa para mim – algo muito mais importante.

Ela inclinou a cabeça para um lado, curiosa.

— O quê?

— Você me fez rir. E ninguém fez isso em um longo tempo.

Após o café da manhã – no caso de Will, uma fatia de pão, algumas fatias de um presunto pendurado na despensa e uma xícara de café corretamente preparada – eles saíram para a pequena clareira em frente à cabana para a primeira sessão de Maddie com as armas que ela usaria pelos próximos doze meses.

Ela observou ansiosamente quando Will desenrolou um oleado para revelar seu conteúdo. Ele pegou a bainha dupla presa num cinto de couro grosso primeiro.

Ela tinha visto o peculiar equipamento duplo usado pelos Arqueiros antes, é claro. Mas nunca teve a oportunidade de inspecionar as duas facas que estavam em seu poder.

A de caça foi a primeira. Era a maior das duas, quase do comprimento de uma espada curta. Ela tinha uma faca de caça fazia alguns anos, é claro, mas era mais leve e mais curta que essa. Esta era a arma diária de um Arqueiro para combate de perto – uma lâmina pesada e de fio afiado. Ela descansou o dedo indicador levemente sobre a lâmina, testando o limite.

— É afiada — Will disse, olhando com aprovação como ela tratou a arma com respeito e cuidado. — E vai ser até você mantê-la assim. Se algum dia eu inspecioná-la e encontrar vestígios de ferrugem ou a borda serrilhada, você correrá de costas até Foxtail Creek durante uma semana.

Ela assentiu respeitosamente. A faca de caça era uma arma de aparência simples. Não tinha adornos nem ornamentos, era feita de aço liso com punho de couro, pomo de bronze e cruzeta de latão. Mas, quando ela a segurou, sentiu o equilíbrio perfeito da arma que a fez parecer leve e fácil de manejar – apesar do fato de que a lâmina grossa tinha um peso considerável. Ela percebeu que tinha sido feita por um mestre artesão e as próximas palavras de Will comprovaram seu pensamento.

— Nossas facas são feitas especialmente para nós — ele explicou. — O aço é tratado e trabalhado de modo que é tremendamente dura. Um golpe dessas em uma espada deixará um entalhe na espada – enquanto esta lâmina não terá

praticamente nenhuma marca. Exceto a espada de seu pai, é claro — acrescentou.

Ela o olhou com curiosidade, ao mesmo tempo medindo a faca de caça com as mãos, sentindo-a.

— A espada do meu pai? O que tem ela?

— Ela foi fabricada para ele pelos armeiros de Nihon-Ja. Eles usam uma técnica semelhante aos nossos fabricantes de armas. A espada de Horace é uma obra-prima. É mais dura e mais afiada do que qualquer espada de Araluen ou do continente.

— Eu não sabia disso — ela falou. Seu pai nunca tinha mencionado.

Will descartou o assunto, apontando para ela voltar a embainhar a faca de caça. Ela o fez e ele retirou a faca menor da bainha.

A lâmina foi cerca de vinte centímetros de comprimento. Era estreita onde se juntava ao punho, mas alargava-se rapidamente, em seguida, estreitava-se bruscamente para formar um ponto afiado. A forma afilada da lâmina tinha maior massa no ponto, que era equilibrado pelo peso do cabo – construído de discos de couro e com uma pequena cruzeta de latão. Mais uma vez havia um pomo de bronze no final do punho.

— Você aprenderá a atirar esta — ele disse a ela.

Ela apertou os lábios.

— Eu nunca atirei uma faca — ela admitiu.

Will deu de ombros.

— O princípio é bastante simples. Você joga para que ela gire no ar apenas o suficiente para a ponta estar de frente para o alvo quando alcançá-lo. Quanto mais longe o alvo, mais vezes você vai girar.

Ele mostrou-lhe como variar a taxa de rotação, segurando a faca mais próxima da ponta ou da lâmina.

— Perto da ponta ela girará mais rápido. Segure a lâmina mais perto do punho e ela girará mais lentamente através do ar — disse ele.

Ela assentiu com a cabeça, tentando as diferentes posições, imitando o ato de atirar a faca. Podia sentir como a posição perto do ponto daria maior rotação na lâmina.

— Isso não parece muito fácil — ela comentou em dúvida, e ele concordou com a cabeça.

— Não é. Eu disse que a princípio era simples. A prática é, definitivamente, algo mais. Como tudo o que um Arqueiro faz, requer prática, prática e... — Ele fez uma pausa, levantando uma sobrancelha para ela para completar a instrução.

— Mais prática? — perguntou ela.

— Entendeu bem. Esse é o segredo da maioria das nossas habilidades. Por

baixo de tudo, jogar uma faca é como cozinhar um ovo perfeito. Quanto mais você fizer isso, melhor ficará – embora as técnicas sejam bem diferentes.

Ela guardou a faca de arremesso na bainha. Ela pesou a bainha dupla na mão por alguns instantes, admirando o visual combinado das duas armas e o design simples, prático. Aparentemente simples, porque, depois de examiná-la, percebeu as horas de trabalho árduo pela qual o artesão passou para sua fabricação.

Ela baixou as facas e olhou com expectativa para a capa impermeável. Havia outro item escondido em suas dobras, algo delgado e mais longo. E ela achava que sabia o que era.

— Qual é o próximo? — perguntou.

Ela tentou manter a voz neutra, mas Will ouviu o tom de expectativa nela. Ela estava gostando desta sessão. Estava interessada nas armas. Não era surpresa, considerando-se sua propensão para a caça. Mas o interesse era algo bom e iria servi-la bem nos próximos meses, durante as constantes ações repetitivas de prática. Uma pessoa precisava de grande interesse para continuar praticando e continuar melhorando.

— O próximo é a nossa principal arma — ele falou. — O arco.

Capítulo 15

Os olhos dela estavam fixos no arco enquanto ele o desembrulhou. Ela franziu o cenho. Era diferente de qualquer arco que ela tinha visto.

Para começar, ele era curto, talvez dois terços do comprimento de um arco normal. E a forma era bizarra, para dizer o mínimo.

A seção central, composta por cerca de dois terços do seu comprimento total era uma peça grossa de madeira escura, com uma pequena curva aparente. No centro ficava um envoltório de couro acolchoado e moldado para encaixar a mão. Mas em ambas as extremidades duas pontas de madeira estavam fixadas, de modo que elas se destacavam em ângulo para frente do arco – projetando-o para frente.

Will entregou a arma para ela e Maddie examinou-a de perto. As duas pontas reversas tinham sido cuidadosamente moldadas para encaixar rente às extremidades da seção central – que também fora cuidadosamente planejada e angulada. Elas, obviamente, foram coladas no lugar, em seguida, amarradas fortemente com o fio, o qual foi reforçado com mais cola e várias camadas de verniz para evitar desgastes.

À primeira vista, parecia que o arco – que formava um grande e achatado W – fora simplesmente feito amarrando o fio nas duas pontas, dobrando o arco em algo que se assemelhava à curva contínua de um arco normal ou arco curto. Mas quando ela olhou com mais cuidado, pôde ver os encaixes que fixavam a corda no lugar foram moldados de modo que o arco teria de ser puxado na direção contrária das duas pontas. Dessa forma, ela pôde ver, a seção central do arco formaria uma curva, com as duas pontas se curvando novamente na direção oposta em cada extremidade.

— É um arco recurvo — Will explicou, depois de deixá-la estudar por vários minutos. — Os Temujai o usam. Eu usei nos meus primeiros poucos anos como aprendiz. As pontas recurvadas lhe darão uma flecha mais rápida para uma tração inferior. Este tem cerca de vinte quilos de tração. Você deve ser capaz de usá-lo depois que desenvolver sua força.

Ele traçou um dedo abaixo da borda externa do arco.

— É reforçado com tendões de veados aqui para fornecer flexibilidade extra e recuperação.

— Quem o fez? — ela perguntou.

Ela ainda estava girando o arco em suas mãos, admirando a obra que estava ali. A madeira tinha sido moldada cuidadosamente e suavemente alisada.

Ela podia ver a camada de tendões, agora que ele apontou. Mas o arco todo

tinha sido envernizado com um verniz escuro para que tivesse um tom de marrom escuro. O verniz tinha um acabamento fosco, ela notou, de modo que não teria reflexos de luz vindo dele.

A empunhadura de couro parecia confortável em sua mão, embora quando o arco estava sem corda, com as duas seções recurvadas apontando para fora, parecesse um pouco desequilibrado.

— Eu o fiz — ele respondeu. — Halt me mostrou como fazer um quando eu era um aprendiz.

— Poderia me ensinar? — ela perguntou ansiosamente, e ele balançou a cabeça e aprovação para ela, mais uma vez observando seu óbvio interesse e apreciação por uma boa arma.

— Haverá tempo para isso depois. Primeiro, você precisa aprender a atirar com esse. Você já disparou com um arco antes?

Ela balançou a cabeça com ar duvidoso. Tiro com arco era praticado como um esporte social pelas senhoras no Castelo Araluen e Maddie se juntava a elas de vez em quando.

Mas os arcos que usavam eram diferentes deste. Eles eram arcos longos simples – feitos a partir de bastões suaves e leves com uma tração de 10 quilogramas ou menos, para as mulheres menos musculosas que atiravam. Pelo o que ele dissera, esse seria duas vezes mais difícil de usar.

— Nada como isto — ela falou.

Maddie girou, tentando prender a corda no lugar. Com os arcos que ela tinha usado anteriormente, ela simplesmente prendia a corda de um lado e usava o peso de seu corpo para dobrar a estrutura, deslizando a corda para seu entalhe no lado oposto. Mas ela não gostava da ideia de forçar um arco recurvo daqueles cuidadosamente construído contra o chão.

— Como faço para prender a corda? — ela perguntou.

Ele estendeu a mão e pegou o arco dela.

— Há duas maneiras para você conseguir fazer isso. A primeira maneira é como um arco longo, assim.

Will pegou uma tira grossa do bolso lateral de sua jaqueta e desenrolou-a. Havia um pequeno cilindro de couro numa extremidade e um laço largo, envolvido com couro, na outra.

Ele deslizou o cilindro sobre a extremidade do arco onde a corda já estava presa em seu entalhe, depois colocou o laço sobre o outro lado, cerca de trinta centímetros antes de a curva começar. O restante da tira estava enrolada sobre a estrutura do arco, pendurado em uma curva solta.

Segurando o arco com a tira pendurada, ele pisou na grossa empunhadura do arco, prendendo-o ao chão, em seguida, começou a forçar o arco para cima,

usando os músculos das costas, dos braços e das pernas para dobrar as pontas. O amortecedor de couro na extremidade da curva impediu que a tira escorregasse pelo limbo do arco quando ele aplicou mais força. O arco rangeu quando as pontas se inclinaram mais e mais e, assim que isso ocorreu, Will deslizou o pequeno laço da tira pelo limbo, passando a curva, até que ele se estabeleceu no entalhe na extremidade do arco.

— Sempre verifique se está encaixado corretamente antes de tirar a pressão — disse ele. — Você não quer que ele escorregue e a coisa toda dê errado.

Ele estudou a tira, convencido de que estava assentada corretamente, então soltou a pressão sobre a corda do arco. Ele deslizou a mão ao longo da tira, do laço acolchoado na extremidade do arco, removeu o cilindro do outro lado e a presenteou com a arma, agora devidamente montada e pronta para o uso.

— Isso parece um pouco difícil — ela observou duvidosamente. Ela tinha visto o esforço que ele teve que fazer para dobrar o arco.

Ele deu de ombros.

— Não é fácil. Mas você vai aprender como fazê-lo.

Ela gostou da forma como o arco parecia agora que estava com a corda. Estava definitivamente melhor equilibrado que antes. Timidamente, ela puxou para trás a corda do arco e levantou uma sobrancelha para a resistência. Ela tinha ouvido arqueiros falarem sobre todo tipo de pesos antes, mas tinha pouco significado para ela. Agora ela podia sentir quão difícil era puxar um arco de vinte quilogramas de tração. Ela teve um espasmo repentino de dúvida. Nunca conseguiria fazer isso.

— É uma questão de técnica — Will falou-lhe, como se tivesse lido seus pensamentos. — Você precisará usar os grandes músculos das costas. Ombros e braços. Estou supondo que quando você atirou antes, apenas puxou a corda para trás com o seu braço?

Ela assentiu com a cabeça e ele fez um gesto para que ela tomasse uma posição de tiro com o arco. Ela segurou-o à distância de um braço e ele se moveu para corrigi-la.

— Comece com a mão do arco perto de seu corpo, não estendida. Depois empurre com a mão do arco e puxe com a outra. Dessa forma, você está usando os músculos de ambos os braços, e não apenas o braço da corda.

Ela assentiu com a cabeça, pensativa, e trouxe o arco de volta para perto de seu corpo. Então, com um esforço coordenado, ela empurrou com um braço e puxou com o outro. A corda esticou-se quase dois terços de sua extensão antes de o aumento da resistência derrotá-la. Ela o soltou com um grunhido de esforço.

— Eu não posso fazer isso — ela murmurou.

— Sim, você pode — a resposta de Will foi concisa e não deixou espaço para

argumentação.

Ela olhou para ele. Se ela estava esperando qualquer sinal de simpatia, não havia nenhum para ser encontrado. Ela percebeu então que se tentasse, se fizesse um esforço honesto, Will seria compreensivo e prestativo. Se ela desistisse, seria um assunto completamente diferente.

Ela respirou fundo e decidiu puxar o arco novamente.

Quando ela começou, o ouviu dizer.

— Pense em trazer suas omoplatas juntas quando você empurrar e puxar. Envolva os músculos das suas costas e ombros.

Ela fez o que ele disse, e dessa vez, ela sentiu a corda estivar-se um pouco mais, até seu polegar direito estar a poucos centímetros de seu nariz.

— Bom. Agora, tente novamente e veja se pode trazer seu polegar até o nariz.

Ela o fez, exercendo toda a força que conseguiu reunir em seus braços e o trouxe para trás. Fugazmente, o polegar tocou seu nariz.

Então ela deixou a corda voltar calmamente.

Ela balançou sua mão direita. A corda tinha cortado dolorosamente seus dedos quando ela puxou. Will percebeu o movimento e puxou algo do bolso, entregando a ela.

— Pode ser doloroso, não é? Experimente isto.

“Isto” era um pedaço de couro macio na forma de uma pequena luva.

Na extremidade mais estreita, um buraco foi cortado no couro, com a largura de um dedo. O couro se alargava então formando duas peças – uma pequena, outra maior – com um corte entre eles. Ele lhe mostrou como escorregar seu segundo dedo através do furo, de modo que o couro se estabeleceu ao longo do lado interno de sua mão. A seção menor correspondia ao seu dedão. A parte mais larga cobriu o segundo e o anelar. A abertura no meio os separava.

— A flecha vai aqui — disse Will, indicando a lacuna. — O resto deve proteger os dedos da corda.

Ela tentou de novo, puxando a corda para trás de maneira a experimentar. Ele estava certo, o couro protegia seus dedos e ela podia ver como a flecha se assentava entre eles na lacuna – com o dedo indicador acima do entalhe e seus outros dois dedos abaixo dele.

— Você usa um desses? — ela perguntou.

Ele balançou a cabeça.

— Eles são um pouco complicados se você estiver em uma luta. Eu tenho as pontas dos dedos das minhas luvas reforçadas. Vamos fazer uma para você. Entretanto, este auxílio a servirá bem. Tente novamente. Lembre-se, omoplatas juntas.

Ela levantou o arco. Empurre, puxe. Omoplatas fazendo forças juntas. Seu polegar tocou o nariz fugazmente e ela diminuiu a pressão na corda.

— Fico feliz em ver que você sabe o suficiente para não simplesmente soltar sem uma flecha na corda — ele falou asperamente.

Ela deu um sorriso amarelo. Ela sabia que disparar a seco um arco daquela forma poderia causar danos aos componentes.

— O Mestre de Armas Parker sempre ameaça com consequências terríveis a qualquer senhora que o faça.

Will assentiu.

— Bom para ele. E evidentemente, quanto mais poderoso o arco, mais dano pode ser feito. Vamos ver como você faz com uma flecha.

Havia várias flechas num compartimento da bolsa. Ele pegou uma e entregou-a a Maddie, acenando com aprovação quando ela segurou a parte emplumada e arrumou no arco. Lembrou-se de como Halt tinha-lhe ensinado os mesmos fatos mais básicos sobre arcos. Ela apoiou-a na corda logo abaixo do entalhe marcado no arco e olhou criticamente para a flecha.

— É um pouco pequena — ela disse.

Ele inclinou a cabeça.

— Tem o comprimento certo para você puxar até o seu nariz. Não há razão em disparar uma flecha maior do que você pode extrair. Tudo o que você faria seria adicionar peso sem acrescentar o impulso por trás dele.

Ela pensou sobre isso. Fazia sentido. Ela assumiu sua postura novamente, então hesitou.

— Qual é o alvo?

Wll indicou um fardo de feno a cerca de vinte metros de distância deles.

— Aquilo deve servir — ele disse.

Ela estudou o alvo, acenou com a cabeça e virou-se para ele, o arco erguido, a flecha encaixada na corda. O entalhe mantinha a flecha no lugar, e a lacuna para a flecha estava alinhada com o entalhe, com o dedo indicador acima e seu dedo médio e anelar abaixo. Muito melhor com o couro para proteger a mão, ela pensou. Começou a levantar o arco, depois parou.

— Você tem uma proteção para braço? — ela perguntou.

Ela viu um ligeiro olhar de decepção nublar o rosto de Will, então se foi quando ele se virou para remexer entre os equipamentos na bolsa. Ele encontrou uma proteção de couro e entregou a ela. Ela colocou-o sobre o braço esquerdo.

— Um arco como esse teria me atingido como um chicote sem uma proteção para o braço — ela comentou.

Ele resmungou e algo em sua atitude atraiu sua atenção. Ela o olhou de perto.

— Não me diga. A primeira vez que atirou com um desses, você não usou o

protetor de braço, não é?

Ele a encarou e ela sentiu uma estranha sensação de prazer.

— Você não usou, não é? — Ela repetiu.

Ele fez um gesto com firmeza para o alvo.

— Basta fazer seu tiro.

Ela balançou a cabeça em descrença zombeteira.

— Rapaz, você deve ter sido tão idiota.

— Quando você estiver pronta, pode atirar.

Ela se colocou em posição de tiro e levantou o arco. Quando fez isso, não pôde resistir a mais uma investida.

— Aposto que você tinha um para o seu segundo tiro.

— Vamos logo com isso! — Will disparou para ela.

Ela flexionou os ombros e músculos das costas, puxou a corda tanto quanto pôde, avistou o alvo rapidamente e liberou. A flecha acertou o chão diante do fardo de feno.

Ela franziu a testa, recarregou e disparou de novo. O mesmo resultado. Ela olhou de soslaio para Will.

— O que eu estou fazendo de errado?

Ele inclinou a cabeça para ela.

— Oh, você acha que alguém tão idiota como eu poderia ser capaz de lhe dizer? — ele perguntou num tom falsamente doce.

Ela suspirou e revirou os olhos. Não houve resposta, e ela se resignou a deixá-lo ter a última palavra. Quando ele falou de novo, seu tom era rápido e eficiente.

— Você não está acostumada com o peso do arco e está muito ansiosa para liberá-lo. Isso significa que você está deixando cair seu arco, e quando atira a flecha voa baixa. Segure um pouco mais firme. Não por muito tempo, ou seu braço vai começar a tremer. Mas o mantenha estável até depois de ter lançado. Solte a flecha e conte até dois, mantendo o arco na posição de tiro.

Ela tentou de novo, esforçando-se para manter o arco estável por alguns vitais segundos extras. Desta vez, quando atirou, viu o rastro da flecha ir longe e acertar, tremendo, na borda esquerda do fardo. Ela sorriu deliciada.

— Nada mal — Will disse.

Ela reagiu de forma escandalizada.

— Nada mal? Nada mal? Meu terceiro tiro desde sempre e eu acertei o alvo! Isso é melhor que nada mal.

— Se aquele fosse um homem — Wll disse a ela. — Você teria roçado seu ombro esquerdo. Se fosse um cavaleiro, ele provavelmente estaria usando um escudo e sua flecha teria desviado, enquanto ele continuaria se aproximando.

Nada mal não é bom o suficiente. Nada mal teria te matado.

Eles se entreolharam por alguns segundos, ela encarando com raiva, ele com uma sobrancelha erguida em uma expressão zombeteira. Finalmente, ele sacudiu a cabeça para o alvo.

— Mais vinte tiros — ele falou. — Vamos ver se você progride para meio razoável.

Ela gemeu baixinho quando puxou outra flecha. Seus ombros e costas já estavam doendo.

Eu não deveria ter feito piada dele, pensou. Mas a realização veio tarde demais, como acontece tantas vezes.

Capítulo 16

As vinte flechas se transformaram em quarenta. Então Will finalmente cedeu e deixou Maddie descansar o resto do dia.

Naquela noite, os músculos em seus ombros, costas e braços doíam e davam câimbras enquanto ela estava em sua cama tentando dormir. A faixa de luz sob a porta do quarto lhe disse que Will ainda estava acordado. Depois de uma hora, ela se levantou, pé ante pé até foi até a porta e abriu uma fenda, olhando através dela. Seu mentor estava sentado junto ao fogo, com um maço de papéis em seu colo – relatórios de outros feudos, ela sabia.

Enquanto observava, ele pegou uma folha e colocou-a em uma pasta de couro na mesa ao lado de seu cotovelo.

— Poderia ser ele — Will murmurou baixinho.

Em seguida ele pegou o próximo relatório, arrumando a página para que a luz da vela a atingisse diretamente.

Franzindo a testa, pensativa, Maddie voltou para a cama.

— O que foi aquilo? — ela ponderou.

De alguma forma, sentiu que seria um erro perguntar a ele sobre o assunto.

No dia seguinte, depois de ter completado suas tarefas domésticas, Will a mandou fazer novamente. Ela atirou vinte flechas, descansou por dez minutos, então atirou mais vinte. Mais uma vez, suas costas e os ombros gritaram de dor. Mas ela cerrou os dentes e se manteve praticando. Pelo final da semana, ela percebeu que estava se tornando um pouco mais fácil puxar a corda para o comprimento total da flecha. Sua técnica estava melhorando e seus músculos estavam endurecendo. A dor ainda estava lá, mas agora era uma dor surda, não as câimbras abrasadoras dos primeiros dias. E foi diminuindo a cada dia que passava.

Enquanto praticava, ela notou que a preocupação de Will com os relatórios regulares dos Arqueiros de outros feudos continuava. Ele se sentava com as costas contra uma árvore, examinando os novos relatórios quando eles chegavam. Ela sabia que era uma prática padrão para os Arqueiros manterem-se atualizados com os eventos em todo o Reino. Mas sentiu que isto era algo mais do que rotina. De vez em quando, ele acrescentava uma ou duas páginas para o arquivo crescente na pasta de couro.

Após duas semanas, ela descobriu que podia atirar com o arco com relativa facilidade e mantê-lo estável durante vários segundos. Quando isso aconteceu, ela descobriu que sua precisão melhorando e ela estava acertando o centro do fardo mais do que a metade do tempo. Seus erros e quase acertos foram se

tornando cada vez menos frequentes.

Quando ele viu sua técnica e força crescentes, Will começou a trabalhar sua precisão.

— Não tente apontar a haste da flecha para baixo — ele aconselhou-a. — Você tem que sentir onde a flecha irá. Precisa ver toda a imagem – o fardo de feno, o arco e a flecha. Saiba aonde a flecha vai voar.

Ela franziu o cenho.

— Como eu faço isso?

— Há apenas um jeito. Você pratica. Uma e outra vez, de modo que alinhar o tiro e o alvo se torna uma ação instintiva. Depois de um tempo, depois de ver flechas suficientes voarem, você saberá instintivamente onde posicionar o arco na imagem. Quando o alcance aumenta, você também precisará avaliar o quanto você deve elevar a flecha – quanto acima do alvo você precisa apontar para acertar no centro.

Claro, tiro com arco não era a única habilidade que ela estava praticando. Ele também a mandou praticar com sua faca de arremesso e a faca de caça, usando uma tábua de pinho contra uma árvore como alvo. Quando ela se tornou mais proficiente em colocar as facas no alvo a partir de um curto alcance, ele a moveu para trás para que ela tivesse que julgar como girar as facas no dobro de seu caminho até a tábua de pinho.

Pelo menos, pensou, isso não a deixava com dor, com os músculos doloridos. Ela teve que admitir, não havia nenhum som no mundo mais satisfatório do que a ponta de uma faca enterrando-se no pinho.

E nada mais frustrante do que a vibração imprecisa quando a lâmina acertava a lateral da placa e saltava sem causar danos para as árvores.

Havia outras lições, também. Will mostrou como as manchas desiguais das capas que usavam os ajudava a se misturar no fundo da floresta ao seu redor.

— As manchas quebram o contorno natural do corpo de uma pessoa. Não há forma. Tudo é irregular e aleatório, e a coloração coincide com os verdes e cinzas das árvores e vegetação rasteira. Mas o verdadeiro segredo é ficar absolutamente imóvel. A maioria das pessoas se move quando pensa que já foi descoberta. É o movimento que nos entrega. Mas se você fica perfeitamente parada, ficaria surpresa com o quão perto um rastreador pode estar e ainda não saber o local exato. Lembre-se da regra básica: Confie na capa.

As palavras ecoaram em sua própria mente enquanto ele falava. Lembrou-se das inúmeras vezes que Halt as tinha dito. Ele descobriu que havia algo surpreendentemente satisfatório ao passar este conhecimento para uma pessoa mais jovem – especialmente quando ele encontrou Maddie tão ansiosa para aprender. As habilidades de um Arqueiro a fascinavam.

Ela era um espirito aventureiro, como sua mãe, e estava mais adepta a aprender sobre perseguições e armas do que costura e bordado.

Havia alguns aspectos da sua atitude que precisavam de correção. Ela passou toda sua vida até agora sendo mimada e tendo pessoas para aderir a todos os seus caprichos. Como consequência, gostava de ter as coisas de seu jeito. Se as coisas não iam bem imediatamente, ela podia se tornar impaciente e frustrada.

E enquanto ela era uma pessoa muito mais agradável do que tinha sido inicialmente, havia ainda um certo nível de petulância lá também. Como sua mãe, Will pensou, lembrando como Evanlyn era em seus primeiros dias juntos no navio de Erak e em Skorghijl.

Mas Maddie também era determinada – o que era provavelmente o lado inverso da petulância, ele pensou – e que definitivamente ganhou sua aprovação. Ele observou que, mesmo quando não estava atirando, ela colocava a corda no arco então iria passar de vinte minutos a meia hora simplesmente puxando a corda para trás e liberando-a lentamente, construindo sua força e memória muscular.

Ele a ouviu nos fundos da cabana um dia, lutando com a tira grossa extensora para dobrar os limbos do arco e encaixar a corda no lugar.

— Há outra maneira de fazer isso — ele disse. — E você não tem que carregar uma tira extensora o tempo todo.

Ele estendeu a mão e ela lhe passou o arco sem corda. Ele destacou a tira extensora e a devolveu para ela.

— Acho que sua força pode ter melhorado o suficiente para você tentar dessa forma — disse ele.

Ela viu quando ele enganchou uma das pontas recurvadas em toda a frente de seu tornozelo esquerdo, em seguida pisou com seu pé direito através da abertura entre a corda solta e o arco. Então, com o tornozelo esquerdo segurando o arco firmemente no lugar, ele usou o seu peso e a força de suas costas e braço direito para dobrar o arco para frente, usando a coxa direita como um ponto de apoio.

A corda deslizou suavemente até o limbo do arco e ele a assentou firmemente em seu entalhe. Em seguida ele se endireitou e entregou-lhe o arco amarrado.

— Aqui. Você tira a corda da mesma forma. Experimente.

Ela imitou sua posição, então empurrou o limbo do arco para dobrá-lo para que ela pudesse soltar o laço do topo do arco. Ela se esforçou no inicio, mas descobriu que usando a força de suas pernas, costas e ombros recentemente adquiridas e os músculos do braço, ela pôde dobrar o arco para frente.

Ela sorriu triunfante para ele. Ele acenou com a cabeça, sem sorrir. Mas isso não diminuiu seu senso de realização. Ela instalou o arco firmemente contra seu

tornozelo esquerdo, em seguida, soltou para repor a corda.

Ela se esforçou nos últimos centímetros vitais, sentiu uma sensação de realização quando o final da corda deslizou no entalhe.

— É assim que você põe a corda em seu arco? — ela perguntou.

Ela percebeu que nunca o tinha visto fazer isso. Ele deu de ombros.

— Às vezes. É mais fácil com o recurvo – a maneira que se encaixa atrás de seu tornozelo e permanece no lugar. Com um arco normal, ele pode deslizar para fora no momento mais embaraçoso. Mas geralmente, eu uso isto.

Ele apontou para a parte de trás de sua bota direita, e ela percebeu que havia um laço de correia de couro por trás do calcanhar.

— Eu coloco uma extremidade do arco nesse laço, em seguida uso todo o meu corpo para dobrar o arco sobre as minhas costas enquanto eu deslizo a corda no lugar.

Ela assentiu com a cabeça, pensativa, vendo como ele trabalhava.

— Assim, a ideia é usar todos os seus músculos para dobrar o arco – costas, pernas e braços? — ela perguntou.

— Essa é a melhor maneira de fazê-lo. Usa tudo o que eu tenho. Não sobrecarrega parte alguma. A maioria dos Arqueiros é pequena, afinal. Precisamos usar todos os músculos que temos.

Ela olhou para ele com curiosidade. Ela nunca tinha pensado nele como sendo particularmente pequeno. Mas agora percebeu que ele era muito menor que seu pai – e a maioria dos outros cavaleiros e guerreiros que ela tinha conhecido ao longo dos anos. Mais baixo, talvez, mas não menor em torno dos ombros e peito. Ela imaginou que uma vida inteira praticando com seu arco, com todo o seu peso de trinta a cinco a quarenta quilogramas, tinha desenvolvido os músculos até sua atual condição.

Como ele fez tantas vezes, Will pareceu sentir o que ela estava pensando.

— Há algo a ser dito sobre quem é pequeno — ele disse a ela. — Depois de tudo, quanto maior você for, mais difícil será de se ocultar.

Ele acenou para o arco que ela ainda segurava nas mãos.

— Não me deixe interromper sua prática — ele disse, e se afastou.

Os últimos relatórios haviam chegado com o correio naquela manhã e ele precisava vê-los.

Ela começou treinar com o arco, puxando e empurrando, chamando de volta a corda. Agora, ela descobriu, ela podia puxar a corda até seu nariz, até que seu dedo indicador estava quase tocando o canto de sua boca.

— Talvez eu precise fazer algumas flechas mais longas — ela o ouviu dizer.

Ela olhou para cima, surpresa. Pensou que ele tivesse saído, mas ele tinha parado no canto da cabana para assisti-la.

— Continue praticando — ele falou, então se moveu para longe mais uma vez.

Normalmente ela praticava tiro com arco e faca de arremesso à tarde, com as manhãs ocupadas por treinamentos de ginástica, corrida de longa distância e habilidades de camuflagem. Mas neste dia, Will mudou a rotina.

Eles almoçaram juntos na cabana – pão fresco, queijo suculento e maçãs. Ela regou sua refeição com leite fresco, enquanto ele tinha café. Ele havia mostrado a ela como moer os grãos, em vez de apenas jogá-los na panela e mergulhá-los em água fervente. Ele sorveu as últimas gotas em apreciação.

— Você está ficando melhor nisso — disse ele.

Eles limparam a mesa juntos e lavaram seus pratos. Então ela pegou seu arco e aljava, que estavam pendurados em ganchos ao lado da porta. Mas ele balançou a cabeça.

— Não hoje — falou. — Hoje eu quero ver quão boa você é com aquele seu estilingue.

— Eu sou muito boa — ela disse confiante, embora quando pensou sobre isso, percebeu que não tinha usado o estilingue desde que estava em Redmont. Seus dias tinham sido ocupados com o arco e suas facas.

Will levantou uma sobrancelha.

— E é modesta sobre isso também — comentou.

Ela encolheu os ombros, esperando não estragar tudo quando chegasse o momento. Ela foi para o quarto e pegou o estilingue e uma bolsa de munição do baú que continha seus pertences.

Na clareira do lado de fora, Will tinha criado cinco alvos, cada um coberto por um elmo surrado que ele havia recolhido a partir do arsenal de descarte da Escola de Guerra de Redmont. Os cinco alvos estavam postos ao longe, com o mais próximo a apenas vinte metros de distância e o mais longe a mais de quarenta. Não havia simetria na sua colocação.

O alvo mais próximo ficava na extrema direita, o mais distante no meio da linha, com os outros colocados aleatoriamente. Ela avaliou as metas, pensativa. Esse era um teste mais difícil do que o que Halt e Gilan tinham criado para ela no Castelo Araluen. Ela teria que avaliar a distância para cada tiro. Ela amarrou a bolsa de munição em seu cinto, selecionando uma das bolas de chumbo e colocando-a na bolsa do estilingue, deixando a arma oscilar de sua mão direita, balançando livremente. Will assistia de perto enquanto ela carregou o estilingue, em seguida estivou a mão.

— Posso ver? — ele perguntou, apontando para a bolsa.

Ela pegou outra esfera e entregou a ele, vendo como ele avaliou seu peso.

— Chumbo — ele percebeu. — Sua mãe costumava usar pedras, se bem me lembro.

Ela assentiu com a cabeça.

— Eu costumava usar também. E ainda usaria, numa emergência. Mas o peso varia e as formas são irregulares, o que afeta a precisão. Desta forma, eu sei que cada tiro é igual ao de antes. Você não atiraria flechas de diferentes comprimentos e pesos, não é?

Ele balançou a cabeça, apreciando o ponto.

— Onde você as consegue?

— Eu as faço. Tenho um molde. Derreto o chumbo e derramo dentro. Então tiro as pequenas bordas que se formam ao redor da junta do molde.

— Hmmm.

Ele estudou a munição e pôde ver as marcas onde ela suavizou a marca da circunferência. Ele aprovava as pessoas que faziam suas próprias armas e projéteis. Particularmente alguém que era uma princesa e que poderia ter entregue a tarefa para os armeiros do Castelo Araluen.

— Certo, cinco tiros. Um para cada elmo. Vamos ver quão boa você realmente é — disse ele. Ele colocou uma ligeira ênfase na palavra “realmente” e esperou para ver como ela reagia a isso. Ela olhou para ele, apertando os lábios em uma linha fina. Um desafio tinha sido emitido e ela estava prestes a aceitá-lo.

— Qual o primeiro? — ela perguntou.

Ele apertou os lábios em falsa consideração.

— Vamos ver. Esses cinco elmos representam cinco guerreiros Temujai aproximando-se de você, empenhados em separar sua cabeça de seu corpo. Qual você escolheria como o primeiro?

A resposta era óbvia.

— O mais próximo — disse ela e ele acenou, então fez um gesto em direção à linha dos elmos.

— É claro, por agora ele estaria em cima de você e seu pequeno estilingue não faria muita diferença, não é?

Ela entendeu a dica.

Ele viu quando ela virou de lado, avançando seu pé esquerdo em direção ao alvo, o estilingue carregado atrás dela e ela estendendo seu braço direito. Ela deixou-o balançar uma vez, ajeitando a carga na bolsa, então trouxe seu braço direito para cima em um arco quase vertical, chicoteando a cinta e liberando o projétil quando deu um passo com a perna direita.

CLANG!

O elmo que ela tinha escolhido como alvo saltou no ar sob o impacto da

pesada bala de chumbo e retiniu no chão, rolando de um lado para o outro. Quase imediatamente, ela havia recarregado o estilingue e lançou novamente, desta vez no elmo na extrema esquerda da linha.

CLANG!

O tiro atingiu no centro e o elmo girou violentamente no alvo. Mas ela já estava se alinhando para o terceiro alvo. Ela lançou novamente. Mas estava um pouco apressada e a bola de chumbo passou zunindo pelo capacete, errando por 30 centímetros.

Ela hesitou, sem saber se disparava contra esse alvo novamente.

— Ele ainda está vindo para você — Will disse calmamente.

Rapidamente ela recarregou, lançou novamente e enviou o elmo pulando da tora e girando na terra.

Restou um tiro. Ela carregou, se alinhou com o elmo restante mais próximo e atirou. O estilingue chicoteou em cima. A bola de chumbo passou zunindo e bateu na parte frontal do elmo, colocando um enorme novo dente em sua superfície agredida.

Ela olhou para ele, corada.

— Como você acha que foi? — ele perguntou a ela, com o rosto e a voz desprovida de expressão.

Ela deu de ombros, tentando não parecer muito satisfeita consigo mesma.

— Bem, quatro de cinco. Isso é muito bom, não é?

Ele a olhou por alguns segundos em silêncio.

— Havia cinco guerreiros Temujai perseguindo-a — ele disse. — Você acertou quatro deles. Presumidamente, o quinto te atingiu. Nessa situação, quatro de cinco não é muito bom. É bem morto.

Ela se sentiu ficar vermelha de raiva e vergonha. Ele estava certo, pensou. Neste mundo, quatro de cinco não era bom o suficiente.

— Continue praticando — ele disse a ela.

— Até eu acertar — ela completou.

Mas ele a corrigiu.

— Não. Até você não errar.

Capítulo 17

Maddie estava praticando com seu estilingue. Passara uma semana desde sua primeira sessão e agora Will a colocava trabalhando nisso todos os dias. Primeiro passava uma hora com o arco. Então, no outro dia, com as facas.

Eles faziam uma pausa para o almoço e depois Will a deixava praticando com estilingue à tarde. Ela ainda estava usando os cinco capacetes como alvos, mas, a cada dia, Will movia os postes para que sempre formassem diferentes padrões.

— Não serve de nada ter confiança num determinado conjunto de ângulos e distâncias — ele lhe dizia e ela lhe dava a razão.

A sua precisão estava melhorando. Nesses dias, ela normalmente conseguia acertar os cinco capacetes três em quatro vezes. Mas a pontuação perfeita em que Will insistia ainda conseguia escapar-lhe.

Ela reparara num fenômeno interessante. Em cada conjunto de cinco lances, enquanto ela atingia alvo após alvo, a sua tensão nervosa aumentava e os seus músculos começavam a enrijecer naquele tão importante lance final. Como resultado, ela tendia a apressar o lançamento, tentando acabar com aquilo o mais rápido possível. O resultado natural era errar o alvo. Ela mencionou o fato para Will, que lhe respondeu com um aceno de cabeça.

— É uma reação normal — ele disse. — Você consegue ver o resultado perfeito se aproximando e os nervos começam a agir. Tente controlar. Relaxe. Não se apresse. Trabalharemos na sua velocidade mais tarde, mas nessa fase, é melhor demorar um pouco mais em cada alvo, em vez de se apressar e falhar.

Ela estava em sua segunda rodada de cinco lances. A primeira havia sido perfeita. Cinco tentativas para cinco consistentes acertos. Ela fizera mais quatro acertos e agora seria seu quinto. Ela parou, permitindo que sua respiração acalmasse. Ela conseguia sentir a excitação, a tentação para se apressar e acabar com aquilo. Mas ela resistiu.

Melhor atingir o inimigo tardiamente do que falhar por completo, ela pensou consigo mesma. Ela olhou disfarçadamente para Will. Ele estava sentado mais ao lado com as costas apoiadas em uma árvore, as pernas esticadas para frente. Pela primeira vez, ela reparou, ele não estava com aquele sempre presente maço de relatórios ou a pasta de couro. Pensando nisso, ela percebeu que havia alguns dias desde que não a via. O capuz estava erguido, escondendo sua face, e ele parecia dormir. Ela estava disposta a apostar que ele estava fazendo tudo menos isso.

Maddie inspirou fundo novamente, acalmou-se, olhou o alvo e forçou seus

músculos a relaxar. Depois chicoteou o estilingue para cima e para o alto, dando um passo com o pé direito enquanto o fazia.

WHIZZ…CLANG!

O capacete saltou vários centímetros no ar com o impacto, parando no poste de novo, fora do centro e balançando.

— Foram dez tentativas para dez acertos — ela anunciou.

Will nada disse. Ela o olhou de novo. Ele não se movera. Ela suspirou e andou em frente para os postes dos alvos. Dois dos capacetes haviam sido derrubados dos postes, e ela os colocou no lugar. Havia vários chumbinhos na terra e ela os pegou de volta, estudando-os. Estavam distorcidos devido ao impacto com os capacetes de ferro, achatados de um lado ou com ranhuras fundas conseguidas em consequência do choque contra as bordas afiadas dos capacetes. Ela não podia dispará-los de novo naquelas condições, mas sempre poderia derretê-los e moldá-los novamente. Recolheu-os e colocou-os num bolso, seguindo novamente para a linha de lances.

Ela lançou outras cinco vezes, movendo-se suave e graciosamente, controlando a força e a velocidade de cada lance.

Cinco acertos.

Ela sentiu a excitação acumulando-se em seu peito. Três rondadas sem uma única falha. Ela nunca havia disparado três rodadas perfeitas seguidas antes.

Se falhar uma agora, estrago tudo.

O pensamento negativo apoderou-se de sua mente como um vilão. Ela o afastou, zangada, em seguida, andou de um lado para o outro várias vezes, respirou profundamente e balançou as mãos e os braços para dissipar a tensão que estava começando a tomar conta de si.

Girou seu pescoço e ombros para relaxar. Em sua mente, ela se visualizou lançando o próximo chumbinho. Visualizou o lançamento perfeito, coordenado, preciso e poderoso, vendo o borrão do peso enquanto este se movia através da clareira para atingir o alvo selecionado.

Visualize. E faça, Will lhe havia dito. Ela assentiu para si própria e, muito deliberadamente, colocou um chumbo na bolsa do estiligue. Avançou seu pé esquerdo, deixando a mão que continha a arma cair para a direita, o estilingue carregado balançando para frente e para trás como um pêndulo.

Will a colocara atirando nos alvos em ordem contrária com cada conjunto de cinco. No primeiro conjunto, ela atiraria no mais próximo primeiro, progredindo para o mais distante. Então, na segunda vez, ela atiraria no mais distante primeiro.

— Vamos assumir que eles estão fugindo — Will havia dito.

Então ela deveria regressar à ordem original para a terceira rodada, para

depois inverter novamente.

Ela estava na quarta rodada agora, então o seu primeiro alvo seria o capacete mais distante.

O mais complicado primeiro, ela pensara, afastando de novo o pensamento negativo. Ela clareou sua mente, concentrada no alvo, para então puxar suavemente o estilingue para trás, libertando a carga no momento certo.

Ela sabia que fora um bom lance no minuto em que o lançou. Ela seguiu o chumbo até o alvo, seus olhos grudados nele.

Whizz... Clang!

O capacete rodou loucamente e ela sorriu. Daí em diante, os lances haviam-se tornado progressivamente mais fáceis à medida que a distância diminuía.

Whizz... Clang!

O segundo lance atingiu o capacete de modo certeiro, a força do impacto fazendo até mesmo o poste cair da sua posição vertical. Ela recarregou o estilingue, virando-se para encarar o lado do próximo alvo, que estava no extremo esquerdo da linha.

Whizz... Clang!

Outro lance perfeito. Ela recarregou. Faltando dois para a pontuação perfeita. Apenas dois lances. A sua respiração estava acelerando e ela sentia seu coração batendo rapidamente. Ela se forçou a se acalmar, relaxando todos os músculos do corpo, deixando-se ficar calma. Então recarregou, mirou e atirou.

Whizz... Clang!

Um pouco descentrado, mas mesmo assim um lance certeiro. Dessa vez não havia literalmente tempo nenhum entre o som do lançamento e o acerto do capacete.

Quatro de quatro. Dezenove de vinte. Nunca antes ela havia estado tão próxima de uma pontuação perfeita. Ela remexeu em sua bolsa procurando outro peso, colocando-o no estilingue. Quase o deixou cair e percebeu que suas mãos estavam tremendo. Ela respirou fundo uma vez mais, puxando o ar profundamente em seus pulmões, permitindo que seu coração parasse de bater rapidamente com a excitação, procurando pela calma que ela sabia precisar para o último lançamento.

E então, inesperadamente, encontrou-a. A sua respiração e pulsação diminuíram e ela viu o seu lance final com o olho de sua mente. Perfeito, poderoso e extremamente certeiro. Calmamente, ela melhorou sua postura, fixou o olhar no alvo. Seu instinto e a memória de centenas de lançamentos anteriores tomaram conta de si. Ela conseguia fazê-lo. Ela deixou seu peso assentar no seu pé direito, então balançou o estilingue de um lado ao outro, soltando-o e deixando-o escorregar por entre os dedos no momento certo.

Whizz... Clang!

O capacete velho tinha uma rachadura e o lance acertou exatamente nessa falha. Isto causou uma grande rachadura no visor do capacete, penetrando até o lado oposto da estrutura de ferro, que então caiu na areia abaixo. O capacete foi forçado para trás, permanecendo no poste pela margem mais ínfima.

Ela liberou uma enorme e exultante respiração. Um largo sorriso se formou em seu rosto, e ela deu um passo a frente para estudar o efeito do último e perfeito lançamento.

Quatro rodadas. Vinte acertos. Uma pontuação perfeita. As palavras de Will ecoam em sua mente: Pratique até não errar.

Ela o havia feito, ela pensou. Ela olhou de volta para seu mentor. Ele continuava encostado contra a árvore. Mas seu capuz estava para baixo e ele a observava calmamente.

— Isso soou suspeitosamente como uma pontuação perfeita — ele falou.

Ela assentiu avidamente.

— Foi! Vinte em vinte! Eu consegui finalmente!

— Hmmm — ele murmurou, esfregando o rosto. — Bom, veremos se consegue fazê-lo novamente amanhã.

Ele se levantou e ela o fitou, de algum modo desconcertada.

Era só isso? Ela praticara por semanas para acertar... e era isso?

Will sentiu o desgosto dela e o seu tom suavizou um pouco.

— Muito bem — ele falou. — Mas não se deixe levar. Preciso que você seja tão boa quanto consegue ser. E sinto que você pode ser muito, muito boa de fato.

— Oh — ela falou, olhando para o chão e raspando a ponta do pé na terra. Era difícil ficar ofendida quando ele falava uma coisa assim. — Eu suponho que sim...

— Continue praticando durante o resto da semana. Então pensaremos em lhe arrumar um cavalo — ele falou.

Ela deuum passo para trás, olhando-o em confusão.

— Eu tenho um cavalo — ela disse. — Dançarino do Sol, lembra?

Dançarino do Sol era o nome do cavalo arridi que ela havia montado desde o castelo Araluen até Redmont. Ele estava no estábulo atrás da cabana, com Puxão.

— Você precisa de um cavalo de Arqueiro — Will disse.

Maddie empinou o queixo desafiadoramente.

— Um desses pequenos pôneis desgrenhados como o que você monta? — ela falou depreciativamente. — Dançarino do Sol poderia correr em círculos em torno de um desses barris de quatro pernas.

— Você acha? — Will perguntou, seus olhos estreitando. — Pois veremos.

Entretanto, não deixe Puxão ouvi-la falar isso.

— Por que não? Iria ferir sentimentos dele? — ela comentou sarcasticamente.

Will inclinou a cabeça e não respondeu por um ou dois segundos.

— Muito possivelmente. Mas seria mais provável você irritá-lo. E isso nunca é uma boa ideia.

Ele se voltou e começou a andar na direção dos fundos da cabana. Ela o seguiu hesitante.

— Onde estamos indo? — perguntou.

— Vamos colocar as selas em nossos cavalos. Daremos um passeio. Mal posso esperar para ver seu cavalo correndo em círculos em volta de meu pequeno barril de quatro pernas.

Enquanto o seguia, ela teve o desconfortável pressentimento de que acabara de cometer um erro.

— É melhor levarmos algumas provisões. Passaremos a noite fora.

— Onde estamos indo? — ela perguntou.

— Ao vau Derrylon. Fica a apenas um dia de viagem. Acamparemos e regressaremos amanhã. Isso dará a Dançarino do Sol grandes oportunidades para fazer aquele negócio correr em círculos de que você estava falando.

Novamente, Maddie teve o pressentimento de que havia cometido um erro.

Um bem grande.

Capítulo 18

Selaram os cavalos no estábulo. Em seguida, Will pegou uma grande lona enrolada pendurada na parede e amarrou-a atrás de sua sela. Havia outro rolo semelhante pendurado ao lado do primeiro, e ele fez um gesto para Maddie pegá-lo.

— Amarre-o atrás de sua sela — disse ele.

Ela pegou-o e sentiu o peso, olhando para ele com curiosidade.

— O que é isso?

— Equipamento de acampar. Basicamente uma lona impermeável que forma uma tenda, e um cobertor para dormir. Além de algumas outras ferramentas.

Ela sorriu descaradamente.

— Pensei iríamos apenas nos enrolar em nossas capas e dormir debaixo de um arbusto — disse ela.

Will testou a correia do dorso de Puxão – o cavalinho gostava de tomar uma respiração profunda quando o cinto estava sendo apertado, para depois expirar uma vez mais para alargar a alça.

— Você pode fazer isso se quiser — disse Will. — Eu prefiro ficar quente e seco. E parece que vai chover.

Ela amarrou o rolo de lona no lugar. Enquanto fazia isso, Will guiou Puxão até à frente da cabana, entrou na casa e preparou um saco de provisões – café, pão, queijo, maçãs, carne seca e alguns vegetais. Se eles quisessem carne fresca, colocaria Maddie para pegar alguma com o estilingue, pensou. Por fim ele pegou o seu simples pacote de especiarias, condimentos e ingredientes culinários no saco, em seguida, saiu para se juntar a sua aprendiza.

Havia dois odres de água pendurados ao lado da bomba. Ele fez um gesto para eles.

— Você pode enchê-los — disse ele.

Maddie desceu da cela para cumprir a tarefa. Puxão contraiu suas orelhas e olhou para ele com curiosidade.

Will balançou a cabeça.

— Mais tarde — ele murmurou.

Maddie olhou para cima, encharcando a manga com água enquanto olhava o líquido jorrando.

— Você disse alguma coisa?

Ele balançou a cabeça.

— Só limpando a garganta.

Ela passou-lhe um odre e amarrou o outro em sua própria sela. Então,

montou também. Dançarino do Sol deu alguns passos, pronto para correr. Ele não saía havia um ou dois dias e estava cheio de energia e entusiasmo – assim como sua cavaleira. Puxão, pelo contrário, ficou firme e imóvel.

— Vamos lá — disse Will.

Ele guiou Puxão em um galope fácil e lento.

Maddie sacudiu as rédeas de Dançarino do Sol e ele trotou para frente, ansioso em correr. Mas ela segurou-o, fazendo-o dançar um pouco com a cabeça erguida, de modo que ele combinasse seu ritmo com o de Puxão.

— Iremos nessa velocidade o caminho todo?

Will se torceu na sela para olhar para ela. Dançarino do Sol tinha as pernas maiores do que Puxão e ele tinha que virar para cima para encontrar seu olhar.

— Penso que sim — respondeu ele.

Maddie bufou com desdém.

— Não é de admirar que vá tomar o dia todo — ele não respondeu, então ela acrescentou: — Você sabe que Dançarino do Sol é um arridi puro-sangue, não é?

Ele acenou com a cabeça.

— Os arridis têm belos cavalos.

— Eles são rápidos também. Já ouvi pessoas dizerem que eles são os cavalos mais rápidos na terra.

Puxão sacudiu sua crina curta e fez um ruido indelicado. Por um momento, Maddie olhou surpresa para o pequeno cavalo.

Era quase como se ele estivesse respondendo a sua afirmação.

Ela logo descartou a ideia.

— Eles certamente podem cobrir algum terreno — Will concordou calmamente.

Andaram em silêncio por alguns minutos. Dançarino do Sol continuava a puxar as rédeas. Maddie o deteve. Puxão trotou de forma constante.

Ele é como um cavalo de balanço, Maddie pensou, observando o movimento doce e firme de vai-e-vem de Puxão. Ela se contorceu com impaciência em sua sela. Ela podia sentir a energia reprimida de Dançarino do Sol e ela desejava deixá-lo correr livremente – para mostrar a Will como um cavalo de verdade poderia correr.

— Então, onde fica esse vau? — perguntou ela.

Will fez um gesto para o sudeste.

— Nós seguimos a estrada por 20 km ou mais. Então vamos dar em uma bifurcação que leva a Pendletown. Depois de passar pela aldeia, continuamos até chegar ao Rio Derrylon. A estrada leva direto para a passagem — ele fez uma pausa e acrescentou: — É tudo sinalizado.

Ela assentiu com a cabeça, notando particularmente a última declaração. Era

quase, ela pensou, como se ele estivesse dando sua aprovação para ela sair por conta própria. Então ela sorriu.

— Bem, estarei esperando por você lá.

Ela bateu os calcanhares nos flancos de Dançarino do Sol, relaxando o aperto em suas rédeas. Instantaneamente, o cavalo castrado saltou para frente, mergulhando nos primeiros metros, em seguida reunindo velocidade enquanto se acomodava em sua marcha. Seus cascos faziam uma batida rápida na superfície da estrada, levantando nuvens de poeira a cada passo.

A capa e o cabelo de Maddie esvoaçavam atrás dela, e Will escutou sua risada satisfeita.

— Ele é bem rápido — Will comentou.

Puxão virou a cabeça e olhou-o com seu olho esquerdo.

Não tão rápido quanto Tempestade de Areia.

— Não. Talvez não. Mas não há muitos como ele.

Eu bati Tempestade de Areia.

— Eu me lembro. Mas só conseguiu isso nos últimos metros.

O pequeno cavalo bufou com desprezo.

Eu estava despistando.

— É claro que você estava.

Ele sentiu Puxão começar a puxar suas rédeas, mas segurou-o.

Você quer que eu o alcance agora?

Will estreitou os olhos para procurar por Maddie. Ela e Dançarino do Sol eram pequenas figuras à distância. Uma nuvem de poeira estava à deriva no ar por trás deles. Então eles fizeram uma curva na estrada e desapareceram por entre as árvores. A poeira assentando gradualmente era tudo o que restava para mostrar por onde eles passaram.

— Ainda não — Will falou. — Mais tarde.

Maddie exultou com a rajada de vento através de seu cabelo e os avanços poderosos e suaves de seu cavalo. Isso era montar, ela pensou, e incitou Dançarino do Sol para uma velocidade ainda maior. Quando chegou à primeira curva na estrada, virou-se na sela para olhar para trás.

Will e Puxão eram pequenas figuras ao longe agora, arrastando-se impassivelmente adiante.

Bem, ela pensou, o que você poderia esperar de um barril desgrenhado assim? Ao longo dos anos, ela ouvira as pessoas falarem de cavalos de Arqueiros com certo grau de admiração. Agora que vira um de perto, não conseguia entender porque tanta excitação.

— E ele deve ser um dos melhores — disse ela em voz alta.

Afinal, Will era um dos Arqueiros mais velhos. É claro que ele teria um dos melhores cavalos da Corporação – senão o melhor.

Ela sentiu um delicioso flash de rebelião mexendo dentro dela. Will era tão capaz, tão bem informado, por isso, superior a ela em praticamente todos os sentidos. Ele podia perseguir alguém onde havia uma pista para ser encontrada. Podia disparar com uma velocidade fantástica e uma precisão infalível.

E sua capacidade com as facas era quase sobrehumana – ele era rápido e mortalmente preciso.

Mas aqui estava algo em que ela era melhor. Num súbito momento de honestidade, ela emendou esse pensamento. Seu cavalo era melhor que Puxão, pensou. Mas então, se ela teve a inteligência para selecionar um cavalo superior, por que não deveria compartilhar essa superioridade?

Dançarino do Sol ultrapassaria o pequeno pônei cinzento de Will sem problemas, ela disse a si mesma. E quando esse pensamento, ela decidiu que queria que sua vitória fosse esmagadora. Não seria o suficiente simplesmente vencer Puxão e Will chegando até o vau de Derrylon. Eles fariam isso por completo, esmagadoramente. Se Will disse que levaria um dia para chegar à passagem, ela decidiu que iria fazê-lo em metade do tempo.

Ela se inclinou sobre o pescoço de Dançarino do Sol.

— Vamos lá, garoto! Temos algo a fazer.

As orelhas de Dançarino do Sol se voltaram e ele sacudiu a cabeça em delírio.

Ele gostava de correr. Na verdade, ele vivia para correr. Isso tinha sido criado em sua linhagem geração após geração. Ele aumentou seu passo e acelerou.

Maddie gritou em delírio. Ela nunca o tinha sentido correr tão rápido antes!

Foi emocionante e ela entregou-se à pura emoção da corrida.

Puxão continuou seu galope constante, medido.

Dugga-dum, dugga-dum, dugga-dum, ecoavam seus cascos na superfície dura da estrada.

De tempos a tempos, Puxão virava a cabeça para olhar Will. Mas seu cavaleiro nunca respondia a estas sugestões. Finalmente, Puxão decidiu abordar o assunto diretamente.

Diga-me quando você quiser que eu comece a correr.

— Confie em mim. Você vai ser o primeiro a saber.

Dugga-dum, dugga-dum, dugga-dum.

Deve-se ser dito que, normalmente, Maddie não era o tipo de pessoa que permitiria que seu cavalo se excedesse. Geralmente, ela tinha o cuidado de controlar sua montaria e garantir que ele ficasse dentro de seus próprios limites.

Mas a emoção do passeio, a exultação da velocidade que ela sentiu e a tentação de mostrar a Will quão superior Dançarino do Sol era, induziu-a ao erro.

Eles haviam galopado descontroladamente por quilômetros quando ela sentiu o vacilar do passo do cavalo arridi. Então Dançarino do Sol balançou a cabeça e continuou. Mas ela entendeu o quanto estava pedindo para ele.

Seus flancos estavam listrados com espuma e suas laterais estavam inchando como um fole enquanto ele sugava grandes golfadas de ar. Ela se tornou consciente de que ele estava gemendo alto a cada respiração e ela foi instantaneamente preenchida com remorso. Ela diminuiu o passo, embora ele resistisse a seus esforços inicialmente. Ele estava disposto a galopar até cair de exaustão.

Ela puxou as rédeas com firmeza, verificando seu instinto irracional para continuar correndo, falando baixinho com ele, aumentando gradualmente a pressão contra a rédea até que ele permitiu que ela o parasse.

O cavalo parou, as pernas afastadas e respirando pesadamente. Maddie rapidamente desmontou, acariciando seu pescoço e andando em volta dele para ter certeza de que ele não havia se machucado.

— Está tudo bem.

Felizmente, ela tinha percebido o erro a tempo.

Ela jogou um pouco de água em sua mão e segurou-a perto do focinho de Dançarino do Sol. Ele empurrou o focinho macio contra a mão dela e bebeu. Ela continuou a deixar o filete de água escorrer para a mão em concha.

— Não muito. Não muito rápido.

Ele bufou, agradecido. Maddie alargou a cinta da sela e puxou um cobertor velho de sua bolsa, esfregando e falando gentilmente com o cavalo. Tinha sido por pouco, ela percebeu. Se ela continuasse por muito mais tempo, poderia muito bem ter arruinado seu belo cavalo.

Quando ele já estava esfregado, ela o levou para o lado da estrada e deixou-o comer grama durante alguns minutos. Mentalmente, ela se culpou por ter estado tão perto do desastre. Não foi culpa de Dançarino do Sol, ela sabia. A culpa era somente dela. Ela era a cavaleira. Era a única que deveria tê-lo controlado, lavando em conta a sua energia e resistência.

Ela o deixou descansar por alguns minutos, em seguida, tomou as rédeas e conduziu-o de volta para a estrada. Andaria à pé por um tempo, até que ele se

resfriasse adequadamente e se recuperasse. Ela saiu e ele a seguiu mansamente. Ela se virou, observando-o por um minuto ou dois, certificando-se de que não havia nada de errado com a sua marcha – que ele não tinha distendido qualquer músculo ou ligamento em sua corrida desvairada.

Para seu alívio, ele parecia bem. Ela sorriu com carinho, sacudindo a cabeça em admiração quando pensou em sua incrível velocidade e vontade, grata que não houve qualquer dano permanente nele. Ela se perguntou quão atrás deles Will e Puxão estavam.

— Estamos provavelmente tão à frente que poderíamos andar o resto do caminho e ainda vencê-los — ela disse para Dançarino do Sol.

Ele balançou a cabeça, cansado, arrastando-se atrás dela.

Em seguida ela percebeu um som atrás deles. Um barulho regular, rítmico.

Dugga-dum, dugga-dum, dugga-dum.

Ela girou. Will e Puxão faziam a curva atrás eles e seguiam galopando lentamente na direção deles, ainda se movendo naquele ridículo galope constante. Mais uma vez ela teve a ideia de que Puxão corria como um cavalo de balanço.

Seja como for, ela pensou, ele era um cavalo de balanço muito consistente.

Will parou a seu lado. Ele não checou Puxão, já que haviam continuado sempre naquela velocidade.

Dançarino do Sol ergueu a cabeça com a visão do cavalo menor e puxou as rédeas, mas ela o segurou.

— Seu cavalo parece cansado — Will observou amigavelmente, enquanto começava a se mover para frente.

— Ele vai ficar bem — ela falou em tom desafiador.

Ele virou-se na sela para olhar para ela enquanto ele e Puxão se distanciavam.

— Estou feliz em ouvir isso — disse ele. Em seguida, encarou a estrada à frente e falou por cima do ombro: — Vamos esperar por você em Pendletown.

Ela olhou para as costas dele, em seguida, virou-se e começou a apertar o cinto da sela de Dançarino do Sol novamente. O arridi, desgastado como estava, movia-se nervosamente, ansioso para galopar após Puxão. Ela colocou um pé no estribo, depois parou.

Ele não estava pronto ainda. Se permitisse que ele corresse, ela poderia ferilo. Relutante, tirou o pé do estribo e afrouxou a cinta novamente. Então voltou a levar o cavalo em uma caminhada.

Na próxima curva, Will vigiava por cima do ombro. Ele a viu começar a montar, em seguida, viu-a chegar a uma decisão e começar a caminhar mais uma vez.

— Boa menina — disse ele, com aprovação.

Como?

Puxão, é claro, estava de frente para a estrada e não tinha visto o momento de indecisão de Maddie.

— Ela não vai maltratar seu cavalo, mesmo que isso signifique perder a corrida. Nós ainda faremos dela uma Arqueira.

Eles cavalgaram em silêncio por vários minutos antes de Will falar novamente.

— Se ela apenas bebesse café.

Dugga-dum, dugga-dum, dugga-dum.

Capítulo 19

— A coisa é — Will falou — precisamos de qualidades particulares em um cavalo.

Passaram-se três dias desde que retornaram do vau. Dançarino do Sol levara a pior da experiência. Puxão, é claro, meramente ligou para a longa viagem, como parte integrante de sua vida. Hoje eles estavam montando lado a lado, embora Will ainda não tivesse dito onde eles estavam indo. Maddie poderia estar imaginado, mas ela pensava que Dançarino do Sol estava mostrando um novo nível de deferência para com o desgrenhado cinza de Will.

— Que tipo de qualidades?

— Velocidade, é claro — respondeu Will. — E seu arridi tem isso. Em curto prazo, ele é, possivelmente, mais rápido que Puxão.

Puxão sacudiu a crina e bufou. Will sorriu e se inclinou para frente, acariciando seu pescoço.

— Eu diria que ele é definitivamente mais rápido — Maddie apontou. — Afinal de contas, ele simplesmente galopou para longe de vocês dois no outro dia. Você viu.

— Sim. Eu vi — Will respondeu uniformemente. — Mas Puxão não estava se esforçando então. Ele estava trotando para conservar sua força.

— Então, quão rápido ele pode correr? — Ela desafiou, virando de lado na sela para estudar o cavalinho. Como antes, ela pensou que ele era uma visão bastante inexpressiva.

Para sua surpresa, Will deu de ombros.

— Eu não sei.

Ela olhou para ele com ceticismo.

— Você nunca o viu correr? — Ela perguntou.

Ele balançou a cabeça.

— Eu o vi correr muitas vezes. E a cada vez, ele correu o mais rápido, como ele tinha que fazer. Mas eu não tenho ideia se isso era o mais rápido que ele podia ir. Na verdade, eu duvido.

Maddie franziu a testa, incerta. Ela não tinha certeza de que o entendia.

Conte a ela sobre Tempestade de Areia.

Will considerou a sugestão de Puxão, e depois assentiu.

— Alguns anos atrás, estávamos no deserto arridi — ele começou.

Maddie assentiu ansiosamente.

— Sim. Foi quando minha mãe foi resgatar o oberjarl escandinavo?

Ela tinha ouvido referências vagas desse evento, mas nem a mãe nem o pai

preencheram qualquer um dos detalhes. Agora, ela sentiu que estava prestes a aprender mais sobre essa aventura, e então endireitou-se de modo que esse vê-lo enquanto ele continuava.

— Precisamente. Em qualquer caso, numa situação, eu tive que competir com Puxão em uma corrida contra um garanhão arridi chamado Tempestade de Areia. Ele era um verdadeiro campeão, o melhor no rebanho bedullin.

— Bedullin? — Ela repetiu hesitante. Ela não estava familiarizada com esta palavra.

— Os Bedullin são uma tribo nômade arridi. Grandes cavaleiros e criadores de cavalos maravilhosos. Um dos seus jovens rapazes tomou posse de Puxão.

Na verdade, é claro, o ocorrido acontecera ao antecessor do atual Puxão, que estava envolvido na corrida, mas Will não queria entrar nesse tópico, ou em sua crença de que o personagem de seu cavalo transferiu-se de uma encarnação para a próxima. Ele não tinha certeza de que poderia explicar corretamente se tentasse.

— Fôramos separados por uma tempestade de areia. O jovem bedullin encontrou Puxão no deserto e clamou por ele — afirmou ele.

Maddie olhou para o pequeno cavalo.

— Por quê? — Ela perguntou, pouco diplomática.

Will olhou a encarou por alguns segundos, depois balançou a cabeça. Quando ele falou, havia um toque de irritação em sua voz.

— Porque eles são grandes juízes em matéria de cavalo — respondeu asperamente. — Eles olham para além do óbvio.

E eu tenho uma grande beleza interior.

Distraidamente, Will deu outro tapinha no pescoço de Puxão.

— De qualquer forma — continuou ele — Tempestade de Areia foi a escolha de seu rebanho. Ele era a montaria pessoal do líder. Eu os convenci de que, se Puxão pudesse vencê-lo em uma corrida, eu ficaria Puxão.

— Por que eles apenas não ficaram com Puxão de qualquer maneira? Por que eles têm que fazer uma corrida?

— O jovem em questão estava tendo um pouco de dificuldade para montar e eu concordei em ajudá-lo caso ele vencesse a corrida.

Ela bufou com desdém.

— Não devia ter muito de cavaleiro — ela observou. — O que há de tão difícil para montar nele?

Ele estava prestes a responder, então parou. Sentiu um súbito impulso perverso. Maddie estava tão segura de si mesma, rápida para denegrir Puxão.

— Eu te contarei mais tarde. De qualquer forma, Tempestade de Areia decolou como uma flecha para fora de um arco. Puxão saiu atrás dele, mas ao

longo dos primeiros cinquenta metros, Tempestade de Areia mantinha-se muito a frente.

— Bem, é claro que ele o fez — disse ela, confortável em sua própria certeza.

— A coisa é, eu estava confiante de que Puxão iria durar mais que Tempestade de Areia. Nossos cavalos de Arqueiro são criados para ter uma enorme resistência e tive a certeza de que a corrida era de uma grande distância, não apenas uma corrida de velocidade. E na segunda parte da corrida, Puxão começo a ganhar terreno. Nós gradualmente emparelhamos, e estávamos correndo cabeça a cabeça, com apenas trezentos metros para a chegada.

Will olhava para a paisagem à frente, mas em sua mente, enxergava a pista de corrida no deserto mais uma vez, voltando por sobre os muitos anos que se passaram.

— Puxão corria mais rápido do que eu já o tinha visto correr. Mas Tempestade de Areia era um grande cavalo. Começou a nos ultrapassar. Nós o acompanhamos por um metro ou mais. Então ele nos pegou e passou a frente na curva de volta.

Ele fez uma pausa, lembrando-se.

Os olhos de Maddie se iluminaram com a emoção da história.

— O que aconteceu?

— Bem, Puxão meio que assumiu. De repente, ele acelerou na frente do outro cavalo, deixando-o para trás. Mas Tempestade de Areia recuperou a diferença mais uma vez, e quando ele deu seu arranque final, senti Puxão vacilar em seu passo.

— Você o forçou mais do que deveria — disse ela, lembrando-se de como ela tinha feito o mesmo com Dançarino do Sol três dias antes.

Em seguida, ela franziu a testa. Puxão estava aqui com eles. Então, obviamente eles não tinham perdido a corrida.

— Foi o que pensei. Esse leve vacilo foi o suficiente para fazer Tempestade de Areia dar tudo o que tinha. Ele se afastou novamente, correndo como o vento. Então ele se cansou, e Puxão de repente se recuperou e passou acelerado por ele. Eu não tinha ideia de como Puxão podia se mover tão rápido como ele fez. Mas ainda mais surpreendente, ele enganara o outro cavalo, forçando-o a usar sua reserva de energia. Aquela pausa em seu passo tinha sido intencional, incitando Tempestade de Areia a fazer um grande esforço.

Will sorriu para seu cavalo e inclinou-se para acariciá-lo entre as orelhas.

— A coisa é, precisamos de cavalos que combinem a resistência e a velocidade. Um cavalo Arqueiro pode mover-se incrivelmente rápido, como você verá mais tarde. Mas ele também pode manter-se constante no galope como

você viu antes hora após hora, com apenas um pequeno descanso. Nós precisamos disso. Nós viajamos sozinhos. Se estivermos sempre em um local apertado, precisamos saber que nossos cavalos podem durar mais que os cavalos de nossos inimigos – mesmo que tenham remonta disponíveis para eles. Nós temos apenas um cavalo. Precisamos ser capazes de confiar nele. Nossos cavalos têm que ser inteligentes e astutos. E rápidos também. E capazes de trabalhar todos os dias sem pausa. Essa é a forma como eles são criados. Nossos criadores de cavalos os criam dessa forma para as gerações seguintes.

— Então para onde vamos agora? — Perguntou ela, embora imaginasse que já sabia. As palavras de Will confirmaram suas suspeitas.

— Nós vamos ver o Jovem Bob. Ele é o nosso criador de cavalos sênior. E tem o seu cavalo Arqueiro pronto para você.

O Jovem Bob foi uma espécie de revelação. Ele caminhou para fora de sua cabana a fim de cumprimentá-los.

Sua pele era bronzeada por anos de exposição ao sol e ao vento. Ele era quase completamente careca, com apenas alguns tufos de cabelo branco fino de cada lado da cabeça. Quando ele sorriu, Maddie viu que ele tinha poucos dentes à esquerda, e seu rosto era enrugado e vincado com a idade. Ela não podia nem pensar em avaliar quantos anos ele poderia ter.

Apenas seus olhos eram jovens. Eles eram azuis, brilhantes e exigentes.

— Bom dia para você, Arqueiro Will — disse Jovem Bob.

— Bom dia, Jovem Bob. Espero que esteja se mantendo bem — cumprimentou Will.

Jovem Bob assentiu várias vezes, enquanto considerava as palavras.

— Ah, sim. Não posso me queixar. Tenho essa dor agora e depois, é claro, minhas costas, por vezes me dão uma terrível pontada... — Ele gargalhou.

Era um som estranho, de alta frequência, mas Maddie pensou que era apropriado, vindo a partir desta figura.

— Mas lá vou eu me queixando, não é? — Jovem Bob disse rindo, depois parou abruptamente e virou-se surpreendido. Seu olhar perspicaz estava sobre Maddie, a fez sentir que estava sendo avaliada.

— Nunca houve uma aprendiza antes — ele observou.

Ela assentiu com a cabeça.

— Eu sei.

— Então, como está indo? Você está gostando?

Ela hesitou. Já fazia algum tempo desde que ela tinha considerado a pergunta. Os dias tinham sido muito ocupados aprendendo novas habilidades,

aperfeiçoando sua pontaria e atirando, e ele se atrevia a perguntar se ela estava gostando.

— Sim. Estou — ela respondeu depois de uma pausa. Ela estava surpresa por querer dizer mesmo isso.

Jovem Bob inclinou a cabeça para um lado para estudá-la mais de perto.

Seu sorriso desapareceu quando ele olhou para ela, avaliando-a. Ele pareceu aprovar o que viu.

— Bom pra você. É uma grande oportunidade que lhe foi dada. Faça bom proveito disso.

— Eu pretendo — ela respondeu, consciente do olhar de Will avaliando-a.

Consciente, também, que ela quis dizer o que disse. Ela planejara aproveitar ao máximo esta oportunidade e sentiu outra rápida sensação de surpresa quando percebeu isso.

E de repente, aquele sorriso dividiu o rosto enrugado do Jovem Bob.

— É claro, ela não pode ser uma Arqueira sem um cavalo de Arqueiro, pode, Arqueiro Will?

— Isso é o que eu venho dizendo.

— Então é melhor eu buscar um para ela.

O Jovem Bob virou-se, mancando rapidamente para um grande edifício sólido que ficava atrás de sua cabana.

Quando julgou que ele estava bem fora do alcance da voz, Maddie se inclinou na sela e sussurrou para Will: — Por que você o chama de Jovem Bob? Ele é positivamente um ancião.

Tarde demais, ele ergueu a mão para pará-la. Mas o Jovem Bob virou-se para enfrentá-los, rindo mais uma vez.

— Porque meu pai é o Velho Bob – e ele é ainda mais ancião que eu.

Ele virou-se novamente, retomando aquela estranha marcha meio saltitada em direção aos estábulos. Ele tinha andando mais cinco metros quando olhou por cima do ombro para ela.

— E ele é o único surdo. Eu não.

Maddie olhou para Will, as mãos erguidas com a palma para cima, em um gesto impotente. Ele deu de ombros. A figura encurvada desapareceu no edifício estável. Alguns segundos depois, eles ouviram um relincho de cavalo de dentro do grande edifício.

Puxão respondeu instantaneamente. As orelhas de Dançarino do Sol levantaram e ele olhou em volta. Ele estava um pouco inseguro naquele ambiente.

Puxão, pelo contrário, parecia perfeitamente em casa. Jovem Bob saiu para a luz do sol da manhã puxando um cavalo atrás de si. Apesar de suas dúvidas

quanto aos cavalos dos Arqueiros, Maddie inclinou-se com expectativa. Esta seria sua montaria, depois de tudo.

Como Puxão, ele era atarracado e tinha corpo de barril, e as pernas meio curtas. Sua crina e cauda eram longas e o pelo da lateral era todo desgrenhado. Mas ele tinha sido escovado até o pelo brilhar. E ela sentiu um nó em sua garganta quando viu que ele era um animal malhado – marcado com padrões irregulares de branco e preto. Ela sempre gostou de malhados.

Jovem Bob conduziu o cavalo até eles. Puxão relinchou novamente e avançou para acariciar o outro cavalo. Dançarino do Sol pisou nervosamente, recuando alguns passos.

— Este aqui é o Bumper — Jovem Bob disse.

— Bumper? — Perguntou Maddie.

O criador de cavalos riu novamente, dando tapinhas carinhosos no cavalo.

— Ele tem esse nome porque quando era um potro, gostava de chocar-se com as coisas. vocês sabe, bumper, para-choque... Ele não faz muito isso agora.

Como se pegando a deixa, o malhado empurrou-a com o nariz, fazendo-a cambalear alguns passos.

— Bem, na maior parte do tempo, de qualquer maneira — ele admitiu.

Maddie estava estudando o cavalo, discernindo os poderosos músculos escondidos sob o pelo bem escovado. Bumper olhou para ela e ela viu a inteligência e empatia em seus olhos. Sentiu uma onda repentina de propriedade – não, ela pensou, era mais como amizade.

— O que você acha dele? — Will perguntou, com os olhos na direção de sua jovem aprendiza.

E pela terceira vez em dez minutos, Maddie se viu um pouco surpresa com sua resposta.

— Ele é lindo — ela falou em voz baixa.

Capítulo 20

— Bem, eu vou selá-lo para você — Jovem Bob disse a ela. — Suponho que queira usar a sua própria sela?

Ela assentiu com a cabeça enquanto descia das costas de Dançarino do Sol. A sela era um item muito pessoal. Ela estava acostumada com aquela e estava confortável nela.

— Sim, por favor.

Jovem Bob começou a se mover em direção a Dançarino do Sol, mas Will levantou a mão para detê-lo.

— Penso que Maddie pode tirar a sela de seu próprio cavalo — disse ele. — Essa pode ser uma mania que pode continuar, e não temos nenhuma mão estável para nos ajudar na cabana.

Maddie não se importava de selar e domar o cavalo. Ela tinha feito isso há vários anos. Jovem Bob pulou para longe da cerca e pegou uma corda com laço. Ele colocou-a sobre o pescoço de Dançarino do Sol enquanto Maddie retirava o freio do arridi.

— Bom cavalo — disse ele, olhando com aprovação para os traços de Dançarino do Sol. — Tem uma boa revolução de velocidade, esses arridis, e uma bela natureza também. Pena que ele é um cavalo castrado.

Maddie colocou as rédeas sobre a cabeça de Bumper. O pequeno cavalo na verdade baixou a cabeça para que ela pudesse fazê-lo. Ela parou e olhou com curiosidade para Jovem Bob.

— Por que isso? — ela perguntou.

— Teria gostado de pegá-lo emprestado por um ano ou algo assim. Usá-lo em nosso programa de criação.

— Ele tem as pernas um pouco finas para um cavalo Arqueiro, não é? — Will perguntou.

No decorrer de sua carreira, ele tinha derrubado muitos cavaleiros armados pela simples razão de ter Puxão indo de cabeça em seus cavalos. As pernas dos arridi eram frágeis demais para esse tipo de comportamento, ele pensou.

Bob coçou o nariz, pensativo.

— Mas mesmo assim, poderíamos utilizar a velocidade. Crie com algo um pouco mais pesado e você poderá obter velocidade e uma boa construção sólida também.

Maddie colocara o freio e o arreio agora. Bumper abriu e fechou a boca, mastigando até que encontrou uma posição confortável. Maddie rapidamente soltou a sela.

O malhado empurrou seu pescoço para a frente para estudar a sela. Ela sentiu sua respiração quente em suas mãos quando ele cheirou e bufou, as narinas distendendo para então contrair enquanto ele respirava regularmente.

Depois de alguns segundos, ele endireitou-se de novo e balançou a cabeça várias vezes, como se estivesse dando-lhe a sua aprovação.

Virou-se, em seguida, pegou o cobertor de sela de Dançarino do Sol de volta. Mais uma vez, ela permitiu que Bumper o estudasse, tendo certeza de que ele deu a sua aprovação. Então ela estendeu sobre suas costas, arrumou-o de forma suave e uniforme, sem rugas. Ela abaixou-se, e com um leve grunhido de esforço, ergueu a sela para o dorso do cavalo. Bumper virou a cabeça para ela com curiosidade.

Ela sorriu para ele.

— Tudo bem? — Ela perguntou, e ele sacudiu a crina várias vezes.

Ela abaixou para pegar a cinta da barriga que estava pendurada, então, empurrando a tampa da sela e estribo para expor o final da fivela, passou a tira através da fivela e apertou-a.

Ela puxou-a mais um ponto para que a sela estivesse bem encaixada nas costas do cavalo. Fez uma pausa, observando Bumper para ver se ele ia soltar qualquer respiração reprimida – vira o pequeno truque de Puxão quando Will o selava ao longo das últimas semanas. Mas Bumper não tinha essa malícia. Ela acariciou seu pescoço com aprovação e ele olhou para ela novamente, movendo a cabeça para cima e para baixo. Por um momento, ela podia jurar que ele estava tentando falar com ela. Ela abanou a cabeça, descartando o pensamento.

Maddie puxou a aba lateral e o estribo de volta para baixo, para a posição certa, e olhou para os dois homens que a assistiam. Havia alguma coisa... uma expectativa na maneira que eles observavam. Ela olhou de um para o outro. Tinha a sensação de que eles sabiam de algo que ela desconhecia.

— Antes de montar... — Jovem Bob começou, mas foi rapidamente cortado.

— Existe alguma coisa que você queira perguntar? Você sabe tudo o que precisa?

Um olhar se passou entre os dois. Ela inclinou a cabeça para um lado e sorriu. O sorriso era um pouco arrogante.

— Já montei um cavalo antes, você sabe.

Will assentiu.

— Então você sabe.

— E ele parece muito calmo e tranquilo — ela falou.

Will franziu os lábios, pensativo.

— Calmo é preciso. Eu não tenho certeza de que tranquilo seja a escolha correta da palavra.

Ela sorriu com indulgência, olhando para Bumper, parado como uma rocha, sem a habitual inquietação que os cavalos muitas vezes têm quando acabam de ser selados.

— Oh, eu acho que é bastante precisa — ela falou, confiante.

Will fez um gesto amplo com a mão direita.

— Então, se você está certa, vá em frente.

Ela olhou para Jovem Bob, que deu de ombros. Ela tomou as rédeas na mão esquerda e virou o estribo para que pudesse colocar o pé esquerdo nela. Ao fazê-lo, Bumper voltou a estudá-la. Ali estava uma expectativa em sua expressão, ela pensou.

Em seguida, balançou a cabeça. Cavalos não têm expressões, disse para si mesma.

Ela saltou uma vez com o pé direito no chão. Observou que Bumper ficou perfeitamente imóvel para ela. Muitas vezes um cavalo tentava andar para longe quando o cavaleiro tentava montar. Ela balançou a cabeça para ele.

— Bom garoto — ela falou, e subiu facilmente na sela.

Foi então que o inferno se libertou.

Bumper pareceu pular do chão com todas as quatro patas, arqueando as costas e deixando-a sem equilíbrio. Então ele desceu com força, rangendo os dentes e prontamente colocando a cabeça para baixo, erguendo o traseiro para o ar.

Maddie era uma boa amazona, mas nunca tinha sentido isso num cavalo antes. Além disso, ela ainda não tinha se assentado firmemente e sentiu-se escorregar para a direita.

Bumper explodiu de novo em outro daqueles pulos de primavera. Mas desta vez ele foi para a esquerda, na direção contrária a que ela caía. Madie percebeu que nunca iria sentar direito e chutou o pé esquerdo livre do estribo. Estava muito óbvio que ela iria cair. Bumper começou a se erguer sobre as pernas traseiras. Ela se inclinou para frente para compensar e percebeu, tarde demais, que ele estava blefando.

Sua cabeça baixou novamente e seu traseiro se ergueu, atirando-a no ar como um equino-catapulta-gigante. Ela sentiu deixar a sela, voando para além do cavalo. Ela se torceu no ar, na esperança de conseguir cair de alguma forma de pé. E ela quase o fez. Mas estava muito fora de equilíbrio para aguentar completamente e caiu de joelhos na areia.

Gemendo, ela estava deitada no pó, tentando desesperadamente trazes o ar de volta a seus pulmões temporariamente vazios. Ela abriu os olhos e descobriu Bumper a olhando de cima, uma expressão interrogativa no rosto. Ele bufou baixinho, soprando ar quente sobre o rosto dela. Era quase como se estivesse

verificando se ela estava bem.

Ela rolou para o lado dele e ficou de joelhos, procurando em torno do cercado do celeiro. Jovem Bob e Will estavam olhando para ela com várias expressões. Dançarino do Sol estava alarmado. Puxão parecia estar sorrindo calmamente.

Maddie se levantou, um pouco trêmula, e olhou para eles.

— Você sabia que ia acontecer — ela falou em tom acusador.

Will considerou a declaração durante um segundo mais ou menos. Em seguida, assentiu.

— Bem, sim, como uma questão de fato — confirmou ele.

Ele esperou até que Maddie tivesse batido um pouco da poeira de suas roupas, em seguida, continuou.

— É que você talvez tenha sido um pouco... condescendente sobre os nossos cavalos. Pensei que poderia ser útil se você visse que eles não são todos sólidos, calmos e tranquilos. Que eles têm certa quantidade de fogo neles.

Ela esfregou as costas dolorosamente.

— Você tem esse direito — disse ela.

Ela olhou para Bumper, que se aproximou dela e esbarrou suavemente com sua testa. Não havia nenhum sinal de maldade ou comportamento contrário em seus olhos. Eles eram grandes e escuros, brilhantes e amigáveis.

— Por que você fez isso? — Ela perguntou a ele.

— Porque ele foi treinado dessa maneira — Jovem Bob explicou.

Ela o fitou, incrédula.

— Você o treinou para mim, sempre que eu montá-lo, ele...?

Ela não podia ver muito futuro em ter um cavalo que se comportava dessa maneira.

Mas o Jovem Bob estava balançando a cabeça.

— Ele foi treinado para não aceitar ninguém que não tenha dito a frase de permissão.

Ela franziu o cenho e Will explicou.

— Todos os nossos cavalos têm uma frase código. Se você usá-la quando conhecer um cavalo Arqueiro, ele vai permitir que você monte nele sem problemas. Caso não faça isso, ele vai sacudir como o próprio Gorlog até derrubá-la. O que, no seu caso, não levou muito tempo.

— Gorlog? — Perguntou ela. — Quem é Gorlog?

— Um deus escandinavo muito útil — ele respondeu.

Mas ela ainda estava absorvendo o resto do que ele disse.

— Então cavalos de Arqueiro tem algum código secreto? Nunca ouvi falar de uma coisa tão estranha.

— Você nunca ouviu falar de alguém que roubou um cavalo Arqueiro, também — Jovem Bob riu de prazer.

— O que veio a ser útil várias vezes em minha vida — Will apontou.

Mais uma vez, Maddie franziu o cenho, sem acreditar muito neles. Tudo parecia rebuscado demais.

— Então eu tenho que dizer essa... frase de permissão... sempre que eu montar nele?

Jovem Bob balançou a cabeça.

— Só pela primeira vez. Depois disso, ele irá reconhecê-la.

— Então, o que tenho que dizer? — Ela abordou Will, mas ele apontou para Jovem Bob.

— É diferente para cada cavalo — Will respondeu. — Você pode muito bem saber que para Puxão é “Tudo bem?”. Pode chegar um momento em que você terá que montá-lo, por isso vale a pena você saber.

Maddie olhou para Jovem Bob agora. Ela ainda não tinha certeza se acreditava em tudo isso.

— E então?

Jovem Bob franziu o cenho, pensativo por um segundo ou dois, então respondeu: — Com Bumper, você diz “Não me quebre”.

Seus olhos se arregalaram em descrença.

— Não me quebre? — Ela repetiu.

Will e Jovem Bob responderam em coro triunfante: — Não para nós! Fala para o cavalo!

— Você pode sussurrar em seu ouvido pouco antes de montar — Will acrescentou.

Ela lembrou agora que quando fora para montar Bumper antes, ele se virara para ela como se esperasse alguma coisa. Talvez, ela pensou, apenas talvez, eles estivessem dizendo a verdade.

Ela se aproximou do malhado novamente, cruzando as rédeas e colocando-os no punho da sela. Ela parou por um segundo ou dois e, com certeza, Bumper virou a cabeça para ela. Ela inclinou-se na ponta dos pés e sussurrou em seu ouvido.

— Não me quebre.

Bumper acenou com a cabeça, como se estivesse satisfeito. Antes que ela pudesse mudar de ideia, colocou o pé esquerdo no estribo e montou na sela.

Ela ficou tensa, esperando, temendo o pior. Cinco segundos se passaram.

Em seguida, dez. Bumper era tão sólido e imóvel como um cavalo de madeira. Aos poucos, ela percebeu que tinham dito a verdade.

Algum dia, prometeu a si mesma, retribuiria a ação.

O que ela tinha visto – ou pensava que tinha visto – e o que ela estava experimentando eram dois assuntos completamente diferentes. Jovem Bob passou por ela enquanto ela circulava o cercado e abriu o portão, abrindo caminho para os campos abertos além.

— Leve-o para uma corrida — disse ele.

Ela instou o cavalinho pelo portão e tocou-lhe os calcanhares nas laterais novamente, soltando a tensão nas rédeas.

A resposta foi surpreendente. Bumper acelerou como uma flecha partindo de um arco, tão depressa que ela quase foi deixada para trás. Mas ele sentiu sua perda momentânea de equilíbrio e diminuiu a velocidade, permitindo-lhe recuperar o seu assento. Então, ele estava fora de novo, o pescoço esticado, as pernas atingindo grandes passos delimitadores.

A velocidade era incrível. Ela nunca tinha andado tão rápido em sua vida.

Você não esperava por isso, não é?

— Não, eu não... — respondeu ela, chocada ao descobrir que estava falando com seu cavalo – e, ainda mais surpreendente, o cavalo parecia falar com ela.

Do cercado, Will e Jovem Bob observaram cavalo e amazona desaparecendo mais e mais à distância.

— Você fez bem, Bob — Will disse a ele.

Jovem Bob estava protegendo os olhos contra o brilho do sol, observando Maddie e Bumper correndo.

— Ela é uma boa amazona. Tem uma postura equilibrada e mãos boas e suaves. Você diria que ela é uma arridi.

Eles ficaram em silêncio por alguns minutos, observando cavalo e cavaleiro, ouvindo a batida fraca dos cascos de Bumper na grama.

Então, em um tom casual simulado que não enganou Jovem Bob nem por um segundo, Will perguntou: — Suponho que Belerofonte está por aqui, certo?

Jovem Bob gargalhou com prazer.

— Imaginei quanto tempo você levaria para perguntar! Ele está no estábulo.

Capítulo 21

Maddie passou mais duas horas se familiarizando com seu novo cavalo. Bob mostrou-lhe alguns dos comandos básicos que cavalos Arqueiros eram treinados para responder – como mudar a marcha a um sinal do cavaleiro, como pisar mais forte durante a cavalgada para que um perseguidor não perceba que sua presa desmontara e que o cavalo estava agora sem cavaleiro. Mas havia movimentos básicos que poderiam vir a ser úteis em combate – se esquivar e recuar, erguer-se nas patas traseiras e girar no lugar, acertar um inimigo com as patas dianteiras e dar coices com as patas de trás.

Todos os cavalos de Arqueiro vinham treinados com essas manobras básicas – e muito mais. Para deleite de Maddie, Bumper respondia imediatamente aos sinais mão, joelho e pé que o Jovem Bob lhe ensinara. Era quase como se tudo o que ela tinha que fazer era pensar no movimento e Bumper a respondia antes que o pensamento estivesse completamente formado.

Ela continuou a se surpreender com a leveza do passo. Era uma constante surpresa ver a rapidez com que ele se movia, a rapidez com que ele mudava de direção, e como podia acelerar do nada e começar a galopar quase que instantaneamente.

Dançarino do Sol era um belo cavalo, não havia nenhuma dúvidas. Mas Bumper parecia ser uma extensão da sua própria personalidade. Ele sabia o que ela queria dele, e o fazia de forma rápida e sem problemas.

Maddie e Bumper galopavam através dos campos e galhos, acompanhados por Jovem Bob em um cavalo de Arqueiro aposentado.

Eventualmente, Bob decretou que ela aprendera o suficiente por uma manhã e que voltariam, montando em um galope de passo constante até que eles estavam a meio quilômetro de distância de casa. A capa e os longos cabelos de Maddie balançavam ao vento por trás dela.

Terei que cortar o cabelo, ela pensou, em seguida entregou-se à pura euforia da velocidade e poder de Bumper.

Ela diminuiu a velocidade conforme se aproximaram da cabana. Ficou surpresa ao ver Puxão parado perto do cercado, enquanto Will montava um velho cavalo cinza, movendo-se em um galope suave no campo ao lado. Ele a viu chegando e acenou, dirigindo sua montaria em direção a ela.

Bumper relinchou uma saudação, ao que o velho cinzento respondeu. Ao se aproximarem, era evidente que os pelos em torno do focinho eram brancos. Mas havia algo vagamente familiar nele, pensou.

— Quem é esse? — perguntou ela, enquanto parava ao lado de Will.

Ele deu um leve sorriso e se inclinou para correr os dedos através da crina desgrenhada do cavalo, puxando-o carinhosamente.

— Um velho amigo — respondeu ele. — Seu nome é Belerofonte. Eu gosto de vê-lo assim sempre. Mas já faz um tempo. Não o vi desde que...

As palavras se desvaneceram, assim como seu sorriso. Instintivamente, Maddie soube que ele estava prestes a dizer desde que Alyss morreu. Ela passou por cima do estranho silêncio com uma observação: — Ele parece de alguma forma... familiar.

Will assentiu e apontou para onde Puxão estava.

— Ele parece Puxão — ele apontou, e Maddie acenou com a cabeça, vendo a semelhança agora que ele mencionou.

Este cavalo era mais velho, e seu pelo acinzentado era branco em torno do focinho. Mas a sua formação era a mesma. E ele ficava do mesmo jeito, mantendo a cabeça em um pequeno ângulo enquanto os ouvia, assim como ela notara Puxão fazendo.

— Ele foi o meu primeiro cavalo de Arqueiro — Will continuou. — Na verdade, ele foi meu primeiro cavalo. Eu não tive uma mãe e um pai rico – e não tinha um Arridi inteligente para montar.

Interessante, ele pensou. Talvez ela quisesse dizer o que falou para Jovem Bob. Talvez estivesse mesmo começando a desfrutar de tudo isso.

— Então, há quanto tempo foi isso? — perguntou Maddie.

Will balançou a cabeça.

— Mais do que eu gostaria de lembrar. Mas eu me lembro. Estava tão animado com ele como você parece estar com o jovem Bumper aqui.

Bumper bufou e balançou a crina com a menção de seu nome. Maddie se inclinou para frente e deu um tapinha no pescoço dele.

— Ele é realmente notável — disse ela. — Você não tem ideia.

— Tenho certeza que não — ele respondeu gravemente.

Só então Jovem Bob cantarolou lentamente até se juntar a eles. Seu rosto tinha aquele sorriso agora familiar enquanto olhava Will montado em Belerofonte.

— Como ele lhe parece?

Will olhou para o cavalo, inclinando-se um pouco para ver os vestígios da cruel cicatriz que marcava seu ombro direito.

— Como se eu nunca tivesse estado longe — ele admitiu.

Jovem Bob riu. Ele cresceu no serviço dos Arqueiros e seus cavalos, e sempre gostou de vê-los reunidos.

— Ele ainda tem muitas explosões de velocidade, não tem?

Will balançou a cabeça.

— Eu não queria forçá-lo muito. Não queria que ele se esforçasse demais ou distendesse um dos músculos.

— Aaah, não ele — disse o treinador de cavalos. — Ele correria como uma gota num chapéu, sim. E deixaria esses mais jovens em seus calcanhares enquanto faz isso.

A essa declaração, tanto Bumper quanto Puxão ergueram suas cabeças, bufaram e patearam em protesto. Belerofonte olhou de um para o outro. Maddie podia jurar que ele rira, se um cavalo pudesse rir.

Chegou a hora do almoço com Jovem Bob. Eles tinham trazido pão duro, fresco queijo e várias fatias grossas de presunto. E Bob trouxera alface e rabanetes frescos de sua pequena horta. Bob e Will bebiam café, adoçado com colheradas de mel. Maddie, como era seu costume, bebeu leite.

Jovem Bob balançou a cabeça enquanto a observava.

— Nunca ouvi falar de um Arqueiro que não bebe café — ele disse, em dúvida.

Will deu de ombros. Estava quase resignado à antipatia de Maddie em relação à bebida tradicional Arqueira até agora.

— Novos tempos, Bob — disse ele. — Suponho que temos de avançar junto com ele.

— Não, Will. Tradição é tradição. É mudança o suficiente você ter um aprendiz do sexo feminino, sem ela não beber café. São muitas mudanças, e muito rápidas.

— Desculpe-me — disse Maddie — vocês têm que discutir meus hábitos enquanto estou sentada aqui?

Os dois homens a fitaram por alguns segundos. Em seguida, entreolharam-se e responderam em uníssono: — Sim.

Maddie revirou os olhos e pegou o copo de leite. Ela tomou um grande gole do líquido fresco.

— Você não sabe o que está perdendo — ela comentou.

— E nem quero saber — respondeu Will.

Quando terminaram a refeição, Will e Maddie limparam a mesa e lavaram os pratos e facas que usaram. Enquanto faziam isso, Jovem Bob desculpou-se e saiu.

— Ele está dizendo adeus a Bumper — Will explicou a ela. — Bob fica muito ligado a seus cavalos. Às vezes acredito que ele pensa que eles são apenas a título de empréstimo para nós. De certa forma, acho que são — acrescentou.

Ela foi para a janela e olhou para fora. O pequeno homem estava de pé perto de Bumper, com o rosto quase tocando o do cavalo. Ela viu os lábios dele se movendo ao formar palavras, e instintivamente se moveu para a porta, mas Will

a parou.

— Deixe-os — ele falou — você deixaria ambos embaraçados se eles soubessem que você estava assistindo.

Ela concordou, achando que Will estava certo, e voltou para seu lugar na mesa. Will tinha lavado os pratos, e Maddie pegou uma pequena toalha para secá-los, empilhando-os ao lado. Poucos minutos depois, Bob retornou à cabana, seu sorriso de volta.

— Apenas dando instruções de última hora para o garoto — ele falou — queria ter a certeza de que ele não a derrubaria de novo – você não merece.

Eles se despediram de Jovem Bob, então foram ao encontro de seus cavalos, que esperavam. Eles montaram e seguiram para a estrada, com Maddie levando Dançarino do Sol pela rédea. O Arridi pareceu contente em apenas segui-los, pareceu não perceber a afeição de Maddie pelo pequeno cavalo malhado preto e branco. Mas então, ele e Maddie nunca tiveram um relacionamento próximo como o que ela estava desenvolvendo com Bumper. Ela montou alegremente com eles pela estrada, exaltando as muitas virtudes de seu novo cavalo.

Durante esses momentos, Will respondeu apenas com grunhidos monossilábicos, mas ela pareceu não notar seu pouco entusiasmo pelo cavalo dela e suas fantásticas habilidades.

— Ele é tão leve em seu passo! — ela exclamou. — Mal se percebe que ele toca o chão enquanto galopa. E a velocidade! Bom, eu nunca vi um cavalo correr tão rápido quanto ele. Ele é realmente incrível! Uma vez, nós nos deparamos com uma vala antes que eu percebesse que ela estava ali, e Bumper simplesmente se preparou e praticamente voou sobre ela! Honestamente, foi como voar. Num minuto estávamos trotando, no outro pulamos por cima dela.

Puxão virou a cabeça para olhar para Will. Will deu de ombros. Puxão soltou um pum. Mas Meddie nem percebeu. Ou se percebeu, não entendeu o ruído grosseiro de Puxão como uma crítica.

— E então Bob me mostrou como fazê-lo pisar mais forte, de modo que um perseguidor não perceberia que ele está sem cavaleiro. Você sabia que eles faziam isso?

— Lembro de ouvir sobre isso há muitos anos — Will respondeu secamente.

Ele sentiu que Puxão estava prestes a fazer outro som desagradável e cutucou-o fortemente com a mão para detê-lo. Puxão sacudiu a crina.

— Sim, então, eles podem fazer isso. E ele me mostrou esse truque e muitos outros. Bumper realmente é bastante maravilhoso!

Melhor cavalo que já viveu.

Will apertou Puxão levemente com as coxas para mostrar-lhe que ele escutara. Imaginou que Maddie acharia estranho se ele começasse uma conversa

com seu cavalo. O que tornou a pergunta seguinte de Maddie ainda mais estranha.

— Will — ela começou — posso te fazer uma pergunta?

— Você já fez — ele responde, e sentiu um instante de nostalgia.

Quantas vezes esse diálogo tinha acontecido entre ele mesmo e Halt, ele se perguntou. Ele ficou satisfeito ao ver que Maddie ficava tão perdida com a resposta quanto ele costumava ficar.

— O quê? Oh... é. Sim, suponho que sim. Mas de qualquer maneira, posso te fazer outra... — ela parou a tempo antes que ele pudesse lhe dar a mesma resposta. Ela parou, então recomeçou, escolhendo as palavras deliberadamente: — Eu gostaria de fazer uma pergunta, se você não se importar.

Will assentiu.

— Siga em frente.

— Bom... é só que... quer dizer... isso vai soar um pouco estranho, eu acho...

— Eu não ficaria muito surpreso com isso.

Ela olhou para ele. Queria desesperadamente fazer sua pergunta, mas temia fazer-se de boba. Will gesticulou para que ela continuasse. Ela tomou uma respiração.

— Quero dizer... você costuma sentir que seu cavalo conversa com você?

Isso o fez sentar-se ereto na sela. Ele nunca tinha discutido a comunicação que experimentava com Puxão. Suspeitou por muito tempo que Halt e Abelard tivessem um vínculo similar. Mas, aparentemente, Maddie já tinha sentido isso com Bumper.

Talvez nós estivéssemos certos em selecioná-la para a Corporação, ele pensou. No entanto, respondeu: — Um cavalo? Conversando? Você está falando sério?

Maddie ficou muito vermelha e falou apressadamente: — Não. Não. Foi apenas uma ideia estranha, suponho. Esqueça que mencionei isso.

Ele concordou. Mas não esqueceu. O comentário ficou com ele durante toda a noite.

Capítulo 22

O treinamento de Maddie continuava, mas agora havia um elemento extra adicionado em sua programação. Em somatória aos seus outros treinamentos de habilidades, ela agora tinha sessões diárias com Bumper, onde cavalo e cavaleiro desenvolviam sua já estreita relação em um profundo e íntimo entendimento.

Bumper foi rapidamente se tornando, como ela havia observado anteriormente, uma extensão de si mesma, respondendo de imediato ao seu menor gesto, ciente do que ela esperava dele. Por sua vez, ela aprendeu a interpretar os muitos sinais que o cavalo enviava a ela – avisos de possível perigo, a presença de uma pessoa desconhecida ou a abordagem de um animal potencialmente perigoso.

Houve também sessões de condicionamento físico, envolvendo corridas longas através da paisagem circundante, ou a corrida de obstáculos que Will improvisara para ela. Ele alternava com instruções básicas em combate desarmado, ensinando-a a bater com a palma da mão ao invés do punho fechado – Um punho é uma desculpa para quebrar seus dedos, ele dissera – e como usar o peso e ímpeto de um atacante contra ele em uma série de movimentos simples, mas eficazes.

E havia as lições de rastreamento e camuflagem. Will e Maddie cavalgaram através do feudo, procurando e identificando diferentes trilhas de animais, seguindo viajantes inocentes sem que eles notassem que estavam sendo monitorados e permanecendo, envoltos em suas capas, à beira da estrada, enquanto os viajantes passavam, alheios ao fato de que Maddie estava a poucos metros de distância.

— Confie na capa — Will falava para ela repetidamente. — E não se mova. Mesmo se você for vista.

Assim, seus dias estavam cheios e, no final de cada um, ela ficava feliz em rolar em sua cama, exausta, e dormir tranquilamente até a manhã seguinte, quando toda a sequência começaria de novo.

Ela ainda ia para a vila de Wensley todas as manhãs para buscar pão fresco e leite para o dia. Mas agora montava em vez de andar. Will já a havia proibido de montar Dançarino do Sol para a aldeia.

— Ele é exótico demais para isso — ele dissera enigmaticamente. Mas agora que ela tinha Bumper, ele retirou essa restrição. — Um Arqueiro e seu cavalo devem fazer as coisas juntos — ele explicou.

Maddie não tinha certeza de qual era a diferença, mas estava feliz de montar Bumper, falar com ele, afagando-lhe e, geralmente, desfrutando de sua presença

em seus passeios matinais. Mesmo uma tarefa tão simples como ir buscar o pão e o leite tornou-se agradável na presença de Bumper, ela pensou. Talvez fosse isso o que Will tinha em mente.

Assim, a visão da pequena figura, envolta em sua capa de camuflagem, montando o cavalo preto e branco desgrenhado com um arco em sua sela, tornou-se familiar na aldeia. Maddie primeiro ficou confusa, e então um pouco lisonjeada, quando percebeu que havia se tornado uma espécie de celebridade entre os adolescentes na aldeia. Como uma Arqueira, ela era uma figura misteriosa e intrigante – ainda mais porque era a primeira menina a ser tomada como aprendiza de Arqueiro.

Havia um grupo de meia dúzia de meninos e meninas mais ou menos da idade dela na aldeia. Eles olhavam para ela com algum espanto e muito respeito – e inveja. Suas próprias vidas eram rotina e mesmice. A vida em uma aldeia pequena trazia pouco em termos de emoção, considerando que a nova garota entre eles era uma aprendiza de Arqueiro. Ela carregava um arco, e como tinham observado em várias ocasiões quando haviam penetrado pela floresta para assisti-la praticando, ela sabia como usá-lo.

Enquanto Maddie andava pela aldeia, eles a chamavam e a cumprimentavam. De vez em quando ela pararia Bumper para conversar com eles. Ela obviamente gostava de seu culto do herói – principalmente o das jovens garotas. Ela não seria humana se não gostasse. Encontrou uma tranquila satisfação e prazer em ser uma pequena celebridade. Mas por agora ela havia aprendido a não se tornar muito cheia de si por causa disso.

Claro que, em seu tempo no Castelo Araluen, ela tinha tido um círculo de admiradores e conhecidos. Mas percebera que a maioria deles estava mais impressionado com seu título e posição do que por seu valor pessoal. Em Araluen, ela era a Princesa, e as pessoas ao seu redor disputavam sua atenção e aprovação simplesmente porque ela era a Princesa – não por qualquer desejo real de ser seu amigo. Aqui, era diferente. Com exceção de um pequeno círculo de pessoas que incluíam Jenny, Barão Arald e Lady Sandra, Halt e Lady Pauline, ninguém conhecia a verdadeira identidade de Maddie. Will pensara ser melhor não revelar sua linhagem real para os outros.

Então Maddie apreciava a admiração e a amizade dos jovens de Wensley. De tempos em tempos, quando o seu ocupado horário permitia, ela montava para a aldeia e passava um tempo com eles, treinando alguns dos meninos no tiro com arco, pescando nas águas calmas do rio com eles e brincando de jogos de esconde-esconde – que ela invariavelmente ganhava, até que os outros proibiram o uso de sua capa.

Will observava essas atividades com um olhar atento.

— Não fique muito íntima deles — ele advertiu. — Arqueiros precisam manter certa distância das pessoas comuns. Ela ajuda a mantê-los com um pouco de temor. Mantém o mistério.

Ainda assim, ele pensava, era bom para ela aprender a se relacionar com as pessoas comuns – ao contrário dos nobres cheios de si que habitavam o Castelo Araluen. Ele ficou satisfeito ao ver que ela não tinha mais seu ar superior. Podia ver que ela gostava de ser respeitada por suas habilidades e não viu nenhum mal nisso.

— Melhor ser respeitada pelo o que você pode fazer, do pela posição de seus pais — ele falou a Jenny em uma ocasião.

Sua amiga olhou para ele intensamente na ocasião, observando o modo como seus olhos seguiam Maddie enquanto ela ria e brincava com um grupo de jovens locais.

As linhas de dor que marcaram seu rosto pela perda de Alyss ainda estavam evidentes. Mas elas tinham suavizado, e a expressão sombria não era tão sombria como antes. Às vezes, ela percebeu, ele estava na beira de sorrir. Havia um carinho em seus olhos enquanto observava sua afilhada – um que ele rapidamente disfarçava quando percebia Jenny observando-o.

Ela está fazendo bem a ele, Jenny pensou, sorrindo para si mesma. Ela tinha há muito tempo perdoado a observação arrogante de Maddie sobre ela. Na semana depois que ela disse isso, a menina tinha aparecido na porta da casa de campo de Jenny, um ramo de flores na mão e um olhar arrependido em seu rosto, e se desculpou. Jenny, bondosa e tolerante, aceitou o pedido de desculpas imediatamente. Desde então, elas haviam se tornado amigas, com Jenny sempre pronta para ouvir Maddie, enquanto ela lamentava sua falta de talento com o arco – uma avaliação totalmente imprecisa de sua capacidade, Jenny sabia.

— Se você quiser praticar — ela dissera a Maddie — posso sempre fazer uso de carne fresca no meu restaurante.

Nas semanas seguintes, ela havia recebido um fluxo constante de coelhos, lebres e aves selvagens, ou de tiro com arco de Maddie ou pegos pelo seu estilingue. Era evidente que Maddie, que passara a vida com todos os seus caprichos atendidos, estava gostando de fazer algo para alguém.

E Jenny estava mais do que contente de ser esse alguém, desde que a caça continuasse aparecendo em sua porta.

Era uma manhã de sexta-feira. Maddie estava voltando da pequena fazenda no final da aldeia. Um saco de pães quentes estava pendurado através do arco de sua sela, o cheiro de pão fresco chegando em suas narinas e lembrando seu estômago de que ela ainda não tinha tomado o café da manhã. Dois dos adolescentes locais acenaram e ela desmontou Bumper, oferecendo uma

saudação a eles enquanto saíam para a estrada.

— Bom dia, Gordon. Bom dia, Lucy — disse ela.

Eles eram dois dos seus favoritos. Lucy era filha da Senhora Buttersby, costureira de Wensley. Ela era uma menina desengonçada, sardenta, que parecia um moleque. Gordon tinha cabelos escuros e travessos olhos azuis. Ele era uma espécie de malandro, embora ela sentisse que não havia maldade real nele.

Ele olhava em volta agora, certificando-se de que ninguém estava escutando, em seguida, falou com ela em voz baixa.

— O que você vai fazer amanhã?

Ela franziu a testa, pensando.

— Nada — respondeu. Ela tinha um sábado livre pela primeira vez em semanas. Will estava indo para o castelo jantar com Halt, Pauline, Barão Arald e Lady Sandra. — Porquê?

Lucy riu.

— Nós estamos planejando uma festa — disse ela, seu tom era conspiratório.

Maddie ergueu a cabeça com curiosidade. Uma festa não era razão suficiente para suas vozes baixas e constantes olhares ao redor. Algo estava em andamento, ela percebeu.

— Só uma festa? — perguntou ela.

Lucy riu novamente e Gordon sorriu. Ele tinha um sorriso muito atraente, Maddie pensava. Havia todos os tipos de malicia nele.

— Um... tipo especial de festa — ele respondeu. — Atrás do estábulo da estalagem. Lucy trará pedaços de torta e cordeiro no espeto. E nós assaremos batatas no fogo.

Lucy trabalhava como garçonete no restaurante de Jenny. De tempos em tempos, Jenny a recompensava com certos alimentos do menu. Em outras ocasiões, Lucy sorrateiramente recompensava a si mesma. Maddie adivinhou que este era um desses momentos, o que explicaria os sorrisos que ambos ostentavam.

— E Martin tem um barril! — Lucy explodiu, incapaz de se conter.

Então ela se dissolveu em um ataque de risos.

— Um barril? — Maddie indagou, embora estivesse começando a compreender o que Lucy queria dizer. — Um barril de quê?

— De vinho! — Gordon respondeu triunfante. — Vinho fino. Vai se juntar a nós?

Maddie hesitou. Ela sabia que não deveria. Mas ela tinha trabalhado duro por semanas, com poucas pausas e pouco tempo para si mesma. Ela não sabia se gostava de vinho ou não. Mas sabia que gostava de aventura e ainda havia um traço de rebeldia nela. Ela merecia uma chance de descansar, pensou. E ninguém

saberia.

— E por que não? — Ela disse a eles.

Capítulo 23

— Eu não vou demorar — Will falou quando parou na porta. — Halt e Pauline não ficam acordados até tão tarde nos dias de hoje.

Maddie olhou por cima de sua refeição. Will parecia um pouco culpado, sabendo que desfrutaria do jantar da cozinha de Mestre Chubb no castelo. Os dotes culinários de Maddie estavam melhorando, mas eles ainda estavam na fase rudimentar. Assim, ele tinha arranjado para ela uma refeição a ser entregue do restaurante de Jenny. Ela comeu outro tanto do salgado cozido de carne com especiarias de seu prato, e acenou com a cabeça enquanto mastigava e engolia.

— Eu provavelmente vou estar dormindo — ela disse a ele. — Estou ansiosa por dormir uma noite mais cedo.

Eles tiveram um longo dia, montando para muito longe e praticando perseguição e rastreamento, além de seus exercícios diários normais com arco, facas e estilingue. Ela fingiu um bocejo agora.

Will pegou a capa pendurada num prego da porta e colocou-a em volta dos ombros.

— Sable estará aqui de qualquer maneira, caso você precise dela,— disse ele. — Mantenha a porta trancada por dentro.

Maddie assentiu. Havia um mecanismo de liberação escondido que podia ser usado para destrancar a porta do lado de fora, mas um visitante aleatório ou intruso não saberia sobre isso. Ela fez um gesto de enxotar com a mão, vendo que Will parecia desconfortável em sair.

— Vá. Eu ficarei bem.

Ele tomou uma decisão.

— Tudo certo então — ele disse, e saiu.

Maddie ouviu seus passos suaves pela varanda enquanto ele caminhava para a parte de trás da cabana, onde ficava o estábulo com os cavalos. Puxão o cumprimentou com um relincho suave. Poucos minutos depois, ela ouviu os pequenos cascos do cavalo enquanto Will passava pela cabana à caminho do Castelo Redmont. Uma vez que o som de cascos desapareceu e ela estava certa de que ele tinha ido embora, o fingido cansaço desapareceu e ela começou a se mover com maior urgência. Levantando-se, ela pegou a tigela de sopa pela metade e jogou o conteúdo no balde de lixo. Estava ansiosa para as tortas e espetinhos de cordeiro que Lucy tinha prometido e, saboroso como um cozido pode ser, ela queria manter seu apetite afiado.

Ela olhou para o balde de lixo e notou que o ensopado de carne estava visível demais, jogado em cima dos outros conteúdos e tornando-se evidente que ela

não tinha comido quase nada. Pegando a concha do pote que continha o resto do ensopado, ela misturou o conteúdo do lixo até que o cozido foi misturado e escondido da vista casual.

Ela deu um passo para trás e examinou seu trabalho, em seguida, balançou a cabeça, satisfeita.

Entrando em seu quarto, ela pegou o pacote de sela que usava para transportar seu equipamento de acampar, enrolou em um cilindro e colocou-o em sua cama, puxando os cobertores por cima dele. Ela inclinou a cabeça enquanto estudava. Parecia muito rígido e regular, ela decidiu, então puxou os cobertores para baixo, dobrou um pouco o pacote no meio, então enrolou um lençol extra e colocou em ângulo na parte inferior do pacote, de modo que a aparência geral era de uma pessoa com as pernas dobradas. Muito mais realista, ela decidiu, e puxou os cobertores novamente, colocando-os ao redor do travesseiro alto para esconder o fato que não havia cabeça descansando ali. Se Will olhasse para ela quando chegasse em casa, seria apenas um olhar superficial, ela pensou. O pacote e o lençol enrolados deviam passar a ideia certa.

Ela apagou a lanterna em seu quarto e correu para a porta da frente. Era uma segunda natureza para ela vestirr sua capa ao redor dos ombros quando saía. A fechadura de trava simples fechou atrás dela. Sem pensar, ela se virou para o estábulo, em seguida, se conteve. Will estava montando Puxão, o que significava que ele colocaria seu cavalo no estábulo quando chegasse em casa. Se Bumper não estivesse lá, seria uma pista mortal de que ela tinha saído. Ela virou-se para trás. Bumper, que tinha ouvido seus passos pararem, relinchou uma vez, um tom de censura.

— Desculpe, garoto — disse ela em voz baixa. — Você não pode vir hoje à noite.

Sable estava deitada, cabeça sobre as patas, à beira da varanda. Levantou-se com expectativa. Mas Maddie acenou com a mão para ela para ficar.

— Você também, menina — ela disse. — Fica.

Sable deitou de novo, cobrindo os últimos centímetros com uma espécie de baque com as suas patas, deslizando sobre o assoalho e gemendo baixinho quando o fez. Maddie deu uma última olhada ao redor. A lanterna ao lado da porta estava virado para baixo, do jeito que Will deixava todas as noites. Dessa forma, lançava iluminação suficiente sobre os degraus e a porta no caso de um visitante inesperado. Então ela virou-se e correu pelo caminho escuro por entre as árvores, indo para a Vila Wensley.

Ela ficou nas sombras à beira da rua, enquanto chegava à vila. O restaurante do Jenny era um dos primeiros edifícios na rua. Ele estava muito bem iluminado e ela podia ouvir o alto murmúrio de vozes de dentro. O restaurante era um local

popular em Wensley e em uma noite de sábado era provável que atraísse clientes do campo e ao redor da aldeia também. Ela se manteve no extremo lado da rua quando passou, abraçando a capa ao redor dela enquanto movia-se através das sombras.

Confie na capa, Will tinha dito a ela repetidamente. Ela não estava certa de que era com o intuito de ajudar com esse tipo de missão sorrateira em que ela estava.

Até onde ela podia dizer, ninguém notou. Isso não era surpreendente. Os clientes do restaurante estariam atentos a sua comida e sua conversa. E eles estavam em uma sala bem iluminada. Era altamente improvável que qualquer um deles pudesse notar a sombra fraca deslizando através das sombras por toda a rua.

Enquanto ela se aproximava da pousada da aldeia, o murmúrio de vozes do restaurante de Jenny se extinguiu, gradualmente substituído por outro som. Havia um menestrel viajante na estalagem, entretendo as pessoas que tinham escolhido ir lá para passar a noite. Enquanto ouvia, a música parou e houve uma explosão de aplausos. Seus amigos tinham escolhido uma boa noite para a sua festa, ela pensou. Havia muita atividade na aldeia para mascarar quaisquer sons que eles pudessem fazer.

Olhando para o estábulo situado além da pousada, ela podia ver o brilho opaco de uma pequena fogueira refletida nas paredes. Ela deixou-se passar pelo pátio. Lucy, Gordon e um outro amigo, Martin, estavam sentados em volta de uma pequena fogueira na parte traseira do quintal, um local que estava escondido de observadores casuais na rua. Se ela não soubesse sobre o fogo, provavelmente não teria notado a cintilação maçante nas paredes.

Mas ela notou o cheiro delicioso de cordeiro grelhado. Enquanto ela se aproximava, seus amigos a saudaram.

— Você está atrasada — Martin falou alegremente.

Ela encolheu os ombros em um pedido de desculpas.

— Tive que esperar até Will sair. Ele parecia demorar uma eternidade.

— Bem, você tem que recuperar sua parte — disse Gordon.

Ele tirou dois espetos escaldantes de carneiro do fogo, colocou-os em uma bandeja de madeira e passou para Lucy. Lucy acrescentou uma pequena torta no prato, que ela entregou junto. Maddie estava sentada de pernas cruzadas perto do fogo e pegou o prato. O cordeiro tinha um cheiro delicioso e sua boca estava salivando. Com cuidado, sabendo que a carne estaria quente, ela mordeu.

— Mmmmm! Isso está delicioso, Lucy! — Disse ela apreciativa.

Sua amiga brilhou com o elogio.

— Eles foram marinados por cerca de oito horas. Isso deixa agradável e

macio.

— Aqui — disse Martin, entregando-lhe uma caneca de madeira. — Você pode lavá-los com isso.

Maddie pegou a caneca. Seu coração batia um pouco mais rápido quando ela cheirou o conteúdo. Ela poderia optar por dizer não agora e não haveria nenhum dano feito. Uma fuga para encontrar seus amigos era coisa de menor de idade. Mas beber vinho era outra questão. Isto era atravessar uma grande fronteira e, se ela fosse encontrada, não tinha dúvidas de que estaria em apuros.

Gordon a viu hesitar e adivinhou o motivo.

— Ele nunca vai saber — ele disse, sorrindo um desafio para ela.

De repente, ela decidiu, e tomou um profundo gole do vinho. Ele tinha um gosto pesado e um pouco azedo.

— Mmm, esse é muito bom! — Ela disse, querendo parecer sofisticada e experiente.

Na verdade, ela não tinha ideia se o vinho era bom. Tinha bebido vinho antes, em ocasiões especiais no Castelo Araluen, quando brindes oficiais estavam sendo feitos. Mas aquele vinho tinha sido fortemente regado e não parecia nada como este.

— Eu só consigo coisas boas — Martin concordou alegremente. Ele não tinha ideia, também. Na verdade, o vinho era de bastante má qualidade. Mas, como Maddie, ele queria parecer como se bebesse vinho todo o tempo e soubesse do que ele estava falando. — Aqui — ele acrescentou — tem um complemento.

Ele tinha decantado um pouco do vinho de um pequeno barril em um jarro. Ele estendeu agora e derramou mais em sua caneca, piscando conspiratório para ela.

— Taças para cima — ele disse, e por um momento ela ficou confusa, se perguntando o que ele queria que ela fizesse.

Então ela percebeu que ele estava falando sobre a caneca. Ela inclinou-a e bebeu profundamente. O segundo gole foi menos ácido, embora, para ser honesta, ela não pudesse ter dito que achou particularmente agradável.

Lucy e Gordon e beberam profundamente de suas canecas também. Maddie deu outra mordida no cordeiro, em seguida, uma grande mordida no pedaço de torta. A massa era diferente e deliciosa, e o recheio rico e temperado pareceu explodir sabor em sua boca. Talvez o vinho junto com alimentos desse um gosto melhor, pensou ela. Talvez fosse por isso que as pessoas tolerassem o sabor azedo.

Enquanto a noite passava, ela notou que o vinho parecia ter outras propriedades também. Parecia a melhorar a sua capacidade de conversar e de

dizer coisas espirituosas. Ela encontrou-se rindo das investidas de Gordon e respondendo na mesma moeda. Nunca tinha se divertido tanto antes, pensou consigo mesma. Ela tinha acabado de fazer uma observação sobre o estalajadeiro de Wensley, e seu predileção por frituras. Parecia ser uma observação hilária.

Seus três amigos riram estrondosamente, e ela apenas conseguiu parar e evitar um risinho fanho quando se juntou a eles.

Ela olhou como uma coruja por sobre o fogo para Gordon. Seu rosto parecia estar nadando dentro e fora de foco. Deve ser o efeito das chamas, ela pensou.

— Sobrou algum vinho? — Ela perguntou a Martin.

Ele estendeu a mão para o jarro e se desequilibrou quando fez isso, por pouco evitando de cair sobre o fogo. Todos eles uivavam de tanto rir. Maddie pôs o dedo para os lábios em um gesto de advertência.

— Shhhhhhhh! — disse ela. — Alguéeimm vai nos ouvir — ela fez uma pausa, um pouco confusa, então acrescentou: — Será que eu diiisse alguéeiimm?

— Você ceertamente falou — Gordon confirmou.

— E você diiisse “diiisse” também — Lucy acrescentou, e todos eles explodiram com o riso novamente.

Maddie balançou para trás e para frente, em seguida perdeu o equilíbrio também. Ela tombou para o lado e deitou na terra do estábulo. Sentar-se novamente parecia depender muito esforço, então ela tirou a capa de seus ombros e fechou os olhos.

— Ninguém pode me ver — ela riu. — Confiiie na capa.

Uma profunda graça fez todos gargalharem mais uma vez.

— O que você pensa que está fazendo?

A voz de Will cortou suas risadas, fria e com raiva. Ela abriu os olhos e olhou para cima. Ele estava de pé sobre ela, sua figura encapuzada e camuflada delineada contra o céu escuro da noite. Ela ouviu o suspiro rápido de medo de Lucy. As pessoas comuns da aldeia sabiam que Arqueiros não eram pessoas para brincadeiras. O riso de Gordon e Martin tinha morrido À distância e eles se sentaram, olhando com medo para a figura escura confrontando-os. A sombra do capuz escondia o rosto de Will, o que o fez parecer ainda mais ameaçador. Eles já o tinham visto antes, é claro, andando pela aldeia ou sentado no restaurante de Jenny.

Mas aqui e agora, no escuro, envolto por sua capa e com a fúria evidente em sua voz, ele era uma figura assustadora, de fato.

— Sente-se, Maddie — ele ordenou, sua voz fria.

Ela arranhou no chão buscando equilíbrio, se enroscou em sua capa e, finalmente, conseguiu apoiar-se nas mãos até que ela estava sentada na posição vertical – embora ela balançasse perigosamente.

Todos os quatro adolescentes olhavam ansiosamente para cima em direção ao Arqueiro. Will levantou a mão e estalou os dedos em direção a Gordon.

— Dê-me o barril — ele exigiu.

Gordon apressou-se a obedecer, quase deixando cair o barril de vinho em sua pressa. Will deu um passo à frente e o pegou. Ele balançou o barril experimentalmente. Estava com pouco menos que um quarto de vinho e eles podiam ouvir o vinho chapinhar no seu interior.

Sem aviso, Will ergueu o barril sobre a cabeça e arremessou-o com toda a força para o chão. O barril se quebrou em pedaços, pequenas tábuas de madeira ricocheteando para cima, o vinho restante espalhando-se em uma explosão de líquido. O movimento foi tão inesperado, tão violento, que novamente Lucy deixou escapar um pequeno berro de medo. Os dois meninos levaram um susto também. Will apontou o dedo para os três, movendo de um para o outro enquanto falava.

— Seus pais vão ouvir sobre isso — disse ele.

Lucy levantou-se de joelhos, suplicando-lhe, enquanto as lágrimas começaram a escorrer de seu rosto.

— Por favor, Arqueiro Will, não conte à minha mãe. Ela vai me bater terrivelmente se ela souber.

Se seu pedido foi feito para gerar qualquer piedade no coração de Will, ela falhou miseravelmente. Ele olhou rapidamente para ela, em seguida, assentiu.

— Bom — ele disse. Então ele olhou para Maddie, mais uma vez sentada, balançando um pouco de lado a lado. — De pé, Maddi. Estamos indo para casa.

Ela levantou-se desajeitadamente. Se ela tinha encontrado dificuldades para se sentar direito, ficar de pé era ainda mais difícil. Ela balançou, tentando desesperadamente obter equilíbrio. Mas algo a estava impedindo. Algo estava fazendo o mundo girar ao redor dela. Ela percebeu que estava ajoelhada sobre sua capa, libertou-se e cambaleou em pé.

Will apontou com o polegar em direção à entrada para o quintal.

— Em seu caminho — disse ele. Então ele olhou para os outros. — Vocês três para casa também. Agora!

Eles obedeceram, Lucy ainda fungando piedosamente enquanto ia. Uma vez que eles tinham se fundido nas sombras, Will moveu-se para onde Puxão esperava por ele. Subiu na sela com um rangido de couro e apontou a rua.

— Vá indo — ele ordenou bruscamente.

Maddie sentiu as lágrimas subindo para os olhos, mas com raiva as afastou para longe. O mundo girava enquanto ela balançava a cabeça e cambaleava ligeiramente. Então ela começou a fazer o seu caminho até o meio da rua. Várias pessoas estavam saindo do restaurante de Jenny e eles estudaram a visão

incomum de uma menina em uma capa de Arqueiro andando desajeitadamente pela rua, seguida pela figura sombria de um Arqueiro montado, ocasionalmente pedindo a ela para começar a se mexer. Maddie estava com o rosto corado de vergonha. Ela tinha começado a desfrutar de certo prestígio na aldeia. Agora podia sentir o mundo a observá-la, julgando-a e encontrando uma fraca. Ela era nada mais do que uma menina boba.

Eles atravessaram a aldeia e entraram no caminho estreito através das árvores que levavam à cabana. Ela tropeçou uma vez, em seguida, novamente no terreno irregular. Então ela caiu, uma pedra afiada cortando seu joelho e rasgando sua calça justa. Ela gritou com a dor, sentindo o sangue quente fluir para baixo em sua perna. Ela tentou se levantar e não conseguiu.

Sua cabeça girava.

Então seu estômago pesou e ela estava violentamente enjoada. Apoiou-se sobre as mãos e joelhos, vomitando até que seu estômago estava vazio e não havia mais nada para vomitar.

Will, montado em Puxão, erguia-se acima dela e a olhava friamente enquanto ela alternadamente vomitava e chorava.

— A melhor coisa para você agora — ele falou finalmente — é ficar de pé novamente.

Odiando a ele, e odiando a si mesma ainda mais, ela conseguiu ficar de pé e deu uma guinada para o caminho escuro em direção à cabana. Sable levantou-se para cumprimentá-la, cauda abanando fortemente, enquanto ela subia os dois degraus para a varanda, segurando-se à coluna da varanda em busca de equilíbrio.

Will estalou os dedos e deu um comando, e a cachorra lentamente se afastou, retomando seu lugar nas bordas da varanda.

Maddie sentiu um soluço profundo formando em sua garganta. Mesmo Sable, sempre compreensiva, e nunca critica, tinha vergonha dela.

— Vá para a cama — Will disse-lhe, quando ele se virou para levar Puxão para o estábulo na parte traseira da cabana. — Conversaremos sobre isso de manhã.

Capítulo 24

Maddie despertou com uma sede furiosa. Sua boca estava seca e havia um gosto ruim nela – uma combinação de alimentos regurgitados da noite anterior e o sabor amargo do vinho que tinha bebido. Ela gemeu e se sentou na cama, e imediatamente desejou que não tivesse o feito.

O movimento a fez consciente de uma dor de cabeça latejante que batia como um martelo contra o interior do seu crânio. Parecia ser mais forte por trás de seu olho esquerdo, mas a dor se espalhou por todo o resto de sua cabeça também, como uma mancha escura sobre um tapete.

Ela afundou a cabeça entre as mãos e gemeu baixinho. Seus olhos estavam secos, como se alguém tivesse jogado um punhado de areia neles. Seu estômago estava vazio e ela teve uma sensação incômoda – por um momento pensou que ia vomitar de novo. Ela lutou contra a vontade e olhou cautelosamente em sua mesa de cabeceira, onde ela normalmente mantinha um copo de água fria. O copo estava vazio, caído de lado no chão. Vagamente, ela se lembrou de acordar no meio da noite e o esvaziar, em seguida caindo de volta para seu travesseiro.

Ela precisava de água, água fria, desesperadamente. Pensou no barril de água da chuva que ficava do lado de fora da cabana, sempre cheio por um dos tubos ligados ao telhado. Nesta altura do dia, a água estaria fresca e deliciosa. E ela seria capaz de mergulhar a cabeça diretamente dentro dele, deixando o seu frio toque gelado acalmar seu crânio latejante.

Mas primeiro, ela teria de alcançá-lo.

Ela levantou-se, com cuidado. Sua cabeça latejava com o movimento, então a o latejar diminuiu e manteve-se, sentindo a dor constante. Seu estômago pesou e ela lutou contra a vontade de vomitar. Então, oscilando indecisa, ela deu alguns passos até a porta do quarto. Encostou-se ao batente por alguns segundos, reunindo equilíbrio, então abriu a porta e entrou na pequena sala de estar, andando devagar, tentando minimizar o impacto dos pés no chão. Cada passo reverberou através de sua estrutura e dentro de sua cabeça.

Will estava na cadeira da cozinha, de costas para ela. Ele se virou quando ouviu a porta e franziu o cenho para ela. Ela tornou-se ciente de que ainda estava usando as mesmas roupas que usara na noite anterior, menos a capa. Suas calças estavam rasgadas no joelho e sujas com sangue seco. Havia uma mancha de vômito em sua manga esquerda. O que ela não podia ver era que o seu cabelo estava descontroladamente desordenado, levantando-se em todas as direções, como um ninho de pássaro.

— O café da manhã está quase pronto — disse Will.

Sua voz não era nem condenatória nem acolhedora. Seu tom era completamente neutro. Ela balançou a cabeça, em seguida, parou rapidamente quando a dor aumentou.

— Não acho que eu poderia comer — ela disse, com voz rouca.

Ele ergueu uma sobrancelha para ela.

— Acho que é melhor. Você vai precisar de algo no estômago.

Pensar em seu estômago quase a fez vomitar. Ela balançou incerta.

— Preciso de uma bebida — disse ela. — Água.

Ele balançou a cabeça lentamente.

— Tenho certeza que você precisa.

Ele sacudiu a cabeça em direção à porta, e ela se virou e fez seu doloroso caminho até a saída. Por alguma razão, parecia mais difícil do que o habitual abri-la. O ruído de sua borda inferior contra o assoalho a fez estremecer, mas ela conseguiu abrir a porta e fez seu caminho ao longo da varanda, uma mão contra a parede da cabana para se manter de pé. O barril de água estava quase cheio. Tinha chovido na tarde anterior e a água estaria fresca e limpa. E fria.

Havia uma leve camada de gelo sobre a terra. A temperatura tinha, obviamente, caído perto de zero durante as primeiras horas da manhã. Ela deu um passo cuidadosamente para baixo a partir da varanda. Era um degrau com cerca de 50 centímetros e, normalmente, ela o administraria com facilidade. Hoje, parecia que estava saltando de um pequeno penhasco e sua cabeça doeu novamente quando seus pés bateram sobre a grama molhada.

Ela gemeu. Havia uma concha pendurada ao lado no barril d’água e ela agarrou-a ansiosamente, pegando água fria e levando-a aos lábios, deixando-a correr por toda sua boca, e para baixo em sua garganta ressecada. Ela esvaziou a concha em um único gole e fez uma pausa, respirando pesadamente, coração batendo rápido.

Por um momento, a sede terrível foi apagada. Então pareceu como se ela não tivesse bebido nada e a secura terrível estava de volta. Ela pegou outra concha e bebeu, e depois outra.

A água fria era deliciosa, mas o seu efeito calmante durou apenas trinta segundos. Ela olhou para a água e, em seguida, colocou suas mãos em cada lado do barril, e mergulhou o rosto dentro dele.

O choque frio foi surpreendente. Mas parecia limpar a cabeça e os olhos. Ela recuou, jogando água em todas as direções, sentindo-a espirrar para baixo dentro de seu colarinho. Ela engasgou e tossiu, mas se sentiu um pouco melhor.

Por alguns segundos.

Em seguida, a impiedosa dor de cabeça, a sede e o enjoo, o peso no estômago, tudo voltou de novo. Ela olhou para a linha das árvores, a poucos

metros de distância da cabana, e pensou em ir para as árvores e passar mal em particular. Talvez se deitar e dormir. Sentia-se terrivelmente cansada. Então ela percebeu que não haveria nada no estômago além de água, e o pensamento da ânsia de vômito improdutivo que resultaria era demais para suportar. Sua cabeça se partiria, ela pensou.

— Venha e coma alguma coisa.

Will estava de pé na porta aberta. Ela olhou para ele com os olhos turvos. Ainda não havia simpatia em sua voz, mas ela não sentia nenhuma condenação também. Ela balançou a cabeça lentamente.

— Não consigo — ela resmungou.

Mas ele chamou-a para dentro.

— Você precisa — disse ele. — Confie em mim.

Ela olhou para a borda da varanda. Normalmente, ela teria subido com um movimento rápido. Hoje, suas pernas eram como chumbo e o pensamento de caminhar para qualquer lugar era desanimador. De cabeça baixa, ela marchou com os passos curtos e subiu pesadamente para a varanda.

Will tinha feito um café da manhã simples para ela. Ele havia torrado dois pedaços de pão achatado e os cobriu com manteiga e geleia de frutas. Havia um copo de leite ao lado deles. Ela sentou-se, descansando a cabeça em suas mãos por um minuto mais ou menos. Sentiu Will de pé atrás da cadeira dela. Inclinou-se diante dela e empurrou o prato de pão torrado para mais perto.

— Vá em frente. O açúcar na geleia vai ajudar. E o leite deve resolver o problema em seu estômago.

Ela tomou um gole de leite. Ele havia sido deixado no parapeito da janela durante a noite e estava frio e calmante. Ela olhou para as torradas e geleia e foi atingida por sentimentos conflitantes. Por um lado, ela estava faminta. Por outro, o pensamento de colocar qualquer coisa em seu estômago rebelde parecia um risco demasiado. Em seguida, o leite fez o seu caminho através de seu sistema e ela sentiu a sensação desconfortável em seu estômago diminuir.

Timidamente, ela deu uma mordida no pão. A geleia era de framboesa e a doçura encheu sua boca, lutando contra o gosto amargo que permaneceu lá. Ela deu outra mordida, em seguida, mais um gole de leite. Will estava certo. A comida e a bebida acalmaram o estômago, e dissiparam o gosto amargo na boca. Não fez nada para a dor de cabeça, é claro. Ela continuou a latejar. Agora tinha mudado seu ponto focal para as têmporas e latejava dolorosamente. Ela percebeu que tinha começado a suar muito. Ela olhou para Will com os olhos turvos. Ele estava fitando-a, mas ainda assim, manteve sua expressão neutra.

— Por que as pessoas fazem isso? — Ela perguntou.

Sua voz ainda era um coaxar, apesar dos efeitos paliativos do leite.

— Porque elas são estúpidas — respondeu ele brevemente.

Então virou-se, satisfeito de que ela iria sobreviver.

— Apresse-se e coma — disse ele por cima do ombro. — Então você precisa tomar banho e mudar de roupa. Suas roupas fedem.

Ela aproximou uma manga do nariz e cheirou com cautela. Ele estava certo. As roupas dela cheiravam a fumaça de madeira velha e carne assada, coberta pelo cheiro azedo de vômito e vinho derramado.

— Ugh — ela murmurou.

Ela terminou a torrada e o leite. Sentindo-se um pouco melhor, pegou roupas limpas e uma toalha de seu quarto e fez seu caminho para o banheiro. Olhou esperançosa para o pequeno fogão que era usado para aquecer a água de banho, mas estava apagado. Ia ser um banho de chuveiro frio nesta manhã, ela pensou miseravelmente.

Comer e tomar banho, embora em água fria, fez muito para melhorar a sua condição. Mas ela ainda estava longe de se sentir melhor. A cabeça ainda latejava e ela estava suando muito. Além disso, os braços e as pernas doíam, por algum motivo desconhecido, e sua mandíbula estava dolorida também. Devo ter dormido tensa, ela pensou, enquanto fazia seu caminho de volta para a cabana, onde Will estava esperando impacientemente na varanda.

— Prática de tiro com arco — ele falou brevemente, apontando para o caminho que levava à sua gama de arco e flecha.

Maddie gemeu. O pensamento de se concentrar em um alvo enquanto ela puxava seu arco recurvo de vinte e cinco quilos não era agradável. Então, ela deu de ombros mentalmente. Ela não esperava realmente que Will lhe desse um dia fácil só porque ela estava se sentindo mal.

Ela atirou terrivelmente. Suas mãos tremiam enquanto tentava acertar as setas no alvo, e ela achou quase impossível concentrar a sua visão e manter uma boa visualização. Ela lançou prematuramente, pegando na corda enquanto o fazia, tentando fazer seu tiro atingir o centro sem o uso de qualquer uma das técnicas que tinha aprendido.

As flechas acabaram fora da borda do alvo, voando em ângulos aleatórios para as árvores. Depois de cinquenta tiros, ela não conseguiu acertar o centro do alvo nenhuma vez. As cerdas de suas flechas estavam acusadoramente fora do limite do alvo. Apenas três delas conseguiram acertar as extremidades do alvo.

Will bufou em desgosto.

— Acho que você precisa de uma tarefa que exige um pouco menos habilidade — disse ele. — Siga-me.

Ele mostrou o caminho que levava para o pequeno espaço aberto antes da cabana. De um lado havia uma grande pilha de toras e um machado.

— Essas toras são muito largas para o nosso fogão. Divida-as em pedaços menores.

Ela arrumou seu arco e aljava, agora com meia dúzia de flechas faltando que ela não tinha sido capaz de encontrar. Sabia que ela ia passar as próximas noites fazendo substituições. Em seguida, ela fez seu caminho de volta para o quintal. Will estava sentado em uma cadeira de lona na varanda, lendo relatórios enviados por Gilan. Ela fez uma pausa enquanto chegava ao lado dele. De braços cruzados, ela percebeu que não havia nenhum sinal da pasta de couro.

— Como você soube que eu tinha saído na noite passada? — ela perguntou.

Ele olhou para cima a partir do relatório que estava estudando.

— Se você pretende fugir — ele disse a ela com uma voz fria — tente lembrar-se de não pegar a sua capa.

A boca dela se abriu em um silencioso O. Lembrou-se de pegar a capa de seu lugar enquanto saía da cabana. Era uma segunda natureza vesti-la sempre que deixava a cabana.

— Sair escondido foi tolo e desobediente — Will continuou. — Pegar a sua capa foi simplesmente estúpido. Eu não sei o que eu achei mais decepcionante.

Ela abaixou a cabeça de vergonha. Ela odiava quando ele era assim – frio e desapaixonado. Na época em que estava com ele, sentiu-o aquecer um pouco com ela, cada vez mais encorajador quando ela se esforçava para aprender as habilidades necessárias de um Arqueiro. Agora, ao que parece, ela estava de volta onde começou, tudo por causa de um incidente tolo. Ela adivinhou que foi o suficiente para destruir a confiança.

— Essas toras não vão se dividir sozinhas — Will comentou, olhando de volta ao seu relatório.

Ela percorreu toda a pilha de lenha e começou a dividi-la. Parecia que a cabeça latejante estava dividindo junto com elas. Mas ela continuou obstinadamente, lutando contra as ondas de náusea que a assaltaram, gemendo baixinho enquanto o impacto do machado ressoava através de seu corpo a cada golpe.

Will a observou sob as sobrancelhas abaixadas. Ele acenou com a cabeça uma vez que a viu lutando contra a dor e as náuseas para continuar. Ela havia descartado sua capa e seu gibão. Sua camisa de linho estava escura com o suor. Depois de quarenta minutos, ele disse que bastava. Ela abaixou o machado e afundou com gratidão no toco de árvore que estava usando como bloco de corte.

— Tudo bem — ele falou rapidamente. — Uma passagem rápida na pista de obstáculos e você pode fazer uma pausa – depois de lavar a sua roupa, isto é.

Ela olhou para ele com horror. A pista de obstáculos era uma área de treinamento que Will tinha construído. Ela incluía, entre outras coisas, paredes

de toras altas para escalar e descer do outro lado, toras estreitas sobre poços cheios de lama e o pior, balanços de corda através do córrego e uma rede a 30 centímetros do solo sob a qual ela teria que rastejar. E tudo feito contra um temporizador, de modo que “uma passagem rápida” era pouco. Se ela não terminasse antes que o tempo esgotasse, ela teria que fazer tudo de novo.

O pensamento a deixou enjoada. A realidade, quando ela chegou, foi ainda pior. Ela caiu da tora estreita no poço de lama e teve que rastejar para fora do cheiro horrível e da lama grudenta, suas roupas agora pesadas com ela. Consequentemente, ela foi lenta no balanço de corda e caiu na água até a cintura. A areia no temporizador havia muito tempo corrido toda antes de ela terminar, e Will fez um gesto sem palavras para iniciar mais uma vez. Ela cambaleou para trás e começou de novo. Ela não percebeu que, desta vez, ele virou a ampulheta de lado para parar os grãos que escorriam de cima para baixo.

Ela cambaleou e se debateu sob a rede e, finalmente, cambaleou até ele, cobrindo os últimos dez metros sobre suas mãos e joelhos, depois que ela caiu, vendo com alívio que havia alguns grãos restantes na metade superior da ampulheta. Ela caiu de corpo inteiro no chão.

— Levante — Will disse brevemente e ela gemeu quando arrastou-se a seus pés.

— Por que você está fazendo isso comigo? — ela perguntou copiosamente.

Ele a olhou por alguns segundos antes de responder.

— Eu não estou fazendo isso com você, Maddie. O vinho está. Tenha isso em mente.

Ela levantou-se, exausta, com as mãos nos quadris, cabeça baixa.

— Eu nunca vou beber vinho de novo.

Ele continuou a estudá-la.

— Vamos esperar que não.

Então ele se virou em direção à cabana, fazendo um gesto para que ela o seguisse.

Ela se arrastou atrás dele, a cabeça doendo, o estômago agitando mais uma vez. O gosto terrível estava de volta em sua boca. À medida que se aproximou da cabana, ela se deu conta de um cheiro familiar. Familiar, mas agora estranhamente atraente. Era o rico aroma de café fresco. Enquanto ela concluía a corrida de obstáculos, Will voltara para a cabana e fizera um bule de café. Ele se sentou com ela agora e derramou um copo, colocando-o à sua frente.

— Eu não bebo café — ela falou automaticamente.

Mas o cheiro sedutor estava enchendo suas narinas e ela se perguntou se talvez sestivesse enganada. Will adicionou leite e várias colheres de mel escuro, agitou-o e entregou-o a ela.

— Beba — ele ordenou, e ela se perguntou brevemente se essa era mais uma parte de sua punição.

Então, ela deu um gole na bebida doce e quente, sentindo seu caminho através de seu corpo cansado, diminuindo o latejar na cabeça, revitalizando-a, atualizando-a com o seu maravilhoso aroma e sabor rico restaurador. Ela tomou um gole de novo, desta vez mais profundo, em seguida, colocou a cabeça para trás e suspirou em apreciação.

— Talvez eu possa me acostumar com isso — disse ela.

Will levantou uma sobrancelha.

— Ainda pode haver esperança para você.

Capítulo 25

DE ALGUMA FORMA, MADDIE CONSEGUIU passar o resto do dia esgotante. Tomou banho novamente. Desta vez, ela teve tempo para acender o pequeno fogão de modo que a água estava quente quando caiu em cascata para baixo nela. Ela engasgou e gaguejou quando derrubou o balde para enviar água jorrando para baixo nela. Mas a água quente na parte de trás do pescoço ajudou a dissipar a terrível dor de cabeça. Até o momento ela se secou e vestiu com roupas limpas, foi só um resto sem brilho de seu auto anterior. Will a observava enquanto voltava do banheiro. Ele sentiu que talvez ela tivesse aprendido a lição. Ressacas tinham uma maneira de ensinar as pessoas que o consumo de álcool não era uma boa idéia. Depois de trabalhar com tanta força na parte da manhã com a divisão de registro e da pista de obstáculos e a prática de tiro com arco, ele cedeu um pouco e deu-lhe uma tarde fácil. Ele a colocou com a tarefa de lavar a sua roupa — ela havia passado por duas mudanças de roupa naquele dia e suas roupas descartadas foram coradas com suor, e pior. Ela também teve que reparar o rasgo no joelho de sua calça e lavar o sangue seco lá. Então, ele a apresentou ao código do Courier — baseado em uma grade de letras — e definiu vários exercícios para fazer.

Os números sobre a página borrada e um pouco fora de foco, e a dor de cabeça surgiu de novo enquanto se concentrava neles. Mas apesar de tudo, era preferível aos esforços violentos da manhã. Maddie terminou um conjunto de exercícios de código e entregou a ele. Ele passou por eles rapidamente, fez algumas correções, depois resmungou. Ela estava um pouco decepcionada. Normalmente, quando ela se sai bem em uma tarefa — e ela sentiu que tinha feito bem nessa — ele murmuraria algumas palavras de louvor. Mas não hoje.

Perdi a confiança dele, ela pensou miseravelmente, e se perguntou se eles jamais atingiriam o nível de calor que tinham começado a desenvolver entre eles. Provavelmente não, pensou sombriamente. Eles tiveram um ataque de discórdia naquela tarde. O sol tinha afundado abaixo das árvores e Maddie acendeu as três lâmpadas de óleo que forneceram luz para a cabana. Quando ela ajustou o último pavio, Will falou. —Há uma coisa—, disse ele. —Eu quero os nomes de seus companheiros na noite passada. — Ela olhou para cima com medo. Seu rosto estava sério e determinado. Mas ela não podia cumprir a sua ordem. —Eu. . . Eu não posso fazer isso —, disse ela. —Eu não me importo se você me punir, mas eu não vou trair os meus amigos.— Ele estudou-a severamente por alguns segundos, então ele balançou a cabeça lentamente.

—Bem, eu aplaudo sua lealdade para com os seus amigos, se não a sua sabedoria —, disse ele. —Mas eu suponho que não foi você que obteve aquele barril de vinho na noite passada?— Ela balançou a cabeça. Ela sentiu que poderia ir tão longe sem trair os outros. Mas ela não estava indo para dizer-lhe quem tinha trazido o barril para a festa.

—Quem fez deve ser punido—, disse ele, e ela balançou a cabeça mais uma vez.

—Eu não vou dedurar eles —, disse ela.

—Hmmm—, disse ele severamente. Na verdade, ele não precisava dela para lhe dizer os nomes. Ele levaria menos de meia hora para encontrá-los. Os rostos dos três foram gravadas em sua memória. Ele iria reconhecê-los quando os visse, e ele iria denunciá-los aos seus pais. Eles precisavam ser disciplinados, assim como Maddie tinha sido. Mas ele estava contente que ela não tinha tentado obter favores com ele, informando sobre eles. A lealdade pode ser equivocada, mas a recusa mostrou uma força de caráter.

—Você tem que perceber, Maddie, que, como Arqueiros precisamos manter um certo sentido de. . . distanciamento das pessoas. —Ela inclinou a cabeça. —Distanciamento?— Ela perguntou.

—Há uma mística sobre os Arqueiros —, ele disse a ela. —E nós precisamos mantê-lo. Você precisa do respeito daqueles que o cercam. É bom ter amigos, mas vamos dizer que um dia você precise disciplinar uma daquelas crianças que estava com você na noite passada. Ou pedir que eles façam alguma coisa. Você precisa deles para pensar em você como Maddie, o Arqueiro, e obedecê-la imediatamente, sem pensar. Eles não podem vê-la como Maddie, a menina boba que caiu bêbada com eles uma noite. —Ela considerou isso. —Você está dizendo que eu não posso ter amigos?— Ele começou a dizer não, então reconsiderou. —De certa forma, sim, eu estou. Pode ser amigável com eles, mas você não pode deixá-los tornar-se muito familiarizados com você. É um dos sacrifícios que fazemos como Arqueiros. Nossos amigos tendem a ser outros Arqueiros.

—Mas minha mãe e meu pai são seus amigos,— ela apontou e ele acenou com a cabeça, aceitando o ponto.

—Nossa amizade foi forjada através de um monte de vezes perigosas. Tivemos que depender uns dos outros e confiar uns nos outros. Minha vida estava muitas vezes nas mãos de seu pai. E de sua mãe—, ele acrescentou. —Essa é uma base melhor para amizade do que se esgueirar por ai bebendo vinho roubado por trás dos estábulos.— —Acho que sim—, disse ela. Ela podia ver o seu ponto. Ela gostava do prestígio e respeito que ela tinha ganhado como aprendiz de Arqueiro. Ela tinha visto como as pessoas olhavam para ela. E ela podia ver como uma escapada estúpida como a da noite anterior poderia destruir

esse respeito.

—É hora de crescer, Maddie —, disse ele.

—Eu suponho que é—, respondeu ela.

Ela foi para a cama cedo naquela noite, pouco depois de terem terminado de comer as simples tiras de carne grelhadas e batatas na manteiga cozidas. Will também preparou uma salada de algumas folhas verdes amargas, entrelaçando-a com um molho leve e adstringente. Era tudo simples, alimento nutritivo, calculado para afastar os últimos vestígios de sua terrível ressaca. Quando ela terminou e levou sua bandeja para a bacia da cozinha, Will fez um gesto para a cafeteira.

—Gostaria de uma xícara?—, perguntou ele.

Ela hesitou, mas depois lembrou-se da maravilhosa sensação de alívio que sentiu desde o leitoso e doce café doce no início do dia. —Por que não?—, Ela disse. Ele virou-se para esconder um leve sorriso enquanto servia um copo para ela, em seguida, acrescentou leite e mel. Ela esvaziou o copo, maravilhada com a forma como o líquido facilitou os últimos vestígios remanescentes de sua dor de cabeça. Em seguida, ela bocejou. —Acho que vou para dentro— Ele assentiu. Ele virou a cadeira para a lareira e ficou olhando para as chamas contorcendo-se.

—Noite—, disse ele.

Ela fez seu caminho para o seu quarto, bocejando continuamente. Sua cama nunca fora tão acolhedora. Foi bem depois da meia-noite quando ela acordou. A lua tinha deslizado em frente a um dos lados da cabana para o outro, a sua luz agora inclinado pela janela na direção oposta de onde ele tinha sido quando ela adormeceu.

Ela perguntou o que tinha acordado ela. Algo havia penetrado em seu sono, ela tinha certeza. Ela ainda estava deitada, segurando a respiração por alguns segundos. Em seguida, ela ouviu. O murmúrio de vozes. Ela sentou-se, em silêncio, e moveu os cobertores para o lado. Uma parte de sua mente registrou o fato de que a dor de cabeça maçante finalmente foi embora. Ela olhou para o fosso sob a porta do quarto. Não havia nenhuma fenda de luz vindo de lá. As lâmpadas foram, obviamente, na sala de estar, embora ela poderia fazer um lampejo maçante jogado pelas brasas no fogo.

Ela virou a cabeça e escutou atentamente. Lá estava ele de novo. Vozes. Ou, mais corretamente, uma voz, baixa e quase inaudível. Se não fosse pelo silêncio da madrugada, ela poderia nunca ter ouvido ele falar. Ela se levantou e se dirigiu para a porta, abrindo-a facilmente. As dobradiças foram bem untada e não fizeram nenhum som — Arqueiros gostam dessa maneira. Ela sorriu com quão discretamente ela conseguia se mover agora. Depois de meses de treinamento com Will, ela tinha aprendido a andar levemente, evitando obstáculos e aprendeu

onde as tábuas que podem emitir um rangido podiam ser encontradas.

Ela entrou silenciosamente na sala de estar, então franziu o cenho quando viu que a porta da frente da cabana estava aberta. Isso foi incomum. Will sempre teve a certeza que a porta estava trancada por dentro quando ele se preparava para a noite. Voltando para o quarto, ela chegou ao local onde sua espada pendia de uma estaca e silenciosamente puxou Saxônica dele. Em seguida, ela fez seu caminho para a porta da frente, evitando as três tábuas soltas que foram definidas para criar um grito alto de madeira em madeira e avisar de qualquer intruso.

A voz murmurando podia ser ouvida mais claramente agora. Parecia estar vindo do final da varanda — o local que Sable geralmente ocupava. Maddie olhou cautelosamente ao redor da porta aberta, pronta para recuar imediatamente se alguém estivesse olhando em sua direção, tomando cuidado para não tocar na própria porta. A parte inferior da porta arrastava contra as tábuas do piso da cabana. Originalmente, ela tinha pensado que esta obra era desleixada, até Will explicar que era um outro dispositivo de alarme, caso alguém tentasse entrar. Ao contrário das portas interiores, esta foi projetada para ser barulhenta. Para abrir a porta silenciosamente, era preciso levantá-la em suas dobradiças. O que era, obviamente, o que Will tinha feito. Podia vê-lo sentado, de costas para ela, à beira da varanda. Sable estava sentado ao lado dele, apoiando seu corpo quente contra o dele, sua cauda se movendo em varreduras lentas no assoalho da varanda como Will falava com ela, despejando seus problemas.

—. . . eu sinto tanta falta dela, menina. Eu acordo de manhã e acho que ela vai estar lá. Ou entro em uma sala e espero vê-la. Então eu me lembro que ela é uma, e meu coração quer quebrar todo de novo. —Ele está falando de Alyss, Maddie percebeu. De repente, ela se sentia como um intruso, ouvindo os pensamentos privados de Will. Ela queria afastar-se e rastejar de volta para a cama. Mas ela não teve coragem de fazê-lo. A curiosidade levou a melhor sobre ela.

—Ela era tudo para mim, garota. Tudo.— A cauda de Sable rodou em um baque simpático contra as tábuas. Will colocou o braço em volta dela, puxando-a para mais perto dele, enterrando o rosto no pêlo espesso de sua juba.

—Oh Deus, como eu sinto falta dela. É como se houvesse um buraco enorme na minha vida. Mas eu não posso chorar por ela. Eu nunca chorei por ela e isso dói muito. Por que eu não posso chorar, Sable? —Mais uma vez, Sable contraiu o rabo pesado com entendimento. Will ficou em silêncio por um minuto mais ou menos.

—Pauline diz que vai doer gradualmente menos. Vai ser mais fácil de suportar. Mas quando isso vai acontecer? Parece ser tão fresca, tão profunda, a cada dia que passa. —Maddie, envergonhada por sua espionagem, virou-se para

ir embora. Mas as palavras seguintes de Will a parou.

—Graças a Deus por Maddie. Pelo menos ela me dá alguma coisa para levar minha mente longe da dor e do sofrimento. Ela é a única mancha brilhante na minha vida.— Eu, ela pensou. Eu sou um ponto brilhante em sua vida?

—Se ela passa por essa bobagem atual e se estabelece, ela poderia ser uma excelente Arqueiro. Ela é inteligente. Ela pensa rápido e ela é excelente em tiro já — particularmente com a profundidade dela. Ela poderia abrir o caminho para um monte de meninas segui-la na Corps. É uma pena que eu só tenho ela por um ano. —Maddie balançou a cabeça maravilhada. Ela não tinha idéia de que Will pensava dela tão bem. Ele certamente não tinha lhe dado nenhum sinal.

—Bem, é tarde, menina. Eu vou para a cama. Obrigado por escutar.— Maddie ouviu o baque pesado da cauda de Sable nas tábuas mais uma vez. Em seguida, ela ouviu os sons da raspagem de Will chegando a seus pés. Movendo-se em silêncio, ela fugiu do outro lado da sala para a porta. Ela tinha quase fechado quando ouviu Will levantar a porta da frente para voltar a entrar na cabana. Então o clack suave da trava fechada. Vagamente, ouviu o tum de Sable deslizando sua patas dianteiras para fora antes dela quando ela deslizou para baixo para uma posição deitada.

Maddie esperou até Will tinha cruzado até seu próprio quarto. Quando ele fechou a porta com cuidado, ela combinou sua ação, de modo que qualquer pequenos sons de sua própria porta seria coberto pelo seu. Ela se deitou cuidadosamente sobre a cama e puxou as cobertas até o queixo. Era uma noite fria e ela estava com frio. Ela estremeceu uma vez, depois relaxou. Ela ficou deitada por um longo tempo com os olhos abertos, pensando sobre o que tinha ouvido. Eventualmente, ela foi dormir. Mas uma firme resolução tinha se formado em sua mente. Ela iria fazer as pazes por seu comportamento com os três adolescentes da vila. Ela nunca deixaria Will daquele jeito de novo. E ela iria recuperar a sua confiança nela.

Capítulo 26

Nos últimos anos, Maddie refletia muitas vezes em como o menor evento pode ter o mais profundo resultado. Quatro dias se passaram desde que ela tinha acordado com cegueira e uma ressaca nauseante. Seu jovem corpo já tinha expulsado os venenos bebido naquela noite terrível e agora ela estava de volta ao normal e pronta para qualquer atividade.

Embora ela se sentisse fisicamente melhor, a memória da ressaca continuava, e ela prometeu nunca mais beber álcool.

Ela se desculpou com Will pela maneira como ela agiu e ele tinha assentido em silêncio, aceitando suas palavras. Mas, como ele, ela sabia que sua promessa eram apenas palavras, e as palavras eram fáceis. Ações são mais difícil, e ela resolveu mostrar a ele como verdadeiro e sincera suas palavras de desculpas eram. Ela aplicou-se ao seu treinamento e suas lições com uma nova diligência.

Ele observou isso, mas não disse nada. Ele iria esperar para ver quanto tempo esta nova energia e aplicação iria durar. Era cedo ainda. Eles estavam terminando o almoço, quando houve uma batida na porta da cabana. Alguns minutos antes da batida, Puxão e Bumper tinham soados, ambos, um alerta no estábulo quando eles sentiram alguém se aproximando da cabana. Se era um inimigo ou não, eles não tinham idéia, já que seu aviso era neutro. Por outro lado, Sable estava fora de sua posição habitual no final da varanda, e ela não fez nenhum som. Isso indicou para Will que quem se aproximava não representava nenhum perigo.

Levantou-se e mudou-se para a porta. No último momento, ele contorceu sua capa para o lado afim de libertar o cabo de sua faca de caça. Então ele agarrou a fechadura com a mão esquerda e abriu a porta. O movimento foi intencionalmente repentino, projetado para dar-lhe uma visão imediata de toda a área de varanda — apenas no caso de alguém estivesse escondido para algum lado, fora da vista. Os animais podem ter detectado qualquer ameaça, mas eles eram animais. Eles não eram infalíveis.

Nesta ocasião, no entanto, eles se mostraram correto. A pessoa do lado de fora da porta dificilmente poderia ser descrito como ameaçador. Ele saltou para trás de surpresa quando a porta se abriu, assustado com o movimento inesperadamente súbito.

Ele era um homem pequeno, menor do que Will e dolorosamente magro. Seus braços eram como varas, embora houvesse músculo musculoso lá. Ele, obviamente, ganhava a vida pelo trabalho duro. Ele inclinou os ombros e seu

cabelo estava começando a diminuir a partir de sua testa. Seu rosto estava alinhado. Maddie estimou sua idade em torno de sessenta anos, e resistiu por anos de trabalho duro no exterior — em chuva, granizo ou sol. Ele usava uma roupa de fazendeiro — esfarrapado e remendado em muitos lugares — e levava um chapéu de feltro disforme em suas mãos.

-o que posso fazer por você?— Will perguntou.

O homem balançou a cabeça nervosamente. Ele nunca tinha ficado tão proximo de um Arqueiro e ele estava achando a experiência um pouco inquietante.

-aah. . . hmmm. . . desculpe incomodá-lo, Arqueiro. Não quis perturbá-lo ou nada. . . — disse ele, hesitante.

Will decidiu não responder com o óbvio: Se você não queria me perturbar, por que você bateu na minha porta? Ele sentiu que tal resposta iria confundir o homem ainda mais e torná-lo mais nervoso do que já estava.

—Você precisa de ajuda de algum tipo?—Will perguntou.

O fazendeiro pensou na pergunta, girando o seu chapéu diversas vezes.

-meu nome é Arnold, Arqueiro.Arnold Clum de Split Fazenda de Carvalho.— Ele apontou por cima do ombro com um movimento de cabeça.— Off para o sul há cerca de dez quilômetros.

Um nome impressionante para o que era, provavelmente, uma inexpressiva fazenda, a julgar pelo estado da roupa de Arnold e sua dieta pobre. Will percebeu que Arnold, como a maioria dos compatriotas, iria tomar o caminho mais longo para responder à pergunta.

-cultivei lá a maior parte da minha vida—, Arnold Clum continuou, confirmando as suspeitas de Will sobre respostas desviadas.— Não é uma grande fazenda, você percebe. Apenas uma pequena exploração. Temos plantado alguns legumes, não muitos. O solo é rochoso lá fora. E nós mantémos algumas ovelhas. Principalmente, porém, dependemos das galinhas. Minha esposa as mantém.

Maddie tinha subido na mesa e se moveu para ficar um pouco atrás de Will. Arnold Clum notou e balançou a cabeça, puxando uma aba do chapéu que era inexistente. O chapéu, afinal, estava em sua outra mão.

—Boa tarde, senhorita— ,disse ele educadamente. Ele olhou para ela, confuso. Ela estava vestida como um Arqueiro, mas ela era uma menina. Ele encontrou os dois fatos concretos para conciliar.

-maddie é o meu aprendiz, —Will disse, como explicação. —Você pode chamá-la de —Arqueira Maddie—.

-ah, sim, também... boa tarde, Arqueira Maddie — ,disse Arnold.

Maddie sorriu para ele. Ela decidiu que gostava de ser referida como

Arqueiro Maddie. Ela sentiu que lhe deu um certo prestígio — embora ela não estava totalmente certo sobre que prestigo poderia ser. Era um termo que ela tinha ouvido sendo usado uma vez e ela pensou que poderia ter algo a ver com prestígio.

-temos talvez vinte, trinta galinhas e um galo,— Arnold continuou, focalizando sua atenção de volta para Will. -nós mantémos os ovos, é claro, e de vez em quando nós matamos um para cozinhar. É agradavel ter um pouco de carne de vez em quando— ,acrescentou. Inconscientemente, ele lambeu os lábios com a idéia de uma galinha cozinhada na panela.

Sua expressão era tão melancólico que Will estava disposto a apostar que — de vez em quando— não era mais do que uma vez por mês.

—Galinhas pode ser útil dessa forma,— Will disse, na esperança que a narrativa andasse um pouco mais rápido.

Arnold Clum acenou várias vezes.

-sim. Animais são uteis,galinhas podem ser. Você pode aumentá-los praticamente em qualquer lugar.

—Eu nunca tentei,— disse Will.

Arnold deu de ombros e olhou para ele, com a cabeça inclinada para o lado.

-sim, bem, você deveria. Galinhas morrem facilmente . Só precisa de um pequeno pedaço de terra para elas se locomoverem ao redor .Elas gostam de andar ao redor. Depois, você pode alimentá-las de qualquer tipo de restos e...

—Você está tendo algum problema com as suas galinhas?— Will perguntou.

Arnold parou no meio da frase e olhou para ele, a boca ligeiramente aberta.

-como você sabe?

Will suspirou. O homem disse precisava de ajuda e, obviamente, as suas galinhas eram as criaturas mais importantes da sua vida. Era uma lógica acho. E era mais um passo lógico supor que o problema era com algum tipo de predador. Depois de tudo, se as galinhas estivessem doente, ele não teria chegado a um Arqueiro para obter ajuda. Um farmaceutico era uma aposta melhor.

-alguma coisa está tomando suas galinhas?— Will perguntou.

A boca de Arnold se abriu um pouco mais.

—Vocês Arqueiros são estranho!— disse. —É verdade o que dizem. Dirijo-me aqui pedindo ajuda e imediatamente você sabe que há algum bicho tomando minhas galinhas e comendo meus ovos.

Não é bem assim de imediato, Will pensou. Mas ainda assim, a perda de galinhas e ovos seria um assunto sério para alguém como Arnold.

A julgar pelo seu corpo desnutrido, ele recebia pouco, o suficiente para comer.

—Eu os vi algumas vezes, geralmente ao anoitecer, —disse Arnold. -tem o

tamanho de um cachorro pequeno. E é rápido como uma serpente. Eu não consigo pará-lo. Eu tenho uma lança velha, mas não sou grande coisa com ela. Ele vem e vai como bem entender. Não tem nenhum medo de mim. Minha esposa, Aggie, ela me disse: Arnold, vai buscar o Arqueiro. Ele vai saber como lidar com isso!—Provavelmente uma doninha ou um arminho, — Will disse, pensativo. Ele poderia imaginar o problema que Arnold teria tentando matar a criatura de movimentos rapidos só com uma lança velha e mãos trêmulas.

—Provavelmente sim, -arnold concordou. -mas ele é um grande. Veja bem, ele deve está maior que um normal, com o número de meus ovos que ele está comendo! -acrescentou o último com um pouco de calor.

Will assentiu com simpatia.

—Bem, é melhor ver o que podemos fazer. Vamos sair esta tarde. Não há necessidade de você perder mais ovos. Agora, deixe-me saber como chegar a sua fazenda.

Arnold deu-lhe as direçoes, em seguida, partiu. Ele estava pilotando um ossudo cavalo de arar sem sela. O cavalo parecia irregular e surrado como seu proprietário.

—Pensei em deixá-lo ir à frente de nós— Will disse a Maddie. -os fazendeiros gostam de falar quando conhecem alguém novo e eu achei que assim nos poupará.

-será que realmente vale o nosso tempo? —perguntou Maddie. —Quero dizer, montar todas as coisas por apenas alguns ovos?

—É apenas alguns ovos para nós. Para ele, é uma questão de comer ou ficar com fome. E olhando para ele, eu diria que ele tem feito muito disso —.

Maddie franziu os lábios, pensativo.

-oh. Eu vejo.

—Isso é parte do que fazemos, Maddie, —Will disse a ela. -nós ajudamos pessoas em apuros. Quer se trate de rastreamento de salteadores ou prender assassinos ,ou salvar os ovos de um fazendeiro. Arqueiros estão aqui para servir o povo.

—Eu não tinha pensado nisso dessa forma— ,disse ela. —Então, nós devemos começar a nos movimentar?

Will balançou a cabeça.

— Ainda não. Eu não gostaria de chegar até ele. Eu vou ajudá-lo, mas eu não quero ter que ouvi-lo.

Capítulo 27

Eles chegaram à fazenda uma hora antes do anoitecer. Eles calvagaram até o patio e olharam para a pequena fazenda em ruínas. Foi construida a partir de placas de casca e taipa, com telhado de palha que era um pouco maior do que a Maddie nas bordas. Uma espiral de fumaça saia da chaminé.

Maddie fez um movimento preparatório para balançar para baixo da sela, mas Will estendeu a mão para detê-la.

—Espere até que sejarmos convidados— ,disse ele em voz baixa.

Maddie tomou nota. Como uma Princesa, é claro, ela nunca tinha a necessidade de ser convidada. Ela sempre tinha assumido que ela era bem—vinda onde quer que fosse. Mas agora, ela esperou que Arnold e uma mulher, que era, obviamente, sua esposa sair da casa da fazenda.

—Bem—vindo, Arqueiro, bem—vindo. Esta aqui é minha esposa, Aggie. Aggie, este é o Arqueiro, e a Arqueirqa Maddie.

Aggie realizou uma ligeira reverência, a ação reduzida por anos de trabalho duro e uma dor nas costas. Ela era tão magra quanto o marido e seu cabelo era cinza. Como Arnold, seu rosto estava forrado por anos de trabalhar duro.

—Bem—vindo, Arqueiros. Desçam, por favor. Gostariam de chá?

Algo para comer, talvez?

-obrigado, mas não, senhora Aggie, —Will disse. Essas pessoas tinham pouco para sobreviver. Ele não queria privá-los, compartilhando suas escassas provisões.

—Vamos dar uma olhada neste galinheiro de vocês.

Ele e Maddie desmontaram. Como era seu costume, eles deixaram as rédeas de seus cavalos soltas. Cavalos de Arqueiro não precisavam ser amarrados. Eles ficam parado enquanto seus pilotos estivessem perto. Arnold e Aggie Clum levaram-os a um conjunto considerável de cerco, a aproximadamente quinze metros de distância da casa. Eram de dois e meio metros de altura construidos de varas de salgueiro estreitas, colocadas verticalmente para dentro do chão e entrelaçada com fios horizontais. A cada dois ou três metros timha mais uma cerca substancial. Dentro era uma empoleirada casa em ruínas, construído de pedaços estranhos de madeira e casca. Uma rampa em ângulo corria até ela, permitindo o acesso as galinhas. A estrutura foi concebido para conter as galinhas e mantê-las seguras à noite. Não que isso parecesse funcionar, Maddie pensava. Eles entraram no recinto e Maddie se abaixou para olhar dentro do galinheiro. Havia filas de caixas no interior da ninhada e ela ouviu o cacarejar fraco de galinhas, como se o som de seus movimentos os perturbasse.

Arnold apontou para a cerca mais distante da fazenda.

—Vem de lá de cima, rápida. Nada que eu posso fazer os impede.

Will mudou-se para o ponto que o fazendeiro tinha indicado. Houve um calha de água naquele ponto e não era totalmente lenta. O gotejamento correu dele, molhando e suavizando o chão. Ele estudou as pegadas na lama e acenou para Maddie.

-olhe para isso. O que você acha?

Ela franziu o cenho. Ele tinha mostrado dezenas de pegadas nos meses passados. Ela não tinha certeza.

-a fuinha, talvez? —Ela disse. Ela estava meio na adivinhação, porque ela sabia que era um predador de algum tipo e uma raposa não poderia ter escalado a cerca. Will sacou a faca de caça e apontou para as pegadas.

—Veja lá? Há marcas de garras lá na frente das patas.

Ela olhou para ele, perguntando-se a aonde ele queria chegar. Ele percebeu que não tinha explicado isso a ela antes, então ele continuou pacientemente.

—É uma marta pinheiro, —disse ele. -como uma doninha ou um vison. Mas com uma diferença. Garras de uma marta apenas se retrai até a metade. Assim, você pode ver as marcas das garras em suas trilhas. Parece que tem um dos grande.

—Ele é grande, tudo bem, —disse Aggie com um veneno sincero em sua voz. —E bem rápido também.

—Bem, então, vamos ver se podemos atrasá-lo um pouco, —disse Will.

Eles encontraram um ponto contra a casa da fazenda onde a parte superior da cerca do galinheiro teria silhueta contra o céu da noite, e estabeleceu-se em manter o relógio. Eles esperaram que a luz se apagassem.

Arnold tinha lhes dito que a marta tinha-se tornado cada vez mais ousada durante a semana passada, invadindo a casa de frango todos os dias ou dois. Fazia dois dias desde que ela apareceu pela última vez, então as chances eram boas que iria vê-la esta noite.

Will pegou seu arco. Quando Maddie foi buscar o dela que estava aolado da cela, ele balançou a cabeça.

-nesta época do ano, ele vai ter uma boa pele rica, —disse ele. —Uma seta de ponta larga vai rasgá-la e arruiná-la. Portanto, use seu estilingue. Eu vou manter meu arco pronto para o caso de você perde-lo.

Maddie olhou para ele, com o queixo indo para cima.

—Eu não planejo perde-lo, —ela disse.

Will deu de ombros.

-ninguém nunca deseja.

Estava frio após o pôr do sol e Maddie desejava envolver-se nas profundezas

quentes do seu manto. Mas Will balançou a cabeça.

—Ele não pode ter medo de seres humanos, —disse ele, -mas Aggie e Arnold disse que ele é rápido como uma serpente. Nós só teremos segundos para você para acertá-lo, e não podemos dar ao luxo de perder tempo nos desembaraçando de nossas capas.

Assim, ela empurrou a capa de volta em cada ombro para libertar os braços e ficou com um tiro já carregado na tipóia.

Will mantida uma seta encaixada no seu arco. Atrás deles, o volume escuro da casa da fazenda iria ajudar a esconder-los de vista.

O sol tinha caído abaixo da copa das árvores, mas ainda havia luz refletindo das nuvens quando gentilmente a cutucou. Uma escura forma correu para fora dos arbustos e atraves do chão do pátio. Era baixo para o chão e se movia rapidamente.

Maddie tocou a mão dele, indicando que ela vira o predador.

Em seguida, ela viu como a marta correu para onde as galinha estavam e invadiu até a cerca. Dentro do galinheiro, podia ouvir o cacarejar preocupado das galinhas como se elas sentissem a chegada de seu inimigo.

Maddie colocou seu braço direito para trás, deixando a pedra balançar na bolsa do estilingue.

A marta hesitou no topo da cerca, ficando com o equilíbrio nas varinhas de salgueiro balançando, enquanto se preparava para saltar para outra. Quando ela fez isso, Will fez um clique suave soar com a língua. A cabeça da marta virou enquanto ela procurava a fonte daquele som, e Maddie levantou o estilingue para cima e girou, intensificando o tiro quando ela soltou. A luz era fraca e foi um pequeno alvo. Mas Maddie tinha centenas de tiro arremessadas, se não milhares, ao longo dos últimos meses, em todas as condições: no sol brilhante, em semi—escuridão, em uma chuva torrencial.

A esfera de chumbo colidiu com o pequeno predador selvagem e arremessou-o para trás em cima da cerca. Ele caiu no macio terra fora do recinto com um baque surdo. Por um momento, ou dois, suas pernas traseiras tremiam. Mas isso foi simplesmente uma reação muscular. A marta estava morta.

—Boa jogada, —Will disse calmamente. Ele ficou impressionado. Tinha sido um tiro difícil e Maddie tinha conseguido isso perfeitamente. Ele sabia que tinha uma grande diferença entre a prática com um alvo sem vida e ser confrontado com um lançamento ao um alvo vivo com um movimento rápido.

Em voz alta, ele chamou o casal de idosos na casa da fazenda.

—Ela o pegou.

A porta se abriu e um raio de luz caiu do outro lado da fazenda quando Aggie e Arnold emergiu. Maddie já estava se movendo em direção a a forma inerte na

base da cerca.

-tenha cuidado, —Will chamou. -certifique-se de que ele está morto. Essas coisas podem morder através de suas luvas.

Ela acenou com a mão em reconhecimento e se aproximou do animal com mais cuidado. Ela puxou sua faca de caça e cutucou-a experimentalmente. Mas não houve reação.

A marta era um grande problema, ela viu, mais como um cão pequeno do que um grande gato. Obviamente, de acordo com a dieta de frangos e ovos. A pele era grossa e brilhante também. Ela se ajoelhou ao lado da marta, re—embainhou a faca e tirou outra pequena de esfolar da bolsa do cinto. Rapidamente, ela esfolou o animal, cortando a espessura, o pelo brilhante para longe do corpo. Will observou com aprovação. Esfolamento era uma arte que ela já tinha habilidade quando veio a ele.

Ela se levantou e caminhou de volta para onde eles estavam esperando por ela, a pele pendurada em uma das mãos. Então ela estendeu para o fazendeiro e sua esposa.

-aqui, senhora Aggie. Você pode fazer isso em um pano mais quente para o pescoço ou um chapéu para o inverno.

-mas ele é seu, -arnold protestou. —Você o matou. A pele é sua.

Essa era a regra da caça, ele sabia. O bem-sucedido caçador ficava com a pele para si mesmo. Ou ela mesma.

—E eu sou livre para fazer o que quiser com ele. -maddie sorriu, segurando a pele. Hesitante, Aggie tomou. —Você vai ter que pega-lo e salgá-lo, -maddie continuou. —Você sabe como fazer isso, não é?

-oh sim. Eu sei como fazer isso, tudo bem, —disse Aggie. Ela olhou com admiração para a pele na mão. Era um belo pedaço de pele. As peles assim eram para a nobreza, para os ricos. Não para os agricultores pobres, como ela. —Obrigada, Arqueiro Maddie. Obrigada. Este é uma peça de pelagem para uma senhora fina, é isso.

Ela passou a mão gasta pelo trabalho sobre a pele macia. Ela poderia fazer uma touca dela. Ou poderia trocá-la no próximo dia de mercado para dois bons casacos de lã para ela e seu marido. O presente de Maddie iria mantê-los aquecidos no proximo inverno.

—Você é uma senhora fina, -maddie disse a ela. Ela olhou para Will. —Podemos ir agora?

Eles cavalgaram de volta para a cabana em silêncio. Will estudando a jovem menina ao lado dele em alguns detalhe. Ela veio a ele como uma arrogante, egocêntrica e egoísta Princesa, pensando apenas em si mesma e seu próprio prazer. Gradualmente, ele tinha visto a sua transformação. Claro que, o episódio

com o vinho foi um passo para trás. Mas todos cometemos erros, ele pensava. Sorrindo, ele relembrou vários de seus próprios dias como aprendiz.

Mas seu gesto não premeditado, esta noite, entregando a valiosa pele a esposa do pobre agricultor, apresentou um crescimento e uma maturidade que lhe deu um brilho especial. Finalmente, ele falou.

—Isso foi uma coisa boa que você fez.

Ela olhou para ele.

—Você viu as roupas dela? Elas eram velhas, esfarrapadas e remendadas. Pelo menos agora ela vai ter um item quente para o inverno.

Ele acenou com a cabeça.

-sim. Ela vai.

Mas a velha Maddie, a Princesa Maddie, não teria sequer notado o estado das roupas de Aggie, e muito menos faria uma conexão com o que ela sentiria frio no inverno. Eu acho que ela vai dar certo, ele pensou consigo mesmo. Puxão sacudiu a juba e bufou. Eu sempre soube que ela faria.

Capítulo 28

A PEQUENA CABANA nas árvores ainda estava escondida da vista quando Puxão levantou a cabeça e soltou um relincho alegre. Bumper olhou para o som. Quase instantaneamente, um relincho respondendo veio da direção da cabana.

—Temos companhia,— Will disse.

Maddie olhou para ele interrogativamente, mas ele não disse mais nada. Ele pensou que reconheceu o som estranho do cavalo, mas ele não estava totalmente certo. Não há sentido em dar atenção a uma suposição apenas para tê-lo provado o contrário.

Como se viu, ele estava certo. Seguiram até a clareira e viu uma égua baia de pé diante do pórtico. Ela virou a cabeça quando eles se aproximaram e relinchou novamente. Ambos Bumper e Puxão respondeu.

Maddie olhou para seu cavalo, intrigada. —Como é que Bumper conhece? —, Ela perguntou.

Will olhou para ela. —Cavalos de arqueiro tendem a reconhecer o outro. Mesmo que nunca tenham se conhecido. — —Isso não faz muito sentido—, disse uma voz alegre do final do pórtico. —Como você pode reconhecer alguém que nunca conheceu?— Will deu de ombros. —Por que me pergunta? Eu não sou um cavalo. — Você não tem as pernas para isso, Puxão comentou secamente.

Gilan estava sentado no final do pórtico, acariciando as orelhas de Sable. O cão estava com a cabeça para um lado, os olhos fechados e uma expressão de felicidade no rosto. Sable gostava de ter o pêlo grosso em torno de seus ouvidos e pescoço.

Will desmontou e olhou em falsa decepção para Sable.

—Que cão de guarda que você é. Você deveria tê-lo despedaçado.— Sable bateu a cauda sobre as tábuas do pórtico em acordo. Gilan deu-lhe um tapinha final e levantou-se.

—Olá, Maddie. Como o seu treinamento está indo? — Ela lhe deu um sorriso amarelo e desmontou. ——Bem, algum dia acho que chego lá. Como os outros eu sei que não sou.— Gilan levantou uma sobrancelha e olhou para Will. Ele nunca tinha ouvido tal auto—depreciação de Maddie antes. Talvez essa idéia de Halt estava funcionando. Will viu o olhar e adivinhou o seu significado. Ele deu um breve aceno.

—Devo levar os cavalos ao estábulo?— Ela perguntou e a surpresa de Gilan subiu mais um ponto. Maddie se voluntariando para fazer o trabalho braçal era outra coisa que ele não estava acostumado.

—Sim. Se você quiser,— Will disse. —Chama ele também.— Ele olhou para Gilan. —Eu suponho que você vai ficar com a gente? Ou você quer dormir no castelo?— —Não. Eu vou ficar aqui se eu for bem—vindo —, disse Gilan apressadamente. —Tem muito barulho e formalidade no castelo. — —E nós estamos mais perto da Heaped Platter aqui, é claro,— disse Will.

Gilan se permitiu um sorriso. A Heaped Platter era o nome da lanchonete da Jenny em Wensley Village.

—Bem, sim—, respondeu o comandante. —Eu pensei que eu poderia passar por lá para o café da manhã. — —Ela vai ficar feliz em vê-lo—,disse Will, e por um momento, uma pitada de tristeza tingiu sua expressão. Jenny e Gilan pode não ter se casado, mas eles ainda tinham um ao outro.

Ele entrou para dentro e se sentou no banco da cozinha, enchendo o pote de café com um jarro de água fresca. Ele não perguntou se Gilan queria café. Ele era um arqueiro. Arqueiros sempre querem café.

Como Will começou a moer grãos de café, o rico aroma liberado pela moagem encheu as narinas de Gilan. Sua boca encheu de água com a idéia de café fresco. Sentou-se à mesa, afastando uma pilha de papéis que haviam sido deixados lá. Olhando para eles de braços cruzados, ele reconheceu vários dos relatórios semanais enviados aos arqueiros em todo o país. Haviam várias cartas, bem como, e abaixo deles tinha uma pasta de couro, com mais papéis dentro. Ele bateu com o dedo sobre ela.

—O que é isso?— ele perguntou. Will olhou em volta e viu a pasta de couro. Seu rosto assumiu um olhar um pouco envergonhado.

—Oh... apenas uma idéia que eu estava trabalhando. Isso não é importante agora.— Ele pegou a pasta e colocou-a em uma estante de livros ao longo de uma parede da sala de estar. Havia um ar de finalidade sobre o gesto, Gilan pensava. Ele deu de ombros. Ele apenas estava tentando ter uma conversa ociosa.

—Então, como está se saindo com a Maddie?— ele perguntou, mudando de assunto. Will, que havia retomado sua moagem de café, virou-se para encará-lo. —surpreendentemente bem,— ele disse. —Ela é rápida e com vontade e ela está ansioso para aprender. Ela adora a vida ao ar livre e um pouco de liberdade. Meu palpite é que ela estava se rebelando contra todas as restrições do Castelo Araluen. Agora que ela não é uma Princesa mais, ela parece estar dando mais atenção as pessoas ao seu redor.— Gilan franziu os lábios com interesse. —Você usou a carta?—, Perguntou ele. Ele estava ciente da carta que Cassandra e Horace tinha enviado para Will, deserdando a filha.

Will assentiu, voltando-se para a tarefa de fazer café novamente.

—Tinha que fazer. Ela precisava de uma sacudida. Precisava saber que ela

não era nada especial. E deu certo.— —Como assim?— Will parou para pensar, enquanto ele colocava a panela no fogão. Ele abriu a fornalha e jogou vários pedaços de lenha, depois acendeu o fogo na parte inferior do fogão.

—Bem, hoje é um bom exemplo. Um fazendeiro local estava tendo problemas com um marten, roubando seus ovos e matando suas galinhas.— —Então você cuidou dele?— —Maddie fez. Bateu com sua funda. Ela é um tiro morto com isso, por sinal. Em seguida, ela escorregou e esfolou-os em poucos minutos.— Gilan olhou impressionado. —É uma boa pelagem nesta época do ano.— Will assentiu quando ele deixou cair um punhado de café na panela fervendo. —Foi. Foi uma bela pelagem. E esse é o ponto. O fazendeiro e sua esposa eram tão pobres como ratos de igreja. Suas roupas eram finas e irregulares. Ela deu à mulher a pelagem. Disse que queria que ela tivesse algo quente para o inverno.— Gilan assentiu. —Como você disse, isso soa como se ela estivesse tomando conhecimento das necessidades de outras pessoas. O que é uma boa qualidade para se ter em um arqueiro.— —Ela sempre teve um bom coração— disse Will. Ele decidiu não dizer nada sobre o episódio com o vinho. —Ela só precisava se lembrar.— Gilan coçou o queixo, pensativo. As novidades sobre Maddie foi interessante — e gratificante. Nomear uma menina como um arqueiro aprendiz tinha sido sempre um risco. Mas parecia estar dando certo.

Mas ainda mais interessante foi a atitude e e a força de vontade de Will. Havia um sentimento de entusiasmo silenciado enquanto falava sobre sua aprendiza e as habilidades dela. O olhar assombrado, a tensão, a obsessão mórbida por vingança que ele tinha adotado ao longo do ultimos meses parecia ter desaparecido. Ele estava de volta à sua origem, alegre mesmo. Mas ele estava definitivamente melhorando.

Parece que Halt sabia o que ele estava falando, Gilan pensava. Então, ele perguntou por que ele ficou surpreso com a revelação. Halt geralmente sabia o que ele estava falando.

Ele esperou enquanto Will colocava uma xícara de um rico café fumegante em frente a ele e disse: —Então, você acha que ela está pronta para ir em uma missão com você?— Ele disse casualmente, mas era um ponto crucial. Will, despedaçado pela dor e fixado na idéia de caçar Jory Ruhl, havia rejeitado as duas últimas missões que Gilan lhe atribuíu. Gilan sentiu uma onda de alívio quando viu seu amigo, considerando o ponto, então assentindo. —Sim. Eu ficaria feliz em levá-la junto em uma missão. Talvez seja bom para ela, nesta fase da sua formação.— A porta se abriu e Maddie entrou. Os dois se viraram e ficaram em silêncio, como as pessoas fazem quando o assunto da conversa de repente aparece. Maddie notou a súbita falta de conversa e olhou ansiosamente para Will e depois para Gilan. Será que Will tinha dito ao Comandante sobre sua

queda em desgraça, perguntou-se?

—Eu dei a Blaze uma maçã— ela disse timidamente. —Ela parecia achar que era totalmente inadequado, então eu dei-lhe outra.— —Ela vai ser sua escrava pela vida toda— Gilan disse facilmente.

Maddie relaxou um pouco pelo seu tom amigável. Ela olhou ansiosamente para Will e, sentindo a causa de sua preocupação, ele deu um leve aceno de cabeça. Ele apontou para o copo em cima da mesa.

—O café está feito— ele disse e ela se sentou agradecida, segurando a xícara com as duas mãos.

—Eu bebo café agora,— ela disse à Gilan.

Ele balançou a cabeça. —Ainda bem. É uma das condiçõespara se tornar um arqueiro.— Ele viu o olhar de alívio nos olhos dela e percebeu a rápida troca de olhar entre ela e Will. O rosto de Will era inexpressivo. Tão inexpressivo que Gilan sabia que havia algo que não estava sendo dito. Então, ele deu de ombros mentalmente. Se Will tinha decidido não contar a ele, provavelmente não era nenhum de seus negócios, ele pensou.

—Will disse que você está pronta para ir em uma missão com ele,— ele disse.

—O que você acha?— Ela olhou uma vez para seu mentor, em seguida, olhou para trás para Gilan.

—Eu estou pronta,— ela disse. —Qual é a missão?— Gilan estava satisfeito com sua resposta. Sem hesitação. Sem incerteza.

—É no feudo do Trelleth.— ele disse ele. —Um arqueiro foi morto lá.— Will levantou a cabeça instantaneamente. —Morto? Morto por quem?— Gilan sacudiu a cabeça, hesitante. —Não há nenhum suspeito. Ele caiu de seu cavalo e quebrou o pescoço.— —Então isso foi um acidente?— Maddie disse.

Gilan olhou para ela com ceticismo. —Possivelmente. Na verdade, isso é o que parece. Mas eu não acredito em acidentes, não quando é um arqueiro que morre—.

Will estava franzindo a testa, pensativo. —Quem é o arqueiro de Trelleth?— Ele parou e se corrigiu. —Ou melhor, quem era ele?— Em uma força pequena, como o Corpo de Arqueiros, todos se conheciam, pelo menos de vista e nome. Claro, houve algumas relações mais estreitas nas fileiras também.

—Liam—, Gilan disse a ele. —Se lembra dele?— Will assentiu tristemente. Ele esteve presente na formatura de Liam, o dia em que ele foi presenteado com sua oakleaf de prata. Foi o ano em que ele, Halt e Horace tinha viajado para Hibernia para rastrear o líder da seita, Tennyson. —Sim. Ele era um cara bom.— —Ele era de fato. Ele foi um dos mais brilhantes entre o exercito mais novo de arqueiros. Vamos sentir falta dele.— —Então o que você quer que façamos?—

Will perguntou.

—Vá até Trelleth e questione ao redor. Veja se você pode encontrar qualquer coisa suspeita sobre a morte dele. Como eu disse, eu estou sempre desconfiado quando um arqueiro morre.— Will olhou para um mapa de Araluen na parede da cabana. Trelleth foi uma feudo de médio porte na costa leste do país.

Gilan seguiu a direção de seu olhar.

—O barão de lá é chamado de Scully. Ele enviou um pombo-correio com a notícia da morte de Liam. O homem que encontrou o corpo é um agricultor.— Ele disse. —O nome do fazendeiro era Wendell Gatt. Sua fazenda é grande, cerca de cinco quilômetros ao sul-oeste de Castle Trelleth.— Os olhos de Will permaneceu fixo no mapa. Como Gilan, ele desconfiava de acidentes. Particularmente em um feudo do litoral como Trelleth. Feudos litorais eram vulneráveis a estranhos, a contrabandistas, piratas e assim por diante. Um litoral apresenta muitas oportunidades para intrusos.

—Não temos nada para nos manter aqui.— Ele disse. —Nós vamos começar amanhã.— Gilan assentiu com aprovação. —Quanto mais cedo melhor—, ele disse. A frase poderia muito bem ser um dos lemas dos arqueiros, Will pensou. —Dê uma olhada e vê se foi apenas um acidente.— Will voltou o olhar do mapa para o seu velho amigo. —E se não foi?— Gilan fez um pequeno gesto com a mão. —Descubra por que alguém queria um arqueiro morto. E quem é esse alguém.—

Capítulo 29

ELES SAÍRAM NA manhã seguinte, logo após o café da manhã. Gilan tomou café com eles, mas ele planejava ir tomar café da manhã mais tarde, na lanchonete da Jenny. Ele prometeu avisar Jenny quando eles partissem, para que ela alimentasse o Sable a cada dia.

Eles montaram e foram para o nordeste, era uma viagem num ritmo habitual para um arqueiro — galopando por vinte minutos, depois caminhar rapidamente por mais dez, levando os cavalos. Os cavalos poderiam manter este ritmo hora após hora, milhas após milhas até chegar ao seu destino.

Eles acamparam naquela noite, e chegou ao feudo Trelleth no início da tarde do segundo dia. Havia um sinal na fronteira para que eles soubessem que alguém estava entrando no feudo, mas ainda mais revelador foi o cheiro de sal no ar.

—Eu posso sentir o cheiro do mar.— Maddie disse.

Will assentiu. Lembrou-se da primeira vez que ele havia notado o aroma forte e fresco. Ele tinha andado por ali em sua primeira reunião de arqueiros. Ele suspirou baixinho. Parecia a tanto tempo atrás. Em seguida, ele balançou a cabeça em realização. Foi a um bom tempo atrás.

—O que vamos fazer agora?— Maddie perguntou. Ela estava curiosa para ver como uma investigação como esta seria realizada.

—Primeiro vamos examinar a área— Will disse. —Nós vamos encontrar este agricultor...— Ele hesitou enquanto tentava lembrar o nome.

—Wendell Gatt— Maddie ajudou.

Ele olhou para ela, um pouco irritado. —Eu sei—, disse ele. Ela deu-lhe um olhar inocente. —Só estou tentando ser útil. Eu pensei que talvez você tivesse esquecido.— —Eu não esqueço as coisas.— Hah! Puxão deu um daqueles bufos explosivos que indicavam seu escárnio. Will decidiu que era melhor ignorá-lo. Você nunca poderia ter a última palavra com uma criatura que pudesse cheirar e sacudir a cabeleira do jeito que Puxão podia.

—Nós vamos procurar em uma aldeia ou uma fazenda e pedir informações sobre a fazenda do Gatt— disse ele.

Poucos minutos depois, eles encontraram um pequeno grupo de construções.

Tinha uma forja de ferreiro e mais a baixo tinha uma taberna, além de algumas casas para acomodar aqueles que trabalham lá. Quando eles se aproximaram, um homem vestindo um avental de couro, e com manchas de fuligem sobre seus braços nus, surgiu a partir da ferraria para cumprimentá-los.

Eles descobriram que a fazenda do Gatt ficava a alguns quilômetros mais a frente na estrada em que viajavam. Will agradeceu o ferreiro e virou a cabeça de

volta para a estrada, mas o homem chamou dele.

—você é arqueiro?— Com suas capas, laços e cavalos peludos deixava claro o que eles eram, Will não estava querendo responder. Ele ainda estava sofrendo pela sua incapacidade momentânea de se lembrar o nome do Gatt, e a pressa de Maddie responder. Ela poderia ter dado a ele um ou dois minutos para se lembrar, pensou. Como resultado, ele não estava em um momento de ser tagarela, particularmente desde que a pergunta do smith indicou que ele estava intrigado com trajes de Maddie e estava procurando alguma explicação.

—Não. Estamos viajando para encontrar uma costureira.— disse ele brevemente, e em um galope Puxão saiu, Maddie apressadamente o seguiu.

O ferreiro torceu a boca em uma expressão mal—humorada e limpou o suor da testa com a bainha do seu avental de couro.

—Só perguntei— disse ele, irritado com os dois que partiam em retirada. Várias centenas de metros depois, Maddie chamou o Will, ele fez Puxão desacelerar para apenas um trote.

—Não deveríamos chamar o barão local em primeiro lugar?— disse ela formalmente, —O barão Scully?— Ela estava vagamente consciente dos ditames do protocolo. Ela estava presente quando o pai e a mãe tinha visitado feudos no passado, e ela sabia que era procedimento normal para tornar a sua presença conhecida ao barão local, quando eles fizeram isso. Ela estava começando a aprender, no entanto, que o protocolo e procedimento normal tinha pouco a ver com a maneira com que os arqueiros operavam.

Will resmungou com desdém. —Nós vamos fazer isso mais tarde. Barões locais têm o hábito de ficar no caminho quando algo fora do comum acontece em seu feudo. Eles sabem que se reportam diretamente à coroa e muitas vezes eles querem ter certeza de que não há nada que os coloca sob uma luz ruim —.

Maddie estava um pouco surpresa com isso. Ela nunca tinha tido conhecimento deste confronto de poder ou da finalidade entre barões e os arqueiros que trabalhavam em seus feudos.

—Nem todos eles, não é?— ela disse.

Will cedeu um pouco. —Bem, não. A maioria deles são bons homens. Arald em Redmont, por exemplo, é um excelente barão e ele é bom de se trabalhar. Mas chegar ocasinalmente e falar com alguém que está tentado a não dar nenhuma importância. Eu não sei esse cara Scully, então eu não quero correr o risco de que ele seja um desses — pelo menos não até que eu tenha dado uma olhado por aqui.— Eles chegaram na fazenda Gatt poucos minutos depois. O contraste entre esta propriedade e a do velho Arnold Clum não poderia ter sido maior. A fazenda e o celeiro eram grandes edifícios, em excelente estado e parecia ter sido recentemente pintado.

As cercas foram bem construidas em linha reta. E o próprio pátio era um modelo de ordem, com o chão varrido, ferramentas empilhadas ordenadamente e um vagão bem posicionado na frente do celeiro. A caixa do vagão foi pintada recentemente também. O trem estava em otimo estado e brilhava com a massa fresca. Vários cavalos estavam no estabulo e estavam todos em volta da cerca para verem recém-chegados.

Tinha uma única vaca leiteira amarrada a alguma distância.

Quando eles se aproximaram da casa, a porta se abriu, aparentemente, a porta da cozinha e uma mulher surgiu. Ela estava em seus quarenta anos, alta e obviamente bem saudável. Suas roupas eram limpas e de boa qualidade — mesmo que parecesse feito em casa. Eles estavam sem o conjunto de retalhos de roupas surradas que Aggie Clum se gabava.

Ela estava assando. Ela tirou uma mecha de cabelo do rosto, deixando uma mancha de farinha branca lá.

Will e Maddie parou seus cavalos. Avisando agora, Maddie não fez nenhum movimento para desmontar.

—Boa Tarde— Will disse. —Você conhece algum Gatt, senhora?— —Eu sou— disse ela, olhando com curiosidade para Maddie, depois de volta para Will novamente. —Bem—vindo a fazenda dos Gatt. Você não vai descer do cavalo?— —Claro— Will disse. Ele desceu da sela e Maddie fez o mesmo. —Meu nome é Will— disse ele. Não havia necessidade de mencionar o fato de que ele era um arqueiro. Isso era óbvio por suas roupas e equipamentos. —Este é a minha aprendiz, Maddie—.

Maddie, acompanhou de perto a expressão da mulher, viu seus olhos se arregalaram um pouco com a menção do nome completo de Will. Ele era uma figura de algum renome em Araluen, ela sabia — o lendário aprendiz do lendário arqueiro Halt, que havia ido para algum lugar até superar a reputação de seu mentor. A senhora Gatt fez uma reverencia apressada.

—Vocês gostariam de algo para comer, arqueiros?— ela perguntou. Ela olhou com curiosidade para Maddie depois de dizer a palavra Arqueiros. Era uma reação que Maddie foi rapidamente se acostumando. —Eu fiz um ensopado de carneiro para o jantar e há muito para compartilhar—. Will balançou a cabeça.

—Obrigado. Mas não vamos incomodá-los. Talvez um copo de água?— Ele virou a cabeça em direção a uma bomba perto da porta da cozinha e ela apressadamente gesticulou em direção a ela.

—Claro. Sirva-se. O que o traz vocês à fazenda Gatt? Foi por causa daquele outro arqueiro? aquele que...— Ela hesitou, sem saber se dizia —morreu— ou —foi morto—.

Will assentiu. Ele bombeou a água e tirou uma concha de água, tomou um longo gole, depois limpou a barba com a palma de sua mão, passando a concha para Maddie.

—Sim. Eu entendo, o seu marido encontrou o corpo—, disse ele. Ela balançou a cabeça várias vezes. —Sim, Wendell encontrou. Mas não havia nada que ele pudesse fazer por ele. O homem estava morto a várias horas, foi o que ele disse—. Ela olhou para os campos. —Ele e os homens estão trazendo o último feno hoje. Ele vai estar no jantar em uma hora. Você não gostaria de esperar por ele?— Will balançou a cabeça. —Não. Vamos encontrá-lo agora. Eu tenho algumas perguntas pra fazer a ele—.

A Senhora Gatt mudou os pés desconfortavelmente quando ele disse aquelas palavras. Ela parecia preocupada. Will se apressou a tranqüilizá-la. —Tenho certeza de que não há nenhuma culpa ligada ao seu marido. Eu só gostaria que ele nos mostrasse onde ele encontrou Liam — o arqueiro—. Ele acrescentou a última palavra para o esclarecimento. A expressão preocupada dela desapareceu de seu rosto e ela apontou para os campos.

—Eles ficam a dois campos pra baixo nesse sentido, além do pequeno bosque de árvores.— —Então, vamos falar com ele lá— Will disse. Ele fez um gesto para Maddie o seguir e eles remontaram em seus cavalos. Ele tocou um dedo na testa.

—Obrigado pela sua ajuda, senhora. Melhor voltar para o seu cozido antes ele queime.— Ele notou um cheiro delicioso no ar. Era obviamente algum pão ou uma torta à beira de se queimar. Sua boca formou um O rápido de surpresa. Ela tinha se esquecido do seu cozimento. Ela virou-se e correu de volta para a casa.

—Bem, ela certamente foi útil— Maddie observou enquanto cavalgavam pelos campos.

—Vamos esperar que o marido seja igual— Will respondeu. Ele virou para o lado, Wendell Gatt foi muito menos atencioso do que sua esposa tinha sido. Ele era um homem grande e corado, vestido com calças e uma bata de trabalho de linho azul. Como sua esposa, suas roupas eram de boa qualidade e em excelente estado. Gatt tinha três trabalhadores rurais que trabalhavam com ele, recolhendo o último do feno em fardos.

Ele balançou a cabeça enfaticamente quando Will perguntou se ele mostraria a eles o local onde encontrou o corpo de Liam. —Estou muito ocupado. Tenho muito trabalho para fazer aqui. Temos que trazer esse feno antes que a chuva chegue—.

—Nós só precisamos de você por meia hora. Certamente os homens podem continuar sem você— Will disse razoavelmente. —Não. Não. Não— Gatt

respondeu. —Não confio neles para fazer o trabalho corretamente. Eles precisam ser vigiados constantemente—. Ele disse alto o suficiente para que os homens pudessem ouvi-lo. Dois deles lançou olhares irritados para ele. O terceiro ignorou. Will olhou para eles e tocou Puxão com os calcanhares, andar a cavalo pequeno em direção aos trabalhadores rurais.

—Quem é o mais velho?— Perguntou ele. Um deles levantou a mão. Ele tinha cerca de 40 anos de idade e era um homem bem corpulento. Ele parecia bastante capaz, Will pensou. Afinal, enfardamento de feno não é uma tarefa muito complexa. —O que gostaria de mim, senhor—, disse o homem. —eu sou Lionel Foxtree— — Bem, Lionel Foxtree, você acha que você é capaz de continuar este trabalho sem supervisão? Seu mestre será afastado por alguns dias —.

Ouvindo isso, Gatt explodiu de indignação. —Alguns dias? Você disse meia hora!—, Ele gritou.

Will virou-se na sela para olhar para ele. Seus olhos estavam frios. —Bem, isso foi quando eu simplesmente queria que você nos mostrasse onde o arqueiro Liam morreu— disse ele. —Mas já que você se recusou a nos ajudar na investigação, eu vou ter que prendê-lo. Isso pode demorar um dia ou dois. Até mesmo uma semana—. Gatt balbuciou furiosamente enquanto procurava as palavras. Os trabalhadores rurais se virou, mas não antes que Will pudesse ver os sorrisos em seus rostos. Gatt era obviamente um homem que gostava de ter a sua própria maneira.

—Me prender?—, Disse. —Você não pode me prender! Eu sou um homem livre!— —Na verdade, eu posso te prender. Eu sou o arqueiro de um rei. Você se recusou a me ajudar em uma investigação, que é praticamente o mesmo que impedir a investigação. Eu não quero fazer isso. Eu preferiria que você simplesmente mostrasse onde você encontrou Liam. Mas se você me forçar, vou ter que te prender—.

Seus olhares se encontraram. O de Gatt foi quente e com raiva. O de Will estava frio e imóvel. Finalmente, o agricultor cedeu. —Ah, tudo bem! Vou levá-lo para onde eu o encontrei!

—É isso aí—, disse Will. Ele apontou para um cavalo que foi amarrado à cauda da carroça de feno. —E há um cavalo para você, ali mesmo—.

Capítulo 30

CONTENDO SEU ABORRECIMENTO o melhor que pôde, Gatt os levou até o lugar onde ele encontrou o corpo de Liam. Era uma trilha estreita mas bem definida, cercada em ambos os lados por dispersos, baixos arbustos. O chão era leve e fácil sob os pés, mas não tanto que poderia fazer um cavalo tropeçar, ou perder o equilíbrio. Will virou-se e estudou o chão.

—Choveu ultimamente?— Perguntou ele.

Gatt balançou a cabeça. —Não desde que eu encontrei o corpo. Mas o solo é geralmente suave nessas partes, exceto no verão, quando tende a secar.— —Não é alto verão agora— Will disse para si mesmo, movendo-se ao longo da trilha. Ele correu em linha reta aqui. Parecia não haver nenhuma razão porque Liam deveria ter caído de seu cavalo.

—Onde exatamente você achou o corpo?— ele perguntou.

Gatt caminhou seu cavalo para a frente vários metros.

—Aqui. Ao lado da trilha. Logo após essas duas árvores.— Havia duas árvores consideráveis, destacando-se da vegetação geral de arbustos na área. Eles estavam cerca de cinco metros de distância, estando um de cada lado da faixa. Will olhou para eles. Não houve ramos baixos que poderiam varrer um piloto imprudente da sala.

—Parece que ele caiu do cavalo e quebrou o pescoço—, disse Gatt.

Will franziu os lábios . —Improvável,— ele disse. Todos os Ragers eram excelentes cavaleiros.

Gatt deu de ombros para a resposta intransigente. —Talvez o cavalo tropeçou...— Ele esboçou.

Puxão, de pé um pouco distante, sacudiu a juba violentamente. Cavalos Arqueiro não tropeçam.

—Ou talvez ele havia bebido,— Gatt acrescentou.

Will deu um olhar frio sobre ele. —Liam não bebeu—, disse ele e Gatt deu de ombros.

—Se você diz. Foi apenas uma sugestão.— Will não respondeu. Ele estava andando para trás ao longo da trilha de onde o corpo tinha sido encontrado, verificando as trilhas dos cavalos.

Sem a chuva nos últimos dias e com a suave condição do chão, elas ainda eram evidentes. Maddie tinha desmontado e estava ajoelhada ao lado de uma das árvores, estudando seu tronco baixo ao chão.

Will virou-se para Gatt abruptamente. —Obrigada pelo seu tempo, Agricultor Gatt. Não vamos mais incomodá-lo. Pode voltar para o seu trabalho.

— Gatt pareceu surpreso, e seu mau humor aumentou um pouco. Ele esperava que o Arqueiro mantê-lo aqui por horas, fazendo perguntas inúteis. Agora ele se viu livre para ir aos seus negócios. Mas perversamente, sua curiosidade foi aguçada. Ele notou o modo com Will estava estudando as faixas.

—Então você encontrou algo?— ele perguntou. —Qualquer pista sobre o que aconteceu?— Will balançou a cabeça. —Provavelmente como você disse. Seu cavalo tropeçou e ele caiu. Apenas um acidente.— —Oh... bem, então...— Gatt continuou hesitando. Ele não queria ser deixado de fora se havia algo importante para saber.

Will assentiu para ele. —Nós não vamos incomodá-lo ainda mais—, disse ele.

—Certo. Sairei em seguida, — Gatt disse. Ele virou o cavalo para longe e o colocou em um trote desajeitado, voltando para sua fazenda. Embora enquanto cavalgava. Ele se virou na sela várias vezes para olhar para eles. Will acenou para ele do mesmo modo que ele tinha feito. Finalmente, quando ele entrou numa curva da trilha e e não pode ser visto, Maddie falou.

—Então você achou alguma coisa?— Will balançou a cabeça, e fez um gesto para ela se juntar a ele. Eles caminharam de volta na trilha por dez metros e apontou para o chão.

—Olhe nas trilhas Acorn esquerda.— —Acorn?— perguntou Maddie.

—Cavalo de Liam. Olhe aqui, eles levam até essas árvores, sua marcha é lisa e uniforme. A partir do comprimento de seu passo e a profundidade das pegadas, eu diria que ele estava a galope. Mas quando ele passa as árvores, as trilhas estão por todo o lugar. Ele perdeu o equilíbrio e definitivamente tropeçou.— Puxão bufou e Will olhou rapidamente para ele. —Isso acontece—, ele disse. Maddie estava de joelhos, estudando as trilhas, e não viu que o comentário era dirigido ao cavalo. Em vez disso, ela se levantou e virou para a mais próxima das duas árvores.

—Notei algo em uma das árvores—, disse ela. —Pode ser nada, mas você deve ver.— —Ou talvez seja algo—, disse Will. Ele a seguiu olhou onde ela estava apontando. Havia uma leve cicatriz na casca da árvore, cerca de meio metro acima do solo.

—Algo cortou a casca aqui—, ressaltou.

Will ergueu as sobrancelhas. —Boa vista.— Ela levanto a vista até ele. — Eu não achei nada disso até que você mencionou que Acorn pareceu perder o equilíbrio.— Ela virou-se rapidamente e caminhou até árvore oposta. —Vamos ver se há uma marca correspondente nesta aqui.— Havia, mas era muito fraca. Se eles não soubessem onde olhar, ele poderiam nunca ter visto. Will estendeu a mão para tocá-la. Havia um pequeno pedaço fino de fio branco furando a

madeira. Ele arrancou-o.

—Poderia ser fibra de uma corda—, disse ele.

Ele olhou para cima e para baixo da trilha, em seguida, a árvore em frente a eles. —Então digamos que Liam está galopando ao longo desta trilha todo...— —Perseguindo alguém talvez, — Maddie sugeriu e ele concordou.

—Isto é razoável. E digamos que alguém tem estirado uma corda entre as duas árvores. Acorn bate e tropeça, apenas se mantendo em equilíbrio.— —Mas o tropeço é suficiente para jogar Liam da sela e ele é lançado ao chão bem aqui... — Maddie andou rapidamente para onde Gatt lhes tinha dito que ele encontrou o corpo de Liam. E ele morreu na queda.— —Isso explicaria as marcas nas árvores,— disse Will pensativo.

—Como Acorn bate na corda, teria cortado na casca com o impacto.— Eles se entreolharam por um momento. Então Will falou.

—Alguém queria Liam morto—, seu tom de voz era baixo.

Maddie franziu os lábios. —Eles não poderia ter certeza que a queda o mataria.— disse el.

—Verdade. Mas ele ficaria incapacitado — nocauteado ou sem fôlego pela queda. E eles estariam prontos para acabar com ele.— —É claro que não podemos ter certeza—, disse Maddie. —São apenas algumas pegadas confusas e uma fraca marca em uma árvore. Poderia ter sido causado por qualquer coisa.— —Precisamos olhar Acorn mais de perto. Se ele acertou a corda em qualquer velocidade, haverá hematomas ou cortes nas pernas—, disse Will.

—Onde ele estaria agora?— Perguntou Maddie.

—Mais provável de estar nos estábulos no Castelo Trelleth— disse Will. —Um domador teria o levado para cuidar dele após a morte de Liam.— Ele se inclinou para trás, esticando os músculos das costas, abarrotado de tanto inclinar-se e ajoelhar. —Hora de pagarmos uma chamada no Barão Scully—, disse ele.

No evento, ele visitou o castelo sozinho, deixando Maddie na pequena cabana dos Arqueiros na mata abaixo do castelo.

Não conheço os Scully—, disse ele. —Mas há sempre a chance de que ele esteve no Castelo Araluen e ele pode reconhecer você. Se é assim, então ele vai querer te entreter no castelo. E então todos do campo vão saber sobe sua presença aqui em vinte e quatro horas.— Maddie assentiu, compreendendo. —E isso dificultaria a investigação.— disse ela.

—Muito difícil. É melhor se conseguirmos manter a discrição. Além disso, eu não quero que muitas pessoas saibam que, você realmente é. É um assunto de sua segurança.— —Isto está bem para mim—, disse Maddie. Ela estava ficando cansada de como as pessoas olhavam para ela quando percebiam que ela era uma menina — e uma aprendiza Arqueiro. Se o fato de que ela era uma Princesa for

adicionado, a curiosidade ficaria fora de controle. —Eu vou ficar na cabana.— —De uma olhada nos papéis de Liam, enquanto estiver aqui—, Will disse a ela. —Pode haver alguma pista sobre o que ele estava fazendo.— As cabanas Arqueiros foram todas construídas com dois modelos básicos. Liam estava em uma quase idêntica à que Madde compartilhava com Will e ele se sentiu confortável lá. Como Will havia instruído, ela passou os papéis sobre a pequena mesa de Liam, para ver se havia alguma pista sobre o motivo de sua morte. Mas ela não encontrou nada. Tinha quase anoitecido quando ouviu Bumper relinchando do estábulo atrás da cabana.

Em seguida Puxão respondeu e poucos minutos depois Will subia através das árvores.

—Bem, nós temos a nossa resposta—, disse ele. —Acorn estava mancando quando eles o recuperaram. Ele tinha um corte em sua perna dianteira direita. O domador disse ter assumido que Acorn tinha tropeçado e se machucou, jogando Liam. Mas poderia ter sido causado por bater em uma corda.— —Então definitivamente a morte de Liam não foi um acidente.— disse ela.

Parece que não. Agora tudo o que temos que fazer é descobrir por que alguém iria querer matá-lo. Ele deter ter caido em algo por acaso. Deve ter visto alguma coisa acontecendo.— —Devemos dizer a Gilan?— Ela perguntou e ele assentiu.

—Vou enviar um pombo correio do castelo amanhã. Mas eu sei o que ele vai dizer. Ele nos quer com o nariz ao redor e descobrir o que está acontecendo. Não há sentido em ter uma multidão de pessoas entrando aqui para investigar. Isso só vai derrubar nossa chance de quem matou Liam. Melho para nó é fazer isso em silêncio.— Ele fez uma pausa, em seguida, um pensamento lhe ocorreu quando seu olhar caiu sobre mesa e os papéis lotando-a.

—Qualquer coisa em seus papéis?— Perguntou ele.

Maddie balançou a cabeça. —Nada que eu pudesse ver.— —Não me surpreende. Se ele estava no rastro de alguma coisa, ele não deixaria sua papelada em plena vista. Ele teria escondido bem.— Maddie olhou em volta da pequena sala de estar. Não parecia ter lugar que serviria como um esconderijo. —Onde é que ele fez isso?— Ela perguntou. Em resposta, Will se levantou e caminhou ao longo do centro do chão da sala, com os olhos para baixo, estudando as placas de cada lado. Ele parou, olhando fixamente para um ponto na esquerda. Em seguida, ele deu um passo em direção a isto, se ajoelhou e sacou a faca de caça. Ele bateu nas placas com o punho, trabalhando em um semicírculo.

Na quarta batida, as placas pareciam vazias e ele deu um pequeno grunhido de satisfação. Em seguida, ele inseriu a ponta da faca em uma estreita junção

entre duas placas e alavancado. Houve um gemido de madeira esfregando em madeira, e um pequeno alçapão alavancado abriu, expondo, uma cavidade forrada de madeira escondida embaixo do chão. Ele olhou para Maddie.

—Todas as nossas cabanas têm um cofre—, disse ele como explicação. —É apenas uma questão de localizar onde ele está.— Ele estendeu a mão para dentro da cavidade e produziu um feixe fino de papéis, dentro de uma pasta e envolvido com uma fita verde.

—Agora o que temos aqui?— Disse ele.

Capítulo 31

ELES SE MOVERAM PARA a mesa e sentou-se lado a lado como Will estabeleceu o conteúdo do cofre escondido. O primeiro item foi um mapa da área envolvendo o castelo Trelleth. Tinha sido rapidamente esboçado, provavelmente por Liam, e mostrou pouco na forma de características geográficas. Mas há três aldeias marcadas no mapa, tido a uma certa distância do castelo. Ao lado de cada um, o nome de uma pessoa estava nitidamente escrito.

Maddie se inclinou para frente, com os cotovelos sobre a mesa, e olhou para o nome mais próximo dela.

—Boyletown, Peter Wiliscroft—, disse ela, lendo do mapa. —Quem é Peter Wiliscroft e o que ele tem a ver com Boyletown?— Will balançou a cabeça. —E quem é Carry Clover, e o que ela esta fazendo em Danvers Crosing? E o que tem Maurice Spoker a ver com Esseldon?— Eles olharam para o mapa por alguns segundos, como se esperassem que a resposta se tornar mais clara.

—Talvez eles sejam os chefes dessas aldeias?— Maddie sugeriu.

Will bateu o nome no nome na segunda aldeia que tinha mencionado.

—Carrie Clover seria uma mulher—, disse ele.

Madde resmungou. Ela nunca tinha ouvido falar de uma aldeia com uma chefe mulher, embora fosse possível.

—Talvez ela fosse sua esposa?—, sugeriu.

—Talvez.— Will não parecia convencido. Mais uma vez eles se sentaram em silêncio, considerando o quebra-cabeça. Finalmente Maddie falou.

—O que mais tinha no cofre?— Havia outras duas folhas. Will desenrolou a primeira e o alisou. Era uma lista das três aldeias marcadas no mapa, com detalhes sobre os tamanhos relativos de cada um.

—Tudo sobre o mesmo tamanho,— ele disse. —Grandes aldeias. Não grandes o suficiente para chamar de cidade. Ou ter qualquer magistrados eleitos. — Como aldeias cresceram em cidades, eles se tornaram mais organizados. Xerifes foram designados para manter a paz. E a torre de vigilância era geralmente recrutado por ordens do Xerife. Aldeias menores tendiam a fazer sem essa hierarquia.

—Isso pode ser significativo—, disse Maddie. —O que é a folha final?— Will desenrolou o terceiro pedaço de papel e suas sobrancelhas se ergueram quando ele leu o seu conteúdo. Ele moveu a lista de aldeias para o lado para estudar o mapa mais uma vez, então se sentou, pensando bastante. Maddie se inclinou para estudar a última folha de papel.

—Esse são os nomes das pessoas de três aldeias—, disse ela.

—E eles não são chefes ou conselheiros—, respondeu Will. —Olha:Peter Wiliscroft, doze, e uma data de três semanas atrás. Depois Carrie Clover, quatorze, e outra data. Cinco dias após o de Peter Wiliscroft.— —E Maurice Spoker, quatro dias depois de Carrie. Ele é onze,— disse Maddie.

—O que as datas significa? Will falou.

—Talvez sejam aniversários,— Maddie sugeriu.

Will apertou os lábios, olhando duvudoso. —Talvez. Se for assim, eles nasceram na mesma época. Mas em anos diferentes.— —Talvez algo aconteceu com essas crianças,— Sugeriu Maddie.

Will olhou para ela. —Como o quê?— Ela encolheu os ombros. —Eu não sei. Talvez eles morreram. Ou desapareceram. Algo como isso.— —Possivelmente. É um mundo perigoso, depois de tudo. Há lobos nessa arte do país. E você ainda vê um urso ocasionalmente.— —Vamos supor que estou certa por um momento,— disse Maddie, —e eles estão mortos ou desaparecidos. Por que ninguém viu a ligação entre três crianças de três aldeias no mesmo feudo que se foram no espaço de duas semanas?— —Eles provavelmente são inconscientes disso. Veja como eles são amplamente separados. As pessoas de, por exemplo, Danvers Crossing estão preocupados com Carrie Clover. Mas eles não têm ideia de que duas outras crianças de idades semelhantes desapareceram a partir de duas outras aldeias. Não há muita comunicação entre aldeias como esta.— —Como Liam soube?— Maddie perguntou.

Will deu de ombros. —É parte de um Arqueiro saber o que está acontecendo em um feudo. Nós vajamos ao redor das aldeias, coletando notícias e informações, à procura de eventos incomuns. Ele provavelmente viu este padrão entre as aldeias.— —E alguém o matou antes que ele pudesse fazer algo a respeito,— disse Maddie.

Will levantou uma mão o advertindo, —Isto supondo que estes três estão sumidos, ou mortos, ou qu algo ruim aconteceu com eles. Poderia haver um monte de explicações para essas datas.— —Como o que?— —Eu não sei o que.— —Mas pense nisso, Will. Deve ser algo como isso. Depois de tudo, Liam se deu ao trabalho de esconder os nomes e datas em seu cofre. Então eles devem ter algum significado importante. E alguém o matou. Ele deve ter feito perguntas sobre aquelas três crianças e quem os levou, descobriu sobre isso — e arranjou o acidente.— —É uma hipótese razoável,— ele admitiu, — mas isso é tudo o que é.— Maddie tinha uma imaginação fértil e ele precisava controlá-la. Tudo que era demais numa situação como essa, havia a tentação de organizar a evidência para se adequar à teoria, e ignorar qualquer uma que não se encaixava.

—Não vamos tirar conclusões,— ele continuou. —Eu acho que é hora de fazermos uma pequena investigação. Primeiro eu vou precisar obter alguns

equipamentos a partir do castelo.— —Um carrinho de mão?— disse Maddie, olhando para o pequeno veículo gasto que Will tinha trazido do castelo. —O que queremos com m carrinho de mão?— —É para levar todos os nossos pertences mundanos,— falou a ela. —Estamos fingindo ser um trabalhador itinerante e sua filha. Eu vou estar à procura de trabalho e você vai junto comigo.— Ele fez uma pausa, em seguida enfiou a mão no carro e atirou, um vestido esfarrapado remendado para ela. —Enquanto eu penso nisso, é melhor vestir a parte.— Maddie considerou a roupa com desgosto. —Eu tenho que usar esse pano?— perguntou.

Will assentiu. —Uma pequena oferta se você estiver usando uma capa Arqueiro e carregando uum arco,— disse . —Não queremos que as pessoas saibam quem somos. Com demasiada frequência, o povo popular ficam emocionados quando veem um Arqueiro. O que temos que fazer é ir para essas aldeias xeretar ao redor. A probabilidade é que você vai ter mais sorte com as crianças do que eu com seus pais. Crianças tendem a falar com outras crianças, enquanto eles estarão mais desconfiados ao redor dos adultos.— —E os nossos cavalos? O que vamos fazer com eles?— Maddie perguntou.

—Quando chegarmos a uma aldeia, vamos escondê-los na floresto por perto. Um trabalhador agrícola dificilmente possui um cavalo, muito menos dois. Pense, Puxão não vai ser muito feliz com tudo isso. Ele vai ter que puxar o carrinho de mão para nós e que pode muito bem ser abaixo de sua dignidade.— De fato, Puxão ficou furioso quando viu o pequeno carro.

Você espera que eu puxe isso? Eu não sou uma carroça, você sabe.

— E eu não sou um trabalhador agrícola itinerante,— Will disse a ele. Olhou ao redor para se certificar de que Maddie estava fora do alcance da voz antes de responder o cavalo. —Mas nós estamos à paisana, e é uma excelente disfarce.— Eu não vou deixar as pessoas me verem puxando isso.

—Você não precisa. Nós vamos desatrelar quando chegarmos perto da aldeias. Você pode esperar por nós na floresta.— E então quem vai puxar o carrinho? Puxão queria saber.

—Eu vou. É um carrinho de mão, depois de tudo. E as pessoas me verão fazendo isso.— As pessoas vão te ver? Muitas pessoas?

—Dezenas dela, eu acho. Vou até usar um grande chapéu de palha com a borda esfarrapada.— Parece justo para mim.

Como pode se ver, Puxão puxou o pequeno carro facilmente. Foi bastante leve e mesmo com Will em suas costas, ele não estava sobrecarregado. No entanto, seu orgulho era outra questão, ele bufou com raiva para Will sempre que passava alguém na estrada.

Danver Crossing foi a vila mais próxima e Will a selecionou como seu

primeiro destino. Eles pararam na estrada cerca de dois quilômetros antes de chegar à vila. Eles encontraram uma pequena clareira cerca de dez metros da estrada, com muitas ervas frescas e sombra para os cavalos. Will desamarrou Puxão da carroça.

Havia uma grande casca contendo água pendurado na bandeja de trás do carro e ele usou para encher um balde de couro para os dois cavalos.

—Vou vir checar vocês está essa noite,— Will disse aos cavalos. —Por agora, fiquem silenciosos.— As duas últimas palavras foram um comando ensinado a todos os cavalos Ramgers. Isso garantiu que Bumper e Puxão permaneceriam escondidos na clareira quando as pessoas passarem, e não fariam nenhum som. Ambos os cavalos assentiram com a cabeça várias vezes, compreendendo o comando.

Em seguida Will pegou o carrinho de mão de dois eixos e começou a descer a estrada para Danvers Crossing, Maddie ficou ao seu lado.

Como ele alcançou, colocou um velho chapéu de palha com uma borda irregular na cabeça, Will estava convencido de que podia ouvir os risinhos de Puxão.

Capítulo 32

DANVERS CROSSING, COMO seu nome sugere, foi situada nas margens de um pequeno rio. Maddie esperava que a passagem pode ser um vau superficial, mas o rio era profundo e veloz. Cruzamento foi efetuado por meio de um grande barco de fundo plano, que funcionou com cabos de corda grossa fixados em cada banco.

Era uma aldeia de aparência agradável, com seus bosques de salgueiros descendo para água e fornecendo frescos retiros obscuros ao longo da margem. O murmúrio do rio estava sempre presente ao fundo. Maddie achou que fosse um som suave.

Para além do barco, a própria aldeia era típica de sua espécie, com um ferreiro, uma taberna, uma pequena fábrica de couro, um depósito de madeira com um Swapit* e uma loja de sementes e grão do comerciante. Situado perto de um rio como estava, era lógico que Danvers Crossing também ostentava um moinho de farinha, as enormes mós impulsionada pelo rápido fluido do rio.

Fazendas da fazendas circundantes trariam seus grãos a usina para ser transformado em em farinha fina.

Além desses negócios, haviam as casas dos moradores — a maioria de pequenas estruturas, e todos eles de um andar, construído no método onipresente de pau a pique, e com acentuado telhados de colmo inclinado. Eles estavam de um lado da rua principal. Pistas laterais entre eles os levou a celeiros e galpões, e outras dependências. Ao todo, havia cerca de trinta dessas havia cerca de trinta dessas habitações.

A fabrica de couro estava no final perto da rua da aldeia. Maddie franziu o nariz enquanto se arrastava após ela.

—Yuck. Que cheiro terrível é esse?— ela perguntou.

Will, inclinou os eixos do carrinho de mão, olhou para ela. —Você não quer saber,— ele disse.

Houve um considerável espaço entre o curtume** e o primeiro dos edifícios da aldeia adequadas. O próximo foi o ferreiro, e eles podiam ouvir o tilintar maçante de martelo em metal, e o rítmico rugido do fole como assistente do ferreiro mantendo um constante elaborar sob a cama de carvão incandescente. Foi um arranjo lógico, e que poderia ser encontrado na maioria das aldeias. Negócios como o curtume, com o seu cheiro desagradável, e o ferreiro, com o seu risco inerente de fogo, foram mantidos à distância de um braço das casas, as tabernas e pousadas.

Poucos moradores estavam na rua e olharam para os recém-chegados com

interesse e, em alguns casos, com suspeita. Um ou dois deles assentiram e Will respondeu tocando com a mão para o chapéu velho que ele usava. Como eles se mudaram mais para dentro da aldeia, ele olhou para cima e viu o edfícil de dois andares que ficava em um lugar de destaque pela ribeirinha.

—Isto seria a taverna,— ele disse em voz baixa para Maddie. —Em um lugar como esse, também deve servir como pousada, imagino. Iremos lá primeiro.— Danvers Crossing era muito pequena para ostentar uma taberna e uma estalagem separado, como ele havia suspeitado. O difícil junto ao rio serviu para ambos os propósitos, com um longo bar, onde as refeições também foram servidos, e quartos para alugar no piso superior. Havia um banco gramado por fora, onde o taberneiro iria estabelecer mesas com tempo bom, de modo que os clientes poderiam desfrutar de sua cerveja e os alimentos em vista do rio.

Will trouxe o carro para uma parada do lado de fora da taverna e endireitou-se agradecido, alongando a rigidez de suas articulações e massageando a parte baixa de suas costas com os punhos, o carrinho de mão era um pouco baixo para o seu conforto. Como resultado, a pessoa que empurra era forçado a adotar um agachamento. Ele tirou o chapéu e enxugou a testa. Maddie esperou impacientemente enquanto ele examinava lentamente a vila e do rio.

—E agora?— ela perguntou, e ele olhou para ela, balançando a cabeça ligeiramente.

—Tome o seu tempo,— disse ele. —O povo do interior nunca se apressa. Apenas relaxe e cheire as rosas.— Ela olhou ao redor. —Rosas? Eu não vejo nenhuma rosa. A única coisa que posso sentir é o cheiro de estrume de cavalo.— Havia um estabulo e um patio de cavalariça ao lado da taberna. Obviamente, que era usado pelos clientes da taberna. Igualmente obvio, havia mais do que alguns deles, e os seus cavalos, nos últimos tempos.

—Figura de linguagem,— disse Will. —Eu dificilmente posso dizer Relaxe e cheire o esterco de cavalo, posso?— Maddie permitiu um meio sorriso torcer seus lábios. —Os dois pensamentos realmente não andam juntos.— Will assentiu distraidamente. —Bem, nós relaxamos o suficiente. Vamos entrar.— Como eles se dirigiram para a porta, ele disse, —Deixe a conversa comigo.— —Você me disse isso — várias vezes,— Maddie respondeu.

Ele olhou para ela. —Basta ter certeza que ele está entrando,— ele disse, e abriu o caminho para dentro.

Dentro da taverna estava escuro, com apenas uma pequena janela na parede lateral para fornecer a luz do dia para o bar. Havia quatro lanternas penduradas no centro do teto e fogo cintilou na enorme grade no lado. Essa era para cozinhar, e fornecer calor, Maddie percebeu.

As vigas do telhado eram baixos, e até mesmo Will, que não era o mais alto

dos homens, teve que se inclinar quando eles caminharam para a taberna, se aproximando do bar. O taberneiro olhou para eles com um leve interesse. Eles estava ocupado limpando uma fileira de jarras.

—Algo para beber?— ele perguntou. —E talvez algo para comer?— Will franziu o cenho para ele. —Sim para a bebida. Cerveja para mim — pequena cerveja, isso é.— Pequena cerveja era cerveja e água misturadas em proporções iguais. Isto é, as proporções eram iguais se o taberneiro era honesto. Todos os demais muitas vezes, pequenas cervejas eram mais água do que cerveja. Mais era mais barata, como era, que foi por isso que Will pediu.

—E quanto à comida?— Perguntou o gerente de novo, como ele colocou um canecão na frente de Will. —Nós temos um bom guisado de frango hoje. Frango com bolinhos e legumes de fazendas e um bom pão crocante por três pennings servem.— Will franziu os lábios, considerando. —Vamos dividir um,— ele disse. O preço era realmente razoável, mas ele estava interpretando o papel de um trabalhador itinerante e esses homens tinham tinham que ver suas moedas.

—tenha uma moeda extra para um segundo prato e colher,— o gerente respondeu.

Will fez uma careta para ele. —Hmmmph!— ele bufou. —Acho que não tenho nenhuma escolha. Tudo bem, então.— O gerente fez um gesto para Maddie. —Será que ela vai querer algo para beber? Eu tenho cidra fresca, se ela quiser.— —A água vai ser bom para ela,— Will disse, mantendo seu personagem avarento. O gerente serviu a Maddie um copo de água e gritou seu pedido de comida para um trabalhador invisível na cozinha atrás dele. Ele apoiou os cotovelos no bar com Will e Maddie sentados à sua frente.

—Viajando através?— perguntou ele.

Ele foi amigável o suficiente. Provavelmente se perguntando se eles poderiam alugar-lhes um quarto, Will pensou.

—Viajando, sim,— respondeu Will. —Se continuaremos através dependera se eu posso encontrar trabalho aqui.— —Isso pode ser uma possibilidade,— disse o taberneiro. —Que tipo de trabalho está procurando?— Will deu de ombros. —Qualquer coisa. Eu posso me virar em qualquer coisa. Trabalho rural, esgrima, reparar, carpintaria. Você diz.— —Não há muito trabalho agrícola no momento,— disse o gerente. —Mas eu tem alguns reparos que precisam ser feito em volta aqui da taverna. Carpintaria e alguma pintura.— Will olhou para ele, o interesse em seus olhos com a perspectiva por trabalho. —Bem, eu sou o homem para isso.— Ele estendeu a mão. —Meu nome é William. William Accord. Esta é minha filha, Maddie.— Eles apertaram as mãos. —Bom dia, Maddie,— disse o gerente. Então, falando com Will de novo, —Me nome é Rob. Rob Danvers.— Will ergueu as sobrancelhas em juros. —Danvers? É a aldeia chamado por você,

então?— Rob Danvers balançou a cabeça. —Meu bisavô,— disse ele. —Ele construiu o primeiro barco a atravessar o rio. Lembre-se, naqueles dias, havia todos os tipos de bandidos nestas partes. Não igual esses dias.— —Sim, as coisas acalmaram nos últimos anos,— Will respondeu. —Então quantos dias de trabalho você acha que que teria para mim?— Danvers encolheu os ombros. —Dois ou três, talvez. Mas você tem uma boa chance de pegar mais, se ficar aqui na taberna — e eu falo bem sobre você. Você pode alugar um quarto aqui para você e sua filha, está no lugar certo.— Will torceu o nariz ante a ideia — e a despesa. —Ao invés, durmo em seus estábulos se isso não é problema para você, — disse ele. Danvers encolheu os ombros. —Como quiser. É mais barato assim. Mas um bom negócio.— —Vamos aceitar,— Will disse a ele. —Por sinal, enquanto eu estou trabalhando eu vou precisar de alguém para cuidar de Maddie. Eu não quero ela correndo como selvagem por todo o lugar. Alguma das mulheres da aldeia estar preparado para isso?— Uma jovem garota saiu da cozinha com a comida deles. Will deu uma mordida, mastigou e engoliu antes de falar novamente. Maddie empilhou para ela com gosto. Depois de uma longa manhã na estrada, o guisado de frango estava delicioso. Ela olhou para Will com a próxima pergunta. —Alguém na aldeia próxima disse que havia uma família aqui cuja a filha se foi. Talvez eles estariam interessado?— Will parou, fingindo pensar no nome.

—Clover, era isso. Disseram que sua menina tinha a idade de Maddie.— O rosto de Rob Danver anuviou. Ele se levantou abruptamente.

—Carrie Clover não se afastou,— disse ele brevemente.

Will ergueu as sobrancelhas em surpresa. —Então ela ainda está aqui?

Danvers balançou a cabeça. —Ela desapareceu. Algumas semanas atrás. Só desapareceu uma noite.— —Fugiu, não é?— Will perguntou.

O gerente fez uma pausa, então respondeu. —Eu não ficaria surpreso. Seus pais não a tratavam muto bem. Você muitas vezes a veria com hematomas no rosto. Ou olhos vermelhos de chorar. Uma pena. Ela era uma coisinha agradável. — —Talvez ela conheceu um rapaz e fugiu com ele? Não seria a primeira vez.— Mas Danvers balançou a cabeça mais uma vez. —Teve um rapaz com quem ela era doce. Ele ainda está aqui. Não, se me perguntar, ela se cansou de ser espancada e fugiu. —Ele se inclinou, conspiratório, —A menos, é claro, que alguém a levou.— —Levou ela? Por quê?— Danvers balançou a cabeça. —Não sei. Talvez por resgate?— —Então, sua família é bem de vida?— Will perguntou, mas Danvers balançou a cabeça, negando sua própria teoria.

—O pai é um lavrador. Só consegue manter as contas. Ele nunca será capaz de pagar um resgate.

—Então porque que raptá-la, se você sabia que não havia nenhuma

possibilidade de qualquer resgate?— Danvers moveu a cabeça para trás e para a frente enquanto ponderava a pergunta. Ele realmente não tinha considerado a sua teoria em qualquer profundidade antes. Ele só usou para dizer, em tons sombrios, que —alguém a levou—.

—Não sei. Mas que ela se foi, eu sei.— Ele fez uma pausa. —Se eu fosse você, eu não iria perguntar a família sobre isso, a nenhum. Clover é o tipo com mau temperamento. Propenso a perder as estribeiras, se ele acha que você é o culpado por ela ter ido?

Will considerou por alguns segundos, em seguida, acenou com a cabeça concordando. —Obrigado pelo aviso,— disse ele. —Se eu cruzar com ele, vou ter certeza de não mencionar.— Ele fez uma pausa, como se estivesse digerindo o pensamento, finalizando sua refeição, ai olhou para Maddie.

—Bem, venha menina. Coma e vamos levar nossas coisas para o estabulo. Parece que não vai chover antes de escurecer.— Ele engoliu o último gole de sua cerveja, e acenou para Danvers e virou-se para a porta, Maddie o seguiu.

*Sawpit — um poço sobre o qual madeira está posicionado para ser serrado por dois homens.

**curtume — fábrica de couro.

Capítulo 33

Eles passaram mais dois dias em Danvers Crossing, mas aprenderam um pouco mais sobre o destino de Carrie Clover.

Enquanto Will aplicava-se aos reparos e pintura na taberna, Maddie vagava pela aldeia e tentava fazer amizade com os jovens locais. Eles provaram ser nem amigáveis nem hostis. Mas mostraram um certo interesse por ela como um forasteiro.

Era mais fácil para Maddie levantar o assunto da garota desaparecida. Will, depois de ter discutido já com Danvers, dificilmente poderia continuar mostrando interesse por ela. Se fizesse convidaria uma indesejavel atençao e perguntas a respeito do porque dele está tão preocupado. Ele só poderia passar suas noites na taberna e ouvir as conversas em torno dele, na esperança de que alguém pudesse trazer o tópico. Infelizmente, isso não aconteceu.

As crianças, no entanto, tendiam a ser mais franco do que os adultos, e Maddie poderia simplesmente perguntar-lhes sobre o desaparecimento de Carrie, sob o pretexto de ter ouvido seu pai discutir com o estalajadeiro. Ela esperou até se misturar com as crianças da aldeia em duas ocasiões distintas, em seguida, levantou a questão sem rodeios.

-meu pai me disse que uma garota desapareceu daqui, —ela disse. —Disse-me para tomar cuidado ao redor da aldeia, porque o mesmo poderia acontecer comigo.

Ela estava sentada à beira do rio no final da tarde com meia dúzia de moradores, na faixa etária de oito a quinze anos. As crianças trocaram olhares desconfortáveis e por um momento ninguém respondeu. Fingindo não notar a relutância, ela continuou.

—Então, o que aconteceu com ela? Para onde ela foi?

As crianças se entreolharam novamente. Então, um dos meninos mais velhos falou.

—Foi a Carrie Clover, —disse ele.

Maddie deu de ombros.

—Ele não disse o nome dela para mim. Então ela saiu correndo, foi?

Houve uma agitação geral entre o grupo de cabeças. Em seguida, uma menino mais novo, cerca de dez anos e com cabelos loiros indisciplinado, respondeu a ela.

— Ela não fugiu. Foi pega.

Maddie se inclinou para frente, fingindo surpresa.

—Pega? Pega por quem?

-cale a boca, Clem, —disse o garoto mais velho rapidamente. Ele olhou para Maddie. -nós não falamos sobre isso.

—Por que não? O que a levou?— Ela perguntou. Parecia lógico pressionar a questão.

O menino olhou ao redor do resto do grupo. Todos usavam expressões cautelosos, com exceção do menino, Clem, que estava sofrendo por ter sido repreendido na frente da estranha.

Finalmente, o menino mais velho respondeu.

—Ela foi levada por uma criatura do rio.

Maddie estava observando o resto das crianças e ela observou algumas expressões de surpresa encoberta às pressas.

-sim, Simon está certo. Foi um espirito do rio que a levou. —Uma das meninas, que era alguns anos mais jovem do que Maddie, concordou, balançando a cabeça enfaticamente.

—E o que é um espirito do rio? —Perguntou Maddie. Ela nunca tinha ouvido o termo antes e estava curiosa.

O menino mais velho, Simon, hesitou alguns segundos, e ela teve a nítida impressão de que ele estava formulando uma resposta para a sua pergunta no local.

—É um espírito do rio, —disse ele. —Um espírito do rio mal. Eles se escondem nas águas profundas, então corre de repente e aproveitar qualquer um que fica muito perto da margem.

—Estamos perto da margem agora, -maddie apontou.

Simon olhou para o rio e percebeu que ela estava certa.

-sim, estamos. Devemos nos mover antes que alguém seja pego. —Ele começou a subir, apontando para os outros fazererem o mesmo. Tardiamente, eles todos ficaram de pé.

Ele está mentindo, Maddie pensava. Ele está fazendo isso como ele vai junto. Mas por quê?

Clem, o rapaz que tinha falado primeiro, balançou a cabeça com desdém.

—Espiritos do rio! Não existe tal coi... —ele começou a murmurar, mas a garota que tinha concordado com Simon agarrou seu braço e arrastou-o para o lado. Ela falou com ele em um sussurro feroz.

—Você fecha sua boca, Clem! Lembre-se do que o Storyman disse...

Ela falou um pouco mais alto do que pretendia, e Maddie ouviu as palavras. Sua mente estava correndo. O homen da história? Quem ou o o que era o homem da história? Tendo ouvido a palavra apenas uma vez, ela não sabia que era um nome, ao invés de uma descrição. Mas ela fingiu que não tinha ouvido as palavras da menina.

Simon se virou para a garota.

-cale a boca! Vocês dois calem a boca! —Ele percebeu que Maddie estava olhando para ele e continuou. -agora, é melhor que nós todos irmos para casa. Que dá azar falar sobre criaturas do rio.

As outras crianças concordaram murmurando e o grupo se separou, indo para suas casas. Um ou dois deles olhou para Maddie que permaneceu à beira do rio. Ela deu um passo mais perto da margem e olhou para o suave corrimento da água, tentando ver se havia, de fato, uma criatura do rio visível. Então ela percebeu que não tinha idéia de que tal criatura pode parecer. Uma nuvem passou através do sol e do rio, tão alegre e cintilante, de repente se transformando em uma maçante chumbo cinza. Um calafrio de medo a assaltou e ela se afastou do rio, correndo de volta para baixo da rua principal da aldeia até o estábulo onde ela e Will estavam hospedado.

-o que é um espirito do rio? -a questão explodiu de seus lábios no momento que Will entrou no estábulo uma hora mais tarde. Ele tinha acabado de trabalhar o dia inteiro. Na verdade, ele terminou todas as tarefas que Rob Danvers tinha para ele e nenhum outro trabalho tinha aparecido.

Ele olhou com curiosidade para ela. Ela estava sentada de costas a uma das rodas do carrinho de mão. Seu rosto estava pálido e ela parecia incomodada.

—Uma criatura do que ? —Ele perguntou, e ela balançou a cabeça com impaciência.

—Do rio. Um espirito do rio. É algum tipo de criatura.

Ele balançou a cabeça, franzindo os lábios.

-não me lembro de ouvir. Há criaturas de tumulos. Ou algumas pessoas dizem que há. Eles são supostamente espíritos que pairam em torno de túmulos antigos. Embora eu não posso dizer que eu já encontrei um.

Ele fez uma pausa, quando uma lembrança desagradável agitou em sua mente. Em uma ocasião, muitos anos atras, quando ele estava andando para buscar Malcolm para curar Halt que estava mortalmente ferido. Ele havia sentido alguma coisa e depois que ele andava apos alguns tumulos, como antigas sepulturas. Parecia ser uma presença maligna. Mas ele pensou que era sua imaginação, desencadeado por seus nervos e pelo cansaço.

—Este era uma criatura do rio, -maddie insistiu. A idéia parecia está incomodando ela.

-onde você ouviu sobre isso?

-as crianças locais. Elas disseram que Carrie Clover foi pega por ums criatura do rio.

Isso chamou a atenção dele.

—Eles disseram que a arrastou para dentro do rio, -maddie continuou.

—Eles viram isso? —Will perguntou rapidamente. Poderia ter alguma criatura no rio, ele pensou, um peixe grande de algum tipo. Ou um urso. Alguns ursos sabiam nadar, ele sabia. Ele nunca tinha visto um fazê-lo, mas ele tinha ouvido as pessoas dizerem que podiam.

-não. Eles não viram isso. Na verdade, eu acho que eles estavam mentindo sobre o espirito.

-o que a faz pensar assim? —Will perguntou.

Maddie parou, incapaz de explicá-lo totalmente.

-apenas um sentimento que eu tenho. Um dos meninos mais jovens não acreditou nisso. Ele estava desdenhando da idéia e uma menina mais velha o fez parar. Simon, o garoto mais velho, me contou a história sobre a criatua do rio. Mas eu senti que ele estava criando-a.

—E o menino não acredita? —Will perguntou e ela assentiu. —Isso é estranho. Normalmente, você pensaria que os mais jovens seriam mais propensos a acreditar em contos sobre monstros no rio.

—Doris, a menina que lhe disse para calar a boca, disse algo sobre um homem da história.

—Um homem da história, —Will disse lentamente. -talvez ele seja o contador de histórias locais ou fiandeiro, —ele sugeriu.

—Eles não disseram. Ela disse: —Lembre-se que o homem história disse—. Então Simon gritou com ela e lhe disse para calar a boca.

Will sentou-se, pensando no que ela havia dito. Ele olhou para cima e viu o rosto ansioso de Maddie.

-mas não há tal coisa como uma criatura do rio, não é? Não de verdade? —ela disse.

-não. Eu nunca ouvi falar de um e eu fui ao redor de uma grande quantidade de rios no meu tempo. É apenas uma história, —disse ele tranqüilizador.

Quando ela disse a palavra —história—, perguntou-se sobre o homem personagem da história. Ele decidiu que perguntaria na taberna mais tarde, e veria se havia um contador de histórias local ou um fiandeiro, abreviação de fios de fiandeiro, como tais homens foram muitas vezes conhecido. Aldeias como esta muitas vezes tinham essas pessoas. Eles ajudavam a manter a história oral da aldeia e dos seus habitantes vivos.

—É a sua vez de verificar os cavalos, —disse ele. Eles haviam divididos em turnos para sairem para fora da aldeia depois de escurecer e se certificarem se os cavalos estavam bem. Maddie olhou para fora do estábulo sem janela. O sol estava se pondo e as sombras se alongavam do outro lado da aldeia. Para chegar à clareira onde Puxão e Bumper estavam escondidos, ela teria que andar parte do caminho ao lado do rio.

Ela torceu as mãos nervosamente com a idéia de que criaturas escuras poderiam está à espreita por baixo da superfície. Simon estava mentindo. Tinha certeza disso. Mas mesmo por isso, poderia existir um espirito do rio, mesmo que ele não levou Carrie Clover. Afinal, Will tinha dito simplesmente que nunca tinha ouvido falar de tal criatura. Ele não tinha dito definitivamente que eles não existuam.

—Você vem comigo? —Ela perguntou em voz baixa.

Will se virou para ela com surpresa. Ele estava acostumado a Maddie ser confiante e auto-confiante. Obviamente, essa conversa de criaturas do rio mal tinha chegado a ela. Ele estava prestes a rir de seus medos, então percebeu que ela era jovem e estava ficando escuro e imaginação poderia ser uma coisa terrível, não importa o que a lógica poderia dizer.

Ele suspirou. Ele teve um dia difícil e ele estava ansioso para um rápido cochilo na palha antes de ir para a taberna para a ceia.

Cansado, ele levantou-se, tirando os fios soltos de palha para fora de suas roupas.

-claro que eu vou, —disse ele.

Os cavalos, como sempre,estavam satisfeitos em ver-los. Eles ficaram ainda mais satisfeitos ao encontrar as maçãs que seus proprietários tinham escondidos em seus bolsos.

Havia muita grama para eles pastar, mas Will tinha trouxe um pequeno saco de aveia também. Ele assumiu que somente grama seria uma dieta chata. Ele certamente iria achar assim, ele pensou.

Os cavalos pareciam concordar, pois mastigava alegremente a aveia.

Ele deu um tapinha no pescoço muscular de Puxão quando o cavalo colocou a cabeça na aveia.

—Estaremos indo amanhã, então coma, —disse ele. Maddie ouvia-o.

-nós estamos indo embora? —Ela perguntou. Ela estava alisando o casco de Bumper com uma escova dura. Ela sabia que seu cavalo gostava da atenção.

-não há mais trabalho, por isso não há razão para ficar. Vou ver o que posso descobrir sobre esse homem da história esta noite. Mas a menos que algo importante venha à tona, vamos passar para a próxima aldeia.

Maddie assentiu. Ela inclinou a cabeça. Em uma distância proxima, ela podia ouvir o barulho e borbulhar do rio. Quando eles tinham chegado, ele parecia tão alegre e amigável, ela pensou. Agora, ela não tinha tanta certeza.

—Eu não vou me arrepender de ir, —disse ela.

Mais tarde naquela noite, com uma caneca de cerveja pequena, sob o pretexto de ter uma bebida antes de ir dormir, Will tocou no assunto com Danvers.

—Você tem um fiandeiro vivendo na aldeia? —Ele perguntou, tentando soar casual.

Danvers balançou a cabeça.

-aldeia não é grande o suficiente para suportar um, —disse ele. —De vez em quando temos itinerantes que passam por aqui. Como o...

Ele estava prestes a acrescentar algo, mas, naquele momento, um grupo barulhento de lavradores pediu alto por mais cerveja. Ele encolheu os ombros se desculpando e se afastou. Ele foi arrebatado ,servindo por algum tempo e, finalmente, terminou a sua bebida. Ele não tinha mais razão para ficar no bar, então ele calmamente o deixou, indo para cama.

Perguntou-se brevemente o que o estalajadeiro estava prestes a dizer, mas decidiu que era provavelmente sem importância. A questão importante tinha sido respondida. Não havia nenhum contador de histórias local.

Capítulo 34

ESSELDON não era tão grande quanto Danvers Crossing. Não era localizado perto de um rio, por isso não havia moinho de farinha, e nenhum dos associados edifícios e serviços, tais como silos de armazenamento e fabricantes de embalagens. Nem, é claro, estava lá um serviço de balsa.

Mas era uma pequena vila agradável, construída ao longo das linhas habituais, com uma rua principal, e casas e empresas variadas ao longo de ambos os lados. Na outra extremidade da aldeia, na crista de uma pequena colina, estava presente uma pousada. Não importa quão pequeno ums aldeia poderia ser, sempre havia um lugar onde os moradores pudessem se reunir para relaxar, comer e beber. E alojamento onde os viajantes podessem passar a noite.

Como antes, Will pediu, e obteve, a permissão para dormir no estabulo da pousada. Ele tinha sido bem pago por Rob Danvers, e com o dinheiro que ele ganhou, ele poderia ter se proporcionado um quarto na pousada.

Mas ele estava mantendo o caráter de um trabalhador errante. Tal homem não perderia moedas valiosas com alojamento de luxo.

Um telhado sobre a cabeça e palha limpa para a cama em baixo era o suficiente para essas pessoas.

Quando chegou ao trabalho, no entanto, a notícia não era boa. Jerome, o estalajadeiro, balançou a cabeça com ar de dúvida quando Will levantou a assunto.

-no trabalho agrícola, —disse ele. -as colheitas são mais de modo que não há trabalhar nos campos agora por alguns meses. E se há qualquer trabalho de reparo a ser feito, a maioria dos agricultores fazem isso sozinhos. Você pode perguntar por aí, é claro, mas não espere muito.

Will assentiu com tristeza.

—Queria tanto, —disse ele. —Bem, eu vou gastar talvez um dia ou dois e ver o que está em oferta. Melhor pegar nossas coisas para colocar no estabulo.

Ele agarrou as alças do carrinho de mão e colocou seu peso a ele, girando até o estábulo. Ele olhou em volta, apontando para uma pilha de palha fresca em uma lata.

—Vamos tirar alguns dos que se espalhou para fora, para que possamos dormir sobre ele, —disse ele.

Maddie encontrou um forcado de madeira e começou a tirar feixes de palha para uma parte seca do chão de terra duro, trabalhando com tanto entusiasmo que uma nuvem de partículas finas de palha subiu no ar, visível nos raios de luz solar que fizeram o seu caminho através de aberturas na parede do estábulo.

Além de um idoso cavalo de esboço, o estabulo estava vazio. Depois que ela tinha movido uma quantidade adequada de palha, e espirrou várias vezes no processo, Will pegou o forcado de sua mão. Foi no meio da tarde. Até agora, Esseldon era como a maioria das aldeias, as crianças locais tinham sido liberado de suas tarefas e relaxariam nas poucas horas de tempo livre que teriam diante de suas tarefas à noite tinha a serem feitas. Claro que em uma aldeia tão pequena como esta, não havia escola. Se as crianças tinham qualquer instrução formal, ele veio de seus pais. Na maioria dos casos, isso significava que eles tinham pouca educação formal. A capacidade de ler e escrever era raro.

—Por que você não sai e vai conhecer as crianças locais? —Ele sugeriu.

Ela espanou a palha fora, logo apos espirrar, então suprimiu o desejo de pressionar o dedo sob seu nariz.

—Devo perguntar sobre Maurice Spoker? —Ela perguntou.

Maurice Spoker era o menino Esseldon mencionado nas notas explicativas de Liam. Will considerou isso por alguns segundos, depois balançou a cabeça.

-não imediatamente. Você sempre pode fazer isso amanhã. Use a mesma história — que eu tinha ouvido falar sobre o desaparecimento na taberna e advertir que você seja cuidadoso. Por enquanto, veja se houve qualquer sinal de um contador de histórias aqui no Esseldon.

Ele franziu o cenho. Exisita, obviamente, um fiandeiro de história em Danvers Crossing. As crianças tinham mencionado, afinal. E, como Maddie disse a ele, eles pareciam nervosos. Era estranho que Danvers não sabia nada sobre ele. Em seguida, um pensamento lhe ocorreu. Ele tinha perguntando se havia um fiandeiro em Danvers Crossing. Talvez o homem da história era um itinerante. Talvez isso foi o que Rob Danvers estava prestes a dizer, quando ele havia sido interrompido.

—Enquanto isso, eu vou fazer as rondas das casas na aldeia, vendo se há algum trabalho a ser tido. —Ele fez uma pausa, olhando para a sua mão esquerda enfaixada, que ele havia enfaixado quando um cinzel escorregou no dia anterior. -com alguma sorte, não haverá qualquer.

Maddie assentiu e saiu pela porta do estábulo. Ela assumiu que haveria um lugar onde as crianças locais se reuniam ,o comum ou um pedaço verde na aldeia, talvez. Ela descobriu que o último era o lugar preferido. Era um espaço aberto, situado no meio da aldeia, onde qualquer residente poderia colocar vacas para pastar ou ovelhas ou executar galinhas ou patos. Havia um lago no meio que era usado para abeberamento dos animais.

Quando ela se aproximou, ela podia ver meia dúzia de jovens na grama. Um deles levantou-se quando ela se aproximou, retirou o braço e jogou uma pedra na lagoa.

Maddie observou como ela espirrou na água. Havia uma pequena balsa de madeira à deriva na superfície da lagoa. Era, obviamente, o alvo que tinham destinado. Os outros vaiaram ou aplaudiram como o seu lance foi perdido por um metro. Ele sorriu e sentou-se. Outro menino levantou-se em seu lugar, vendo o alvo flutuante enquanto ele cuidadosamente pesava uma pedra na mão, em seguida, recuou o braço e atirou.

Sua pedra passou longe do alvo e, novamente, um coro de vaias levantou-se das outras. Ele olhou para trás e viu Maddie se aproximando.

Ele disse alguma coisa para as outras crianças e todos eles se voltaram para olhar para ela. Ela acenou timidamente e se sentou na grama de cerca de cinco metros longe deles, tirando os joelhos.

O grupo decidiu que não tinha nada de interressante em olhar para Maddie e voltaram para o que estavam fazendo. Obviamente, havia um concurso acontecendo entre os quatro rapazes do grupo. O menino mais novo era a sua vez agora e atirou. Sua pedra levantou uma salpicar alguns centímetros do alvo, definindo-o do balanço. As duas meninas aplaudiram. Os outros meninos olhoram para ele. O quarto menino levantou-se e atirou, mas ele estava com muita pressa. Sua pedra não foi longe, pulando uma vez, depois afundou. O menino mais novo riu. Maddie à toa manejava seu estilingue, que ela usava amarrado ao redor da cintura. Olhou ao redor e viu várias pedras lisas na grama ao lado dela. Escolheu dois, ela se levantou e caminhou para mais perto do grupo, quando o primeiro menino levantou-se para jogar novamente. Seu lance foi o mais próximo durante este tempo, e mais uma vez, o alvo foi definida de balanço. Tornou-se consciente de que Maddie estava por perto e olharam para ela com curiosidade.

—Boa jogada, —disse ela, apontando para o alvo, subindo e descendo, no centro de um círculo maior de ondulações. —Posso jogar?

-as meninas não podem jogar, —disse ele. Ele não disse isso desdenhando ou de uma forma depreciativa. Era uma simples declaração de um fato.

Maddie sorriu.

—Eu sou uma menina. E eu posso jogar.

Ela tinha a atenção de todo o grupo agora. Um dos outros meninos balançou a cabeça, com um sorriso tolerante em seu rosto. As duas meninas, ela viu, ficaram bastante interessadas em sua afirmação. Eles não pareciam acreditar que ela conseguiria, mas estavam dispostos a vê-la tentar, esperançosos que ela poderia viver até a sua pretensão.

—Deixe que ela tenha uma chance, David, —uma das meninas disse.

O menino olhou para ela, depois de volta para Maddie, e encolheu os ombros, ficando de lado.

—Por que não? Mas isso vai custar-lhe duas moedas para competir. O primeiro a acertar o alvo ganha tudo.

Ela continuou a sorrir para ele enquanto ela enfiou a mão no cinto da bolsa e pegou duas pequenas moedas de cobre. Ela entregou-os a ele.

—Você vai se arrepender de perdê-los, tenho certeza. -o menino sorriu.

Maddie sacudiu a funda e coloque uma pedra na bolsa. Ela adiantou-se rapidamente, antes que alguém pudesse ver exatamente o que ela estava fazendo. Ela colocou o pé esquerdo para a frente, deixando o estilingue pendurar para baixo no final do seu braço direito estendido, em seguida, virou-o e atirou. A pedra passou zunindo em uma enorme velocidade.

A água ao redor da madeira entrou erupção quando a rocha colidiu com ele, enviando lascas de madeira e um grande bico de água para o ar. As crianças da aldeia saltaram para seus pés, espantados com a força e precisão que Maddie tinha acabado de mostrar. O menino mais novo, cujo lance tinha sido o mais próximo do alvo, até agora, alargando os olhos quando ele olhou para a madeira quebrada. Então ele notou o estilingue pendendo de mão direita de Maddie.

-o que é isso? —Perguntou. Ela segurou o estilingue para que eles vissem.

—É um estilingue, —disse ela. Ela sorriu para eles. -não se preocupem, eu não vou querer os seus dinheiro. Eu tinha uma vantagem injusta.

David aproximou-se, franzindo a testa enquanto estendendia a mão para o estilingue. Ela passou para ele.

—É apenas alguns pedaços de corda e uma bolsa de couro, —disse ele.

-sim. Mas dá-lhe uma grande quantidade de energia extra quando você joga. Expirimente se quiser?

Ele acenou com a cabeça e ela mostrou-lhe como colocar uma pedra na bolsa, em seguida, ficou de lado, com o braço direito esticado para trás e o estilingue pendurado atrás dele.

—Balançe para trás e para a frente algumas vezes para obter força, —disse ela.

—Então, chicoteá-lo para cima e quando ele estive apontando para o alvo, solte.

Suas primeiras tentativas foram extremamente imprecisas, enquanto soltava ou era demasiado cedo ou tarde. As pedras voaram para o alto acima deles, ou espirrava violentamente na lagoa a poucos metros da margem. Mas, aos poucos, ele começou a pegar o jeito.

-tente se sentir como se o seu dedo indicador estivesse apontando para o alvo quando você liberar, -maddie disse a ele. Ele assim o fez e enviou uma pedra pelo ar, criando uma grande fonte de pulverização para a esquerda do restos da pequena jangada. Ele se virou para ela com um sorriso encantado.

—Isso é fantástico! —Disse.

-com um pouco de prática, você vai começar a bater no que você está como objetivo —ela disse a ele. No mesmo instante, o rapaz que tinha jogado mais próximo da jangada estendeu a mão para o estilingue.

—Deixe-me tentar! —Disse. Maddie treinou-o na técnica correta e deixou ele jogar. Suas tentativas era melhor do que as de David.

Ele jogou mais três pedras. Dois deles se chocou contra a água perto do alvo destruído. No terceiro, ele se tornou mais ansioso e balançou muito cedo. Como resultado, ele lançou e a pedra bateu no solo, abaixo do bordo da madeira.

Maddie olhou para as meninas.

—Você querem tentar?

Elas olharam uma para a outra, hesitantes.

-as meninas podem fazer isso? —Uma perguntou.

David apontou o polegar para Maddie.

—Bem, ela é uma garota e ela fez tudo certo! —Ele sorriu. Assim, as duas meninas, Eva e Joscelyn, tiveram a sua vez com o estilingue. Eva agarrou rapidamente os princípios e foi logo atirando pedras com um poder considerável e precisão. Joscelyn não era tão rápido para pegá-la, mas ela conseguiu vários lances razoáveis. Todas as crianças ficaram fascinados com a simplicidade da arma e o poder que poderia alcançar quando lançavam.

-nós poderíamos caçar com isso, —disse David, admirando o estilingue antes entregá-lo de volta para Maddie.

Ela assentiu com a cabeça.

-sim. Você pode facilmente levar coelhos e aves com um o estilingue. —Ela olhou para eles. —Vou te dizer, vamos nos encontrar novamente amanhã e eu vou mostrar-lhe como fazer um. Basta trazer alguns tiras de couro e um pedaço de couro para a bolsa.

Houve um coro geral de excitação e acordo. Maddie colocar o estilingue distante e eles se sentaram na grama em um amistoso grupo.

É isso, ela pensou. Eles me aceitaram. Ela estendeu a braços sobre a cabeça e deixou seu olhar vagar em volta da pequena aldeia pitoresca.

—Então, o que você fazem para o entretenimento aqui? —Ela perguntou.

David balançou a cabeça e os outros murmurara, incoerentemente.

Obviamente, a vida em Esseldon não era muito emocionante.

-nada de mais, —disse ele. -nada acontece aqui.

-oh. Isso é uma vergonha. Então você não tem um homem da história ou qualquer coisa assim? —Ela perguntou casualmente. Apesar de sua aparente indiferença, ela estava a observá-los de perto e viu a reação de espanto que ocorreu no grupo. Eles olharam um para o outro, então para ela.

Houve um início súbito de medo em seus olhos.

-o que quer dizer com um homem da história? —Perguntou Joscelyn.

David lançou um olhar para ela, tarde demais para impedi-la de falar.

Maddie deu de ombros.

-sabe como é: um fiandeiro. Alguém que diz histórias de fantasmas à noite ao redor do fogo.

Houve um longo silêncio. O desconforto entre as outras crianças era quase palpável. Ela continuou, mantendo sua inocente ar.

-acabamos de vir de Danvers Crossing. As crianças lá disse que um viajante contador de histórias veio algumas semanas atrás. Disse realmente boas histórias de terror, disseram eles. —Ela fingiu ter interesse no laço do sapato.

Mais uma vez houve uma pausa estranha. Em seguida, Eva disse, um pouco em um tom empolado -não temos nada parecido com isso aqui.

Maddie deu de ombros. Sua maneira disse que foi sem grande importância.

-oh? Bem, isso é uma pena, mas não importa. —Ela olhou para cima, medindo o nível do sol sobre as árvores no oeste. —É melhor eu ir andando. Vemo-nos amanhã. Não se esqueça de trazer as cordas e o couro e vamos fazer alguns estilingues.

Agora que ela mudou de assunto e parecia ter perdido interesse no conceito de um contador de histórias, o humor melhorou e o grupo entusiasmados concordaram em se reunir novamente no dia seguinte para aprender a construir um estilingue.

Maddie se levantou e espanou um pouco de grama soltos para fora de seu vestido. Ela pegou o estilingue e colocou em torno de sua cintura e fixou lá, então sacudiu os dedos na despedida.

—Vejo vocês amanhã, então. Mesmo tempo?

Houve um coro geral de despedida e ela virou-se, caminhando pela grama grossa para a pousada no estábulo onde ela e Will estavam hospedados. Quando ela ia, ela murmurou baixinho para si mesma.

—Esse contador de histórias esteve aqui. Eu apostaria minha vida nisso.

Na época, ela não tinha idéia de que ela poderia estar fazendo exatamente isso.

Capítulo 35

—NÃO. NÓS NÃO temos contadores de histórias nessa vila.— O dono da hospedaria disse em resposta para a pergunta ocasional do Will.

—Que pena,— Will disse, tomando um gole de café. —Minha filha poderia ter um pouco de entretenimento. Isso é difícil pra ela, viajando o tempo todo, sem nada para fazer e sem amigos permanentes.— O dono da hospedaria assentiu simpaticamente. —Eu posso entender. É uma pena vocês não terem chegado aqui mais cedo. Nós tínhamos um travelling spinner vindo aqui a algumas semanas atrás. As crianças amavam ele. — Will olhou para cima, fingindo não mais do que interesse educado.

—Ouvi falar de um travelling spinner na travessia de Danvers recentemente. — Ele disse. Esfregou o queixo, fingindo pensar. —Como ele se chama agora? — —O Roteirista, foi isso?— Jerome sugeriu. Will bateu a mão na testa mentalmente quando ele percebeu que Roteirista era um nome.

—É ele,— ele disse. —O Roteirista. Com certeza.— —Ele tinha um estilo colorido. Vestia uma brilhante capa azul e um sapato vermelho.— O dono da hospedaria franziu a testa, lembrando-se do homem. —Parecia um pouco estranho. Mas suponho que seja pelo trabalho.— —Estranho?— O interesse do Will tinha despertado, mas ele não demonstrou. —O que quer dizer?— Jerome fez um gesto de desprezo. —Oh, não de uma forma ruim. Apenas. Teatral, eu suponho. Ele usava sinos em seu pulso e tornozelos então você poderia ouvir ele vindo. E ele representava suas histórias com um grande entusiasmo, Me disseram.— —Você não o viu trabalhando?— Jerome sacudiu a cabeça. —Ele divertia as crianças. Me lembro de ter dado uma moeda ao meu sobrinho. Ele sentava-se com as crianças na beira do lago da Vila verde para contar as histórias.— Ele sorriu pela memória. —Histórias de fantasma , eu acho. Me lembro de ver as crianças assustadas depois de ouvir as histórias.— —Bem, as crianças adoram um bom susto de vez em quando,— Will disse.

—Quando ele estava aqui, você se lembra?— Jerome jogou a cabeça para trás, olhando para o teto enquanto ele considerava a questão. Finalmente, ele respondeu.

—Deve ter sido a duas, talvez três semanas atrás. Foi poucos dias antes do menino Spoker desaparecer.— Will franziu o cenho, parecendo um pouco preocupado. —Um garoto desapareceu? Isso acontece muito por aqui?— Jerome balançou a cabeça, reconhecendo a tendência natural de um pai para se preocupar. —Senhor, não! Nunca aconteceu isso antes, não que eu me lembre. Se você me perguntar, o jovem Maurice pode ter simplesmente fugido. Seu pai

costumava bater muito nele para o meu gosto.— Will terminou seu café, e colocou o copo na mesa do bar. Ele desejou boa noite para o dono da hospedaria.

—Bem, eu vou para minha cama. Tenho um longo dia de amanhã. Vou visitar algumas das fazendas distantes e ver se há algum trabalho por ai.— —Sem sorte na aldeia?— Jerome perguntou e Will balançou a cabeça, uma expressão abatida no rosto. Jerome sorriu com simpatia. —Eu não estou surpreso. Os tempos têm sido difíceis e as pessoas não têm tido nenhum dinheiro extra para gastar.— —Bem, Eu certamente não tenho nehum dinheiro para gastar,— Will disse. Ele hesitou, então disse incerto, —Na verdade, eu estava me perguntando se eu poderia pedir um favor?— Os olhos de Jerome estreitaram. Favores geralmente envolvendo dinheiro era sua especialidade, e as próximas palavras de Will afirmou a sua suposição. —Eu voltarei em uma noite ou duas. Seria maravilhoso se você deixasse Maddie em um de seus quartos, enquanto eu estiver fora. Eu me sentiria mais seguro dessa forma. Eu não gostaria de deixá-la dormir no estábulo, com crianças desaparecendo por ai.— —Foi apenas um garoto que desapareceu—, disse Jerome defensivamente.

Então ele viu o olhar preocupado no rosto de Will e cedeu. Deve ser difícil ser um pai solteiro e viajando por ai, ele pensou. E ele tinha vários quartos desocupados.

—Tudo bem, então—, disse ele. —Ela pode ficar no quarto do sótão. Vou cobrar o mesmo que eu estou cobrando para vocês dois no estábulo.— Will soltou um suspiro de alívio. —Obrigado por isso. Eu não vou precisar me preocupar com ela, enquanto estiver fora.— Particularmente, ele resolveu trazer um pouco de diversão de volta para a cozinha de Jerome. O dono da hospedaria era um sujeito simpático e seu gesto foi muito generoso. Ele virou-se para a porta. —Quanto tempo você vai ficar fora?— Maddie perguntou, quando ele disse a ela do novo arranjo. —Um ou dois dias. Eu pensei em passar em Boyletown e ver se este personagem Roteirista visitou lá também.— Ele explicou a confusão sobre a viagem do travelling spinner. Maddie teve uma reação semelhante à sua. Uma vez que você sabia que era um nome, tudo parecia claro.

—Sabemos que ele estava em Danvers Crossing, então ele veio aqui.— Will fez uma pausa, franzindo a testa. —Queremos descobrir sobre quando ele estava em Danvers Crossing. Jerome disse que ele estava aqui, pouco antes de um rapaz desaparecer.— —E Jerome disse que os pais de Maurice Spoker maltratava ele, —Maddie disse, pensativa. —Assim como o pai de Carrie Clover.— Os olhos de Will se estreitaram. —Sim. As coincidências estão começando a montar-se, não acha?— Maddie assentiu com a cabeça. —Então o que você quer que eu faça enquanto você estiver fora?— —Continue falando com as crianças locais. Veja

se você pode descobrir mais sobre este, contador de histórias. Jerome disse que parecia que as crianças o amavam.— —Não é a impressão que eu tenho,— Maddie disse.

—Bem, veja o que você pode desenterrar. Mas tenha cuidado. Não pressione se eles estiverem relutantes.— Um pensamento separado feriu e ele acrescentou.

—Ah, a propósito, enquanto você estiver hospedado no quarto, você pode fazer se útil. Faça a sua cama e se ofereça para ajudar na cozinha.— —Eu não sou uma boa cozinheira,— Maddie apontou.

—Eu estava pensando que seus esforços poderia estar mais na área de lavar louça,— Will disse a ela.

Maddie recuou com horror simulado. —Eu não sei se eu estou treinada para isso.— Ele levantou uma sobrancelha para ela. Ela o tinha visto fazer isso antes e viu-se desejando que ela poderia fazê-lo. Ela resolveu praticar a expressão. —Tenho certeza que você vai conseguir— ele disse. —Não é alquimia.— Enquanto girou para fora, Maddie não precisava fazer mais nenhuma pergunta sobre o Roteirista misterioso.

Ela conheceu as outras crianças como combinado na tarde seguinte e eles se sentaram na grama enquanto ela mostrou-lhes como moldar suas fundas. Ela trouxe uma pequena faca com ela e ela emprestou-lhes para que eles pudessem cortar as tiras de couro de comprimento, em seguida, formar as bolsas. Só havia uma outra pessoa em comum — um trabalhador agrícola, a julgar pelo seu avental de trabalho remendada e um chapéu velho disforme. Ele estava encostado em uma cerca, de braços cruzados assistindo. Ele tinha um pequeno pacote embrulhado em um pano manchado a seus pés. Como o grupo sentou-se em um semi-círculo, cabeças inclinadas para as tarefas de corte, modelando e amarrando, David lhe chamou a atenção, levantou-se e sacudiu a cabeça em um gesto inconfundível para que ela o seguisse. Ela se levantou e eles foram para longe dos outros. Ela olhou para ele com expectativa.

—Você queria dizer alguma coisa?— ela perguntou.

Ele olhou ao redor. Ela podia ver que ele estava nervoso. Não, ela corrigiu a si mesma. Ele estava mais do que nervoso. Ele estava com medo. —O Roteirista,— Ele finalmente disse. —Não vá perguntando sobre ele mais. E, acima de tudo, não mencione sobre ele a seu pai.— Ele fez uma pausa, depois acrescentou ansiosamente, —Você não disse nada a ele, né?— Ela balançou a cabeça. —Não, mas porque não?— —Ele nos disse coisas. E ele disse que nunca devemos repeti-los para qualquer adulto, ou algo ruim iria acontecer com a gente.— Os olhos de Maddie se arregalaram. —Que coisas que ele te disse?— ela perguntou, sua voz tremendo. O nervosismo de David estava contagiando ela.

Ele arrastou os pés. —No início, era apenas histórias normais. Algumas mais

engraçadas e algumas mais assustadoras. Tinhamos todos uma boa diversão e todos nós gostavamos dele. Principalmente eram histórias que ele tinha ouvido antes, como o Ogro de Alden Pass e do Grande Troll Verde de Tralee.— Maddie assentiu. Eram contos populares bem conhecidos. Eles variavam em detalhes com cada contador de história diferente, é claro, mas eles sempre foram essencialmente os mesmos, e foram calculadas para dar às crianças um bom susto saudável — sem causar muita preocupação. —Mas, então, ele nos contou sobre o Stealer na noite,— ele disse, sua voz tornando-se muito baixa.

—O Stealer na noite?— Maddie repetiu. Até mesmo o nome lhe deu um arrepio de medo na espinha. Parecia tão sinistro, tão mal. David balançou a cabeça, lambendo os lábios secos, em um gesto nervoso. —O Stealer é um espírito misterioso, todo vestido de preto e usando uma máscara preta e um casaco. Ele se materializa em uma aldeia e pega crianças.— —Leva-os onde?— ela perguntou. Seu coração batia um pouco mais rápido conforme o conto se desenrolava. Ela se inclinou para mais perto dele, deixando cair sua própria voz. —O que ele faz com eles?— David encolheu os ombros. —Ninguém sabe. Ele leva embora e ninguém nunca mais vê eles novamente.— Ele olhou em volta mais uma vez e Maddie fez o mesmo. As outras crianças estavam todas concentradas em fazer suas fundas. —A coisa é, o Roteirista disse que, sempre que estivéssemos com ele, não era para não dizer nada. Basta fingir que não tinha visto nada. E ele disse que nós deviamos nunca, nunca dizer a um adulto sobre o Stealer na noite.— —O que aconteceria se você contasse?— Maddie perguntou, sua voz agora quase num sussurro. —Se contassemos isso, ele disse que o Stealer saberia. E ele viria atrás de quem dissesse. Ele viria no meio da noite e ia levar e eles nunca mais veriam sua família novamente.— Houve um longo silêncio entre eles. Ambos estavam com os olhos arregalados. O medo de David era contagioso e Maddie se viu desejando que ela estivesse de volta em Redmont, na pequena cabana aconchegante nas árvores. Ela ouviu um leve ruído e olhou em volta, nervosamente. O trabalhador agrícola que ela tinha notado antes havia deixado sua posição por cima do muro e se aproximou deles. Ele estava sentado na grama, cortou fatias grossas de um pedaço de queijo que ele havia tirado do pacote.

Ele chamou sua atenção, acenou e sorriu agradavelmente enquanto comia um pedaço do queijo. Ela se perguntou se ele tinha ouvido o que eles estavam discutindo. Ela acreditou que ele provavelmente estava muito longe, mas ela baixou a voz de qualquer maneira quando falou novamente. —Você acha que foi o que aconteceu com Maurice Spoker?— ela disse. David recuou meio passo. Desconhecendo o trabalhador rural nas proximidades, ele levantou a voz de surpresa. —Como é que você sabe sobre Maurice?— Maddie percebeu que tinha

cometido um erro em mencionar Maurice Spoker. Ela fez um gesto de advertência para David para abaixar sua voz de novo, olhando significativamente para o trabalhador rural nas proximidades, e continuou. — Meu pai ouviu falar sobre ele na hospedaria. Ele me contou sobre isso. Disse que um menino chamado Maurice Spoker desapareceu e me fez tomar cuidado e não sair durante a noite. Você acha que ele foi levado pelo Stealer na noite?— David hesitou. Sua explicação parecia tê-lo satisfeito. Então, ele acenou com a cabeça lentamente. —O que mais poderia ter sido?—, ele disse.

Capítulo 36

O Stealer no meio da noite rasgou a perna de uma galinha e rasgou a carne com os dentes. Ele fez uma careta. O pássaro não foi devidamente preparados e a carne era vermelha e sangrenta perto do osso. Ele olhou para o membro de gangue que havia sido responsável por cozinhar o frango, que havia sido roubado de uma fazenda afastada na noite anterior. —Harold! Este pássaro está cru!— o Stealer rosnou. —Onde você aprendeu a cozinhar?— Harold, um homem corpulento de cabelos negros, voltou seu olhar carrancudo. —Nunca disse que eu era um cozinheiro— ele respondeu. Ele cuspiu o pássaro em um ramo verde e suspendeu-o sobre o seu fogo. Mas ele não esperou que as chamas se reduzisse a brasas e logo a pele exterior foi escurecendo e carbonizando. Supondo-se que a carne dentro seria o mesmo, ele tinha tomado fora do fogo e serviu o seu líder.

O Stealer jogou o osso da perna no meio dos arbustos. Então, sua raiva cresceu, ele pegou o resto da carcaça de frango e começou a girar depois da perna. —Arranja-me um pouco de queijo e pão— ele ordeou. —Mesmo que você não pudesse estragar tudo. E um pouco de cerveja também.— Harold murmurou com raiva de si mesmo. Mas ele manteve os comentários para si mesmo. A amarga experiência lhe ensinara que o Stealer tinha um temperamento vicioso — e incerto.

O líder dos sequestradores estava todo vestido de preto, a cor que ele usava quando ele entrou na casa das famílias e roubou as crianças. Ele estava acima da altura média e bem encorpado — embora ele estivesse correndo e a sua gordura apareceu na cintura. Seu cabelo tinha sido uma vez loiro — quase branco. Agora era uma cor cinza sujo. Ele pendurou em seu pescoço e estava emaranhado em cordas grossas. O Stealer não gostava de lavá-lo com muita frequência. Suas feições eram regulares. Seu queixo era forte, embora a mesma tendência de gordura estava se tornando aparente em torno de seu queixo e pescoço. Teria sido um belo rosto com exceção dos olhos e da boca. Os olhos estavam pálidos, tingida de amarelo. Eles eram como os olhos de um lobo, ele tinha sido dito uma vez — embora o homem que lhe disse que se arrependeu essas palavras poucos minutos após proferir eles. Eram olhos frios e cruéis e eles foram pareados pela boca de lábios finos que virou para baixo nos cantos. Ninguém conseguia se lembrar de vê-lo sorrir. Harold colocou uma bandeja de madeira diante dele, com um pedaço de queijo forte e no final de um pedaço de pão. O Stealer resmungou, tirou a faca da correia e cortou alguns pedaços do queijo. —Onde está a cerveja? — ele exigiu. Seu seguidor voltou às pressas de volta à mesa de oferta e

desenhou uma caneca de cerveja em um pequeno barril. O Stealer grunhiu novamente quando ele foi colocado na frente dele. As palavras —obrigado— não parecem ser parte de seu vocabulário. Eles estavam no acampamento, que era a sua sede provisória. Havia nove homens, incluindo o próprio Stealer e o Roteirista. Além disso, havia cinco crianças, com idades entre dez e quatorze anos, acorrentadas juntos debaixo de uma grande árvore. O Stealer olhou para eles agora. Eles estavam amontoados debaixo da árvore, onde um pedaço rasgado de lona foi esticada sobre os ramos proporcionando-lhes cobertura em caso de chuva. Os próprios sequestradores compartilhavam pequenas tendas de dois homens, com exceção do Stealer. Como líder, ele exigiu uma tenda para ele mesmo. Era maior do que o de seus seguidores, e onde fez ver com cobertores para dormir no chão, ele tinha um pequeno saco de dormir. A quadrilha tinha sequestrado as crianças, em pequenas vilas ao longo do Trelleth feudo por vários meses. Seus alvos eram pequenas aldeias, distantes uns dos outros e com pouca ou nenhuma comunicação entre eles. Dessa forma, no momento em que uma aldeia onde uma criança tinha desaparecido descobrisse que havia acontecido a mesma coisa que em outro feudo, o Stealer e seus homens estariam muito longe.

O sistema que ele tinha planejado funcionou admiravelmente bem. O roteirista entrou numa aldeia, ganhou a confiança das crianças locais e por orientação sequestrou uma criança. Ele selecionou meninos ou meninas que foram maltratados por seus pais. Dessa forma, quando eles desaparecessem, seriam geralmente assumidas como fugitivas. Os pais podem procurar por eles, mas não haveria nenhuma pista organizada e chorariam. Uma vez que ele conheceu os filhos em uma aldeia e selecionado um alvo, o Roteirista mudou de rumo. Suas histórias, a princípio divertido e interessante, assumiu uma natureza mais sinistra mais obscura. Ele descreveu a pessoa temível conhecido como o Stealer, uma figura das sombras, que espreitavam pela terra procurando crianças e roubar-los para o seu reino no submundo. Ele alertou as crianças que Stealer deve visitar a sua aldeia, eles não deviam dizer nada sobre ele. Eles nunca poderiam contar para os seus pais, ou qualquer outro adulto. Se contassem, o Stealer saberia, e ele iria causar uma terrível vingança a eles.

O roteirista era um contador de histórias consumado. As crianças foram normalmente aterrorizado e deixados fora de seu juízo. Dessa forma, quando um deles desapareceu logo após a ida do Roteirista, eles não diriam nada. Foi uma estratégia inteligente. Em muitos casos, em aldeias pobres, como os que eles atacavam, várias crianças dormiam no mesmo quarto. Se por acaso a criança acordou e viu a figura vestida de preto, o medo gerado pelo Roteirista garantia que ele ou ela permanecesse mudo. Mudo e aterrorizado. As crianças sabiam se eles interferissem, se disse alguma coisa sobre ele ou tentasse dar algum alarme,

eles iriam desaparecer juntamente com o seu companheiro. A quadrilha do Stealer estava operando dessa forma nos últimos doze meses, passando de um feudo para outro, mudando sua área de atuação com frequência, de modo que nenhuma palavra de suas atividades chegou às autoridades. Uma vez que eles se estabelecessem em uma nova área, eles iriam começar a raptar crianças. Então, quando eles tinham prisioneiros suficientes — geralmente dez ou doze — passavam para a próxima fase de suas operações.

O Stealer ouviu cavalgada e olhou para cima. Um de seus olheiros tinha montado no acampamento. O homem estava vestido com um avental de agricultor remendada e usava um chapéu de feltro disforme. Ele passaria praticamente despercebido em algumas das aldeias ou povoados que a quadrilha havia passado. Ele olhou ao redor, viu o Stealer sentado debruçado em sua mesa e foi até ele. —Talvez tenhamos problemas com a cerveja— disse ele brevemente. Ele se sentou diante de seu líder e se virou para gritar com o homem que tinha servido o Stealer. —Harold! Arranja-me um pouco de cerveja aqui!— Harold murmurou para si mesmo. Mas ele foi para o barril e pegou uma caneca da mesa. Havia uma ordem de classificação distinta na quadrilha e ele estava perto do fundo da questão.

O Stealer franziu o cenho. —Onde?— ele perguntou. O olheiro levantou a mão para que ele aguarde enquanto Harold lhe entregou uma caneca de cerveja, a espuma caindo pela borda. O olheiro não parecia se importar. Ele despejou-o e bebeu com avidez, então bateu a caneca com um grunhido satisfeito. — Esseldon,— ele disse, e arrotou. O Stealer franziu o cenho. Eles haviam atingido Esseldon recentemente. Ele olhou para o grupo de prisioneiros sob a árvore, tentando escolher o que ele tinha raptado das aldeias. Mas depois de terem estado por ali durante algumas semanas, os rostos todos ficaram aterrorizados e ele não podia ter certeza de qual era. O medo do roteirista bateu nos corações das crianças da aldeia era geralmente o suficiente para evitar qualquer menção à Stealer atingindo os ouvidos de seus pais. Geralmente.

Mas sempre havia a chance de que uma criança, mais corajosa ou mais tola que as outras, poderia falar. Se isso acontecesse, os moradores seriam alertado sobre a presença do Stealer em sua área e poderia muito bem montar uma busca pela criança desaparecida. E, nesse caso, a quadrilha teria que passar para um novo feudo para evitar a descoberta. Para obter alerta rápido de tal ocorrência, o Stealer fazia seus olheiros fazer visitas regulares de volta para as aldeias onde eles já haviam golpeado para ter certeza de que o seu segredo ainda estava seguro. Em Esseldon, aparentemente, alguém estava falando. —Pode não ser nada,— o olheiro continuou. —Mas há um jovem fazendo perguntas.— —Um dos moradores?— o Stealer perguntou.

O outro homem sacudiu a cabeça. —Não. Ela está viajando com o pai dela. Ele está à procura de trabalho e eles estão hospedados na pousada. Mas eu a ouvi interrogando um dos garotos locais sobre o Roteirista — e sobre o menino que pegou dessa aldeia. Ela não sabe de nada até agora, mas eu pensei que você deveria saber.— O Stealer massageava o queixo entre o polegar e os dedos de sua mão direita. Havia sempre a chance de que uma criança poderia falar. E agora, ao que parece, suas precauções extras em enviar o olheiro de volta para checar as coisas em Esseldon provou que vale a pena. —Eu acho que é melhor deixar essa garota saber o que acontece com as pessoas que fazem perguntas embaraçosas,— ele disse, pensativo. Então ele se virou e gritou para o grupo de homens sentados na grama ao redor da fogueira. —Benito! Venha aqui, eu tenho um trabalho pra você!— Sim, pensou, Benito foi o único a enviar. Ele foi ferido em uma briga, alguns anos atras, atingido por um golpe na garganta, que deixou a sua voz pouco mais que um sussurro áspero. Benito era amargo e zangado com a lesão e ele era geralmente muito feliz em assumir a tarefa de assustar qualquer criança que desobedeceu as instruções do Roteirista. Ele caminhou até a mesa agora, batendo continência em sinal de respeito com o líder da quadrilha. —O que é, Jefe? ele perguntou, usando o termo ibérico para chefe. O sotaque ibérico de Benito revestiu o sussurro rouco de sua voz. A combinação era geralmente suficiente para assustar qualquer criança. —Há uma garota em Esseldon fazendo perguntas. Robert pode te dizer como ela é e onde encontrá-la,— o Stealer disse a ele, indicando o olheiro. —Vá lá hoje à noite e assuste-a. Ou mate-a— acrescentou descuidado. Um sorriso cruel roubou o rosto moreno de Benito. —Isse será um meu prazer, Jefe—.

Capítulo 37

NO INÍCIO DA tarde, muito antes das sombras começarem a alongar, Maddie fugiu da aldeia e foi para o local onde Bumper estava à espera. Will tinha pego Puxão, é claro, por isso seu cavalo preto e branco estava sozinho na pequena clareira fora um pouco da estrada. Ela se preocupava com isso, mas Bumper bastante contente com sua própria companhia.

Ela o afastou e alimentou com duas maças. Um pequeno riacho corria perto da clareira e ela pegou o balde de água e encheu para ele. É claro que ele poderia ter bebido a partir da água corrente, mas era visível da estrada e havia uma chance de que ele seria visto por qualquer casual transeuntes.

Ou qualquer um que não fosse tão casual, ela pensou, considerando as histórias que tinham dito a ela na últimas vinte e quatro horas. Ela estava feliz que tinha visitado Bumper enquanto anda era plena luz do dia. Ela teria ficado muito nervosa para sair para a clareira após escurecer.

Ela correu de volta para a aldeia enquanto ainda havia uma abundância de luz.

Depois do pôr do sol, incomodada com a história do Ladrão mal e misterioso, Maddie estava feliz por passar a noite na estalagem. O quarto do sótão que tinha sido dado a ela tinha uma porta robusta com um bom bloqueio sobre ele. Isso lhe deu uma certa sensação de segurança. Mas ela ainda estava nervosa e tendendo a saltar a qualquer ruído inesperado. O som de passos nas escadas iria fazê-la congelar, a cabeça inclinada para um lado e ouvindo atentamente. Mesmo que a lógica lhe dissesse que provavelmente pertencia a Jerome ou sua mulher, ou a outro membro do pessoal da pousada, ela iria manter uma mão perto do cabo da faca de caça, pendurado sobre a cabeceira da cama, até que ela ouviu afastar-se novamente.

Como Will sugeriu, ela se ofereceu para ajudar na cozinha e sua oferta foi aceita de bom grado. Além do mais, isso lhe deu algumas horas na companhia de outras pessoas, e o barulho e a agitação da cozinha ocupada era uma mudança bem—vinda do pequeno quarto no topo da escada.

Jerome observou com aprovação quando ela empacotou os cabelos sob um lenço, vestiu um avental e começou a raspar os pratos gordurosos, em seguida, mergulhá-los em um grande caldeirão de ferro com água e sabão suspensa sobre o fogo da cozinha. Ela então iria esfregá-los completamente com uma escova de madeira de cabo longo. Depois de alguns minutos, seu rosto estava vermelho e úmido do vapor e seus braços estavam cobertos com espuma de sabão até os cotovelos. Quando as louças estavam lavadas, ela ocupou-se em varrer a cozinha

e o bar.

Ela ainda estava fazendo isso quando os últimos clientes se encaminharam para fora, dizendo adeus ao dono do bar. Alguns deles murmuraram cortesias para ela também. Eles tinham visto o quanto ela tinha estado trabalhando e eles admiravam tal trabalho.

Anda era relativamente cedo quando a taberna esvaziou. Era um dia de semana, afinal, e pessoas do campo vão para a cama e levantam-se cedo. Jerome entrou no bar enquanto terminava de varrer e colocar a vassoura em seu armário. Ele se moveu para a porta da frente e atirou dois parafusos de ferro pesado através para bloqueá-la — um perto do topo e o outro na parte inferior da porta. Ele olhou para ela e sorriu tranquilizador.

—Vou trancar a porta da cozinha também,uma vez que Emma e Ted tiverem ido,— disse ele. Ele assumiu que ela poderia estar nervosa com o pai longe e ele quis tranquilizá-la. Ele gostava dela. Ela havia trabalhado duro durante a noite. Mesmo que ele iria cobrar Will por uma noite de alojamento no estábulo — afinal de contas, o seu carrinho de mão e seus pertences foram armazenados lá — ele decidiu que iria pagar a Maddie algumas moedas por seu trabalho.

Maddie sorriu para ele. As portas eram de carvalho maciço, com o interior reforçado por uma segunda camada de tábuas, na diagonal de fora da camada. A taberna. Afinal, tinha uma série de itens valiosos — vinho e cerveja e comida, para não mencionar o dinheiro que havia sido pago no bar durante a noite. Era provavelmente o lugar mais seguro construção na aldeia.

A cozinheira e o ajudante de cozinha, Emma e Ted, disseram seus adeus e partiram para suas casa. Jerome foi para a cozinha e trancou a porta que dava para estábulo—jardins. Ele se moveu ao redor da grande sala de teto baixo, apagando as velas e soprando a grande lanterna que pendia da viga central. Agora a única luz vinha da lareira. O fogo estava baixo e e piscava sombras nos cantos. Isso deixou Jerome e sua mulher, Tildy, na estalagem com Maddie. O estalajadeiro e sua esposa tinham um pequeno conjunto de salas que ocupavam metade do primeiro andar do prédio, deixando espaço para um adicional de três quartos para hóspedes. O quarto de Maddie estava no andar de cima, sob o teto inclinado do sótão.

—Hora de ir para cana, Maddie,— Jerome disse a ela. —Tenha cuidado com sua vela. Certifique-se que está apagada antes de ir dormir,— Depois do barulho alegre e a agitação da noite, a pousada parecia estranhamente silenciosa quando Maddie subiu as escadas para seu quarto. Ela carregava uma vela com ela, em uma bandeja de estanho, protegendo o fogo com a mão livre, enquanto ela subia a escada. A pousada era cheia de correntes de ar e a noite estava fria.

O sótão era positivamente gelado. Nenhum calor do piso térreo parecia

penetrar ali e ela tremeu quando puxou o vestido pela cabeça. Ela hesitou, então mergulhou em sua mochila e tirou suas calças e jaqueta, puxando-os em cima de sua camisa.

Havia um par de meias grossas de lã, e ela ela colocou eles também. Quando ela finalmente se deitou e puxou os dois cobertores finos até o queixo, ela se sentia razoavelmente confortável, se não exatamente quente.

O vento tinha aumentado durante a noite e ele assobiava em volta do piso superior da pousada, procurando as muitas fendas que dariam a sua entrada e sacudindo as paredes e sacudindo a pequena janela do sótão com as rajadas mais pesadas.

—Uma boa noite para estar dentro,— ela disse a si mesma. Claro, desencadeou uma miríade de pequenos ruídos, com as madeiras da casa rangendo e gemendo enquanto se moviam e esfregavam juntas. Assim que ela ia se acostumar com o padrão de sons, um novo iria surgir e definir seus dentes na borda. Então ela quis ouvir por alguns minutos, la ficou deitada tensa sob os cobertores, até que ela tinha certeza de que o novo barulho não era nada sinistro.

Deitada com os olhos arregalados, enquanto o vento batia nas paredes, ela chegou por trás de sua cabeça para o cinto que segurava a saxônica estava pairando sobre a cabeceira da cama. Ela soltou-a e colocou a arma debaixo do travesseiro, sua mão descansando no punho.

Confortável pela sensação da arma pesada, ela finalmente assentiu desligada.

E acordou.

Seus olhos se abriram, mas além disso, ela não demonstrou nenhum movimento.

Além de uma hesitação momentânea, sua respiração permaneceu a mesma — profunda, uniforme e rítmica. Will a tinha treinado para ela acordar à menor sensação de que o perigo pode estar presente, mas a fazê-lo com os menores sinais exteriores possíveis. Apressadamente, ela fechou os olhos novamente, deixando apenas a menor fenda entre as pálpebras para ver.

Ela sentiu uma presença no quarto. Alguém, ou alguma coisa, estava de pé ao lado da cama. Ela estava deitada em seu lado direito, de costas a porta, com a mão direita tocando o punho de sua saxônica sob o travesseiro.

Seja lá o que for ou quem estava na sala estava atrás dela, fora de seu campo de visão. Ela não sabia como ela sabia que estava lá. Ela podia ouvir sem respiração, sem pequenos movimentos. Lá fora, o vento ainda golpeava na janela e paredes.

Mas ela podia sentir alguma coisa lá. Alguma coisa perto. Algo malévolo.

—Você está acordada, menina. Eu sei que você está acordada. Não se mexa. Não tente se virar. E deixe o que quer que está sob o seu travesseiro onde ele

está.— A voz era rouca, um sussurro grasnido. A voz soou estranha — Maddie poderia detectar um sotaque quando ele disse —você está acordado—, em vez de —está acordado—. Ela estava deitada rígida sob os cobertores, sem se atrever a se mover. Ela queria sacar, pegando a saxônica e ela iria, e atacar. Mas ela não conseguia encontrar a vontade de fazê-lo. Agora, ela ouvia um baixo farfalhar de roupas como se que falava se moveu ligeiramente. Como ele entrou? A porta da frente e da porta da cozinha estavam trancada solidamente. E o seu quarto estava trancada também.

Ela percebeu que não havia futuro na tentativa de responder a essa pergunta. Ele estava aqui, e isso era tudo o que havia.

—Você tem feito perguntas, garota,— a voz resmungou. —Isso não é saudável. Não é saudável para você. Não é saudável para aquele menino da aldeia que você tem falado.— seu coração deu uma guinada com medo — por si mesma, e por David. David era vulnerável e praticamente sem proteção. Seus pais era simples aldeões. Provavelmente corajoso o suficiente, mas não combatente.

—Você sabe o que acontece com as pessoas que falam sobre o Ladrão. Você não quer que isso aconteça ao seu amigo. Ou com você. Portanto, mantenha a boca fechada. Entendeu?— Ela não disse nada, não sabendo se admitiria que estava acordada ou não. O silêncio tornou-se insuportável.

—Eu disse, entendeu?— O intruso repetiu. Obviamente, ele queria uma resposta. Ela tentou falar, mas sua boca estava seca com medo. Finalmente, ela conseguiu dizer, em uma voz que era um pouco mais que um sussurro: —Eu entendi.— Mais uma vez, ela ouviu um leve som de movimento. Então, para seu alívio, ela percebeu que o homem estava se afastando dela.

—Certifique-se de fazer,— aquela voz horrível continuou. Ela ouviu o clique suave de sua porta travar como ele cuidadosamente levantou. Ele estava indo, ela pensou, e alívio inundou através dela. As dobradiças Arqueiroam quando a porta se abriu, então ele falou novamente.

—Não olhe para mim. E não tente me seguir. Eu vou saber se você fazer. E o Ladrão virá para você em uma noite escura.— ela estremeceu. A ameaça sem rosto do Ladrão, o horror do próprio nome, fez seu sangue gelar. A porta se fechou em silêncio e a presença, de quem quer que fosse, tinha desaparecido.

Por pelo menos vinte segundos, ela ficou imóvel, paralisada pelo medo. Então, lentamente, o medo começou a ser substituído por raiva. Ela não era uma criança indefesa, para se assustar com uma voz no escuro. Ela era uma aprendiza de Arqueiro! Ela tinha sido treinada para usar a saxônica, sua faca de arremesso, seu arco e seu estilingue. Ela havia sido treinada para lutar sem armas, se necessário. Ela era um membro de uma Corporação orgulhosa e altamente

qualificada. E ela foi a primeiro membro mulher! Se ela estivesse a mentir aqui e agora, tremendo sob os cobertores ao som de um estrangeiro com voz rouca, que não se atreveu a mostrar a cara, e que a ameaçou com algum caráter vago a partir de uma história de horror, ela estaria deixando a Corporação. E ela estaria provando que aqueles que duvidam (e ela sabia que haviam muitos) que disse uma menina não tinha o que levava a ser um Arqueiro estava certo!

Foi o último pensamente que galvanizou-a em ação. Ela jogou as pernas para fora da cama, trazendo a saxônica para fora do travesseiro. Ela já estava vestida. O ar frio da noite tinha feito isso. Ela começou a ir para a porta, depois hesitou. Seu estilingue e a bainha de cinto da saxônica foram amarrados sobre a cabeceira da cama. Juntamente com a bainha, o cinto prendeu a bolsa de tiro, com vinte chumbos no interior. Ela pegou ambos, colocando o cinto por cima do ombro e a bainha da saxônica. O estilingue permaneceu na mão direita, pronto para a ação. Quando ela abriu a porta, sua mão esquerda estava escavando na bolsa de tiro por um dos suaves, projéteis de chumbo pesados.

Ela carregou o tiro para o estilingue e fez seu caminho suavemente para as escadas à baixo, colocando seu peso para os lados, perto das paredes, para minimizar os movimentos e o Arqueiro. No bar ela olhou ao redor rapidamente. A janela estava escancarada, seu simples bloqueio estava dobrado e distorcido. Foi assim que o intruso tinha entrado, ela percebeu.

A porta da frente também estava entreaberta. Apressou-se através dela, para deixá-la aberta, depois hesitou.

Seu coração estava acelerado e ela percebeu que seria tolice mergulhar de cabeça para fora da porta. O intruso poderia estar assistindo e esperando para ver se ela o tinha seguido. Em vez disso, ela abriu uma rachadura e deslizou pela abertura, ficando perto da parede, na sombra escura das beirada penduradas baixa.

Ela olhou ao redor da rua, os olhos se esforçando por algum sinal de movimento. Nada. Ela amaldiçoou em voz baixa. Se ele tivesse escapado no tempo em que ela estava deitada, tremendo de medo, sob os cobertores? Ela não via como ele poderia. Ela não tinha tomado tanto tempo para reunir a vontade de vir depois dele. Seus olhos percorreram as sombras da rua e ela pensou ter visto um movimento de borrão quarenta metros a distância, no beco estreito entre duas casas.

Como ela viu, sentiu uma dor aguda bater em seu pé quando ela pisou em uma pedra afiada.

Ofegante de dor, ela inclinou-se para aproveitar seu pé em uma ação reflexa — e salvou sua vida ao fazê-lo.

Algo pesado zumbiu sobre a sua cabeça e bateu na madeira da moldura da

porta atrás dela. Agora ela podia ver seu agressor mais claramente. Ele era uma forma escura em uma lacuna entre duas casas e como ela observou, seu braço voltou, se preparando para lançar outro projétil.

Sua formação se encaixava. Ela endireitou-se e reagiu à ameaça sem pensar. Braço para trás, um passo à frente, então então chicoteou o estilingue sobre e através. O chumbo brilhou em sua jornada e, numa fração de segundo depois, ela viu o braço do homem encaminhar enquanto ele atirava por sua vez. Instintivamente, ela caiu para o chão.

O tiro, com o impulso extra do estilingue para impulsioná-lo, atingiu seu alvo em primeiro. Ela ouviu, um tapa na carne e um grito abafado de dor de seu agressor, uma vez que marcou. Em seguida, a figura escura cambaleou, jogou os braços e caiu de costas. Um segundo depois, o projétil que ele tinha jogado bateu a porta atrás dela, de um metro e meio acima de onde ela estava deitada de bruços.

Ela se levantou, com os olhos atentos na forma escura no chão.

Automaticamente, ela carregou um outro tiro no estilingue e se moveu para ele, colocando seu pés cuidadosamente, fazendo o mínimo de barulho possível. Sentia-se terrivelmente exposta quando se moveu para o exterior da rua, onde a luz da lua pálida de repente parecia ser tão brilhante como o dia. Ela seguiu uma curva quando se aproximou dele, girando para a direita, então voltou. Dessa forma, se ele estava fingindo e de repente sentou-se, ela não estaria onde ele esperava que estivesse.

Uma parte dela se perguntava sobre a maneira fácil que ela tinha levado a sequência de ações. Em resposta ao ataque, caindo plana, agora movendo-se em um meio círculo para se aproximar dele, o estilingue pendurado, pronto para uso, a partir de sua mão direita e um pouco atrás dela. Eram todos as coisas que tinham retinido em sua cabeça uma e outra vez em suas aulas com Will.

O homem não se moveu quando ela se aproximou. Ela parou a poucos metros de distância. Ela podia ver nenhum sinal de movimento, nenhum sinal de que ele ainda respirava. Ela percebeu que a curta distância, o estilingue seria inútil. Ela enfiou-o rapidamente no bolso e tirou a saxônica. O suave sussurro do aço em couro e lã era estranhamente reconfortante.

Ela circulou em volta dele, mantendo-se fora do alcance de seus braços e pernas, e aproximou-se. Ajoelhou-se perto dele e ela podia ver a ferida em sua testa. Seus olhos estavam bem abertos e olhando e ela sabia que ele estava morto.

Por um momento, ela estava entorpecida com horror. Então seu estômago cambaleou como ela percebeu que havia matado um homem. Ela ela queria estar doente, mas ela controlou-se com esforço, e sentou-se sobre seus quadris para

estudá-lo. Ela reagiu instintivamente, quando ela arremessou o tiro para ele. Era uma reação automática — e de autopreservação e autodefesa. Ela não tinha tido tempo para pensar no resultado possível. O homem já havia tentado matá-la com o primeiro tiro que ele tinha atirado. Ele estava prestes a lançar o segundo. Se ela não revidasse, seria ela quem estaria morta agora. Lembrou-se como seu segundo tiro zuniu em cima de sua cabeça, lembrou as batidas viciosas quando ambos os mísseis tinham batido a porta da pousada.

Tinha sido ele ou ela. Como ela considerou o fato, lembrando-se como ele ameaçou e tentou aterrorizá-la para ganhar seu silêncio, e depois tentou matá-la duas vezes, ela descobriu que não podia lamentar suas ações. Ela fez o que tinha que fazer.

Ele estava vestido todo de preto. O gorro de lá preta. Calças pretas enfiadas em botas de feltro preto, e uma camisa de lã preto sob uma curta, capa até a cintura com uma gola alta. Um cinto de couro preto em volta da cintura mantinha um longo punhal de lâmina curva em uma bainha. Ele tinha cabelos escuros e um escuro, bigode caído — incomum entre os homens Araluen — e sua pele era morena.

Sob o manto, ela podia ver uma tira de couro atravessando o peito diagonalmente. Ela moveu o manto de lado com a ponta de sua saxônica e revelou uma bolsa de couro lisa pendurada do seu lado esquerdo. Era impossível removê-lo facilmente, sobrecarregada como estava pelo manto e o fato de que ele estava deitado na alça onde cruzou a sua volta.

Ela colocou a saxônica sob a correia e cortou facilmente através dele, em seguida, puxou a bolsa para a luz.

Dentro havia alguns bens pessoais: algumas moedas e uma pequena, faca curta que poderia ser usada para comer, uma colher de ferro, uma pedra e um esqueiro. O interesse foi despertado por dois itens em forma de cruz.

Ela levou um para fora com cuidado e examinou. Consistia de um pesado disco de bronze, com quatro lâminas fixadas em torno de sua circunferência à direita angulando entre si. As lâminas eram de aproximadamente oito longos centímetros. Suas bordas eram suaves, mas os pontos eram afiados.

—Um quattro,— ela murmurou. Ela tinha visto uma vez antes, no arsenal do Castelo Araluen. Eles eram uma arma Ibérica — uma arma de assassino — projetado para lançar. Com quatro lâminas giratórias rápidas no ar, era quase certo que acertaria e penetraria o alvo. Ela percebeu que tinha isso isso a zunir sobre a cabeça e bateu na porta da taverna. Ela balançou a cabeça lentamente. Obrigada providência pela pedra afiada em seu pé, ela pensou.

Quando ela substituiu o quattro, ouviu o farfalhar de papel e descobriu um segundo compartimento na parte de trás da bolsa. Ela abriu-a e olhou dentro.

Houve uma única folha dobrada lá.

—Vamos olhar para isso mais tarde,— disse ela suavemente, em seguida, se levantou e considerou o que deveria fazer sobre o homem morto.

No final, ela decidiu deixá-lo onde estava.

Se ela despertasse a vila agora, haveria perguntas.

Como ela conseguiu superar um homem adulto — e um armado com um longo punhal e uma bolsa cheia de quattro? O que ela realmente estava aqui? O que tinha nos papeis que tinha encontrado com ele.

Inevitavelmente, sua verdadeira identidade, e de Will, seria descoberto. Se tornaria óbvio que ele não era um trabalhador itinerante inofensivo mas sim um Arqueiro do Rei. E isso daria um aviso para o Ladrão e sua gangue que estavam sendo perseguidos.

Se fosse esse o caso, eles poderiam escapar para outo feudo e Will e Maddie iriam perdê-los.

Se ela o deixasse ali, seus amigos poderiam muito saber o que tinha acontecido com ele. Eles poderiam saber que ele foi encontrado morto na rua da aldeia. Mas eles não teriam ideia de como. Eles poderiam suspeitar. Mas eles não saberiam.

Chegando a uma decisão, ela examinou o terreno circundante, finalmente pegando um brilho opaco de metal na luz do luar. Foi a bala que ela tinha lançado contra ele. Ela o recuperou, virou-se e andou rapidamente de volta para a pousada, parando para pegar os dois quattros a partir da madeira da moldura da porta. Então ela escorregou de volta para o sótão, depois de tranar a porta da frente.

Ela foi acordada na manhã seguinte por um burburinho na rua. Espiando pela janela estreita, ela viu uma pequena multidão se reunira em volta da figura vestida de preto no chão. Ele tinha sido descoberto por um leiteiro, em seu caminho para trazer suas vacas da vila verde para a ordenha. Ele deu o alarme e agora oito ou nove aldeões se agrupavam em volta do misterioso morto. Eles perguntavam em voz alta, de onde ele tinha vindo e o que tinha acontecido com ele. Sua roupa preta e arma indicavam que ele não sido tão bom.

Eventualmente, ele foi colocado em uma maca e levado para uma das casas. Eles iriam organizar um enterro mais tarde.

Sua presença, seu proposito e sua morte eram um mistério. E em uma pequena aldeia onde os eventos extraordinários raramente aconteciam, seria um tema de conversa e especulação por meses, talvez por anos, a vir.

Mas entre todas as teorias que foram discutidas, ninguém associou ele com o jovem no sótão da pousada.

Capítulo 38

PELO TEMPO QUE Will voltou Puxão para a pequena clareira fora de Esseldon e retomou seu trajes de trabalhador agrícola, era bem depois de escurecer.

Ele correu de volta ao longo da estrada para a aldeia. Ao contrário de Maddie, ele não estava nervoso sobre as sombras escuras sob as árvores que ladeavam a estrada. Ma ele não era bobo e sabia que forças obscuras estavam trabalhando nesta parte do mundo. Como resultado, ele manteve sua mão perto de sua faca de caça enquanto caminhava. Seu arco era sem corda e, junto com aljava, escondido dentro de um embrulho de lona.

As luzes brilhavam na estalagem e havia um murmúrio de conversação vindo do bar lotado. Era fim de semana, e os aldeões foram relaxar depois de seis dias de trabalho duro.

Ele arrumou seu arco e aljava na parte inferior do carrinho de mão.

O estábulo estava escuro, as lanternas apagadas. Maddie, é claro, tinha dormido na estalagem na noite anterior. Era lógico supor que ela estava lá agora.

Ele fez seu caminho para o prédio principal, abriu a porta e foi saudado por um murmúrio ruidoso de vozes e o cheiro de boa comida, lenha queimada e cerveja derramada. Algumas pessoas olharam para cima, reconheceram o trabalhador rural itinerante, que tinha estado na aldeia por vários dias e tinham perdido o interesse nele. Até agora, todos sabiam a sua história, prosaica como era. Jerome estava por trás do bar, passando duas canecas cheias a um cliente. Avistou Will, sorriu e chamou-o, tirando outra caneca espumada de cerveja quando Will atravessou a sala lotada, fazendo o seu caminho entre as mesas e cadeiras e seus ocupantes ruidosos.

Jerome colocou a caneca no bar em frente de Will.

—Você está de volta!— ele disse alegremente. —Teve sorte?— will fez uma careta. —Não. Não há trabalho em qualquer fazenda para um homem honesto.

—Que tal um não honesto?— Jerome sorriu.

Will balançou a cabeça, conseguindo um leve sorriso em troca. Ele deu um profundo gole na cerveja antes de responder. Como ele disse a Maddie, ele não tinha o hábito de beber cerveja, mas seria fora do personagem para um trabalhador recusar uma bebida.

—Nem isso também,— ele disse. —É difícil as colheitas hoje em dia.— —É uma época ruim do ano para estar à procura de trabalho casual,— Jerome concordou. —E você perdeu toda a emoção aqui.— Will inclinou a cabeça, curiosa. —Emoção? O que está acontecendo?— —Foi encontrado um homem

morto na rua — apenas um pouco abaixo na estrada.— —Quem era?— Will perguntou.

Mas Jerome deu de ombros. —É isso. Ninguém sabe. Ninguém o tinha visto ante de Neville Malton o encontrar na manhã de ontem, esparramado no meio da estrada, com uma enorme ferida em sua testa.— Esse detalhe definitivamente chamou a atenção de Will. Havia várias armas que poderiam deixar uma marca como essa em um homem, mas uma que surgiu em sua mente foi o estilingue. Ele olhou em volta da sala por algum sinal de Maddie. Então se virou para Jerome.

—Como ele se parecia?— ele perguntou.

—Grande lenhador. Olhava escuro. Eu diria que ele era um estrangeiro. Tinha um daqueles longos, bigodes caídos que os estrangeiros usam. E ele estava todo de preto. Não é bom, eu chego a dizer que alguém foi e fez isso para ele.— naquele momento, a porta da cozinha se abriu e Maddie apareceu, carregando quatro bandejas de carne assada e legumes. Ela dirigiu seu caminho através da multidão para a mesa que tinha feito o pedido. Os quatro homens sentados lá comemoraram assim que ela colocou os pratos para baixo, brincando com ela e agradecendo-lhe por os salvar da morte por inanição.

Eles eram alegres e amigáveis e não fizeram por mal. Maddie sorriu para eles, um pouco palidamente. Ela parecia incomodado com alguma coisa, Will pensou. Então ela olhou para cima e o viu no bar, e ele viu o alivio inundar seus rosto.

—É uma boa garota que você tem aí,— disse Jerome, percebendo a mímica entre ele. —Uma trabalhadora duro e boa com os clientes. Eu não vou cobrar pelo quarto que ela está usando. E eu vou atirar algumas moedas em sua bolsa também. Na verdade,— acrescentou, —você pode usar o quarto esta noite, se você quiser.— —Obrigada. Podemos fazer isso,— disse Will.

Maddie estava olhando significativamente para ele, e agora ela empurrou a cabeça em direção à porta que dava para o estábulo. A mensagem era óbvia.

Ele esvaziou o resto de sua cerveja. —Só vou lá dizer olá,— disse ele, e virou-se para seguir Maddie para fora da porta do estábulo.

—Diga a ela para tomar uma longa pausa,— Jerome chamou depois dele. —Ela está trabalhando duro a noite toda. Melhor garçonete que eu já tive,— ele acrescentou, pensando consigo mesmo que era uma pena que Maddie e seu pai não iriam ficar muito tempo na aldeia.

Enquanto seguia Maddie no exterior frio, Will sorriu ironicamente para si mesmo. Maddie, a Princesa real, superior, e esnobe jovem do Castelo Araluen, havia encontrado sua vocação servindo de camareira.

Poderia ser uma nova carreira para ela se Evanlyn e Horace não a

reintroduzissem como Princesa, pensou ele, e deu um pequena risada. Ele fez uma pausa, surpreso. Foi a segunda vez recentemente que ele deu uma gargalhada, ele percebeu. Ele balançou a cabeça e caminhou rapidamente para aonde seu aprendiz estava esperando por ele.

Ele parou a alguns passos dela. Seu rosto estava pálido e os lábios tremiam. Quando ela olhou para ele, seus olhos se encheram de lágrimas.

—Tio Will, eu matei alguém,— ela disse.

Seus ombros começaram a tremer e ela começou a soluçar incontrolavelmente.

Ele a juntou, envolvendo os braços em torno dela e murmurou sons suaves enquanto o fazia. O fato de que ela havia o chamado —Tio Will— falou sobre seu estado de espírito. Ela ainda era um criança, ele percebeu, apesar de toda a sua autoconfiança e ousadia.

E ela tinha sido forçada a fazer a coisa mais terrível que uma pessoa poderia fazer — tirar a vida de outro. Ele não tinha nenhuma dúvida de que as circunstâncias a tinham obrigado a fazê-lo. Ele também não tinha dúvidas de que ela estava falando sobre o estranho vestido de preto misterioso que tinha sido encontrado na rua.

—Silêncio, minha menina,— ele murmurou baixinho para ela. —Silêncio. Eu estou aqui agora e tudo vai ficar bem. Você pode me dizer o que aconteceu? — Aos poucos, entre o vastos, engolindo os soluços que a tremiam, ela descreveu como tinha acordado em terror à presença de um intruso em seu quarto. Como ele havia ameaçado-a, e em seguida, como o terror tinha sido gradualmente substituído por raiva e indignação.

—Você o seguiu?— Will disse, quando ela descreveu que ela tinha descido as escadas, seu estilingue pronto. Ela fungou uma lágrima e assentiu.

—Sim. Eu pensei que eu deveria.— Ele a soltou quando ele fez a pergunta, mas agora ele a puxou em seus braços mais uma vez.

—Meu Deus, mas você você é uma garota corajosa.— disse ele, maravilhado com sua coragem.

Ela continuou seu conto, descrevendo como a possibilidade de uma pedra sob o pé descalço tinha salvado sua vida, quando o quattro zumbiu sobre a sua cabeça. Então ela disse a ele como ela viu o homem preparando outro molde e deixou voar seu estilingue, uma fração de segundo antes que ele pudesse lançar seu míssil.

—Deixe-me ver se entendi,— disse Will. —Ele jogou um quattro em você. Ele estava prestes a lançar um segundo, e você revidou, bem a tempo.— Ela assentiu com a cabeça entre lágrimas. —Eu não achei que iria acontecer. Eu só atirei. Então eu cai plana,— ela disse.

Will assentiu com simpatia. —Claro que você não pensou. Você atuou como foi treinada para agir. Você reagiu a uma ameaça. Não há nenhuma culpa ligada a você, minha querida.— —Mas ele — — —Ele era, obviamente, trabalhando com esse imundo do Ladrão. Ele tentou uma vez matá-lo, assim que você saiu pela porta. E ele estava tentando matá-la novamente quando você atirou. E você diz que ele tinha outros duas dessas armas na sua mochila?— ela assentiu com a cabeça, sem dizer nada. Will fez um gesto dispensante com uma mão.

—Então você agiu em legítima defesa e não há nenhuma culpa nisso. Nenhuma. Se não tivesse feito, não tenho nenhuma dúvida de que ele teria tentado novamente matá-la com aquelas restantes quattros.— —Acho que sim. — ela tinha dito a si mesma isso uma e outra vez desde o evento. Tendo alguém para dizer isso, e, particularmente Will, foi um conforto enorme.

—Enxugue suas lágrimas agora. Eu seu que é uma coisa horrível de se enfrentar, mas era algo que tinha que fazer. Você tinha que fazer isso ou você teria sido morta. Será que estamos entendidos?— ela assentiu, enxugando as costas de sua mão em seu rosto para secar suas lágrimas.

—Eu queria muito falar com você. Eu não podia dizer a ninguém e eu me senti tão... terrível,— ela disse em voz baixa.

Will assentiu para ela, confortando-a. —Eu não deveria ter deixado você. Se é culpa de alguém por isso, é minha. Mas eu quero que você coloque isso para fora de sua mente agora e e não pense mais sobre ele, tudo bem?— —Tudo bem. Mas é que — — —Não. Mais nada. Ponha esses pensamentos de lado.— —Mas... ele tinha um pedaço de papel com ele. Eu acho que talvez possa ser importante.— Will levantou a cabeça com essas palavras. —Papel? O que é?— —Não tenho certeza. Pode ser o mapa de alguma coisa. Está no meu quarto.— Ele pegou sua mão e a levou para a pousada. —Então, vamos dar uma olhada nele.— —Mas... Eu tenho trabalho a fazer...— ela protestou.

Ele balançou a cabeça. —Deixe Jerome e sua mulher fazerem isso. Ele disse que você podia ter uma longa pausa. Então vamos.— —O que você achou em Boyletown?— ela perguntou enquanto eles subiam para seu quarto.

—O Roteirista estava lá, tudo bem — um par de dias antes Peter Wiliscroft desapareceu.— Will pausou e acrescentou, —E o menino estava sendo maltratado, assim como os outros.— —Por seu pai?— Ele balançou a cabeça. —Um irmão mais velho. Ele costumava maltratar ele continuamente. Ninguém se surpreendeu quando Peter desapareceu.— eles chegaram ao topo da escada e ele empurrou a porta aberta, ficando de lado para deixá-la entrar na pequena sala.

—Agora vamos ver o que tem no papel que você achou.—

Capítulo 39

Eles estudaram os única folha de papel, franzindo a testa quanto à sua possível significado. Havia uma única palavra escrita nela: Pueblos.

E seis cruzes desenhadas, cada uma numerada. Will coçou a cabeça. Havia algo sobre arranjo dessas três cruzes que parecia familiar.

—O que pueblos dizer? Ele perguntou, mais para si mesmo do que para Maddie.

Mas ela respondeu. —Eu acho que é Ibériano. Eu só não consigo lembrar. Será que significa cavaleiros?— Ela fez uma careta. Sua escolaridade no Castelo Araluen tinha incluído um estudo básico de línguas estrangeiras, incluindo gálico e Ibériano. Mas ela não tinha prestado muita atenção a essas lições — Ou quaisquer outras lições que tinham sido ensinadas, nessa matéria.

—O benefício de uma educação clássica,— Will murmurou.

Maddie ainda estava franzindo a testa, esfregando a testa furiosamente enquanto ela puxava o significado dessa palavra. Não era cavaleiros. Ele estava na ponta da língua. Era...

—Vilarejos!— Disse ela triunfante. —Pueblo significa aldeia em Ibériano!— E, de repente, Will sabia por que o arranjo de três cruzes era familiar. Ele rabiscou em seu bolso interno para o mapa de Liam e estendeu-o ao lado da folha da mochila do intruso.

Ele pegou um pedaço de carvão vegetal a partir de sua carteira cinto e rapidamente desenhou linhas que ligavam as três aldeias de Travessia de Danver, Boyletown e Esseldon no mapa de Liam. As linhas formavam um estreito, triângulo oblíquo. Então ele pegou a folha que Maddie tinha encontrado e contado as três primeiras aldeias marcadas lá. Encontrou-se olhando para o mesmo triângulo.

—Estas são as aldeias onde as crianças desapareceram,— disse ele, inclinando-se para trás.

Maddie apontou para a folha que ela havia tirado do estranho. —E há outras três,— disse ela.

Will franziu a testa e desenhou uma linha da terceira aldeia, representando Boyletown, para a aldeia mais distante marcada no gráfico estranho. A linha correu leste de nordeste. Ele mediu o comprimento com o indicador e o polegar, em seguida, comparou à distância entre Esseldon e Boyletown, calculando rapidamente.

Quando Will visitou o Castelo Trelleth, ele tinha obtido um mapa detalhado do feudo. Ele tirou agora e desdobrou, correndo o dedo na direção leste-nordeste

até chegar a uma aldeia que correspondia aproximadamente com aquele no papel que Maddie encontrou na mochila do intruso.

—Willow Vale,— disse ele.

Maddie se esticou por cima do ombro de Will para ver o mapa. —Por que esse?— —Por que não a quarta ou a quinta,— Perguntou ela.

—Porque essa é a sexta. Então, é o último que eles pretendem visitar. Talvez eles não foram lá ainda. É um dia de caminhada a partir daqui,— ele disse, pensativo.

—Ou uma noite,— ela adicionou. — Afinal de contas, nós não sabemos quanto tempo temos.— —Nesse caso, não temos tempo a perder.—

Eles recuperaram seus arcos, aljavas e capas de onde eles estavam escondidos no carrinho de mão. Maddie entrou em uma das barracas vazias e mudou seu vestido velho remendado para suas calças, camisa e colete. Ela jogou de lado as sandálias de sola fina que ela estava usando e arrastou suas botas de couro macio.

Quando ela finalmente vestiu a capa mais uma vez, ela soltou um suspiro de satisfação. Foi bom para se sentir como uma arqueira novamente.

Ficando nas sombras, eles fizeram o seu caminho para fora da aldeia. Ninguém os viu ou os desafiou e, uma vez longe do espaço aberto da rua principal, eles se estabeleceram em uma corrida constante em direção à clareira onde haviam deixado seus cavalos.

—Puxão vai suportar a viagem?— Ela perguntou quando eles pararam para respirar. —Afinal de contas, você estava montando nele o dia todo.— —Ele é um cavalo de arqueiro,— respondeu Will. —Ele poderia continuar por outros dois dias se eu pedi para ele.— Eles partiram de novo, chegando a clareira cinco minutos depois. Puxão e Bumper os ouviram chegando, e os reconheceram e relincharam uma saudação. Eles rapidamente selaram os cavalos e montam, então Will tocou Puxão com os calcanhares e se dirigiu para a estrada, Maddie e Bumper logo atrás deles. Eles se estabeleceram em um galope suave, lado a lado. O único som era o batuque ritmado dos cascos dos cavalos na superfície de terra batida da estrada. Atrás deles, uma pequena nuvem de poeira levantou-se ao luar que rompeu por entre as árvores. Eventualmente, se abaixou até não havia nenhum sinal de que eles haviam passado.

Depois de meia hora, reduziram a velocidade dos cavalos e desmontaram. Deram-lhes uma bebida rápida da água dos cantis que carregavam em um balde de couro dobrável. Então eles levaram os cavalos, andando ao lado deles por dez minutos para deixa-los descansar. Eles continuariam nesse padrão durante toda a noite, alternadamente andando no galope para que os cavalos de arqueiros eram

treinados, em seguida, caminhando para descansá-los.

Era mais fácil falar agora que eles não estavam galopando.

—O que eu não entendo,— Maddie disse, —É por que essas pessoas estão roubando as crianças. Não houve pedidos de resgate. E em qualquer caso, os pais são pobres na maior parte e dificilmente poderiam pagar. Então, qual é o ponto? — Ela estava incomodada há algum tempo com isso. Uma coisa que Will a tinha ensinado era sempre procurar uma razão por trás de um crime. A pergunta a se fazer era —quem se beneficia?— Neste caso, ela não podia ver vantagem para ninguém — a não ser que o Ladrão e seu grupo estavam simplesmente fazendo isso apenas por maldade.

—Eu não acho que a ideia é pedir resgate pelas crianças,— disse Will agora. Ele estava pensando consideravelmente no tema e haviam várias pistas agora aparentes.

—Eu acho que nós estamos olhando para uma área de recolhimento de escravos.— —área de recolhimento de escravos?— Maddie parou em surpresa e Bumper, pego desprevenido, bateu nela.

—Pense nisso,— disse Will. —Você disse que o homem que arrombou seu quarto era estrangeiro. Ele tinha um papel com uma palavra Ibérica nele e esses quattros são uma arma Ibérica.— —Isso é significativo?— Perguntou Maddie.

—É quando você considera que há um comércio de escravos muito ativo na Ibéria,— Will disse. —E crianças no início da adolescência são particularmente procurados.

—Eu não sabia que os ibéricos mantinham escravos,— disse Maddie. Mas, em seguida, ela pensou que ela não sabia muito sobre Ibéria e seu povo de qualquer maneira. Ela só tinha uma impressão geral, vaga que a escravidão era uma coisa do passado no continente principal.

—Eles não mantém. O rei ibérico proibiu a prática. Aparentemente a sua religião proíbe manter escravos. Mas não diz nada sobre a negociação em si, de modo que permite seu povo para capturar escravos e vendê-los a outros. Há uma frota pequena, mas ativa de navios escravistas que operam a partir do porto Magala no sul Iberiano.— —Quem os compram?— Perguntou Maddie.

—Geralmente, eles são vendidos no mercado em Socorro.— Ele olhou para ela, que devolveu o olhar fixo. —Você nunca estudou geografia?— ele perguntou. —O que eles ensinam as crianças nos dias de hoje?— Ele fez uma pausa. As palavras atingiram um acorde estranho de memória nele. Ele parecia lembrar de Halt dizendo algo similar a ele quando era aprendiza de seu antigo mentor. Ele balançou a cabeça para limpar o pensamento. Parecia que quanto mais velho ele tornava-se, mais palavras e eventos começavam a se repetir.

—Eu aprendi um monte de costura,— disse Maddie acidamente. Tinha

sempre sido um ponto sensível com ela que ela foi ensinada a bordar quando o que ela realmente queria fazer era ir caçar na floresta.

—Hmmph. Lembre-me de te chamar quando eu rasgar minha camisa,— Will disse. Então ele continuou com sua lição sobre o comércio de escravos. — Socorro é uma cidade—estado, na costa oeste de Arrida. Tem um grande mercado de escravos — um dos maiores do continente Arridi. Escravos são comprados e vendidos lá e transportados de lá para todos cantos do sertão.— —E você acha que é isso o que está acontecendo aqui?— Ela disse.

Ele deu de ombros. —Faz todo o sentido. O Ladrão, o Contador de Histórias e sua gangue estão operando em aldeias remotas, onde a palavra do desaparecimento das crianças é improvável de sair para o resto do mundo. Quem sabe quantas crianças eles sequestraram? Eles escolhem crianças que são maltratadas, e provavelmente fugir. Isso desvia a atenção ainda mais. As pessoas supõem que as crianças finalmente se rebelaram contra os maus tratos constantes e fugiram.— —Mas como é que eles sabem que crianças são?— Perguntou Maddie.

Will tocou o dedo ao lado de seu nariz em um gesto cúmplice.

—É aí que o Contador de Histórias entra. Ele visita a cidade, ganha a confiança das crianças e vê um provável candidato. Afinal de contas, é uma triste realidade que normalmente você pode encontrar uma criança mal tratada na maioria das aldeias. Ele, então, assusta as crianças para se calarem, e não digam nada sobre as perguntas que ele está fazendo. Ele sai da cidade e, algum tempo depois, o Ladrão entra e rapta a criança que o Contador de Histórias apontou para ele. As outras crianças não dizem nada, porque eles foram ditos que se o fizerem, eles vão ser os próximos alvos do Ladrão. E a criança sequestrada é tão petrificada pela terrível reputação do Ladrão — descrito pelo Contador de Histórias — que ele ou ela vai junto, sem protesto. É um sistema bastante engenhoso, quando você olha para ele.— —Isso é horrível,— disse Maddie, pensando sobre o que ele tinha dito.

—Isso não a torna menos engenhoso,— Will disse.

Ela se virou para olhar para ele. —Isso é o que há de tão horrível nisso. Então, o que você pretende fazer quando chegarmos Willow Vale?— —Eu vou descobrir se o Contador de Histórias visitou recentemente, e se há quaquer criança da aldeia que é gravemente maltratada por seus pais.— —Como é que você pretende fazer isso?— Perguntou ela.

A expressão de Will se tornou sombria. —Eu tenho os meus meios,— disse ele. —Venha. É hora de montarmos novamente.—

Capítulo 40

Fernald Creasy, o proprietário do Duck Tubby, a pequena pousada de Willow Vale, esfregou os olhos e bocejou. Ele tinha imprudentemente passado muito tempo fazendo companhia a seus clientes na noite anterior.

Em outras palavras, ele tinha bebido cerveja demais. Como um resultado, ele tinha cambaleando para a cama sem se preocupar em limpar os pratos sujos e canecas meio cheias que cobriam sua pia. Nem tinha esfregado as panelas na cozinha.

Claro, seu ajudante de cozinha devia ter feito isso. Mas ele era um menino astuto e uma vez que ele viu Fernald levantando a sua quinta jarra com um grupo na mesa central, tinha tomado a oportunidade de escapar. Agora era de manhã cedo, logo após o nascer do sol, e Fernald foi confrontado com a tarefa de limpar a bagunça da noite anterior.

Ele empilhou uma bandeja com travessas sujas, facas, colheres e canecas e voltou para a cozinha, bocejando continuamente. Sua cabeça latejava dolorosamente e ele jurou que nunca iria beber novamente. Ele olhou ao redor da cozinha com um olhar de desgosto. A mesa de trabalho estava cheio de restos de comida e pratos mais sujos e cozinhar panelas. Havia muito trabalho a ser feito antes que ele pudesse voltar a sua cama. E pia não estava nem na metade arrumada ainda, pensou melancolicamente.

Ele murmurou com raiva de si mesmo. Não havia espaço na pia para a bandeja que carregava. O banco já estava empilhado com detritos da noite anterior.

Virou-se para colocar a bandeja sobre a mesa da cozinha por muito tempo.

Uma figura encapuzada estava a menos de um metro de distância dele, silencioso e sinistro na penumbra da madrugada.

Fernald largou a bandeja no susto, mandando seu conteúdo estrondosamente colidindo no chão. Tinha certeza de que não havia ninguém na cozinha quando ele entrou na sala com a pia. E ele ouvi nenhum som de chegada.

—Pelo Troll Negro de Balath!— Exclamou, colocando a mão no seu coração, que foi trabalhar horas extras com medo. —De onde você veio?— —Uma maldição interessante,— disse Will. —Não acho que eu ouvi o Troll Negro sendo invocado em muitos anos. Você deve seguir a velha religião.— Fernald esfregou o rosto com uma das mãos enquanto sua frequência cardíaca abrandou para um galope. Ele olhou para baixo e viu uma caneca meio vazia de cerveja sobre a mesa. Ele pegou e tomou, fazendo uma careta ao sabor rançoso.

—Eu não concordo com esses novos deuses,— ele murmurou vagamente.

Em seguida, sacudindo a distração, ele continuou. —Quem é você? E como você entrou aqui?— —Eu sou um arqueiro do rei, como você possivelmente deve ter adivinhado. E isso na fechadura da porta não iria impedir a entrada de um determinado de três anos de idade. Agora sente-se. Nós precisamos conversar.— Will empurrou Fernald para um banco e sentou o hospedeiro — ciente de que seus joelhos ainda tremiam com o choque do aparecimento súbito do arqueiro.

Por que eu, ele pensou. O que eu fiz?

E a resposta foi, muito, na verdade. Fernald era adepto de dar aos seus clientes pouca medida em sua comida e bebida. Ele não era relutante em regar sua cerveja de vez em quando. E ocasionalmente, tinha deslizado para clientes incautos alguns discos de chumbo sem valor entre o troco. Ele se perguntou como o arqueiro sabia dessas coisas.

—Preciso de informações,— disse Will. —Primeiro de tudo, alguma criança desapareceu da aldeia recentemente?— Fernald franziu a testa, sem entender a pergunta. —Desaparecidos? O que você quer dizer?— —Desaparecido. Fugitivo. Não ter sido visto por aí.— —Oh...— Fernald pensou por alguns segundos, então ele abanou a cabeça. —Não. Não posso dizer que ouvi falar de nada parecido com isso,— ele disse finalmente. Will sentiu uma onda rápida de satisfação. Eles tinham chegado em tempo. A menos... Ele hesitou antes da pergunta seguinte. Era crucial.

—Você pode pensar em qualquer criança que poderia fugir — dada a oportunidade? Alguém cujos pais tendem a maltratar?— Antes que ele tinha terminado, Fernald assentiu ansiosamente.

—Oh, sim. A jovem Violet Carter. Coisinha simpática. Apenas treze anos de idade. Mas seus pais estão sempre brigando e eles descontam em Violet. Pobre menina não consigue fazer nada direito, às vezes. Eu tenho até mesmo deixado ela ficar aqui algumas noites, fica tão mal.— Certo, pensou Will. Foi tudo se encaixando.

—Onde ela mora?— Perguntou ele.

Fernald fez um gesto vago em direção a rua do lado de fora. —Terceira última casa do outro extremo da rua. Casa com uma porta azul — apesar de que poderia usar uma demão de pintura. O pátio por trás é empilhados com pedaços quebrados de antigos carrinhos — rodas, eixos e chicote. Não dá para perder.— —Você está indo bem, Fernald,— Will disse a ele.

Como ele sabia meu nome, o estalajadeiro se perguntou, esquecendo que estava pintada na placa pendurada do lado de fora de sua porta da frente.

—Agora eu tenho mais uma pergunta. Houve um viajante diferente em Willow Vale nos últimos dias?— —Quer dizer o Cantador de Histórias?— Fernald disse, e o coração de Will acelerou. —Manto azul e sapatos vermelhos?

Sim, ele estava aqui. Foi embora há dois dias. Por quê? O que ele fez?— Will ignorou a pergunta. Ele tinha um profundo sentimento de satisfação que o seu palpite estava certo. Willow Vale estava na lista. O Contador de Histórias tinha estado aqui. Mas o Ladrão ainda estava por vir. E tinha um candidato provável para sequestro na pessoa de Violet Carter.

Ele tinha tomado um risco de revelar sua verdadeira identidade e fazer essas perguntas de forma tão direta. Mas o tempo era curto e ação direta foi necessária. Agora ele tinha de garantir que Fernald permanecesse em silêncio sobre esta reunião pelos próximos dias. Ele não podia esperar muito além disso. Mas, então, o Ladrão pode muito bem ter ido.

—Fernald,— ele disse, —você me disse o que eu preciso saber. Mas ninguém mais pode saber que eu estive aqui. E não há necessidade de ninguém saber o que estamos discutindo. Isso está claro?— Fernald assentiu ansiosamente, sentindo que esta figura sinistra estava prestes a deixá-lo com sua limpeza. Que conto isso faria no bar, pensou. Em seguida, as próximas palavras do arqueiro dissiparam esse pensamento.

—Estou falando sério. Você não vai dizer a ninguém que eu estive aqui. Você não irá dizer a ninguém o que temos falado. Entendeu?— —Eh? Ah, sim. Claro! Nem precisa dizer!— Will deu um passo um passo mais perto, encarando os olhos de Fernald com os dele. Fernald instantaneamente deixou cair o olhar.

—Não faça isso!— Will estalou e Fernald sacudiu como se ele tivesse sido picado. —Olhe para mim. Olhe nos meus olhos.— Fernald fez. Ele não gostou do que viu lá. Os olhos castanhos eram escuros, quase pretos. E eles estavam perfurando os seus sem qualquer sinal de piedade ou compaixão. Eram escuros, ameaçadores buracos.

—Se eu achar que você respirou uma palavra sobre isto a alguém — mesmo uma dica para quem quer que seja — eu vou prendê-lo e colocá-lo no fundo no pior, mais umido, e fedorento calabouço no castelo Trelleth. Entendeu?— Fernald pronunciou a palavra —sim.— Mas nenhum som saiu. Arqueiros, ele pensou. Você nunca deve mexer com arqueiros.

—Além do mais,— Will continuou: —Eu vou mantê-lo lá pelos próximos cinco anos e, nesse meio tempo, eu vou ter a sua licença como um estalajadeiro revogada.— Ele viu um lampejo de dúvida nos olhos de Fernald. O estalajadeiro não sabia o que a palavra significava. —Cancelada,— Will clarificou. —Tirada.— Entendimento e medo amanheceram nos olhos de Fernald, enquanto ele visualisava um futuro em que ele estava sem dinheiro, incapaz de ganhar a vida. Executando uma pousada era tudo o que sabia. Sem Tubby Duck, o que que ele faria? As próximas palavras de Will fizeram o possível futuro ainda mais sombrio.

—Então eu vou voltar aqui e ter este edifício demolido, tijolo por tijolo, tábua por tábua, e o arado sob. Então, quando você, finalmente, sair da prisão, não haverá nada aqui para você. Você duvida que eu tenho autoridade para fazer tudo isso?— Fernald balançou a cabeça. Arqueiros poderiam fazer qualquer coisa que quisessem, ele sabia. Não seria nada a um arqueiro tê-lo jogado em um calabouço e sua pousada, sua linda pousada, arrasada.

—Não, senhor,— ele conseguiu, em uma pequena voz.

—Então, lembre-se o que eu disse.— Fernald não confiava em si mesmo para falar. Ele podia sentir as lágrimas brotando ao pensar que sua bela pousada poderia ser destruída a capricho desta, figura implacável implacável.

Will olhou para ele por alguns segundos. Na verdade, ele odiava intimidar o homem assim. Mas era essencial que não houvesse nenhuma palavra da presença de Will, ou de suas perguntas, sendo cogitados em torno da aldeia. Mesmo agora, o Ladrão poderia ter homens assistindo Willow Vale, para ouvir o menor sinal de perigo. Depois de tudo, de algum modo souberam que Maddie tinha começado a fazer perguntas. Se ele pudesse manter sigilo por alguns dias assustando Fernald, então ele estava disposto a fazê-lo.

Por um momento, ele se perguntou se ele estaria disposto a levar a cabo sua ameaça se o estalajadeiro falasse sobre sua visita. Ele decidiu que, considerando todas as coisas, ele o faria.

Era meia-noite. Will sentou-se confortavelmente na grama longa atrás da casa Carter. Como Fernald lhe tinha dito, o pátio traseiro era cheio de carroças quebradas e respectivos acessórios. Formavam estranhas formas, à luz de uma lua baixa.

Maddie estava do outro lado da rua, observando a frente da casa. Will esperava que, se o Ladrão fizesse uma aparição, ele iria fazê-lo a partir dos campos por trás da aldeia, onde o arredor cheio de árvores daria a ele uma abordagem conveniente, escondida e com rota de fuga. Era pouco provável que descesse a própria rua principal. Mas para ter certeza, Maddie foi posicionada onde ela podia ver a parte da rua que estava escondido do ponto de vista de Will.

Apoiou as costas contra um toco de árvore. Seu capuz estava de modo que seu rosto estava na sombra, e sua capa reunida em torno dele. Ele permaneceu imóvel, sabendo que a capa e absoluta quietude eram seus aliados contra ser visto. A mais de três metros de distância, ele era totalmente invisível. Mesmo de perto, ele misturava com o próprio toco de árvore, parecendo como uma pilha de ramos caídos, ou um arbusto grande, irregular.

Esta era a segunda noite que haviam mantido vigília sobre a casa Carter. De dia, eles tinham ficado para trás nas árvores, escondido da vista. Depois da

primeira noite, Maddie tinha sido impaciente, preocupada nas longas horas de inatividade.

—Ele não está vindo,— disse ela. —Perdemos ele.— Will balançou a cabeça. —Esta é uma grande parte do que fazemos,— ele disse a ela. —Assistir e esperar. Seja paciente. Foi apenas uma noite. Ele poderia vir amanhã. Ou na noite seguinte. Mas ele virá.— —Como você pode ter tanta certeza?— Perguntou Maddie.

Ele considerou a questão em silêncio por alguns instantes, em seguida, deu-lhe um olhar sem piscar. —Eu não sei. Eu apenas sei. É o instinto de um caçador, eu suponho.— Agora, enquanto ele estava sentado aqui esperando, o instinto lhe dizia que esta noite seria a noite.

Capítulo 41

Ouviu-os antes de vê-los.

Houve um som fraco de movimento através da grama longa e arbustos de baixa altitude atrás dele. Instantaneamente, ele congelou. Baixou sua taxa de respiração, de modo que nenhum movimento ou som era perceptível.

Ele resistiu à tentação quase irresistível para virar e olhar. Em vez disso, ele apurou os ouvidos, ouvindo o farfalhar fraco e sibilante de roupas através da grama. Dois deles, ele pensava. Ele não poderia dizer como ele sabia disso. Foi apenas o resultado de anos de experiência, os anos de perseguição e à espera de uma presa.

Os homens, assumindo que eles eram homens, estavam apenas alguns metros atrás dele agora, e vários metros para o lado. Suas atenções estariam focadas na casa Carter, ele sabia. As chances contra vê-lo eram boas, sentado encolhido na capa. O vento estava enviando nuvens no céu, afastando-as alternadamente revelando a lua.

Os homens fizeram uma pausa durante alguns segundos, presumivelmente estudando a casa e a própria vila.

—Ninguém ao redor,— disse uma voz. Estava surpreendentemente perto de Will, e apenas a sua disciplina e treinamento o impediu de se mover de surpresa. A voz não poderia estar mais de dois metros de distância.

Eles estavam em movimento novamente e passaram por ele, quase perto o suficiente para chegar e tocar. Havia dois deles, como ele tinha adivinhado. Um estava vestindo um manto escuro. O outro estava todo de preto. Enquanto se movia, Will viu que havia várias longas e desiguais tiras de pano preto diáfano fugindo de seus braços e ombros. Elas rodavam agitadas ao vento, dando-lhe a aparência de um ser sobrenatural esfarrapado — uma criatura vinda do cemitério.

À medida que o homem encapuzado se agachou, a figura esfarrapada produziu um capuz apertado e puxou-o sobre sua cabeça. Ele olhou de soslaio para o companheiro e Will podia ver que a máscara cobriu seu rosto e marcou com linhas de tinta branca, delineando o que parecia uma caveira. Finalmente, ele vestiu um chapéu preto de abas largas, parecendo para todo o mundo como um esfarrapado, fantasmagórico espantalho. Ele se abaixou e começou a se mover através da grama longa para a casa. Ele seria uma visão terrível para qualquer criança que acordasse e o visse. Will imaginava o medo de fechar a garganta que iria assaltar a jovem Violet nos próximos minutos. Ele estava tentado em acabar com este rapto, e salvá-la do horror de tudo isso. Mas ele

sabia que se ele pegasse esses dois, o resto da turma iria desaparecer — com as crianças que já haviam sequestrado. Por mais que ele odiasse a ideia, ele teve que deixar a pobre Violet suportar as próximas poucas horas. A quadrilha escravista deve ter um esconderijo em algum lugar. Se ele pudesse rastreá-los a ele, ele e Maddie poderiam liberar todos os cativos e destruir a gangue de uma vez por todas.

A figura negra estava na casa agora, quase perdido nas sombras. Will quis saber se Maddie tinha visto os dois homens e esperava que, se tivesse, ela não iria tentar sinalizar para ele. Eles haviam planejado um método de sinalização simples, mas poderia ser usado apenas quando os sequestradores estivessem onde não podiam ver Will ou Maddie. O intruso de aparência maligna estava em pé na janela do lado da casa. Mentalmente, Will assentiu, embora não houvesse real movimento de sua cabeça. Ele havia observado a casa na noite anterior, à procura de possíveis pontos de entrada. A janela lateral foi o mais adequado. A tranca era fraca e primitiva e a janela em si era protegida da vista de qualquer transeunte na rua da aldeia.

O homem encapuzado, agachou-se apenas cinco metros de distância de Will, moveu nervosamente, deslocando seu peso de um pé para o outro. Obviamente, ele estava tenso, observando e esperando por algo a dar errado.

A figura esfarrapada de preto aliviou tranca da janela e abriu. Ele colocou uma perna sobre o parapeito e caiu dentro da casa. Mais uma vez, o seu companheiro se deslocou nervosamente, à espera de um grito, um grito de susto, um barulho da casa escura. Mas não havia nada.

Minutos se passaram. Will focado na janela aberta — agora um buraco escuro quadrado no lado da casa. Então ele viu o movimento. A pequena figura em uma camisola branca subiu sobre o peitoril, seguido pelo preto, espantalho predatório. Ele segurou-a por um braço, nunca soltando-a. Enquanto eles fizeram o seu caminho através do campo para onde Will e companheiro do Ladrão esperavam, Will a viu tropeçar. Seu sequestrador puxou aos pés dela e Will podia ver que ela tinha um saco sobre sua cabeça.

O homem encapuzado foi para cumprimentá-los. Ele soltou uma risada baixa quando ele viu a garota assustada tropeçando desajeitadamente nas garras da figura esfarrapada.

—Tire esse saco de sua cabeça,— o Ladrão disse a ele. —Nós vamos nos mover mais rápido se ela puder ver onde ela está indo.— —Como foi?— Perguntou a seu amigo.

A figura negra deu de ombros. —Ela tinha um irmão que acordou quando eu entrei no quarto. Mas uma vez que ele viu quem eu era, ele calou-se rapidamente e fingiu voltar a dormir. Eu disse que se ele levantasse alarme ou contasse a

alguém o que tinha visto esta noite, eu ia voltar por ele e cortar seus olhos. Assustei a vida para fora dele.— O homem encapuzado estava ocupado desfazendo o saco e removendo-o da cabeça de Violet. Ela era uma menina de rosto fino, com cabelo castanho mal cortado. Ela estava amordaçada com um pedaço de pano grosso e Will pode ver lágrimas escorrendo pelo seu rosto. Mas ela permaneceu em silêncio, seus grandes olhos assustados se deslocavam de um homem para o outro.

O Ladrão estava tirando fora sua máscara de caveira agora. Ele soltou um suspiro de alívio quando ele balançou a cabeça para soltar seu cabelo, que tinha sido emaranhado para baixo sob a máscara apertada.

—Assim é melhor,— disse ele. —Devo dizer, Victor faz um bom trabalho deixando essas crianças com medo do Ladrão. Essa é a terceira vez que eu tive um que acorda e apenas congela em terror.— Ele riu suavemente.

Escória, Will pensou. Victor, ele assumiu, era o nome do Contador de Histórias, que semeou tanto terror nos corações das crianças destas aldeias.

—Tudo graças a você. A ideia do Contador de Histórias era sua, depois de tudo. Ele está apenas fazendo o que você disse a ele para fazer, Jory. — Apesar de toda a sua disciplina e treinamento, a cabeça de Will estalou envolta no nome. Felizmente, os dois homens estavam de costas para dele e o movimento passou despercebido. Mas, então, o Ladrão virou-se, correndo os dedos pelos cabelos e arranhões em seu couro cabeludo. No mesmo instante, uma nuvem que havia estava obscurecendo a lua sacudiu para longe com o vento e a luz pálida caiu sobre sua face.

Era um rosto Will nunca esqueceu. Ele tinha visto apenas uma vez antes, quando ele estava de pé, impotente com raiva, na beira de um rio, e assistiu o barco levar para longe da margem. Mas foi queimado em sua memória como se com um ferro quente.

O Ladrão da noite era Jory Ruhl.

Sob as dobras escondidas da capa, a mão de Will mudou-se para o punho de sua Saxônica, fechando em torno dele. A raiva selvagem encheu seu coração e ele queria pular de pé, jogar para trás a capa e atacar o homem que tinha sido responsável pela morte de Alyss, mas ele se conteve com um enorme esforço. Deliberadamente, ele abrandou sua respiração e controle do cego, ganhou a irracional fúria que ameaçava dominá-lo. Ele tinha finalmente encontrado Ruhl — Ironicamente, quando ele já não estava procurando por ele. E Ruhl não tinha ideia de que ele tinha sido descoberto.

Mas se Will matasse Ruhl, aqui e agora, ele nunca iria encontrar as crianças desaparecidas de Danvers Crossing, Boyletown, Esseldon, e que sabia, muitas outras aldeias do feudo. Will sabia que ele poderia acompanhar o sequestrador

de volta à sua base. Presumivelmente, seria em algum lugar na costa, onde um navio ibérico poderia embarcar as crianças capturadas e tirá-los para o mercado escravo em Socorro.

Will seguiria Ruhl para a costa, soltaria as crianças e, se possível, destruiria o navio.

Então ele iria matar Ruhl.

Como a fúria selvagem lentamente diminuiu, ele tornou-se consciente do que Ruhl e seu assistente estavam dizendo.

—Bem, ela é a última,— Ruhl disse, apontando o polegar para a menina chorando. —Isso faz dez, que quantos contratamos com Eligio. Vamos recolher os outros e ir para Baía do falcão. O navio é para chegar em três dias.— Seu companheiro assentiu concordando. —Tem sido um mês de sucesso,— ele disse. —Nós só deixamos um espaço em branco em duas aldeias.— —Teria sido um mês melhor se um arqueiro não tivesse começado a bisbilhotar. Isso desperdiçou quatro dias de nosso tempo.— O Ladrão produziu um comprimento de corda do bolso, puxou as mãos da menina para as costas e começou a amarrar seus pulsos juntos.

Liam, Will pensou. Se ele tivesse alguma dúvida de que os escravistas eram os que tinham matado o jovem arqueiro, foram dissipadas pelas palavras de Ruhl. Isso é outra coisa pela qual você vai pagar, ele prometeu.

—E eu ainda me pergunto o que aconteceu com Benito. Ele deveria assustar a garota, mas ele desapareceu,— Ruhl continuou.

O homem encapuzado deu de ombros. —Eu sempre achei que ele não era confiável. Ele provavelmente está bêbado em algum lugar, ou na cadeia. Ele estava sempre se metendo em apuros.— —Bem, é um a menos para dividir os lucros,— disse Ruhl. Ele puxou a corda em torno dos pulsos de Violet, testando o nó. A menina deu um pequeno grito de dor. —Fique quieta,— ele ordenou a ela. Então, ele continuou a seu companheiro: —Vamos. Já ficamos aqui por muito tempo.— Ele agarrou o braço da jovem e a arrastou ao lado dele enquanto ele corria por todo o campo gramado para a linha escura de árvores. O outro homem o seguiu.

Will esperou até que eles desapareceram na floresta. Ele não teria problemas para segui-los e, além disso, ele sabia que eles estavam indo, para um lugar chamado Baía do Falcão. Perguntou-se brevemente sobre o homem que chamavam Benito.

—Provavelmente o que tentou matar Maddie,— disse ele a si mesmo.

Quando teve certeza de que eles foram embora, e que não podia mais ser visto, levantou-se de seu esconderijo. Seus joelhos doíam com o movimento, tendo estado dobrados na mesma posição por várias horas.

—Estou ficando velho demais para isso,— ele murmurou. Ele não tinha ideia de que ele estava repetindo um sentimento que Halt tinha expressado muitas vezes.

Ele levou sua pedra e aço de sua bolsa cinto. Dando as costas à direção que Ruhl havia tomado, ele espalhou sua capa ampla para formar uma tela. Em seguida, ele bateu duas faíscas da pederneira em rápida sucessão.

Era o sinal de que ele tinha inventado com Maddie antes de começarem sua vigília. Mesmo que a faísca era pequena, ele mostrava-se claramente na escuridão. A capa blindando, em caso de acontecesse de Ruhl ainda estar à vista e olhar para trás na casa.

Alguns momentos depois, ele viu uma forma escura deslizando para fora do beco onde Maddie tinha estado escondida. Ficando nas sombras projetadas pelos beirais dos edifícios do outro lado da rua, ela moveu-se rapidamente para a esquerda por cerca de vinte metros. Nesse ponto, ela tornou-se perdida a sua visão. Minutos depois, ela rastejou silenciosamente para fora de outro beco, paralelo aquele ao lado da casa de Carter. Ela fez seu caminho para onde Will estava de pé, esperando.

—Eu os vi,— disse ela. —Será que eles levaram a menina?— Will assentiu. —Sim. E agora eles estão voltando para seu covil. É em um lugar chamado Baía do Falcão.— —Você sabe onde fica?— Ele balançou a cabeça. —Ainda não. Vamos verificar o mapa e ver se ele está marcado lá. Se não, nós vamos simplesmente seguir os rastros de Ruhl.— Ela olhou para ele, um pouco confusa, com a cabeça para um lado. —Ruhl? Quem é Ruhl?— —Ele é o Ladrão,— Will disse. Mas algo na voz dele chamou a atenção dela.

—Você o conhece?— Ela perguntou.

Will assentiu tristemente. —Ele é o homem que matou a minha mulher.

Capítulo 42

Amanhecer era dali a quatro horas e Will decidiu que eles deveriam obter algumas horas de sono antes deles se prepararem depois de Ruhl e a gangue dele. —Nós não podemos rastreá-los no escuro e nós estivemos acordados por horas vigiando nas últimas duas noites. Nós poderíamos muito bem dormir enquanto podemos—, ele disse. —Eles não vão estar se movendo tão rápido. Ruhl disse que eles iriam buscar as outras crianças que eles sequestraram. Isso vai atrasá-los. — Maddie bocejou. Ela não questionou sua avaliação da situação.

Eles retornaram para a clareira onde eles tinham escondido os cavalos e desenrolaram seus cobertores sobre a grama macia e flexível. Maddie estava dormindo assim que ela fechou seus olhos. A tensão das noites gastas sob vigilância, e os eventos dos dias anteriores, tinha deixado ela exausta física e emocionalmente.

Ela acordou para o que agora ela considerava ser o delicioso cheiro de café fresco sendo preparado. Ela sentou-se e viu Will sentado ao lado de uma pequena fogueira, o mapa do Campo Trelleth espalhado no chão ao lado dele. Ele ouviu-a em movimento e olhou para cima, gesticulando para o pote de café nas brasas a beira do fogo.

—Pegue um pouco de café pra você—, ele disse. —E tem pão ali para torrada também. Não tem nenhum sentido sair com estômago vazio. — Ela apoiou um pedaço de pão em uma vara perto do calor das brasas, depois despejou um copo de café. Eles não tinham leite mas por agora ela podia beber ele puro, contanto que fosse adoçado com bastante mel. Ela bebeu saboreando, virou a torrada uma vez que estava a ponto de queimar e agachou-se em frente a ele.

—Você achou a Baía de Hawkshead? — Ela perguntou Ele assentiu, apontando um dedo para o gráfico.

—Um pouco ao sul daqui, — ele disse. —Eu posso ver porque eles a chamam de Baía de Hawkshead. — Ela olhou-o, franzindo a testa. —Não parece uma cabeça de falcão pra mim, — ela disse, esfregando os olhos.

Will levantou uma sobrancelha na direção dela. —Poderia ser porque você está olhando de cabeça para baixo, — ele disse pacientemente. —A propósito, sua torrada está queimando. — Ela pegou a torrada e queimou seus dedos, deixando cair a fatia de pão ligeiramente escurecida sobre a grama. Ela murmurou um xingamento muito grosseiro. Isso fez as duas sobrancelhas de Will subir. —Não é o tipo de linguagem que se espera de uma Princesa—, ele disse.

—Aonde você escutou essa palavra em particular? — —Da minha mãe, — ela respondeu logo.

Will assentiu. —Isso explica. — —Além disso, eu não sou uma Princesa mais, como você destacou—.

Ele olhou rapidamente para ela. Ele ficou satisfeito ao notar que não havia amargura no tom dela e ela parecia estar apenas afirmando um fato, não reclamando sobre isso.

321/446

Na verdade ela prefere isto a sua vida antiga, ele pensou, levemente surpreso pela percepção. Então ele pensou, porque não? Pelo menos nestes dias havia um senso de propósito para sua vida, e um senso de realização que havia faltado em seu tempo no Castelo Araluen.

Ela recuperou a torrada e espalhou manteiga sobre ela, mastigando com gosto. Tinha algumas folhas de gramas agarrados mas ela tirou-os da boca, esticando sua cabeça para ver o gráfico da perspectiva de Will.

—Hmmmph—, ela admitiu relutantemente. —Acho que é um pouco parecido com uma cabeça de falcão agora que eu olhei deste modo. Quão longe é? — —Cerca de um dia de viagem na estrada principal—, Will disse. —Os sequestradores provavelmente levarão mais tempo. Um dia e meio, talvez dois dias. Eles estarão andando a pé e eles vão ter de evitar outros viajantes. É um pouco difícil de explicar como acontece de você estar viajando com um grupo de jovens prisioneiros. Pela mesma razão, a estrada atravessa uma meia dúzia de cidades e vilas e eles vão ter de desviar delas. — Ele apontou para uma trilha marcada no mapa. —Tem uma trilha aqui, correndo para o sul. É um pouco de desvio, mas liga-se a uma outra estrada que vai para o leste — e esse caminho é uma rota direta, enquanto a estrada dá voltas e voltas que levam a estas outras vilas. — —Não faria sentido para os sequestradores pegar esse caminho? — Ela perguntou.

Mas Will balançou a cabeça. —Eles estavam indo para o leste quando eles deixaram a vila. Isso indicaria que eles estão pegando a estrada. Tanto que esta trilha, pode até não estar em seus mapas. O cartógrafo do Castelo Trelleth é bastante meticuloso. Ele coloca uma série de detalhes que outras pessoas deixariam de fora. — —Então se nós pegarmos esse caminho, nós devemos chegar a costa antes deles? — Maddie disse.

322/446

—Sim. Dessa forma podemos explorar a área e ver o que é o que. Deve haver algum tipo de acampamento lá e podem existir outros membros da gangue dele esperando. Mais eu ouvi dizer que ele estava esperando um navio negreiro Ibérico em poucos dias. Sempre é uma boa ideia olhar para a cena de batalha de

antemão. — Ela olhou para ele. —Lá vai ser uma batalha? — A face de Will era sombria como ele respondeu. —Oh, eu acho que pode haver. — Eles terminaram seu café da manhã, enrolaram seus cobertores e amarrou-os atrás das selas. Puxão e Bumper estavam ambos inquietos e animados. Eles estavam ansiosos para começar a se mover novamente depois de dias de inatividade forçada.

Era bom estar na sela de novo e Maddie gostava da sensação dos saltos entusiasmados de Bumper abaixo dela. Puxão olhou o cavalo mais novo com um sorriso superior.

—Você está tão animado quanto ele—, Will disse suavemente. Puxão sacudiu sua cabeça. De fato, ambos os cavalos, sensíveis ao humor de seus cavaleiros, reconhecido o fato de que o que quer que seja que Will e Maddie estavam procurando ao longo da semana anterior, eles pareciam ter encontrado. Portanto, eles reagiram ao novo senso de propósito de seus cavaleiros. Eles sentiram que a ação estava à frente deles — e cavalos arqueiros foram criados para ação.

Eles galoparam para o sul e um pouco a oeste até que, uma hora antes do almoço, chegaram ao caminho que levava a leste para o mar. Will desceu da sela para inspecionar o solo, checando para ter certeza que ninguém tinha passado por esse caminho recentemente. Uma coisa era presumir que Ruhl e seus homens não pegariam esse caminho. Mas era prudente ter certeza.

—Uma vaca e um vaqueiro passaram por aqui, — ele disse. —Talvez dois dias atrás. Desde então, parece não ter nada. — —Você não acha que Ruhl viria por esse caminho, — Maddie apontou.

Will deu uma longa olhada para ela antes de responder. —E eu sei que ele não veio, — ele disse. Ele girou sobre a sela e eles galoparam 323/446

Ao longo do caminho, ocasionalmente sendo forçados a deitar sobre o pescoço dos seus cavalos para evitar árvores suspensas.

—Parece que muitas pessoas não usam esta trilha, — Maddie comentou.

Will não disse nada.

Eventualmente, o caminho surgia a partir da densa área florestal que compreendia cerca de dois terços do seu comprimento. Eles encontraram-se galopando em campos abertos e fazendas passadas, com estandes ocasionais de madeira espalhados. E logo, Maddie sentiu aquele cheiro inebriante de sal que mais uma vez disse a ela que eles estavam se aproximando do mar.

No meio da tarde, eles atingiram a estrada costeira. A estrada foi levantada um pouco acima do terreno em volta, com valas de drenagem em ambos os lados. Will gesticulou para Maddie permanecer no térreo fora da estrada, fora da vista. Ele desmontou e subiu para a estrada, olhando para o norte e depois para o sul.

—Tudo limpo em ambos os sentidos, — ele disse. Então ele apontou com o polegar para o sul. —Baía Hawkshead é três quilômetros naquela direção. Vamos. — O campo mudou mais uma vez. Os pastos verdes e campos bem cuidados deram lugar a brejos grosseiros, onde arbustos raquíticos cresceram apenas na altura da cintura e as árvores eram poucas e distantes entre si. Will fez careta enquanto ele avaliou a terra.

—Sem muito abrigo—, ele observou.

Maddie olhou para ele. —Então nós veremos eles vindo, — ela apontou.

—Estou mais preocupado que eles vão nos ver indo—, ele observou. — Lembre-se, não será apenas nós. Nós vamos ter dez crianças conosco. Eles vão ser um pouco difíceis de esconder. — Ela franziu os lábios. Ela não tinha pensado nisso. Ela começou a olhar para os lados, marcando qualquer lugar que poderia ser usado como abrigo. No interior, cerca de meio quilômetro da estrada, uma fileira de rochedos subia do brejo. Em sua base, pedras estavam caídas desordenadamente. Os rochedos obviamente eram instáveis 324/446

e propensas a deslizamentos de terra ao longo do tempo. Ela podia ver vários buracos escuros que poderiam muito bem marcar aberturas para cavernas. Isso significava que poderia ser possível encontrar um esconderijo útil.

Caso eles precisassem de um. E ela estava começando a pensar que eles poderiam precisar de um logo que possível.

A estrada virou para o sul perto do litoral. Mais rochedos aqui, ela viu, caindo para o oceano abaixo deles. Elas eram feitas principalmente de barro e descia pura para a água, parecendo como se tivessem sido cortadas por uma lâmina. O mar, correndo sobre um fundo de areia, era raso e verde claro.

—Bonito—, ela disse. Will seguiu sua linha de visão e resmungou.

—Não se você fosse um marinheiro—, ele disse. —Essa água é rasa por quase um quilômetro para o mar. Você precisaria esperar a maré alta para desembarcar. — Ele tinha memorizado alguns pontos de referência do mapa assim ele saberia quando eles estivessem se aproximando da Baía Hawkshead. Agora, como eles passaram pelo último, um pequeno lago com um igualmente pequeno bosque de árvores baixas, ele fez uma pausa.

—Nós vamos deixar os cavalos aqui—, ele disse. —Vamos em frente a pé para ver o que é o que. — Eles deixaram os cavalos escondidos nas árvores e fizeram seu caminho através dos arbustos na altura da cintura para a próxima ponta de terra. Além disso, de acordo com o mapa, a Baía Hawkshead se estendia.

Como vieram ao nível da borda do precipício, Will moveu a palma da sua mão em um gesto para baixo. Maddie foi agachada, depois, seguindo a liderança de seu mentor, ela caiu para mãos e joelhos, rastejando em frente através do

mato grosso.

Se tivesse pessoas na caverna, seria pedir problemas para simplesmente caminhar até a borda da crista em plena vista.

Will parou e chamou-a para frente. Ela rastejou pelos arbustos, fazendo o mínimo de barulho possível, até que ela era no nível dele. Baía Hawkshead se estendia diante deles.

325/446

Os rochedos eram mais baixos aqui, cerca de dez a quinze metros de altura, e eles eram mais inclinados do que os penhascos verticais afiados que eles tinham passado. Diferente daqueles penhascos, que eram basicamente de barro, esses eram formados de pedra e areia, intercalados com tufos de plantas marinhas e arbustos. Na sua base era uma praia semicircular de areia grossa.

A maré corria e ela podia vê-la formando ondulações no fundo de areia rasa. A água era rasa pelo menos um quarto de um quilômetro para o mar.

No centro da praia, bem acima da marca d—água que foi delineada por emaranhados de troncos e algas, estavam quatro grandes tendas. A lona estava desgastada e cinza e foi esticada sobre armações de madeira. Elas estavam aqui por um tempo, ela pensava. Este era um acampamento permanente.

Havia uma grande lareira a dez metros de distância das tendas — longe o suficiente para que a fumaça do fogo não seria um problema — e uma áspera mesa de madeira e bancos estabelecidos sob um teto de lona suportado por uma estrutura de madeira. Os quatro lados estavam abertos.

Ela contou dois homens que se deslocam sobre o local de acampamento, embora poderia haver outros escondidos nas tendas. Quatro tendas poderia indicar, pelo menos, dezesseis homens no acampamento, ela pensava. Então, ela reconsiderou. Os reféns teriam que ser mantidos em algum lugar.

Enquanto ela estava pensando, Will cutucou e apontou para os penhascos no lado esquerdo da baía. Ela olhou na direção que ele estava indicando e apontou uma abertura escura na rocha, no nível do solo. Quando ela olhou mais de perto, ela poderia distinguir uma porta de madeira barrada do outro lado da abertura.

Ela revisou seu pensamento. Era onde os reféns eram mantidos, ela percebeu.

Will tinha dito a ela sobre a afirmação de Ruhl — que tinham tomado dez prisioneiros. Ela se perguntou quantos deles já estavam na 326/446

caverna, e quantos estavam a caminho com o Stealer e o Storyman.

Will inclinou-se perto dela. —Há uma trilha que conduz para baixo do penhasco à esquerda da caverna. Vê-lo? — Embora o traficante de escravos mais próxima era mais de cem metros distância, e com a intenção de trazer o fogo adormecido de volta à vida, ele mal respirava as palavras.

Maddie mapeou o penhasco e conseguia distinguir a trilha. Ela corria através

das rochas em um ângulo, ziguezague para trás várias vezes, depois acabando na praia, vinte metros da abertura escura que marcava a caverna. Ela levantou o polegar para indicar que ela tinha visto.

—Quando nós tirarmos as crianças para fora, é onde você vai levá-los. De volta até o topo do penhasco —, ele disse a ela.

Ela virou-se rapidamente para olhar para ele. —É aí que eu vou levá-los? O que você vai fazer? — Ele deu uma batida de leve na madeira lisa de seu arco, deitada na grama diante dele.

—Eu vou ter certeza de que ninguém vai ver você indo embora.—

Capítulo 43

NO FIM DA TARDE, o partido de escravos finalmente chegou.Como Will havia previsto, os cativos se arrastavam, cansados ao longo do meio da estrada, suas mãos amarradas na frente deles, e uma corda pesada ligando-os juntos amarrada em volta de seus pescoços. Havia seis deles e todos eles pareciam desanimados e deprimidos. Ruhl E dois de seus homens montaram em pequenos pôneis, arrastando os cativos junto, instando-os a se mover mais rápido. Will reconheceu Ruhl e o homem encapuzado que estava com ele quando tinham sequestrado Violet. O roteirista foi reconhecido como o terceiro dos que montam. O manto azul, chapéu largo e sapatos vermelhos marcou-o para fora. Além dos três, havia seis outros homens na festa.

Como o partido passou perto de onde Will e Maddie estavam escondidos na grama longa à beira da falésia, podiam ouvir o tilintar sinos em algum lugar perto do roteirista que transportava eles com a leve brisa.

Violet e os outros cativos pareciam completamente intimidados. Notei que eles se encolhiam para longe sempre que o roteirista andava por perto. Uma vez, ele ouviu a figura de manto azul rir ao ver uma menina no partido, quem Will achou ser Carrie de Danvers cruzando os dedos para dar sorte, se encolheu para longe dele com um grito assustado. Os lábios definidos de Will estavam uma linha apertada.

Os outros homens na festa escravizados estavam fortemente armados com uma variedade de lanças, variações de paus e machados, espadas e dois tinham espadas em seus cintos. Eles eram muito dificilmente mordidos, barbudos e despenteados, vestidos de couro e lã áspera. Cada um deles tinha um comprimento curto, atado de corda, que eles usaram para exortar os cativos em uma velocidade maior.

—Nove deles,— Will sussurrou.

—E pelo menos mais dois no campo—, disse Maddie.

—E haverá mais ainda na tripulação do navio quando ele chegar. Menos ou mais de meia dúzia. — Maddie mordeu o lábio pensativamente. As chances foram inclinando um pouco longe demais em favor do inimigo, ela pensou. Consequentemente, ela se surpreendeu pelo seguinte comentário de Will.

—A boa notícia é que temos mais flechas do que o suficiente—, disse ele severamente.

Ruhl e os outros dois cavaleiros começaram a liderar o caminho do penhasco. A linha de prisioneiros o seguiu. Era, obviamente, difícil andar com as mãos amarradas, e com a pesada corda ligando-os. Se um deslizava, dois de cada

lado seriam arrastados para baixo também. Eles lutaram sem jeito na pista áspera. Os outros homens conduziram a traseira.A trilha era estreita demais para permitir-lhes a andar ao lado de seus prisioneiros. Pelo menos isso significava eles não poderiam vencer as crianças com as cordas atadas.Deslizando, deslizando e tropeçando, a linha de crianças capturadas finalmente fez o seu caminho estranho para o nível do solo. Ruhl e os outros dois cavaleiros formaram-se para barrar o caminho, impedindo a movimentação dos escravos para a praia e direcionando-os ao longo da base do penhasco em direção a caverna.

Os dois homens já no acampamento olharam para cima para ver como o partido fez o seu caminho na pista áspera. Maddie ficou interessada ao ver que ninguém mais saiu das tendas. Parecia que a quadrilha até o momento totalizou onze homens. O homem que estava cuidando do fogo pegou um largo circulo de chave de um dos postes que sustentam a tenda com os lados abertos. Pegando um pesado porrete que estava encostada na mesa, ele começou a andar calmamente até a porta da caverna.

—Mexa-se, Donald!— Ruhl gritou asperamente. —Nós não temos o dia todo! — —Bem—vindo de volta, Mestre Ruhl,— respondeu o homem em um tom mal—humorado. No entanto, Maddie notou que ele acelerou seu ritmo.

Os recém-chegados andaram hesitantes pela porta gradeada da caverna, sem saber o que estava para acontecer em seguida. Will podia ver agora que a corda se juntando a eles passaram por anéis de metal sobre pesados colares de couro cozidos, cada um preso com um bloqueio individual. O homem com as chaves destrancou o portão barrado. Aparentemente alguém dentro da caverna fez uma tentativa para sair porque ele rosnou e cutucou com o porrete para dentro da escuridão. Ciente de que os habitantes da caverna foram liquidados, ele então virou-se para o primeiro prisioneiro na linha e desalgemou o colar, estimulando o menino com seu porrete para levá-lo pra dentro da caverna.

Ruhl observou enquanto o homem chamado Donald repetiu o processo com os próximos dois prisioneiros. Então, convencido de que as coisas estavam se movendo sem problemas, Ruhl mudou-se para o gabinete de comer, amarrando seu cavalo um dos pilares e olhando para o outro homem que estava em um campo e que agora ficou olhando vagamente para o seu líder.

—Traga-me uma bebida, vos maldizem, Thomas! Ruhl rosnou. —Estive na sela o dia todo! — —Não é um monte de amor perdido no meio deles,— Will murmurou enquanto o homem apressou-se a ir buscar para Ruhl um jarro escuro e várias canecas de cerveja. Ruhl derramou uma grande medida e bebeu profundamente, suspirando com satisfação quando ele terminou. O roteirista e outro cavaleiro desmontaram e se juntarm a ele. Na hierarquia da quadrilha, os

três estavam, obviamente, no topo do ranking. Ruhl era o líder indiscutível, o roteirista e o homem mascarado eram seus tenentes. Os outros eram simplesmente a classificação e o arquivo.

Ruhl e os seus dois companheiros relaxaram e beberam, rindo de vez em quando ao tempo em que eles conversavam, enquanto Donald e os outros homens empurraram e amaldiçoaram as crianças, forçando-os para dentro da caverna.

—Deve estar ficando lotado lá,— Maddie arriscou.

Will olhou de soslaio para ela.

—Dez presos ao todo, você disse —ela continuou. —Você precisa de uma caverna muito grande para mantê-los confortáveis. E a maioria das cavernas tendem a serem pequenas. — O último prisioneiro foi empurrado para dentro da caverna, então a porta gradeada se fechou atrás dele trancando-a. A partir de seu ponto de vista sobre a falésia, eles podiam ouvir o barulho da chave pesada. Um dos três que foram guardando os prisioneiros a caminho da enseada recolheu as cordas pesadas e as coleiras de couro.O homem com as chaves, Donald, voltou para a área central do campo, substituindo o chaveiro grande do posto onde ele tinha ocupado.

—Quero um pouco de comida pronta,— Ruhl ordena.

Obviamente Donald e o outro homem, Thomas, foram encarregados de cuidar do trabalho servil ao redor do acampamento. Will solicitou que a informação fosse arquivada distância. Se, se tratasse de uma briga, que poderia ser deixada para o final.Eles não eram susceptíveis a serem particularmente agressivos ou sagazes.Homens como eles fizeram o que lhes foi dito. Eles raramente pensaram em si. E, pelo que Will tinha visto de Ruhl, até agora, ele parecia ser um homem que iria desencorajar o pensamento individual entre seus subordinados.

O acampamento parecia estar em sua rotina normal. Em torno das sete da noite, Ruhl tinha chamado Thomas e levou comida e água para a caverna. Donald acompanhou, destrancando a porta trancada para ter certeza que nenhum dos ocupantes tentasse fugir.A maré tinha virado e estava começando a seguir mais uma vez, rastejando lentamente até a praia e cobrindo a vasta extensão de areia ondulada que havia sido exposta pela maré baixa.

Maddie e Will ficaram olhando até que o Arqueiro barbudo tocou seu ombro e apontou um dedo polegar em direção ao pequeno grupo de árvores onde havia sido deixado os cavalos.

—Parece que eles se instalam para acampar a noite. Nós também podemos descansar um pouco. Vamos voltar antes do amanhecer e descobrir uma maneira de levar as crianças para fora. — —Só nós, contra onze homens? —Perguntou

Maddie.

Will deu-lhe um olhar longo e grave, em seguida, assentiu.

—Só nós, contra onze homens. — Eles rastejaram de volta para o bosque de árvores, embora não houvesse realmente necessidade de discrição. Os traficantes de escravos estavam todos dormindo em suas tendas e a praia era pelo menos vinte metros abaixo do chão em que eles estavam. Eles deram água aos cavalos e tiraram as selas deles.Então eles tiveram uma refeição fria de carne seca, frutas e pão amaçado. Maddie levantou a velha cafeteira desgastada e levantou uma sobrancelha para Will.Mas ele sacudiu a cabeça.

—Sem fogo—, disse ele brevemente. —Eles podem sentir o cheiro da fumaça. Ou eles podem vigiar ao redor da área.— Beberam água de suas cantinas. Não havia água corrente nas proximidades e a pequena lagoa que tinha passado virou lodo coberto e estagnado. Rolaram em seus cobertores. Maddie olhou para Will.

—Devemos ficar de vigília?—, Ela perguntou e ele assentiu.

—Devemos manter um olho sobre a praia para ver se alguma coisa acontece —, disse ele. —Eu vou tomar as primeiras quatro horas.— Ela calculou rapidamente. Isso significava que Will estaria de vigília duas vezes durante a noite, com ela uma vez. Ela encolheu os ombros. Isso foi justo, pensou ela, enquanto ela se arrastou para seus cobertores.Ela viu sua figura escura fantasma ausente durante a noite. Alguns minutos depois, ela estava dormindo.

Ela não estava preocupada com qualquer um pegando-a de surpresa. Bumper e Puxão dariam o aviso adequado caso alguém se aproximasse do pequeno acampamento.

Mas só para estar mais segura, ela dormiu com seu estilingue entrelaçado em torno de sua mão direita e sua bolsa de tiro ao lado de sua cabeça.

Capítulo 44

MADDIE acordou pouco antes do amanhecer. Ela olhou para o saco de dormir de Will, mas viu que estava vazio. Ele ainda estava no penhasco, de vigília sobre a enseada. Ela jogou fora de seus próprios cobertores, correu água fria sobre o rosto de seu cantil e calçou as botas.Bumper viu seu movimento e deu um ronco baixo de ruído. Ela olhou para ele e suas orelhas estavam em pé. Ele sentiu que ela ia em algum lugar e queria ir com ela. Ela balançou a cabeça e pôs o dedo nos lábios.

—Agora não, menino. Temos que nos manter em silêncio.— Ele sacudiu a juba e abaixou a cabeça novamente, voltando para cortar a grama curta. Ela pensou que ele parecia um pouco desapontado, em seguida, perguntou se ela estava sendo fantasiosa. Poderia um cavalo expressar decepção, ela se perguntou. Em seguida, ela descartou o pensamento, percebendo que poderia estar aqui o dia todo debatendo e nunca obter uma resposta satisfatória.

Ela amarrou seu arco, em seguida, vestiu seu cinto, pesado com a dupla bainha para ela Saxônica e sua faca de arremesso. O peso das facas foi contrabalançado pela bolsa de chumbo em seu outro lado do quadril. Finalmente, ela deslizou sua aljava sobre sua cabeça, ajustando-o para que as setas ficassem fáceis para a mão sobre o ombro direito. Em seguida, ela vestiu sua capa, abrindo a pequena aba no ombro direito que permitido o acesso às setas.

Ela mudou-se para a borda do bosque de árvores, parou e caiu de um joelho, enquanto examinava o terreno ao seu redor. Ela fez isso como Will havia lhe tinha ensinado: primeiro conseguir uma visão ampla, em seguida, procurar uma pequena parte de cada vez, até que ela tenha certeza de que não havia ninguém há vista. Permaneceu agachada. Ela planejou seu caminho onde a raquítica cobertura do solo fosse maior, e se dirigiu para a falésia, onde Will vigiava.

Ela mudou-se lenta e suavemente, colocando cada pé com cuidado, testando o chão sob os pés antes de colocá-la peso sobre ele.

Se ela se sentiu um galho ou um ramo, ela iria passar com cuidado o pé para uma mancha clara, e então prosseguia.

A velocidade é inimiga da discrição, Will tinha dito a ela. Você é melhor para mover-se lentamente e silenciosamente do que se apressar em fazer barulho.

Ela viu a grama alta se movendo para a esquerda. O ar da madrugada foi ainda assim, sem nenhum sinal de uma brisa. No mesmo instante, ela congelou no lugar.

Confie na capa, ela pensou. Isso e permanecer completamente imóvel foram os dois principais mantras do movimento inédito dos Arqueiros Corps.

Ela nem sequer virou a cabeça, girando os olhos em vez de focar no local onde tinha visto o movimento. Depois de cerca de trinta segundos, uma grande raposa saiu da grama longa e caminhou para longe, de barriga para baixo do chão, cauda espessa longa fluía atrás dela. Ela não tinha sequer notado.

—Eu devo estar ficando melhor nisso—, disse ela para si mesma. Desejou que Will pudesse ter visto como a raposa não tinha conhecimento de sua presença.

Ela poderia dizer a ele sobre isso, é claro. Mas isso não seria o mesmo. Ela pareceria estar se gabando.

É se gabando, ela percebeu.

Quando ela estava a quarenta metros da borda do penhasco, ela caiu em silêncio para suas mãos e joelhos, ficando abaixo da grama alta. Mesmo se ela sabia onde Will estava vigiando, ela não podia ver nenhum sinal dele. Ela levantou a cabeça para fazer a varredura do terreno à frente dela. Como ela fez isso, ela incautamente colocou a mão em uma moita, de capim duro seco, causando um leve farfalhar num piscar de olhos! Como ele quebrou.Ela fez uma pausa. O som tinha sido tão pequena que ela tinha certeza ninguém teria notado. Então, dez metros de distância, no local onde sabia que Will estava vigiando, ela viu sua mão aparecer brevemente acima da parte superior da relva.

Ele tinha ouvido ela falar. Ele sabia que ela estava vindo. E ele sinalizou para deixá-la saber.

Ela se arrastou para a frente, com cuidado para não fazer mais ruídos desnecessário. Quando ela estava a dois metros da posição de Will, ela foi capaz de discernir o manto manchado que o cobria. Virou-se e ela podia ver seu rosto barbudo na sombra de seu capuz. Foi estranho como ele ainda poderia permanecer, ela pensou. Se ela não tivesse o reconhecido pela capa, ela provavelmente nunca o teria visto, mesmo tão perto dela.

—Alguma coisa aconteceu? —, Ela sussurrou.

—Além de você desajeitada como um elefante perdido? —, Ele perguntou, no mesmo tom baixo.

Ela assentiu com a cabeça, aceitando a repreensão.

—Fora isso.— Ele inclinou a cabeça em direção à borda do penhasco, um metro ou mais longe deles.

—Dê uma olhada—, disse ele. Em seguida, ele acrescentou, desnecessariamente, ela pensou, —cuidado—.

Ela verificou a direção do sol. Era baixo e o mar era um pouco mais para esquerda. Ela puxou o capuz para a frente para se certificar que seu rosto estava bem na sua sombra, em seguida, avançou em direção à borda do penhasco.

Mantendo a cabeça abaixo do nível da grama ao redor, ela cuidadosamente

separou várias vertentes e espiou.

Havia um navio na praia.

Ele tinha cerca de quinze metros de comprimento, magras e estreitas cintura. Ele foi construído para a velocidade, Maddie pensava. O casco foi pintado em um maçante preto. Ele foi construído para ser discreto, bem, ela acrescentou mentalmente.

Ele era perfurado por seis remos, três de cada lado. A vela quadrada foi vagamente enrolada na verga. Pelo que ela podia ver, era feito de lona preta. Atrás do mastro, no centro da plataforma, é uma gaiola de madeira.Estendia-se de volta para cerca de um terço do comprimento do navio, encerrando em poucos metros da plataforma de governo.

Will subiu ao seu lado, movendo-se tão silenciosamente que ela não tinha ideia de que ele estava lá até que ela o viu em sua visão periférica.

—Vê a gaiola? —Ele disse suavemente. —É aí que eles vão manter os escravos. Haverá argolas de ferro e algemas lá para mantê-los — garantiu.

—Quando chegou?— Perguntou Maddie.

—Cerca de duas horas atrás. Ela entrou na tomada de maré. Está começando a diminuir agora.— Ela percebeu que o navio estava inclinado levemente de um lado, como não era água insuficiente para flutuar sob ela. A água estava retrocedendo rápido e já o arco era alto e seco na areia.

—Nós precisamos começar a se mexer, se queremos pará-la —, disse ela, mas Will balançou a cabeça.

—Ele vai precisar de maré alta para sair de novo, e isso não vai acontecer até seis ou sete horas após o meio—dia. Ele vai sair na maré vazante, uma vez que não há água suficiente para flutuar ele. E ele vai esperar até que esteja escuro, apenas no caso de existirem quaisquer navios patrulhando.— Mesmo que eles estavam falando, Maddie percebeu, a água tinha diminuído até a última porta remo no casco preto.

—Quantos na tripulação?—, Perguntou ela.

—Sete. Seis remo e um timoneiro. Eles estão no refeitório.— Ela mudou a direção de seu olhar. Até agora, sua atenção tinha sido totalmente distraída pelo navio.

—Você deve ter notado que a si mesmo: —Será que ela admoestou suavemente.

Ela mordeu o lábio. Ele lhe ensinara quando ela estava vendo uma cena para verificar toda a área em primeiro lugar, e para evitar o foco em qualquer um objeto.

Agora, a primeira vez que importava, ela tinha esquecido de fazer uma varredura por toda a volta da praia, concentrando-se no navio preto. O refeitório

era o abrigo de lados abertos na praia. Ela estudou e pode ver as pernas de um número de homens sentados na mesa tosca. Seus corpos superiores foram obscurecidos pelo teto de lona.Ela podia ouvir um murmúrio de vozes e risos ocasionais.

O fogo do cozinheiro estava iluminado, e uma coluna de fumaça em espiral preguiçosamente em volta do ar.

Ela franziu o cenho. Eu vou ter que fazer melhor, pensou ela. Ela percebeu que havia mais a ser um Arqueiro do que ser um tipo de crack tiro com arco ou ser capaz de mover-se silenciosamente. O principal trabalho de um Arqueiro foi observar e relatar. Sentindo seu aborrecimento, Will tocou em seu braço.

—Não se preocupe—, disse ele. —Aprenda com ele. Por enquanto, dê um bom olhar para o layout do campo, e onde a caverna e a trilha do penhasco estão. Estudá-los até que você esteja certa que você pode imaginar tudo isso em sua mente. Então vamos voltar para o nosso próprio local de acampamento.— Ela balançou a cabeça, em seguida, estabeleceu-se a estudar a praia abaixo dela, tendo especialmente em alerta da caverna com a porta trancada e o caminho rochoso que descia do penhasco. Ela observou distâncias, ângulos e cobertura disponível entre o caminho e a caverna, depois fez o mesmo com a caverna e as tendas. Finalmente, ela definiu a posição relativa do navio em sua mente. Quando ela estava convencida de que ela tinha fixado firmemente em sua memória, ela se contorceu de volta da beira do penhasco e acenou para Will.

—Entendi—, disse ela. Ele olhou para ela um momento, a cabeça ligeiramente para um dos lados.

—Quão longe da caverna para a tenda da bagunça é? —, Perguntou ele.

Ela viu novamente a imagem da praia que tinha gravado em sua memória.

—Trinta e cinco, talvez quarenta metros. — Ele acenou com a cabeça. —E para as barracas de dormir?— —Outro dez.— —Até onde o navio? — —Cento e dez metros. E ele está um pouco à direita do acampamento.— —Você pode ver o navio a partir da entrada da caverna?— Ela fez uma pausa, franzindo a testa. Ela não esperava essa pergunta.

Em seguida, ela respondeu com cuidado.

—Eu não penso assim. A tenda da bagunça e as tendas de dormir são entre estes dois pontos. — —Boa menina.— Ele tocou em seu braço, em seguida, fez um gesto para trás.

—Vamos voltar para onde nós podemos falar confortavelmente e vamos passar por cima do plano para esta noite. — —Não temos um plano para esta noite?—, Perguntou ela.

—Nós certamente fazer.— —É um bom plano? Será que vou gostar? —, Ela perguntou, sorrindo descaradamente.

Will a olhou solenemente durante vários segundos.

—É um grande plano. Você vai amá-lo. — Ela pensou sobre a situação. Havia dois deles, e agora que a tripulação do navio havia acrescentado outros sete homens para o inimigo, era dois contra dezoito anos. Eram probabilidades muito longas, não importa quantas flechas que possam ter.

Seja qual for o plano , duvidava de que ela iria ama-lo.—

Capítulo 45

MILL abriu um pedaço de terra entre eles e esboçado com o ponto de sua Saxônica.

—Aqui está a caminho do precipício, com a caverna na parte inferior do mesmo —— ele começou.

—A caverna é de cerca de dez metros do caminho—, ela o corrigiu e ele olhou para ela. Ela encolheu os ombros. —Você disse para eu estudar cada detalhe. Isso é um detalhe. — —Muito bem.— Ele alterou o seu esboço. —Feliz agora? —Ela assentiu com a cabeça.

—Aqui está o caminho. Aqui está a caverna. As tendas estão aqui. —Ele indicou sua posição. —E o navio está aqui, na praia.— Ele olhou para ela. —Quaisquer correções? —, ele perguntou, um pouco ácido.

Ela fez um pequeno gesto renunciando com uma mão. —Não. Que parece bem. — —Agora, a maré vai começar a vir em cerca de quatro horas após o meio—dia. Vai estar cheio por sete anos e, em seguida, ele vai começar a vazante. Meu palpite é que, a Ibéricos vai querer sair na maré vazante quando estar escuro total. Isso vai ser cerca de uma hora depois da maré alta. Eles ainda têm o suficiente água sob a quilha e a maré vai tirá-los. — —Por que eles vão esperar até escurecer? Perguntou Maddie.

—Há patrulhas. A estação Escandinavos um navio no leste costa para uso do rei. Ela patrulhas nessas águas, mantendo um olho fora para contrabandistas, piratas. . . e traficantes de escravos. Os ibéricos não vão querer correr para ela, então eles vão esperar por escuro. Você percebeu que o navio é todo negro? —Ela assentiu com a cabeça.

—Isso é porque eles preferem viajar de noite. Agora, a caverna está no lado esquerdo da baía como você olhar para o mar. O navio é um pouco para a direita do meio da praia. Eu pretendo trabalhar o meu caminho das falésias do lado direito da praia, e ficar dentro de centenas de metros do navio — — —E se não há nenhuma maneira para baixo? —Ela interrompeu.

Ele olhou para ela por um longo momento, respirou fundo e, em seguida respondeu. —Não há. Eu explorei e encontrei um, enquanto você estava cochilando. Agora não interrompa. — —Você sempre disse que eu deveria ter uma mente inquiridora—, disse ela.

—Eu tenho. Mas não é uma interrupção de um. Se você quiser perguntar, espere até eu terminar. Agora, uma vez que eu estou para baixo do penhasco, eu vou começar a atirar flechas de fogo no navio. — —flechas de fogo? — Ele olhou para ela de novo.

—Isso não foi um inquérito. Foi mais uma declaração —, disse ela desculpando-se.

—Vou deixá-lo passar. Sim, eu vou começar a atirar flechas de fogo. Se há uma coisa que coloca o medo do futuro em um marinheiro, é incêndio a bordo seu navio. Navios estão cheios de corda alcatroada e lona seca e pinhal. Eles queimam ao primeiro sinal de uma chama. — —Então eles vão correndo até a praia para o navio para colocar o disparar para fora? —Maddie perguntou Will assentiu. —E o meu palpite é, Ruhl e os seus homens vão ajuda-los. Se perder esse navio, todo o seu trabalho vai para o nada. Uma vez que eles estão todos agrupados em torno do navio, vou apanhar um pouco de Ruhl e dos homens. Isso vai diminuir as chances.

—Eles vão vir atrás de você assim que você fazer isso —, disse ela. Era um tom preocupado na voz dela quando ela pensava nele enfrentando dezoito homens por conta própria.

Ele balançou a cabeça com desdém. —Essa é a ideia. Eu vou levá-los para longe, voltando até as falésias ao sul-oeste. E eles não vão vir rápido demais. Nada diminui um homem a menos, como o pensamento de que ele pode estar executando em uma seta a qualquer minuto —, acrescentou sombriamente.

—O que eu faço enquanto tudo isso está acontecendo? —, Perguntou ela.

Ele bateu a ponta de sua Saxônica no mapa sujeira novamente, no local onde foi indicado o caminho.

—Eu quero que você, na parte inferior do caminho antes de eu começar. Uma vez que eles ir até a praia para o navio, você tem que liberar as crianças para fora. —Ele fez uma pausa e olhou para o avaliador. —Você sabe onde a chave fica? — Ela assentiu com a cabeça. —É em um gancho em um dos apoios no refeitório mensagens —.

—Boa menina. Você vai levá-los para fora da caverna e levá-los de volta para o caminho. Em seguida, siga para o norte o mais rápido que puder. Com toda a comoção no navio, as probabilidades são que ninguém vai perceber que você. — —E se o fizerem?— —Bem, é aí que tudo que a prática com o seu arco e seu estilingue virá a calhar. Não deixá-los chegar perto. Eles são assassinos e eles não vão dar-lhe uma segunda chance. Se eles estão vindo para você, não hesite em matá-los. — Ela pensou em seu plano por alguns momentos. Parecia lógico.

Era bastante simples, mas Will muitas vezes lhe disse que simples planos eram os melhores. Havia menos para dar errado.

—Tudo bem. E não nos encontramos novamente aqui? —Ela perguntou finalmente.

Mas ele sacudiu a cabeça. —Você corre para o norte o mais rápido que

puder. Vou tomar Ruhl e os seus homens para o sul-oeste. Então eu vou sacudi-los fora e dar dupla volta a juntar-se com você. — Ele parecia confiante. Mas ela sabia que não ia ser tão simples como ele estava fazendo parecer. Ele sentiu sua preocupação.

—Se algo der errado, vá para Ambleton. É uma grande cidade na estrada, a cerca de 15 quilômetros até a costa. Haverá um Xerife lá e você deve estar segura. Eu vou voltar para você eventualmente.— Ela olhou para ele com ar de dúvida. —Certifique-se de que você faz.— —Confie em mim—, disse ele. E acrescentou: —Não há outra coisa. Uma vez que o incêndio começar a bordo do navio, há um melhor do que até mesmo oportunidade que os ibéricos não vão esperar. Eles podem muito bem lançá-lo e levá-lo para o mar. Afinal, se eles perdem a ele, eles estão acabados. — —E vai ser dez ou onze horas antes de a maré deixá-los voltar —, disse Maddie.

—Exatamente. Para que irá reduzir os números que estamos enfrentando. Qualquer pergunta? — Ela olhou para ele. Ele estava se colocando em grande risco, ela sabia. Sua parte nesta era perigoso, mas ele era o único expondo-se ao inimigo, a fim de levá-los para longe dela e os prisioneiros enquanto ela fez seu caminho para o norte. Mas ela não podia pensar em uma maneira de expressar isso a ele, então ela finalmente respondeu.

—Não. Tudo parece claro.— —Bem, nós temos cinco horas antes de que precisamos para começar a nos mover. Poderia muito bem descansar um pouco. — Ele recostou-se, com a cabeça apoiada em sua sela, os braços cruzados em seu peito, e puxou o capuz sobre o rosto. O estômago de Maddie foi agitou com a antecipação da noite para vir. Seus nervos estavam tensos como uma corda de arco.

—Como você pode dormir em um momento como este?— Ela perguntou, mas a única resposta foi um ronco baixo. Ela olhou para ele com desconfiança. Na vez que ela tinha ido com ele, ela nunca tinha ouvido antes ele ronco.

—Você está fingindo—, disse ela.

—Não. Eu estou realmente dormindo —, veio a voz de debaixo do capuz.

Será que descansou por várias horas. Como as sombras começaram a alongar, ele se levantou e se espreguiçou. Então ele pegou o caso que realizou a sua reserva setas eo alforje onde guardava o equipamento. Ele desamarrou a parte superior do caso, olhou para dentro, em seguida, tirou meio dúzia de flechas. Maddie se aproximou para vê-lo. As setas foram tudo embrulhado em um pano de trama aberta logo atrás de seu broadheads.

—Quais são eles?— Ela perguntou, curiosa. Ela não tinha visto antes.

Ele olhou para ela.

—Flechas de fogo —, disse ele. —Não faz sentido ter sempre alguns

preparado.

O tecido atrás da ponta larga altera a distribuição do peso.

Então, quando eu faço, eu reequilibrar-los para se certificar que fazer o mesmo como uma seta normal. Eu também lhes deu um pouco mais de tempo que minhas flechas normais para que eu possa conseguir um empate completo. Obviamente, uma vez a ponta está pegando fogo, eu não posso chamar um deles por todo o caminho de volta para a arco.

—Você sempre levar alguns com você? —, Ela perguntou.

Ele acenou com a cabeça. —Se eu começasse a fazê-los agora, eu estaria brincando em torno de conseguir o equilíbrio certo. — —Vale a pena estar preparado—, disse ela, pensativa.

—Exatamente. Você nunca sabe quando você vai precisar de algo como esta —, disse ele, erguendo uma das setas. Ele deu um pequeno cilindro de madeira de sua bolsa de equipamentos e abriu a tampa.

O cilindro era realmente um frasco contendo óleo de boca larga e ele 344/446

deslizou três das setas no óleo, em seguida, definir o cilindro para baixo cuidadosamente, deixando o óleo para mergulhar nas dicas envolto em tecido da flechas. Depois de vários minutos, retirou-se deles, inspecionou-los para se certificar de que eles estavam completamente saturado, então enrolou o dicas em um pedaço de oleado para impedir a evaporação do óleo inflamável. Ele colocou as outras setas dentro do frasco de óleo e repetiu o processo.

Maddie o observava, fascinado. Mais uma vez, o pensamento ocorreu a ela que não havia mais a ser um Arqueiro de tiro reta e movendo-se silenciosamente.

—Como é que você vai iluminá-los? —, Ela disse. —Se você começar a golpear uma pedra e acende um fogo, que vai manchá-lo antes que você possa obter um tiro de distância. — —Vou levar uma lanterna escura,— disse Will. Mostrou-lhe uma pequena de metal lanterna com uma vela dentro. Houve um obturador na frente que aberta e fechada, alternadamente bloqueio ou a libertação da luz a partir de a chama.

Ela balançou a cabeça em admiração. —Você já pensou em tudo —, disse ela. Mas Will olhou para ela e balançou a cabeça solenemente.

—Eu duvido—, disse ele. —Não importa o quão cuidadosamente você planeja, não importa o quanto você acha que sabe, você nunca pensou em tudo.

Capítulo 46

MADDIE agachada no topo do caminho que leva até a praia.

Os sequestradores e tripulação do navio estavam reunidos na bagunçada tenda, terminando a refeição da noite. A mesa estava brilhantemente iluminada por meia dúzia de lanternas. Isso vai tornar mais fácil manter-se invisível, pensou. Se os homens estavam olhando para o elenco luz por as lanternas, sua visão noturna seria arruinada.

A maioria deles estavam sentados em volta da mesa. Donald e Thomas, os dois homens que estavam no acampamento, quando ela e Will chegaram pela primeira vez, preparada e servida a refeição. Eles, então, sentaram-se no chão com a sua própria comida, a poucos metros de distância do fogo. Os sequestradores e os marinheiros pareciam estar de bom humor.

A conversa era barulhenta e animada, eo riso quebrou com frequência. Ela achou que tinha boas razões para estarem contentes. Eles tinham dez cativos para decolar com os mercados de escravos Socorran. A lua subiu sobre o oceano, banhando a água em luz prateada.

O contorno preto do navio se destacou em contraste. Água foi lambendo ao redor do casco, eo navio não estava mais inclinado para um dos lados.

Não havia nenhum sinal de que os cativos na caverna tinham sido alimentados.

Presumivelmente, eles receberam apenas uma refeição por dia. Ruhl não era o tipo que desperdiçaria dinheiro alimentando seus prisioneiros mais do que eles precisavam para se manterem vivos. Ela esperou, olhando para a lua com sua mão estendida em comprimento do braço, até que ele tinha quatro dedos de largura acima do horizonte.

Esse foi o tempo que ela tinha concordado com Will. Até agora, ele estaria fazendo o seu caminho até as falésias do promontório norte da baía.

Ela mudou-se de cócoras para o início do caminho. Ela fez uma pausa, verificando os homens no refeitório mais uma vez. Mas eles estavam ocupados em comer. E, a julgar pelo gargalhadas que veio com mais frequência a cada minuto que passa, eles estavam bebendo também.

Ela colocou seu arco para o lado. Ele seria apenas um obstáculo, ela fez seu caminho para baixo no caminho e, no escuro, ela provavelmente iria precisar das duas mãos livres. Ela enrola amarras em torno de sua mão direita e começa a descer a trilha para a praia. O pé foi desigual e ela foi lentamente, testando cada passo.

Uma vez que ela estava abaixo do nível do topo do penhasco, ela seria tudo,

mas invisível contra o escuro penhasco. Mas se ela fosse escorregar e cair,as chances eram altas de que ela seria ouvida. E alguém podia vir olhar o que tinha causado o barulho. Seu pé escorregou quando ela pisou em uma camada solta de pedras.

Várias delas batiam sobre a borda do caminho, saltando as rochas abaixo. Ela congelou, seu coração na boca. Para ela, a pedras deslizando soou tão alto como uma avalanche. Sua mão esquerda foi para a bolsa de tiro, pronto para selecionar e carregar uma bola de chumbo no estilingue.

Ela esperou um minuto inteiro. Mas não havia nenhum sinal de que alguém a tinha ouvido. Tomando ainda maior cuidado, ela partiu novamente, um preto, sombra desigual deslizando lentamente para baixo, quase invisível contra o fundo escuro do precipício.

Ela alcançou o primeiro Switchback, onde o caminho inclinado para trás em si. O terreno era acidentado e repleto de pequenas pedras, ela escolheu o seu caminho com cuidado em torno da volta. Ela olhou por cima do ombro na tenda bagunçada. Os traficantes de escravos ainda tinham a atenção sobre a sua comida e bebida. Uma explosão de risos alto ecoou.

-mantenha-se a fazer barulho— disse ela em voz baixa. —Dessa forma, você não vai me ouvir.

O segundo trecho da pista estava mais ainda sob os pés. Ela ia se agachando no chão áspero mais alto para manter seu equilibrio, mas agora ela se endireitou e se moveu mais rápido até que ela chegou ao segundo Switchback. Ela escolheu seu caminho com cuidado em torno dele. Havia apenas vinte metros para ir agora e ela estaria na parte inferior. Obrigou-se a se concentrar. Com o fim de o acompanhar à vista, era tentador para relaxar e corrida. No entanto, ela continuou seu lento caminhar, o ritmo cuidadoso, agachando-se, mais uma vez, sentindo o chão torcer sob os pés enquanto entrava em rochas maiores, ocasionalmente afundando em mergulhos inesperados e buracos na pista. Um deles era mais profundo do que parecia e ela sacudiu suas costas enquanto ela entrou nele. Ela grunhiu de surpresa, então congelou. Mas não houve reação do homens na mesa da barraca da confusão e ela continuou, finalmente pisar para baixo para o nível do solo, ao pé da pista.

Agora, ela teve que esperar mais uma vez. Como Will certa vez descreveu-o para ela, um dia de arqueiro parecia feito de horas de espera seguido por alguns minutos de ritmo frenético, ação assustadora.

Esperou-se agora para os minutos frenéticos virem. Seu estômago era um nó apertado. A tensão era quase insuportável. Ela não tinha idéia se Will tinha atingido as rochas na base do norte do penhasco ainda. Ele poderia ter caído e se machucado. Se o caminho que tinha encontrado era nada parecido com o que ela

tinha atravessado, um passo imprudente poderia ter deixado-o deitado com um tornozelo quebrado, ou inconsciente. Quanto mais tempo que ela esperava, pior tornava-se a imagem em sua mente. O que ela faria se Will não cumpri-se sua parte do plano? Se ele estivesse incapacitado em algum lugar nesse caminho do penhasco, como ela poderia levar as crianças para longe?

Era tarde demais para ir pedir ajuda. Ambleton foi o povoado mais próximo de qualquer tamanho. No momento em que ela chegou lá e trouxe de volta a ajuda para Hawkshead Bay, os escravos e os filhos seria longa passou, indo para o mercado de escravos Socorran e uma vida de miséria. Será que ela de alguma forma, poderia atear fogo ao navio, em seguida voltar a praia para liberar as crianças? Ela descartou a idéia quase tão assim que ela pensou nisso. As chances de que ela poderia fazê-lo do outro lado da praia aberta observada eram quase nulas. E ela precisava de Will para retirar a busca para o sul, enquanto ela tem o crianças de forma segura distância.

Ela pensou em outra opção. Ela tinha duas dúzias de flechas em seu tremer e havia dezoito homens sentados em volta da mesa. Ela poderia simplesmente começar a disparar contra eles, pegalos de surpresa, possivelmente expulsá-los em pânico. Em seguida, ela considerou o plano de forma realista. Ela pode ter dois eles, mesmo três, se ela era rápido o suficiente. Mas eles não eram simples aldeões a ser assustados por um ataque surpresa da escuridão.

Eram homens impiedosos com um investimento para proteger. Eles estavam armados e, ela assumiu, experiente lutando contra homens. Tinham como ir para o chão, tendo cobertura atrás das tendas ou a mesa, ou o grandes afloramentos rochosos que pontilhavam a praia. Então eles começam a mover para flanquear ela, e mais cedo ou mais tarde, ela estaria sobrecarregada.

Além disso, ela pensou amargamente, ela tinha deixado seu arco na parte superior do penhasco.

Ela suspirou. Não havia nada que pudesse fazer, se Will não fizesse nas rochas no lado sul da enseada. Ela teria que assistir impotente enquanto as crianças fossem levadas a bordo do navio e tirado.

Então ela viu. Um flash de luz, brevemente visível entre o escuro amontoado de rochas distantes. Será que deve ter aberto o obturador em sua lanterna escura para iluminar uma das flechas de fogo. Em seguida, ele se foi quando ele fechou o obturador.

Mas agora que ela pensou que podia ver um pontinho de luz entre o rochas. Ela percebeu que era a ponta brilhante de uma das flechas de fogo. Ela olhou para trás com medo para os traficantes de escravos. Mas eles estavam sentados em um círculo de luz brilhante e não tinha notado o breve flash nas rochas.

Enquanto ela observava, o pontinho amarelo arqueou-se para o céu noturno,

em seguida, curvou-se para o navio preto. Parecia grave perto para a base do mastro. Lá permaneceu, ainda visível, mas não crescente qualquer maior para o momento. Ele deve ter batido em uma seção clara de convés, onde não havia nada inflamável para pegar em chamas.

A seta iria queimar a si mesma eo navio permaneceria ileso. Ela amaldiçoou silenciosamente.

Outro breve pontinho subiu, então desceu. Este viajou sobre um arco maior que parecia terminar no meio do recipiente de vela frouxamente enrolada. E desta vez, ele foi visto por um dos traficantes de escravos.

— O que foi isso? -a figura azul camuflada do roteirista, que estava sentada de frente para o mar, de repente se endireitou, apontando para do navio. Ruhl olhou para ele com curiosidade. -o quê?— Ele exigiu. Ele estava repleta de boa comida e vinho e não com vontade de ser perturbado. O roteirista continuou apontando e os outros se viraram, casualmente, a olhar para o que ele estava indicando.

—Era uma luz— disse ele. —Parecia uma estrela cadente. E desceu para baixo sobre o navio, Há outra!

Ele acrescentou as duas últimas palavras em um grito como uma terceira flecha de fogo subiram brevemente outro lado da enseada. Mesmo quando ele atingiu perto da base o mastro, a chama amarela de repente queimado na vela, como a Vontade do tiro anterior finalmente acendeu a tela asfaltada.

—Flechas de fogo!— O capitão gritou Ibérica. -alguém está tentando queimar La Bruja.

Cadeiras cairam para trás quando os homens saltaram para em pé.

A tripulação Ibérica foram os primeiros a reagir, correndo pela areia para salvar o seu navio. Outra fonte de chama era visível na base do mastro, agora, em seguida, um quarto ponto de luz subiu pelo céu e atingiu o lado do casco.

Os incêndios na vela e na base do mastro estavam queimando de forma constante. Mas eles ainda estavam para atingir o feroz, com uma raiva incontrolável que significaria o fim do navio. Uma memória espontaneamente de seu navio ibérico desviou na mente de Maddie enquanto observava.

-la Bruja. A bruxa, —ela murmurou. Esse era o nome do navio.

-ajudem-nos! -o capitão Ibérica parou e gritou para os traficantes de escravos, que estavam de pé, hesitante por tabela. Ele acenou furiosamente com o braço, sacudindo-os a seguir. Já sua própria equipe havia atingido o navio e foram correndo jogar água do mar sobre as chamas na base do mastro. A vela, começando gradualmente a queimar com mais intensidade, estava fora de seu alcance. -se perdermos o navio, perdemos tudo!—Ele gritou e que pareceu penetrar a estagnação que tomou conta Ruhl e os seus homens.

—Vamos!-o Stealer gritou, e os levou correndo para o navio. O capitão estava gritando com os seus homens, ordenando-lhes que fossem a verga com sua queda de queima de vela, então abafar as chamas com baldes de água. Como eles fizeram, outra flecha fogo assobiou para baixo, pousando na proa do navio, onde rolos de corda alcatroada estavam estendida pronta para uso. A chama subiu, lambendo o alcatrão, derretendo-o, em seguida, acendendo-o. —Ponha isso para fora! -o capitão gritou Ruhl e os seus homens. Sua própria tripulação quase teve a vela queimada sob controle. Como Maddie observava, ele soltou um remanescente ainda queimando sobre o lado no mar. Havia uma imenso silvo e uma nuvem de vapor. Percebendoque não havia ninguém prestando atenção ao local de acampamento, ela correu para fora das sombras e correu em direção ao refeitório com a sua mesa abandonada e cadeiras viradas. Em sua pressa, ela foi para os postes errados e teve um momento de pânico quando ela viu que não havia chaves penduradas lá. Em seguida, ela re-orientado-se e viu-os pendurados no próximo poste. Ela agarrou-as e virou-se para a caverna.

Na proa do navio, o rolo de corda tinha começado a queimar ferozmente, e as chamas se espalharam para uma vela de reposição enroladas e arrumadas ao longo do baluarte. Ruhl e os seus homens estavam tentando abafar as chamas com o suas jaquetas e casacos. Familiarizado com o layout do navio, eles não sabia onde colocar as mãos em baldes que os marinheiros estavam usando. O capitão percebeu isso e mandou dois de seus homens encaminhar, carregado com uma meia dúzia de baldes. Os homens começaram a atirar água do mar sobre as chamas, lentamente trazê-los sob controle. Ruhl procurou freneticamente para a fonte das setas. —Quem está atirando em nós?—, Ele gritou em fúria. Como disse o palavras, outra flecha assobiou baixo. Mas esta não era uma flecha de fogo. Ela era uma seta guerra e se enterrou no peito do homem ao lado dele.

O traficante de escravos cambaleou sob o impacto do eixo pesado, então caiu sobre a vela queimando, extinguindo algumas das chamas. Ruhl olhou em volta, a tempo de ver outra flecha de fogo de arco acima do rochas. Foi a flecha final do fogo de Will, mas não havia maneira de o pânico dos homens a bordo do navio poderiam saber disso. —Eles estão nas rochas na base do penhasco!— Ruhl gritou: apontando para o local onde ele tinha visto que a luz curva começar. Ele sentiu o convés do navio guinada debaixo dele e olhei em volta para ver o capitão cortando a corda da âncora com um pequeno machado. La Bruja começaram a se mover. Ruhl correu pelo convés, agarrando o capitão no braço.

-o que você está fazendo? Você está louco? -o capitão olhou para ele. Seu rosto estava manchado de cinzas a vela queima e seu braço estava vermelho e empolado, onde as chamas lhe haviam queimado como ele tinha ajudado a jogá-lo ao mar. Ele não estava disposto a discutir com Ruhl. Ele sabia como o fogo

rapidamente poderia reivindicar seu navio.

—Vou levá-la fora de perigo. Ela é um pato sentado aqui e eu sou não vou correr o risco de ela afundar!— A maré vazante estava se movendo o navio cada vez mais rápido. Ruhl olhou em volta em desespero.

—Eles estão nas rochas! —, Ele gritou. -os arqueiros estão nas rochas! Podemos pegá-los!

—Então fazê-lo! Vou deixar dois dos meus homens com você. -o capitão olhou para o convés, avaliando sua tripulação.—Enrico! Anselmo! vão com o senhor Ruhl!—Ele olhou para Jory Ruhl.—É melhor você ir se você está indo. Voltaremos amanhã. Ruhl hesitou por um momento, e então chegou a uma decisão. Saltou sobre o baluarte, aterrissando na água até a cintura, gritando com seus homens a seguir. Ele ouviu uma série de projecções atrás dele enquanto ele nadou para a terra. Olhando para trás, viu os seus homens e os dois marinheiros ibéricos forçando seu caminho contra a corrente atrás dele.

Ele cambaleou para areia seca, em seguida, tropeçou, salvando sua vida. Uma flecha cortou o ar um pouco mais de sua cabeça. Ele olhou para o rochas. Ele não tinha idéia de quantos arqueiros estavam escondidos lá, mas ele percebeu que ele e os seus homens estavam armados com nada além de facas. — peguem suas armas! —, Ele gritou quando uma flecha bateu no braço do homem mais próximo dele. O traficante de escravos gritou de dor, mas foi um golpe de raspão ea flecha rasgou livre. Um de seus companheiros rapidamente cobriu a ferida na carne com seu lenço no pescoço.

—Ele está bem!—, Ele ligou para Ruhl.

O Stealer balançou a cabeça, em seguida, agachando-se em uma tentativa inconsciente de evitar novas setas, levou seus homens até a praia para o acampamento.

Capítulo 47

Maddie atingiu o portão gradeado que fechou a entrada para o caverna. Ela estava atrapalhada com as chaves, procurando o correto um. Dentro da caverna, ela ouviu uma voz queixosa gritar. Obviamente, os prisioneiros pensaram que tinha chegado o momento para que eles fossem levados para o navio. Eles podiam ver apenas uma figura encapuzada escuro no entrada. Um deles começou a chorar. -silencio!—, Ela sussurrou. —Está tudo bem! Estou aqui para ajudá-los. — Ela tornou-se ciente de pés correndo atrás dela e girou ao redor. Ruhl e os seus homens estavam correndo de volta até a areia para dela. Por um momento, ela pensou que tinha sido descoberto e ela enfiou a mão na bolsa de tiro para carregar seu estilingue. Então ela ouviu Ruhl a emissão de uma série de ordens. —peguem suas armas! Brad, traga seu besta! Eles estão nas rochas na base do penhasco. Espalhem-se, usem a as armas tanto quanto vocês puderem!

Maddie apertou-se contra a superfície da rocha escura ao lado do portão. No interior, uma das crianças ainda estava chorando. Ela podia ouvir outro fazendo barulhos calmantes e tentando consolar o companheiro. Desejou ardentemente que eles se calassem. Tudo o que ela precisava agora era de Ruhl ou um de seus homens para vir e ver o que estava acontecendo. O Stealer ainda estava gritando ordens e ela virou-se para o caverna, esperando que os escravos não iria ouvi-la acima de sua gritaria.—quieto! —, Ela sussurrou novamente.—Quieto ou eu vou ir ai e chicotear você! —Ela estava relutante em ameaçar os meninos obviamente aterrorizados dessa forma, mas ele parecia ter o feito desejado. O choro morreu embora para alguns soluços abafados desesperado. Ela encolheu os ombros. Ela tinha que fazer isso até a criança infeliz depois. Nas rochas na base das falésias, Will estava estudando seus trabalhos manuais com satisfação sombria. O navio negro era agora a meio caminho fora da baía, à deriva na maré vazante, enquanto sua reduzido tripulação se esforçava para obter um par de remos na água. Ele teve um momento de pânico quando Ruhl levou seus homens de volta para as tendas. Nesse momento, ele temia que alguém tivesse visto Maddie.

Em seguida, ele ouviu o traficante de escravos gritando ordens e perceberam que estavam indo buscar suas armas antes de vir depois dele. —Deveria ter pensado nisso—, ele murmurou. essa foi uma dos coisas imprevisíveis que podem estragar um plano. Ele esperava que eles não tivessem armas.

Maddie se pegou cochilando. Então ele viu os escravos voltando até a praia novamente, correndo de capa a capa. Pensou talhar seus números para baixo um pouco, mas rejeitou a idéia. Se ele fez coisas muito arriscadas para eles agora, eles pode ficar na tampa perto do acampamento, e isso arruinaria Maddie com as

chances de levar as crianças para fora. Ela precisava deixá-los alcançar as rochas, precisava deles para segui-los como ele conduziu-os.

-tempo suficiente para reduzir seus números de amanhã —, disse ele e começou a fazer o seu caminho até a parte áspera da falésia. Sem pensar, ele mudou-se silenciosamente e rapidamente, como ele tinha praticado durante tantos anos. Então ele percebeu que isso não era o tempo para a discrição. Ele queria que eles o vissem eo seguissem. Havia uma pequena pilha de pedras à beira do caminho e ele cutucou-as com sua bota, fazendo barulho e saltando para baixo a face do penhasco. Ruhl ouviu o barulho, olhou para cima e viu a figura escura no meio do caminho até o precipício.

-lá vão eles!—, Ele gritou, apontando o caminho. Em seguida, ele liderou uma corrida em direção à base do penhasco. Um de seus homens, armados com uma besta, parou e ajoelhou-se para apontar. Ele apontou a arma para o figura escura no caminho e acionou o gatilho. Will ouviu o som batendo muito reconhecível de uma besta sendo liberada e caiu rente ao chão. Um segundo depois, o briga pesada zumbiam em cima e gritou fora das rochas, a sua ponta de ferro impressionante saiam faíscas onde ela atingiu. O besteiro estava. Ele tinha visto a sua queda de destino para a terra como ele atirou. —Eu o peguei!—, Ele gritou em triunfo.

Ruhl rosnou para ele. —Você perdeu ele, seu idiota! Lá vai ele de novo!

A figura escura estava de volta em seus pés, movendo-se rapidamente para a crista do penhasco. Como Ruhl pediu a seus homens em diante, o besteiro fez uma pausa para recarregar. Colocou o pé no estribo em frente do curto, arco curto e grosso, e soltou de volta na corda grossa com os dois braços.

Will virou quando ele chegou ao topo do caminho. O besteiro era a céu aberto, forçando a corda pesado em sua arma. Vontade besteiros odiado. Ele colocou uma flecha, recuou e liberou, o envio de um eixo de piscar para baixo da face do penhasco. Ele golpeou o besteiro em cheio no peito. Ele deu um grito de dor, então cambaleou para trás e caiu, deixando cair sua arma. Ruhl fez uma pausa para levá-la de suas mãos sem vida, e arrastou o tremor de suma, brigas pesadas livres. Então, ele olhou para trás até o topo da penhasco. Mas a figura escura, que havia sido brevemente uma silhueta quando ele se virou para atirar, se foi.

—Vamos!—, Ele gritou, levando uma onda renovada. —Há apenas um homem! Como eles foram até o caminho, ocorreu-lhe que poderia ser apenas um homem, mas a facilidade casual com que ele havia escolhido fora do besteiro podia vir a ser um problema.

A fechadura da porta estava rígida e Maddie lutou com ele para o que parecia ser uma vida antes de repente saltou livre. Ela arrastou o portão aberto e foi

recebido por um coro de vozes assustadas. No escuridão, ela sentiu um pouco do que viu as crianças avançando para trás — longe dela.

—Está tudo bem. Sou uma amiga. Estou aqui para ajudá-los. — Ela tentou fazer sua voz calma e reconfortante. Mas a tensão e emoção deixou sair como um estridente, nervoso grito. Ela percebeu que só podia vê-la como uma silhueta encapuzada contra as luzes na praia. Ela balançou a capa fora e estendeu os braços. -olha! Eu sou uma menina! Eu sou um arqueiro e eu estou aqui para ajudá-los. Venham agora. Seus olhos foram se acostumando à escuridão na caverna e ela podia fazê-los sair agora — um grupo de formas obscuras amontoados. Um deles, um menino que era mais alto do que os outros, adiantou-se desconfiado. —Você não é um arqueiro. As meninas não são arqueiros —, disse ele.

Ela tomou uma respiração profunda. Ela queria pega-lo pelo nariz e arrasta-lo para fora da caverna. Mas ela sabia que se ela fez isso, ela nunca conseguiria o resto deles se movendo. Eles se amontoaram e começaram a chorar. Ela obrigou-se a ficar calma, forçou sua voz para um tom mais baixo, mais normal, acalme-se. —Bem, eu sou. Meu nome é Maddie e eu sou aprendiz de Will Tratado—. Houve um murmúrio de reconhecimento. Todo mundo tinha ouvido falar de Will Tratado. Ela percebeu o poder do nome eo invocou novamente. —Will quer que você venha comigo e voltar a subir o penhasco. Ele vai encontrar-se conosco amanhã, depois que ele acabar com o Stealer e seus amigos, agora vamos—, ela ainda hesitou e tomou o braço do rapaz alto. —Qual é o seu nome? —, ela perguntou.-tim. Tim Stoker. —Bem, me escute, Tim. Eu preciso de você para me ajudar. Assuma o controle dos pequenos e leve-os até esse caminho. Vou trazer a retaguarda para certificar-se de que ninguém nos siga. Tudo bem?

Ela fez sua voz tão calma e reconfortante como ela poderia, olhando firmemente em seus olhos. Ela viu suas costas se endireitarem como ele aceitou o trabalho que ela daria a ele.

-tudo bem—, disse ele. Então ele se virou para os outros. -sigam-me, todos. Faça como diz a arqueira. Está tudo bem. Ela vai cuidar de nós.— Nervosa, relutantemente, eles começaram a se mover para fora da caverna, o rapaz alto liderando o caminho. Maddie ficou de lado, conduzindo-os para fora, apontando-os para o caminho do penhasco, empurrando-os delicadamente em seu caminho. Movendo-se com uma enlouquecedora falta de velocidade, eles começaram a subir a trilha rústica atrás de Tim Stoker. O roteirista era um covarde. Ele era mais do que feliz para assustar as crianças com contos do Stealer a noite, e as coisas terríveis que se seguiriam se eles disseram a seus pais uma palavra sobre ele. Mas quando se veio na sequência de um arqueiro habilidoso um penhasco escuro, que era outro importa completamente.

Ele também tinha notado a facilidade casual com que Will tinha trazido para baixo o homem com a besta. Ele tinha visto um outro membro de gangue cair frio no convés do navio, e uma terceira girou por uma flecha através do braço. Ele nãotinha a ideia de quem seria a próxima vítima. Era uma coisa para aterrorizar crianças indefesas. Revestimento um guerreiro habilidoso e determinado era outro assunto completamente.

Ele hesitou na base do penhasco. Ele olhou de volta com incerteza para o acampamento, então estreitou os olhos. Algo estava se movendo no caminho pela caverna onde os prisioneiros foram confinados. Ele tensas seus olhos e proferiu uma maldição baixa. Houve uma linha de figuras se dirigirem para o seu caminho até o caminho.

Voltou-se para alertar seus companheiros. Mas foi o mais próximo até a metade do penhasco, e ele mesmo Jory já estava lutando ao longo da crista. Ele chegou a uma decisão. Vamos Jory e os outros cuidar do arqueiro solitário. Ele recapturar os prisioneiros, que tinham de alguma forma escapado. Ele se virou e começou a correr de volta para o acampamento.

Will viu a primeira figura vir a crista da falésia, agachando baixa para evitar uma seta. Ele bufou com desdém. Se ele quisesse, ele podia derrubar o homem facilmente, agachando-se ou não. Mas essa não era a sua tarefa no momento. Ele tinha que levá-los para dar uma chance Maddie.

Ele começou a correr pelo mato na altura da cintura. Então ele parou, pegou um arbusto próximo e sacudiu-o violentamente, chutando seus galhos mais baixos para encaixá-los. Ruhl ouviu. Ele olhou na direção do som e viu o vulto escuro se afastando. —Por aqui!— O Stealer gritou, em seguida, acrescentou: —Espalhem-se! Não se tornem um alvo fácil!— Will assentiu com satisfação. Ele ficaria fazendo barulho e deixando eles vê-lo até o amanhecer. Então, quando ele levou-os até à ao sul, ele começou a se mover com mais cautela e dobrar para trás para atender Maddie. Maddie ouviu pés batendo na praia como o roteirista se aproximou. Ela estava a poucos metros da caverna, pronto para interceptar qualquer exercício. O último dos filhos estava a meio caminho para o primeiro Switchback, cerca de cinco metros acima da praia. Ela encolheu-se contra a face do penhasco áspero, puxando o manto em volta dela. Ela tomou um tiro de sua bolsa e carregá-la para o estilingue.

O roteirista explodiu em vista de trás das barracas e correu passado sem vê-la, se movendo muito rápido para ela reagir. Ele mergulhou-se o caminho depois que as crianças, comer-se a distância com seus passos largos. Eles começaram a gritar de terror, ao verem a assustadora figura de manto azul persegui-los. O último da fila, um menina, tentou correr e escorregou no xisto solto. Em seguida, o roteirista estava sobre ela, seu turbilhão manto ao redor dele como as asas de

uma criatura da noite mal. Ele arrastou-a de pé, gritando furiosamente para ela. A menina gritou de terror, manteve firme em seu aperto. Maddie hesitou. Se ela lançou agora, o tiro pode muito bem bater o garota. —Eu não disse o que aconteceria se você desobedecesse? Não foi? Eu não disse? -o roteirista sacudiu a menina violentamente e ela gritou ainda mais alto, como o terror cresceu. — Deixa ela em paz! Deixe-a ir, seu covarde! — O jovem gritou para gritos do roteirista e do soluços da menina. Foi Tim Stoker, o rapaz alto Maddie tinha mandado liderar o caminho. Ele veio de mergulhar de volta para o caminho penhasco, agora, empurrando passado as outras crianças, deslizando e escorregando à solta rochas. Desequilibrado e incapaz de parar, ele tropeçou desajeitadamente em o roteirista, que lançou a menina, jogando-a contra a face do penhasco. Ele agarrou a coleira do Tim vez, atingindo com sua mão livre para desenhar uma faca de lâmina longa de uma bainha de inicialização. —Desafie-me, não é? Vamos ver como você é corajoso quando eu cortei você, seu porco!

Seu braço voltou, preparando-se para trazer a lâmina através do menino garganta em um movimento longo cortando. Maddie sabia que tinha de arriscar um tiro agora. Se ela hesitou, Tim iria morrer. Ela chicoteou a funda sobre e para a frente. A bola de chumbo pego a luz da lua, uma vez brilhando como ele brilhou em direção ao seu alvo. Depois ele quebrou casa abaixo braço direito erguido do roteirista. Ele engasgou com o choque ea, dor súbita selvagem como o bola de chumbo pesado estilhaçado uma costela. Ele deixou cair a faca e liberado o controle sobre a coleira de Tim. Ele respirou a gritar ea ação levou mais agonia enquanto as extremidades pontiagudas da costela fraturada ralado juntos. Ele gritou ainda mais alto, segurando as duas mãos para seu lado quebrado. Ele se virou, tropeçou no pé de irregular, em seguida, percebi que não havia nada além de ar sob seu pé direito. Por um momento, ele parecia vacilar, cambaleante fora de equilíbrio quando ele lentamente se inclinou ainda mais sobre a queda. Em seguida, ele caiu, aterrissando com uma crise doentia nas rochas abaixo.

Maddie já estava se movendo para cima o caminho. Ela gentilmente pegou ha jovem e ajudou-a a se levantar.

—Vamos, minha querida. Você está segura agora —, ela said.a menina olhou para ela, com os olhos arregalados. Então, lentamente, um sorriso espalhado por seu rosto enquanto ela percebeu que o roteirista aterrorizante tinha ido embora. —Eu sou. Estou segura agora —, ela repetiu. Maddie deu um tapinha no ombro dela e gentilmente a empurrou em seu caminho até o precipício mais uma vez. As outras crianças, que tinham sido congelados em lugar, lentamente começaram a se mover novamente.

-mais rápido! -maddie pediu, com uma borda em sua voz. —Você tem que se

mover mais rápido.

Ela virou-se para ajudar a Tim Stoker a seus pés. Ele tinha sido esparramado sobre as rochas quando o roteirista lhe tinha lançado. Seu rosto estava branco de medo ao lembrar-se o quão perto ele tinha vindo para morrer.

—Você é um menino corajoso—, ela disse a ele. Não ocorreu a ela que ele era apenas alguns anos mais jovem do que ela. —Você está bem?

Ele acenou com a cabeça, não confiando em si mesmo para falar, sabendo que sua voz iria tremer incontrolavelmente. Ela colocou a mão em seu ombro e pediu-lhe o caminho atrás dos outros. -mexa-se, Tim. Temos que sair daqui. — Ela percebeu que que poderia ajudar se ela lhe deu uma tarefa ainda mais. -mantê-los em movimento. Levá-los a se mover mais rápido. —Você pode fazer isso por mim?— Seus olhos eram enormes, o medo ainda neles. Então ele gradualmente trouxe-se sob controle e assentiu. -onde está o roteirista?—, Perguntou ele. Ele ainda não tinha certeza do que tinha acontecido. Em um momento ele estava olhando para aquela faca longa, uma vez que preparado para cortar para ele. O próximo, foi estendido no caminho rochoso. Maddie apertou seu ombro tranqüilizador. —Você não precisa se preocupar com ele mais nada—, disse ela. —Ele esta morto.-morto? —, Ele repetiu, querendo ter certeza. Ela assentiu com a cabeça enfaticamente. -stone morto —, disse ela, de repente, consciente da ironia involuntária. Tim estudou seu rosto por alguns segundos, em seguida, virou-se, a partir até o precipício. —Vou mantê-los em movimento —, disse ele. Ela observou-o ir e soltou , uma respiração reprimida por muito tempo. Então, só para ter certeza, ela mudou-se para o borda do penhasco e olhou por cima. O roteirista foi uma forma escura nas rochas abaixo. Sua capa tremulavam ao vento. Ele caiu de costas através de um empurrão para balançar e agora seu corpo foi torcido em um antinatural ângulo. Não havia nenhum sinal de movimento.— Diga que em uma das suas histórias—, disse ela ferozmente. Em seguida, ela começou a subir o caminho após as crianças.

Capítulo 48

MADDIE ALCANÇOU O topo da trilha do penhasco para encontrar os dez ex—presidiários amontoados, esperando por ela. Ela recuperou seu arco da grama aonde ela havia deixado mais cedo naquela mesma noite. Ela abanou a cabeça com o pensamento. Parecia ter sido a dias que ela tinha começado a trilha, e não horas.

—Vamos para longe da borda do penhasco,— disse ela. Ela estava consciente que, a qualquer momento, Ruhl poderia desistir de sua busca por Will e retornar para o acampamento e descobrir que seus prisioneiros se foram. Não havia sentido em ficar contra a linha do horizonte para que pudessem serem vistos da praia.

As crianças se arrastaram alguns meros do penhasco, em seguida, ficaram em um semi círculo, observando-a com expectativa. Havia seis meninos e quatro meninas. Ela jugou suas idades ao redor de dez a quatorze. Ela examinou seus rostos e viu uma mistura de medo, perplexidade e alívio. Ela respirou fundo algumas vezes. A adrenalina ainda estava correndo em suas veias após seu encontro com o Roteirista e ela sabia o que acontecia quando ela estava animada ou tensa, sua voz tendia a ficar estridente. Ela teve o bom senso de perceber que seria qualquer coisa menos encorajador para as crianças olhando para ela.

—Tudo bem,— ela disse, quando estava calma o suficiente. —Aqui está o que está acontecendo. Vocês foram capturados por uma quadrilha de escravização.

—Nós fomos levados pelo Ladrão na Noite. Ele é um fantasma,— uma das jovens garotas a corrigiu. À menção do nome, os outros olharam ao redor. Inconscientemente, eles se moveram para mais perto.

Maddie balançou a cabeça e continuou num tom paciente. —Ele não é um fantasma e vocês não precisam mais ter medo dele. Ele é apenas um homem — mas ele é um homem muito mau e ele é um comerciante de escravos. Ele estava indo para vendê-los todos como escravos.— —Ele disse que ia nos trancar no escuro, um calabouço escuro e os ratos comeriam os nossos dedos e o bicho papão beberia o nosso sangue de noite e ele iria arrancar nossos olhos se o desobedecermos.— Esse foi um dos meninos mais jovens. Todos os outros murmuraram em acordo. Maddie fez um gesto calmante.

—Ele apenas falou para assustá-los,— ela falou a eles. E funcionou, pensou consigo mesma. Ela fez uma pausa, lembrando o poder calmante do nome de Will quando ela o usou mais cedo naquela noite. A luta de um espírito com uma lenda, pensou ela.

—Agora, me digam, qual de vocês já ouviram falar de Will Treaty?— Dez mãos se levantaram juntas e, apesar da gravidade da situação, ela teve que sorrir. Todo mundo tinha ouvido falar de Will Treaty. —Bem, Will Treaty é meu mestre, e ele vai nos ajudar.— Previsivelmente, todos olharam ao redor para ver onde ela estava e ela acrescentou, com um pouco de aspereza, —Ele não está aqui agora. Ele foi perseguir o Ladrão e seus homens longe.

Isso não era exatamente desse jeito, ela pensou, mas era perto o suficiente por agora. Ela decidiu a exata verdade que poderia ficar um pouco colorida.

—E quando ele pegar o Ladrão, ele vai matá-lo,— ela disse a ele. Isso pareceu dar-lhes uma certa quantidade de encorajamento. Eles gostaram da ideia do famoso Will Treaty matar o Ladrão que lhes tinha causado tanta dor e terror.

—Como ele vai matá-lo?— Perguntou o menino que tinha falado antes. Ela olhou para para ele, percebendo que, sendo um garoto, ele queria os sórdidos e amargos detalhes. Mas ela não achava que era o momento certo para isso.

—Não se preocupem. Ele vai encontrar um modo.— —Eu espero que ele o machuque!— o menino disse cruelmente. —Espero que ele realmente, realmente o machuque.— —Tenho certeza que ele vai, e nós vamos perguntar tudo sobre isso quando o vermos,— disse ela. Então ela bateu palmas para obter sua atenção longe do Ladrão e sua iminente, dolorosa morte. —Agora!— ela disse rapidamente. —Temos que nos mexer. Não podemos ficar aqui e temos de chegar a Ambleton tão rpido quato for possível. Os maiores podem ir a pé. Mas as crianças menores podem montar.— Ela colocou seus dedos em sua boca e deu um assobio baixo. Ela ouviu um breve relincho em resposta, então Puxão e Bumper trotou para fora do escuro. Ela e Will os tinham levados para a frente mais cedo naquela noite, sentindo que algumas crianças mais pequenas poderiam precisar montar.

Will tinha se recusado a levar Puxão com ele.

—Eu vou querer deixar Ruhl manter-me à vista quando estiver levando-o para longe. Se eu estiver montando, ele vai desistir. Ou ele vai perceber que eu estou fingindo se eu não fazer uma fuga limpa. Melhor deixar os dois cavalos com você. Eles podem ajudar com as crianças.— Ela avaliou o grupo agora, selecionando os mais novos das crianças.

—Vocês três,— disse ela, apontando para um menino e duas crianças que pareciam ter cerca de dez anos. —Vocês querem montar no famoso cavalo de Will Treaty, Puxão?— Puxão sacudiu sua juba e olhou com aprovação para ela. Eu sempre soube que gostava de você.

Mas é claro, Maddie não o ouviu. As três crianças olharam em volta para o encorpado cinza e assentiram com a cabeça. —Vamos lá então.— Ela levantou a primeira garota e a colocou na sela. Então ela tinha outros pensamentos. Ela

colocou a menina para baixo e mudou-se para ficar de cara com Puxão, buscando em sua memória a frase código que Will tinha dito a ela casualmente no dia em que ela ganhou Bumper. Finalmente, veio até ela.

—Você se importa?— ela disse suavemente. Ela esperava esperava que a frase seria aceitável para um terceiro. Os inteligentes olhos de Puxão encontraram os dela. Sua cabeça subiu e desceu duas ou três vezes.

Ela tinha quase certeza que ele não iria reverter para uma criança pequena, mas ela pagou para ter certeza. Ela pegou a menina de novo e a impulsionou para a sela. Mas ela manteve uma mão em seu braço enquanto olhava cautelosamente para Puxão.

—Não faça nada bobo, ok?— ela disse. Puxão virou a cabeça para olhá-la nos olhos. Ela quase pode jurar que se pudesse levantar uma sobrancelha, ele teria. Mas ele não se reverteu ou mergulhou. Encorajada, ela pegou a segunda criança, um menino dessa vez, e levantou-o nas costas do cavalo também. Mais uma vez, Puxão se manteve de forma constante e ela sabia que estava tudo bem. Ela impulsionou a terceira criança. Até mesmo o seu peso combinado era uma carga leve para o resistente cavalinho, ela sabia. Ela assentiu para agradecer a Puxão e se moveu para ficar perto de Bumper.

—Você quer montar este cavalo?— ela perguntou a um outro dos mais jovens.

A pequena garota balançou a cabeça, em seguida perguntou: —De qual famoso é esse cavalo?— Bumper relinchou. O som parecia surpreendentemente como um risinho. Ela pensou rapidamente.

—Você já ouviu falar do famoso amigo de Will Treaty, Sir Horace, o Cavaleiro Oakleaf?— A menina assentiu.

—Este é o seu cavalo.— Eu certamente não sou! Eu não gostaria de ter um grande pedaço como ele me montando.

Ela se aproximou de Bumper e sussurrou: —Basta ir junto com ele, você vai? E como você sabe que meu pai é um grande pedaço?

Ele é um cavaleiro. Eles são todos grandes pedaços. Mas tudo bem, içá-la.

—Não a interrompa, tudo bem?— Ela não tinha certeza se Bumper precisava ouvir a frase código também mas ela disse de qualquer maneira.

Oh realmente!

Ela levantou a menina na sela e olhou em volta para outra criança pequena. Tim Stolker levantou a mão para chamar sua atenção.

—Srta. Maddie?— Ela rolou os olhos. Sentia-se positivamente velha. —Maddie está bem, Tim. O que é?— —Rob tem uma perna ruim. O roteirista o queimou com um ferro quente.— Ele indicou um outro rapaz, em torno de sua própria idade. Rob era menor que Tim, e um pouco atarracado. Se ele montasse

Bumper, ela não seria capaz de por uma terceira criança. Mas ela deu de ombros. O restante das crianças eram todas mais velhas e maiores. Ela apontou para Rob.

—Para cima você então, Rob. Pense em sua perna.— Ela o ajudou a colocar o pé no estribo. Sua perna direita, ela viu agora, foi fortemente enfaixado. Ele se balançou cautelosamente para a sela, sentando atrás da garota.

Ela se virou para as cinco crianças restantes.

—Tudo bem, temos que ir agora. E temos que ir rápido. Eu se que alguns de vocês não estão se sentindo bem e que não foram alimentados direito à dias — ou até mesmo semanas. Mas eu quero pedir que se esforcem. Se ficarem muito cansados, me digam, e vocês poderão montar um dos cavalos por um tempo. Tudo bem?— Em silêncio, todos eles concordaram.

—Então vamos lá. Vamos correr por dez minutos, depois vamos andar por vinte. Temos um grande terreno para cobrir e temos que fazer o mais rápido quanto possível. Preparados? Vamos.— Ela foi na frente, se movendo constantemente, com Bumper à sua direita e Puxão do outro lado. As crianças hesitaram, então seguiram em uma formação irregular. Seus pés farfalharam e arrastavam através da grossa grama. Em seguida, eles atingiram a estrada e o curso foi mais fácil. Eles tinham sido maltratados e mal alimentados, ela sabia, mas eles eram crianças e ela sabia que as crianças eram normalmente em forma. Eles conseguiriam. Eles tinha que. Ela estava consciente de de alguém ao seu lado no lado direito. Ela olhou ao redor e viu Tim correndo. Ele estava franzindo a testa.

—Maddie?— ele disse, sua voz irregular e destacada como seus pés tocaram a estrada.

—O que é, Tim?— —Se Will Treaty está perseguindo o Ladrão, por que temos de fugir daqui?— Ela abriu a boca para responder, então hesitou, olhando ao redor. Nenhum dos outros pareciam ter ouvido a pergunta. —Apenas guarde esses pensamentos para si mesmo, ok?— Disse ela. Ela viu a compreensão surgindo em seus olhos. Ele acenou com a cabeça uma vez, então voltou ao seu antigo lugar.

A noite avançou, e Will continuou seu jogo de gato e rato com os escravistas, deixando-os aproximar-se dele, tentando-os com uma visão rápida dele, então movia-se em silêncio e sorrateiramente a distância. Era uma fina linha para se pisar, mantendo os no anzol sem deixar Ruhl saber que ele fazia isso intencionalmente. Mas uma vez que o padrão foi definido e Ruhl aceitou, não tinha risco dele desistir da busca.

Ele se lembrou de tudo o que sabia sobre Ruhl. Nos dias seguintes a morte de Alyss, ele havia entrevistas com muitos de suas ex—vitimas que podia. E ele havia interrogado os membros de sua gangue que ele tinha apanhado.

Ele havia construído uma imagem de um homem cruel, cruel e impiedoso. Inteligente, mas com uma falha fatal. Ele não poderia ser cruzado ou frustrado. Se isso acontecia, Ruhl seria cegado por uma raiva irracional e desejo de vingança.

—Assim como eu estava,— ele murmurou para si mesmo.

A raiva que muitas vezes prejudicava o julgamento de Ruhl e o levava a decisões precipitadas e irrefletidas.

Era assim que Will acreditava poder estregar o plano de Ruhl de levar as crianças longe, o traficante de escravos persegui-lo implacavelmente única e exclusivamente, com a intenção de vingança. E foi assim provado.

À medida que as horas escuras passavam, Will levou a busca mais longe e mais ao sul, sabendo com sombria satisfação que Maddie estava levando as crianças na direção oposta tão rápido quanto suas pernas, e os dois cavalos, poderiam levá-los.

Ele olhou para o céu, a leste. Os primeiros vagos dedos de luz apareciam acima do horizonte. Aqui e ali, ocasionalmente um pássaro começava a cantar, prevendo a aurora que vinha.

—Hora de me tornar escasso,— disse ele. Uma vez que a luz do sol veio, isso seria mais difícil, com a falta de uma real cobertura disponível na área. Ele se deixou ser visto mais uma vez, ouvindo os gritos de seus perseguidores. Então ele se agachou, ficando abaixo da longa e grossa grama, e voltou para a direta. Ele cobriu duzentos metros dessa forma, em seguida caiu no chão, puxando o manto em torno de si. Ele puxou a saxônica da bainha e segurou pronto, ouvindo farfalhar dos escravistas à sua esquerda. Ele tinha feito isso tantas vezes que ele sabia que poderiam passar à alguns metros dele e nunca estar ciente de sua presença. A única maneira deles o descobrirem era que um deles tiverem a chance de pisar nele. Ele agarrou a saxônica com um pouco mais de firmeza.

Se isso acontecesse, será uma má sorte, escravista.

Ele ouviu como eles pisavam através da grama longa e baixos arbustos, passando por ele. O perseguidor mais próximo passou vinte metros de distância. Ele esperou até que o ruído de sua passagem diminuiu, depois morreu. Então ele se distanciou, ainda agachado, e começou seu caminho de volta para o norte.

Capítulo 49

O SOL NASCEU HÁ VARIAS HORAS atrás deles e das crianças cansadas ao longo da estrada. Eles andaram com a cabeça para baixo e com o olhar baixo, olhando apenas para o próximo metro da estrada dura e poeirenta que estava à frente deles.

Maddie tinha abandonado a tentativa de alternar entre correr e caminhar. Eles simplesmente não poderia manter esse ritmo e quando ela mandou-as correr, os mais fracos caíram para trás, até que eles estavam se movendo em uma longa linha irregular que se estendia por centenas de metros ao longo da estrada. E quanto mais tempo eles correram, mais longa se tornou a linha, com as crianças mais atrás ficando mais e mais para trás. Em pouco tempo, ela percebeu, sem ela em seus calcanhares para incitar eles juntos, eles começaram a diminuir e desmoronar na beira da estrada.

Ciente da possibilidade de perseguição, ela continuou lançando olhares ansiosos para o horizonte ao sul, procurando o primeiro sinal dos escravistas vindo atrás deles. Embora tivesse uma confiança imensa na capacidade de Will para levá-los para longe, ela estava consciente de algo que ele tinha dito a ela varias e varias vezes durante a sua formação.

Qualquer plano pode dar errado, ele disse, e na maioria das vezes dá, cedo ou tarde. Sempre esteja preparado para que as coisas deem errado. E se acontecer, você estará pronta para isso. Se eles não fizerem, você vai estar agradavelmente surpresa.

Era por causa do medo da perseguição que ela queria eles perto, onde ela poderia v^-los e os proteger se o perigo se aproximasse. Então agora eles caminhavam, marchando juntos, arrastando os pés. E ela se moveu continuamente ao redor do pequeno grupo, pedindo aos membros mais lentos um maio esforço, implorando para ele, bajulando-os, ameaçando-os — qualquer coisa para mantê-los colocando um pé na frente do outro. Ela mesma estava cansada, mas estava muito tens para perceber isso.

—Vamos, Julia,— disse para uma das meninas mais velha talvez pela centésima vez. —Se os mais pequenos podem continuar, você também pode.— Julia, previsivelmente, começou a chorar e parou de andar, a cabeça para baixo, com as mãos tampando seus olhos lacrimejantes.

—Não é justo,— ela lamentou. —Eu quero montar. É minha vez de montar. — Maddie tinha alternado os que montavam, dando a cada criança a oportunidade para descansar no cavalo durante quinze minutos por vez. Julia, ela sabia, tinha estado no grupo anterior e tinha desmontado, reclamando sobre isso,

apenas cinco minutos antes. Não seria sua vez novamente por mais vinte e cinco minutos, pelo menos.

Maddie olhou para ela. —Continue andando,— ela ordenou.

Julia fez beicinho. —Por que Rob não pode andar? Ele tem montado o tempo todo. Não é justo.— Maddie pensou sombriamente que se ela ouvisse Julia proferir a frase não é justo mais uma vez, daria um tapa nela. Rob era o menino com a perna queimada. Ele se ofereceu para tomar o lugar com os caminhantes, mas ele mancava muito e era tão lento que ele segurava o grupo todo para trás. Ela havia decidido que ele deveria continuar a cavalo, enquanto os outros nove alternavam de lugares.

—Rob tem uma perna ruim,— ela ressaltou.

Julia olhou para ela. —Bem, as minhas duas pernas estão doendo por isso eu quero montar também.— Rob tinha ouvido a conversa. Todo mundo tinha. Ele se inclinou para Maddie.

—Eu caminho por um tempo,— ele disse. —Ela pode pegar o meu lugar.— Maddie olhou para ele, seu rosto sombrio. —Não. Ela não pode,— disse ela com firmeza. —Ela não tem nada de errado com suas pernas. Ela só está sendo egoísta.— Julia fungou. As lágrimas estavam para começar de novo, Maddie pensou. Ela aproximou-se da menina e falou em vox baixa que só Julia pode ouvir.

—Olho aquele monte lá, além dos arbustos com folhas roxa?— ela disse, Julia virou-se e olhou para o local que ela havia indicado. O monte não era extraordinário. Era apenas um pequeno montículo. A menina balançou a cabeça, franzindo um pouco a testa, se perguntando por que Maddie tinha apontado lá. —Bem, isso é um velho tumulo. Há um monte deles nessas partes.— Os olhos de Julia se arregalaram com as palavras —velho tumulo—. Ela olhou para o monte, depois para Maddie.

—Há —— Maddie procurou por uma palavra assustadora correta e se lembrou de sua conversa à beira do rio em Denvers Crossing — — criaturas de túmulos lá. Você sabe o que são as criaturas dos túmulos, não sabe?— Julia balançou a cabeça. Ela não sabia, mas ela não gostou de como soou.

—A criatura é um espirito maligno que vive em um túmulo. Eles tem longos dentes e terríveis garras e atacam as pessoas que passam e as arrastam para o túmulo para se tornar zumbis como eles.— Sua imaginação estava voando agora. Assim como a de Julia. Seu rosto estava pálido.

—Mas zumbis tem medo de só uma coisa...— Ela fez uma pausa, então, acenou com a cabeça para Bumper e Puxão. —Cavalos. Eles não podem podem estar ao redor de cavalos. Por isso enquanto Bumper e Puxão estiverem conosco, estamos a salvo.— —Tem certeza?— Julia finalmente encontrou a sua voz. Foi

uma voz muito pequena.

Maddie assentiu com confiança. —Eu tenho certeza,— ela disse. —Mas aqui está o fato. Se você não parar de choramingar e de reclamar e querer tratamento especial, eu vou deixar você aqui sozinha. E uma vez que os cavalos estão fora de vista, as criaturas das tumbas sairão atrás de você.— Julia deu um guincho choramingado de medo. Lágrimas desciam por seu rosto de novo. Mas estes não eram as mesmas lágrimas de auto piedade. Agora ela estava realmente com medo. Maddie suspirou com tristeza. Sentia-se incrivelmente culpada em usar táticas de intimidação para manter Julia andando e se desprezou por fazê-lo.

Eu não sou melhor que o Roteirista, pensou. Mas ela mesma era apenas jovem, alguns anos mais velha que Julia, e ela também estava próxima da exaustão. Com isso, ela estava no final de suas ideias para encontrar uma maneira de manter a outra garota andando. Ao longo do dia, ela implorou e persuadiu e suplicou. Mas Julia foi afundando no fundo de sua confusão de auto piedade e nada do que Maddie tinha tentado poderia motivá-lo. Ela viu que suas táticas de intimidação tinha finalmente funcionado e, com relutância, ela decidiu continuar. Poderia ser uma questão de salvar a vida da menina, depois de tudo.

—Agora é melhor você continuar,— disse ela. —É melhor você continuar caminhando. E é melhor você parar de reclamar, Ou eu vou deixar você para trás, para os zumbis. Entendeu?— Julia olhou nos olhos de Maddie. Ela não pode ver sinal de piedade lá, apenas a determinação dura para fazer o que estava ameaçando. Julia enxugou os olhos com as costas da mão e acenou com a cabeça. —Então MEXAM-sE!— Maddie gritou para ela.

Aterrorizada pelo grito e medo das criaturas dos túmulos, Julia saiu de forma inteligente, ultrapassando a linhas das crianças andando e fazendo seu caminho muito a frente. Ela ficava olhando repetidamente por seu ombro o monte de terra, como se esperasse ver formas espectrais saindo dela a qualquer momento. Mas ela continuou andando, e com energia renovada.

O menino Tim tinha sido uma audiência interessada à conversa entre Maddie e Julia. Ele deu um passo para mais perto de Maddie agora. Seus olhos estavam vermelhos de cansaço, e seu rosto estava coberto com uma fina camada de pó onde ele se instalou em sua transpiração, em seguida se secou. Mas apesar disso, ele sorriu.

—Túmulos e zumbis?— Ele disse suavemente. —Parece com uma antiga história de terror para mim.— Maddie balançou a cabeça cansada. —Ela pediu por isso.— Tim assentiu. —E ela recebeu.— Foi uma hora depois do amanhecer quando Jory Ruhl percebeu que tinha sido enganado.

Não tinha havido nenhum avistamento do camuflado, escura figura desde bem antes da primeira luz. Eles haviam ido as cegas, em direção ao sul,

procurando por outro outro vislumbre dele. Durante as horas de escuridão, eles tinham visto com frequência suficiente, para que pudessem acompanhar a direção que ele estava tomando. Ele raramente tinha sido mais de cento e cinquenta metros à frente deles, ás vezes mais perto.

Agora ele tinha desaparecido. Tinha um campo aberto diante deles, coberto com essa onipresente e longa grama, e Ruhl poderia ver por três quilômetros. Mas não havia sinal do homem que estava perseguindo.

Ruhl começou a praguejar violentamente. O homem tinha, obviamente, escorregado deles após esse avistamento final, incentivando-os a se manterem apresados em direção ao sul enquanto ele fugia em outra direção. Um de seus capangas, o homem de manto escuro que tinha acompanhado Ruhl na invasão em Willow Vale, correu.

—O que há de errado?— ele perguntou.

Ruhl se voltou para ele furioso. —Esse maldito arqueiro nos enganou!— Ele nos conduziu e em seguida voltou e outro direção, maldito seja!— O homem encapuzado olhou em volta incerto. —Você tem certeza?— ele disse, e instantaneamente sofreu a punição por duvidar de Jory Ruhl. O Ladrão balançou seu punho e atingiu o homem, o deixando cambaleando.

—É claro que eu não tenho certeza, idiota! Se eu tivesse certeza, saberia onde encontrá-lo!— ele gritou, salpicos de saliva voavam de seus lábios. Instintivamente, seu seguidor recuou. Ele tinha visto o que Ruhl poderia fazer com uma raiva como essa.

—Tudo bem, Jory, vá com calma,— ele implorou, suas mãos para cima num sinal apaziguador. Mas Ruhl estava além de qualquer calma.

—Por que estou cercado de incompetentes?— ele exigiu. —Será que nenhum de vocês pensam que ele poderia ter escapados? Será que ninguém notou que não vimos nenhum fio de seu cabelo por mais de uma hora?— E você? O homem encapuzado pensou. Mas ele era sábio o suficiente para não fazer a pergunta.

Ruhl olhou olhou ao redor e percebeu que um de seus seguidores estava faltando. Não havia sinal do Roteirista.

—E onde inferno está Victor? Aposto que ele se esquivou do acampamento e está ao redor bebendo cerveja sem fazer nada! Isso é a única coisa que o porco preguiçoso faria! Tipico! Tipico de todos vocês, seus montes de inúteis incompetentes.— Ninguém pode dizer a ele o que tinha acontecido com o Roteirista, e Ruhl atacou de cima à baixo, gritando ofensas e insultos aos seus homens, xingando-os por não perceber sua ausência, e por não perceber que sua presa tinha escorregado. Todos tinham visto como imprevisível Ruhl poderia ser nesse tipo de humor. Todo lhe deram espaço, se afastando dele. E evitaram fazer

contato visual.

Todos exceto um — um dos marinheiros ibéricos que tinham se juntado ao grupo quando La Bruja tinha deslizado na maré baixa. Ele se adiantou, encontrando o olhar de Jory constantemente.

—Jefe, eu acho que talvez fosse esteja certo,— ele disse.

Ruhl se virou para ele com um desprezo fulminante. —Oh, você acha, não é? Como você é perspicaz. E o que você propõe fazer sobre isso?— O homem deu de ombros, ignorando o sarcasmo e a raiva. —No meu país, ante de ser um marinheiro, eu era caçador.— —Bem, vamos dar três vivas para você, seu ignorante camponês ibérico!— Ruhl respondeu. Ele continuou a se virar com raiva, mas o homem levantou a voz um pouco e continuou.

—Eu era um perseguidor, um ——, ele procurou pela palavra Araluan, e encontrou —— um rastreador. Eu poderia seguir as trilhas que os animais fizeram.— Ele indicou seus pés, o chão sob eles. —E os homens,— ele adicionou.

A raiva de Ruhl se dissipou tão rapidamente como tinha começado. Ele se virou, olhando para o homem com olhos apertados.

—Você é um bom... perseguidor?— ele perguntou com cuidado. O homem deu de ombros. —Eu era o melhor na minha província— ele disse simplesmente. —Eu acho que posso encontrar onde esse homem passou.— Lentamente, muito lentamente, um sorriso começou a se ampliar no rosto de Ruhl. O homem de manto escuro sacudiu a cabeça. O sorriso era possivelmente mais desagradável do que os gritos de rosto vermelho, cuspindo de raiva que havia precedido. Não pela primeira vez, ele se encontrou querendo saber sobre as mudanças repentinas de humor de seu líder, a maneira que ele poderia ir de gritar de fúria à clama total em um piscar de olhos — e vice—versa.

Havia algo muito errado em sua mente, ele pensou.

Capítulo 50

—Eu vou ter que dar-lhes um descanso em breve,— Maddie murmurou para si mesma.

Ela acabou de fazer uma pausa de dez minutos, e as crianças afundaram cansadas e com gratidão para o chão, no lado da estrada. Maddie ajudou Rob a descer da sela. Ele agradeceu e saiu mancando para a estrada, sentando-se com cuidado para evitar sacudir a perna latejante.

Mesmo que ele estava exausto e ele foi andando o tempo todo.

Os outros ficaram em silêncio, quase catatônicos. Durante horas, eles se concentrou em colocar um pé na frente do outro, até que parecia que não havia mais nada em suas vidas. Maddie foi para soltar a pele água da sela de Bumper. De repente, o esforço parecia muito para ela e ela apoiou a cabeça contra o pelo preto e branco por alguns segundos preciosos. Suas pernas doíam. Seus pés estavam doloridos.

Houve uma bolha se formando em seu calcanhar direito e, no momento, ela poderia ir mais longe.

Por que você não anda por um tempo?

Ela olhou para cima. Bumper tinha virado a cabeça para olhar para ela. Sua grande olho castanho estava cheio de simpatia e preocupação com seu bem—estar.

Ela balançou a cabeça.

Não posso. Eu tenho que seguir em frente ou eles pensam que podem parar.

Bumper tremeu a pele e os músculos de seu ombro, como cavalos de fazer. Para Maddie, parecia suspeito como um encolher de ombros — e ela sabia que os cavalos não poderia dar de ombros. Mais uma vez, ela estendeu a mão para a pele água. Foi a menos de metade até agora, embora ela tivesse sido distribuindo-o como com moderação que conseguiu desde que tinham estado na estrada. Havia outra pele pendurados Sela de Puxão, mas ela tinha usado esse primeiro e foi praticamente vazio.

Ela tomou um gole da água com sabor de couro morna, em seguida, atirou a pele por cima do ombro e começou a se mover entre as crianças exaustas, passando a pele para eles, certificando-se que ninguém levou mais do que sua parte justa.

Ela tinha acabado de tomar a pele de volta de uma das meninas mais jovens quando Tim Stoker, que estava de pé no meio da estrada, no ponto mais alto, chamado de baixinho para ela.

—Maddie. Alguém está vindo. — Seu coração perdeu uma batida e ela

correu para ficar ao lado dele.

Ele estava protegendo os olhos com a mão direita, olhando para o sul, e ela começou a procurar na mesma direção.

Havia uma figura apenas coroando o horizonte. Essa seria a direção que ela poderia esperar Ruhl e sua gangue de vir de — se tivessem desistido da perseguição depois de Will.

Seria também a direção de onde ela poderia esperar Will.

Mas ela estava consciente de seu ensino — sempre esperar o pior e você não vai se decepcionar.

Ela olhou para as crianças. Nenhum deles, além de Tim, mostrou algum interesse na figura distante. Sentaram-se na beira da estrada, de cabeça baixa, com os cotovelos sobre os joelhos embalou.

Eles estavam no fim de suas forças, ela sabia. Se esse número na distância era um olheiro para a frente, se os homens de Ruhl eram apenas sobre o horizonte, ela nunca obtê-los se movendo rápido o suficiente para evitar a recaptura.

Ela esquadrinhou o horizonte novamente. Não havia sinal de qualquer outro homem após a primeira e a esperança começou a crescer em seu coração.

No entanto, ela soltou seu arco e aliviou a corda e sair algumas vezes para esticar seus músculos. E ela empurrou para trás a aba em sua capa que protegia suas flechas de mau tempo.

—Quem é?— Perguntou Tim.

Ela apertou os olhos, tentando ver a figura mais claramente. Ele estava nu cabeças, ela viu, e isso não era um bom sinal. Será que normalmente teria o capuz de sua capa para cima. Sua mão se moveu em um gesto automático e selecionou uma flecha de sua aljava, a pôs na corda de seu arco com facilidade praticada.

—Eu não sei—, disse ela. Mas como a figura se aproximou, ela poderia fazer mais detalhe. Ele estava carregando um arco enorme e ela podia ver as penas de um feixe de flechas visíveis acima do seu ombro direito. O nó que se formou em seu estômago começou a desvendar e, como a figura parou e acenou, segurando o arco por cima da cabeça, ela começou a rir.

—É a vontade—, disse ela, com uma enorme sensação de alívio. Ela ligou para as crianças. —É Tratado Will. Ele está aqui para levá-lo para casa! — A maioria deles foram muito esgotado para mostrar qualquer reação. Um ou dois olharam para a palavra —casa—. Mas Tim estava sorrindo para ela, o alívio evidente em seu rosto. Ele só tinha tido conhecimento de seu medo de que eles poderiam ser seguidos pelos sequestradores e ele ficou aliviado quando ela reconheceu a figura caminhando em direção a eles.

Maddie se aproximou de Tim e colocou seu braço ao redor de seus ombros magros. Ela balançou a cabeça e riu de novo. Será que estava aqui e agora que tudo ia ficar bem.

—Você fez bem para levá-los até aqui, —Will disse-lhe aprovação.

Ela encolheu os ombros. —Eu não penso assim. Ainda temos um longo caminho a percorrer. — Eles concordaram em dar os ex-cativos de um longo descanso, para ajudá-los a recuperar alguma energia. Eles fizeram uma refeição simples de pão achatado, carne defumada e frutas secas, partilhando-se entre as crianças com fome e usando todo o seu suprimento no processo.

—Nós sempre pode obter mais em Ambleton—, disse Will.

Maddie suspirou feliz. Ela estava feliz por estar livre da responsabilidade de orientar os filhos para a segurança. Será que era tão capaz, tão experiente. Tudo estava bem, agora que ele estava aqui. Ela sentiu um elevador enorme peso dos ombros quando ela se virou a responsabilidade para ele.

—Você tem certeza Ruhl e os seus homens não estão por perto? —, Ela perguntou.

Ele balançou a cabeça. —São quilômetros de distância. A última vez que vi deles, eles ainda estavam perseguindo suas caudas e em direção ao sul.

Ele mordeu um pedaço duro de carne defumada e mastigou pensativamente para amaciá-la.

—A não ser que um deles é um tracker—, acrescentou. —Mas do jeito que estavam tropeçando em torno de toda a noite, eu duvido que haja alguém entre eles que poderia seguir uma trilha. Eu tinha que me manter mostrando para que eles saibam onde eu estava. — Maddie se acomodou, o último vestígio de dúvida apagado por sua declaração confiante.

—Assim, podemos ter calma?—, Disse ela. Ele a olhou por alguns instantes.

—Podemos tomá-lo um pouco mais fácil—, ele corrigiu. —Não vale a pena tomar muito para concedido. Vamos deixar as crianças descansar por mais uma hora, em seguida, levá-los a se mover novamente. — —Jefe! Aqui! Aqui é o lugar onde ele dobrou de volta! — O Ibérica foi em um joelho, estudando o solo. Ele apontou para uma linha de depressões quase invisíveis na grama longa. Já os talos estavam começando a se recuperar e ficar de pé mais uma vez.

Ruhl mal podia ver a diferença que o olho experiente do rastreador tinha reconhecido. O Ibérica estendeu a mão para um arbusto raquítico, onde uma linha cinzenta de pano foi roubado em uma filial. No escuro, e confiante de que sua saída tinha passado despercebido, Will tinha sido um pouco descuidado.

Ruhl sorriu. Não era uma visão agradável.

—Muito bem, Enrico —, disse ele. —Mantenha-nos depois dele e haverá ouro para você quando pegá-lo.— Enrico sorriu de volta, seus dentes brancos

contra a pele oliva.

—Si, Jefe—, disse ele. —Enrico vai encontrá-lo. Apenas siga-me. — Ruhl acenou um braço e seus homens caíram em fila atrás dele. Enrico esquartejado na frente deles como um cão de caça, dobrado em dois, estudando o solo, seguindo os traços quase invisíveis que a presa tinha deixado para trás. O homem não fez nenhuma tentativa de cobrir seus rastros, o perseguidor pensava. Embora na grama longa como esta, havia pouco que ele poderia ter feito. E só um rastreador especialista teria notado os ligeiros vestígios que ele deixou.

Por um momento, ele perdeu o rasto. Então, ele pegou-a novamente. O homem tinha inclinado para a esquerda. Ele acenou para Ruhl.

—Dessa forma, Jefe. Eu tenho ele!

—Tempo para levá-los a se mover novamente,— disse Will. Eles haviam descansado pelo lado da estrada por mais de uma hora, comendo e bebendo. Maddie e Tim tinha recarregado as peles de água em um pequeno riacho que cortava sob a estrada através de um bueiro, e não houve necessidade de racionar a água mais longe.

Se eles ficaram muito mais tempo, vai fundamentado, com o calor do dia, crescendo como o sol passou seu apogeu, eles nunca levar as crianças a se mover novamente.

Como era, havia resmungos e reclamações como ele e Maddie movia entre eles, despertando-os e levá-los de volta para a estrada mais uma vez. Como antes, as menores crianças e Rob montou em Puxão e Bumper.

Enquanto eles estavam montando na estrada, um jovem rapaz que estava andando em Puxão chamou Will.

—Será Tratado, que matou o ladrão? —, Ele queria saber.

Will olhou para Maddie, uma pergunta em seus olhos.

Ela encolheu os ombros. —Eu disse a ele que estava indo para. Ele é um pouco infeliz sanguinário e quer mais detalhes. — Will virou-se para o menino, olhando para ele, onde ele sentou-se no Sela de para-choques, na frente de Rob.

—Ainda não—, disse ele, e, vendo o rosto desapontado do rapaz, acrescentou, —Mas eu pretendo. Qualquer dia.

—Posso ver?— Mais uma vez Will olhou de soslaio para Maddie.

—Eu te disse. Ele é um vampiro apropriado —, disse ela em voz baixa.

Will balançou a cabeça e olhou para o menino. —Eu não acho que seria apropriado. Mas eu vou te contar tudo sobre isso. — —Oh. . . tudo bem então. —O menino olhou adequadamente cabisbaixo.

Will balançou a cabeça, em seguida, chamou o grupo reunido na estrada. — Vamos lá, vamos nos mexer! Passe-o lá fora! — Ainda sonolento de cochilando no sol quente, eles começaram a i em direção ao norte. Será que foi até a frente

da fila, procurando os líderes com a ponta de seu arco.

—Vamos! Você pode se mover mais rápido do que isso! Mexam-se! Mexam-se! Mostrar um pouco de velocidade!

Maddie sorriu para si mesma. Eram as mesmas exortações que ele tinha usado nela quando ela estava correndo a pista de obstáculos para trás, Redmont feudo. E ele enfiou a parte traseira com seu arco mais de uma vez, também. Foi estranhamente agradável de ver outras pessoas sofrendo o mesmo tratamento.

Mas foi eficaz. As crianças gradualmente sacudiu seu torpor e começou a andar mais propositadamente no caminho. Será que mudou ao longo da linha, repetindo suas demandas por maior velocidade.

Há ainda alguns que resmungou ou queixou eram. Previsivelmente, Julia era o mais alto.

—Não é justo—, ela lamentou. —Meus pés doem. Eu tenho andado todo o dia e eu tenho uma bolha.— Ela fungou alto e artisticamente enxugou uma lágrima. Mas se ela achava que Will estaria mais inclinado a pena dela, porque ele era um homem, ela estava enganado.

—Secar os olhos, Princesa! —, Ele atacou-a. —Não há tempo para lágrimas aqui. Ou você quer que eu te deixar para trás? — Por acaso, eles estava passando uma área onde havia mais morros e corcovas no solo circundante, semelhante ao que Maddie tinha apontado para ela mais cedo. Julia deu uma olhada para eles, ficou pálido e acelerado, marchando rapidamente para a cabeça da coluna e caminhando à frente dos líderes. Será que foi um pouco intrigado com a reação dela rápido. Maddie não disse nada. Ela ainda se sentia culpado pela forma como ela tinha assustado Julia e ela pensou.

Será que poderia pensar mal dela para fazê-lo.

À medida que a tarde avançava, sua velocidade inicial e entusiasmo gradualmente drenada e Maddie e Will foram mantidos ocupados instando-os junto, exigindo maior velocidade.

—Quanto tempo podemos continuar a empurrara-los assim?— Perguntou Maddie, enquanto ela e Will ficou ao lado da estrada, observando as crianças arquivo passado. Mais uma vez, as cabeças foram para baixo e os ombros foram flacidez. —Eles parecem quase pronto dentro — Will balançou a cabeça. —Eles ainda tenho muito na reserva—, disse ele.

—Eles são todos filhos de fazenda e eles são usados para trabalho duro. O ponto é, não sentem qualquer urgência mais. Não há nenhuma ameaça para que eles vão tentar arrastar a cadeia a ter uma vida mais fácil. — —Crianças—, disse ela criticamente, sacudindo a cabeça.

Ele olhou para ela, divertindo-se com a atitude dela. Ela era apenas um ano mais velho do que o mais velho deles, pensou. Ela realmente não era muito mais

do que uma criança sozinha. No entanto, ela estava mostrando os níveis de resistência e determinação e responsabilidade que fez o seu crédito.

Não lhe ocorreu que seu comportamento também foi um testemunho da forma como ele treinou e seu respeito por ele.

—Vamos!—, Ele rugiu. —Mexam-se, você muito preguiçoso!

Aqueles mais próximos os dois Arqueiros olhou de mau humor. Mas a coluna começou a se mover um pouco mais rápido, liderado por Tim Stoker na linha de frente. Will assentiu em direção a ele com aprovação.

—Ele é um bom garoto—, disse ele e Maddie concordou.

—Ele foi uma grande ajuda antes que você apareceu, disse ela. —Ele foi o único que assumiu o roteirista quando ele conversou com a gente.— Ela disse Will os fatos nuas do confronto com os roteiristas, mas ela não tinha entrado em detalhes. Ela não queria insistir no fato de que ela o havia matado. Ou, pelo prazer selvagem que sentira na época. Tais sentimentos ainda fez vagamente desconfortável.

—Maddie! Will Tratado!

Foi Rob, sentado no Bumper. Ele virou-se para trás quando Will tinha gritado para uma maior velocidade. Agora ele estava olhando além dos dois Arqueiros, para o horizonte, ao sul.

—O que é isso, Rob? Perguntou Maddie. Mas houve uma nota estridente em sua voz que a fez temer o pior.

—Alguém está vindo—, disse ele.

Capítulo 51

ROB tinha visto pela primeira vez, a partir de sua posição ligeiramente elevada em Volta do para-choques. Mas, em poucos segundos, eles eram visíveis Maddie e Will e as outras crianças.

Para o momento em que eles eram apenas figuras escuras contra a linha do horizonte.

Maddie tentou contá-los, mas como eles se mudaram, ela perdeu a conta.

Parecia haver quase uma dúzia deles e eles estavam vindo do sul, agrupados juntos na estrada.

Um deles era um pouco à frente e ele acenou aos outros diante.

Mesmo à distância, Maddie imaginou que ele estava apontando para o pequeno grupo à frente deles.

Gritos assustados ressoou entre as crianças. Pensavam que estavam a salvo. Pior, eles haviam sido assegurado que estavam a salvo. Agora eles estavam em perigo de novo e eles olharam para Will e Maddie com desconfiança. Eles não tinham nenhuma dúvida de que os seguia.

—É o Stealer! Um deles disse, e como as palavras foram pronunciadas, os outros choramingou de medo.

—Você nos disse que ele tinha ido embora! —Esse foi um dos meninos mais velhos, e ele gritou as palavras de Will.

A Guarda encontrou seus olhos acusadores de forma constante.

—Eu pensei que ele era —, disse ele calmamente. —Aparentemente, eu estava errado.— Ele virou-se para observar os homens que perseguem, franzindo a testa enquanto ele se concentrava seu olhar sobre o homem levando-os, lembrando como ele tinha estado agachado, olhando para a estrada, quando viu pela primeira vez os traficantes de escravos.

—Parece que eu estava errado sobre eles ter um tracker muito —, disse ele em um lado para Maddie. —Parece aquele sujeito na liderança tem vindo a seguir o nosso caminho. — Maddie olhou para ele, o pânico apertando-lhe a garganta. —O que vamos fazer?—, Disse ela. Sua voz ameaçou traí-la e subir em um tremor de alta—frequência. Ela lutou contra ele, obrigando-se a manter a calma. Will estendeu a mão e tomou-lhe o pulso, apertando-a com firmeza. O contato acalmou. Ela respirou fundo e olhou-o nos olhos.

—Eu estou bem—, disse ela.

Will assentiu. —Bom. Ora aqui está o que você faz. Você corre. Coloque estas crianças correndo o mais rápido que puder. Eu vou ficar aqui e adiar Ruhl e seus capangas.

Ela olhou com medo em todo o terreno aberto que os rodeava.

—Aqui?— Ela disse com medo. —Você não pode pará-los aqui! Você tem terreno aberto em ambos os lados, sem nada para proteger seus flancos.

Eles vão flanquear você e te matar! — Ele balançou a cabeça em aprovação em sua avaliação da situação.

—Parece que você aprendeu muito sobre a julgar terreno—, disse ele.

—Mas eu não estou indo para tentar detê-los. E eu não estou planejando deixar que eles me flanquear. Eu só quero atrasá-los — embora talvez eu serei capaz de apanhar alguns deles. Então eu vou cair para trás e fazer a mesma coisa outra vez. E eu vou continuar a fazê-lo durante o tempo que for preciso para você ir embora. — Enquanto ele estava falando, ele foi até onde Puxão estava parado e soltou o caso flecha pendurado em sua sela. Ele pegou uma dúzia de flechas extras e amontoou-os em sua aljava de volta.

Puxão bufou nervosamente. Eu não gosto disso.

—Eu vou ficar bem,— disse Will baixinho. Maddie assumiu que ele estava falando com ela para tranquilizá-la.

—Deixe-me ficar com você —, disse ela impulsivamente. —Juntos, talvez possamos mantê-los fora.

Ele balançou a cabeça. —Juntos nós ainda estaríamos flanqueados. E seria duas vezes mais difícil para nós dois para escapar sem ser visto. Além disso, eu preciso de você para levar as crianças para a segurança. Se deixá-los por conta própria, eles vão desistir depois de alguns quilômetros. Você terá que levá-los, Maddie. Mantê-los em execução. Forçá-los. Ameaçá-los. Gritar com eles. Mas mantê-los funcionando.

Ele olhou para o céu, observando a posição do sol, onde ele estava começando sua jornada inclinada para baixo, a oeste.

—É de poucas horas até escurecer. Se você ainda está à frente deles ao pôr do sol, procure um bom esconderijo para fora da estrada. Deixe-os descansar por um tempo, em seguida, levá-los a correr novamente antes do amanhecer. — —Mas. . . o que acontece com o seu perseguidor? Ele vai ser capaz de nos encontrar —, disse ela.

Will levantou uma sobrancelha. —Quando eles se aproximar, ele vai ser o primeiro que eu procurar—, disse ele.

Ela olhou com medo para as figuras escuras na estrada atrás deles. Já, ela podia ver que eles estavam se aproximando.

—Eles vão matar você —, ela disse miseravelmente, com lágrimas nos olhos.

Will balançou a cabeça.

—Ninguém fez isso ainda—, disse ele. —E muito ter tentado. Agora vai

chegar! —

Ele estalou as três últimas palavras para ela, galvanizando-a em ação.

Ela estendeu a mão e tocou-lhe o braço e ele acenou para ela.

Então ela virou-se, gritando para as crianças.

—Vamos! Corra! Corram por suas vidas! — As crianças se virou e começou a correr. Inevitavelmente, o mais velho foi à frente, afastando-se dos filhos menores. Apenas um voltou. Era o menino nas costas de para-choques, na frente de Rob. Ele tomou as rédeas e segurou Bumper ainda por um momento.

—Posso ficar e assistir Tratado vai matar o Stealer?—, Perguntou ele.

—Não! Agora vai chegar! —Maddie gritou com ele. —Corra! Corra! — Relutante, o garoto liberado as rédeas e virou Bumper, trotar ao longo da estrada, ultrapassando as crianças que tinham começado já em execução.

—Pelo menos alguém tem fé em mim,— disse Will, com o fantasma de um sorriso. Ele olhou para trás para ver os homens de Ruhl começa a espalhar-se em uma longa fila, de cada lado da estrada. Ele acenou com a cabeça para si mesmo. Maddie tinha razão. Com terreno aberto em ambos os lados, eles iriam tentar flanquear ele, e havia pouco que pudesse fazer sobre isso.

Contou-os. Havia onze homens na linha. A maioria deles eram agora a cintura na grama longa. Dois permaneceu na própria estrada. Isso seria Jory Ruhl e o rastreador, ele pensou, perguntando à toa que o tracker tinha vindo. Aqueles dois ainda estavam totalmente expostos na estrada e por um momento ele estava tentado a experimentar um tiro longo de Ruhl. Afinal, o traficante de escravos não tinha ideia de que ele estava enfrentando e ele não estaria esperando o tipo de precisão fantástica com que um Arqueiro poderia lançar suas flechas.

Então, com relutância, ele descartou a idéia. Sua primeira ordem de negócio era se livrar do rastreador, para dar Maddie e as crianças uma melhor chance de escapar. Sua própria vingança pessoal teria que esperar — embora não muito longo.

Calmamente, sem pressa, tirou uma flecha da aljava. Ele inspecionou-o para falhas, embora ele sabia que não haveria nenhum, e mirou para a cadeia.

Ele virou-se de lado em diante, o arco enorme pronto, mas ainda não utilizado como, enquanto ele observava as pequenas figuras se aproximando na estrada.

Os homens de cada lado estavam fazendo clima mais pesado do mesmo, empurrando através da grama na altura da cintura, e Ruhl e seu perseguidor tinha involuntariamente ficou à frente deles. Eles estavam dentro do alvo agora, mas Will esperou um pouco mais. Ele raramente perdeu, mas ele queria ter certeza de este tiro. Mentalmente, ele revisou suas ações.

Draw, visão, release. Então, quando ele sabia que o tiro ia acertar o alvo — e geralmente ele poderia dizer nos primeiros segundos — ele perderia uma segunda seta no Ruhl.

—Vamos lá—, ele murmurou. —Só mais alguns metros. — E então ele estava pronto. O arco veio até a posição de disparo.

Ele viu a imagem de observação, que incluiu a elevação do arco, a linha da seta e o alvo minúsculo, centenas de metros de distância. Ele sentiu seu toque dedo indicador contra o canto de sua boca quando ele recuou contra a força de oitenta e cinco quilos de madeira de teixo, sentiu a pressão intensa da corda grossa contra as pontas dos dedos reforçados enluvadas.

Com uma parte separada de sua mente, ele viu a figura na parada de estrada, como se sentisse perigo iminente. Muito tarde.

Ele lançou a flecha atirou longe do arco. No momento em que depois de lançar, ele sabia que era um bom tiro. Sua mão encontrou automaticamente outra flecha, pegou e mirou. O arco veio e ele mudou seu objetivo de Jory Ruhl, avistado e liberado novamente.

Ruhl tornou-se consciente de que ele estava à frente da linha de homens que avançavam. Ele hesitou, chamando para Enrico parar. Enquanto o fazia, ele ouviu um som de assobio, então um baque feio.

Enrico soltou um grito de surpresa e dor e jogou fora os dois braços, cambaleando para trás sob o impacto do eixo excesso de velocidade. Então ele caiu de costas, com os olhos cegos olhando para o céu.

Naquela fração de segundo, Ruhl percebeu que apenas um tipo de arqueiro poderia ter puxado para fora que o tiro e ele reconheceu a importância do escuro manto encapuzado o arqueiro usava.

—A Arqueiro! —, Ele gritou. E ao mesmo tempo, ele percebeu que ele seria o próximo alvo. Jogou-se apartamento na estrada, sentindo e ouvindo o silvo da seta que passou logo em cima de bater na terra batida atrás dele.

Agarrando a besta em seu corpo, ele rolou a curvatura da estrada, na grama longa.

Will viu Ruhl cair plana para a estrada uma fração de segundo antes que a flecha clivada no ar, onde ele estava de pé. Ele amaldiçoou amargamente.

Ruhl tinha rolado para fora da estrada na grama. Não havia nenhum sinal dele. Mas Will sabia que o tiro tinha perdido.

Olhou para a direita. Os homens no outro extremo da linha estava trabalhando o seu caminho para chegar por trás dele, movendo-se em um longo arco que os manteve na faixa de mira extremo. À esquerda, a mesma coisa estava acontecendo.

Ele franziu os lábios, pensativo. Se ele pudesse colocar uma seta em um deles, que diminuiria as probabilidades. Mesmo se ele errou e a flecha passou perto, seria retardar o homem para baixo.

Ele desenhou, com visão e tiro. A seta se arqueou de distância. Poucos segundos depois, o traficante de escravos caiu na grama na altura da cintura e desapareceu. Será que não tinha idéia ou não, ele tinha batido nele. Ele achava que não. Mas, agora, o homem teve que se mudar de mãos e joelhos, e ele era enxergar. Isso deve atrasá-lo.

Ele balançou suavemente para a esquerda, desenho e mirou uma seta como ele fez isso.

Seu alvo não estava correndo, na esperança de que sua velocidade e a distância entre eles iria colocar a vontade de apontar fora. De Will lábios se curvaram ligeiramente. Ele desenhou e tiro. As duas ações foram quase casual, como se tivesse tomado dificilmente objetivo. Mas, como a seta acelerou em seu caminho, ele sabia que iria bater a sua marca.

Ele perdeu a visão de que, eventualmente, em seguida, ouviu um breve grito e viu o traficante de escravos do lado esquerdo da linha de embreagem ambas as mãos em sua garganta, em seguida, cair.

—Ou seja, dois já foram—, disse ele a si mesmo. Então ele viu movimento à direita em sua visão periférica. O traficante de escravos que havia instalado e funcionando.

Mas pelo tempo que Will tinha a mão outra flecha, ele caiu de bruços na grama novamente, desaparecendo de vista.

Will franziu a testa. A grama estava fazendo disparar difícil. Se tivessem sido em solo claro, com a baba escondido atrás de um tronco ou uma pedra, ele poderia ter tentado um tiro influência — com o objetivo alto no céu para deixar a seta mergulhar para baixo quase verticalmente sobre o alvo. Mas a grama inexpressivo tornou difícil julgar a distância.

E ele nunca mais veria o eventual ponto que o hit seta.

Alguns sexto sentido avisou do perigo e voltou-se para o centro da linha, onde três homens foram avançando em uma corrida.

Ele quebrou uma flecha, perdeu como o homem que ele tinha como alvo evitou inesperadamente. Quase imediatamente, ele tinha um outro eixo no caminho. Desta vez, houve um grito e o homem cambaleou para trás como a seta pesado bater nele. Mas então ele se levantou novamente e se aproximou. O tiro tinha lhe ferido, não mais.

Não havia tempo para tentar novamente. O homem para fora, à direita foi instalado e funcionando e ele já tinha ultrapassado a posição de Will. Will

hesitou, olhou para a esquerda e vi um outro tinha tomado o lugar do flanco esquerdo. Ele também estava funcionando, então ele caiu na grama e perdeu a visão.

—Time eu não estava aqui —, Will murmurou. Ele olhou para o norte. Maddie e as crianças foram desaparecendo ao longo do horizonte distante. Eram vários quilómetros de distância, o que lhe deu um pouco de espaço para se movimentar.

Ele virou-se e correu a toda velocidade pela estrada, parando depois de cento e cinquenta metros de jogar o jogo de novo. Ele tinha uma sensação de que era um jogo perdido, mas ele planejava girá-lo o máximo de tempo que podia. E se ele pudesse enfurecer Ruhl suficientemente, talvez o traficante de escravos pode esquecer recapturar as crianças.

Sua sede de vingança sobre Will poderia deixá-los escapar.

Ele parou e virou-se para enfrentar o inimigo. Três tiros. Uma esquerda, uma direita, um pouco à esquerda do centro.

Os dois primeiros não fez mais do que assustar, enviando-os de mergulho para cobrir mais uma vez. O terceiro atingido capanga de Ruhl em cheio no pescoço. Ele olhou com os olhos arregalados no eixo de penas que se projetava abaixo do queixo, olhou para Ruhl, encolhido na grama alta, e tentou falar.

O único som que ele poderia fazer era um murmúrio de asfixia. Em seguida, as pernas desmoronou sob ele e ele caiu por terra.

Será que o viu cair.

Estou melhorando as probabilidades, ele pensou. Mas eu não vou fazer isso rápido o suficiente.

Eles estavam correndo esquerda e direita agora, mas antes que ele pudesse reagir, eles tinham ido para a terra na grama longa novamente. Os homens no meio da linha estavam avançando mais lentamente, mantendo-se baixa e sob a tampa. Mas as coisas estavam ficando fora de controle, como os homens de cada lado da linha estendida passou por posição de Will. Ele teve que fixá-los para baixo. Sua mão roçou as pontas de penas das flechas em sua aljava que ele avaliou como muitos que lhe restava. Havia cerca de uma dúzia, talvez um ou dois mais.

Ele decidiu que talvez seja hora de sacrificar a precisão de volume.

Os flancos da esquerda foram novamente e soltou três flechas contra eles em rápida sucessão. Então ele girou nos calcanhares e deixou outros três vão na direção geral dos homens sobre o flanco direito. Com chance, um deles ficou de pé, assim como a primeira flecha bateu no chão, vários metros dele. Ele prontamente cai de volta na tampa, gritando um aviso aos seus companheiros.

Will verificado o flanco esquerdo novamente. O vôlei rápida súbita tinha tido

o efeito desejado. Os homens lá estavam nervosos sobre comprometendo-se novamente muito em breve.

Ele acenou com a cabeça, satisfeito. —Passar—, disse ele e saiu correndo pela estrada novamente.

Encolhido na grama longa ao lado da estrada, Jory Ruhl olhou para o corpo ainda de seu capanga. Eles estavam juntos há dois anos, e se Ruhl poderia ser dito de ter um amigo, este homem tinha sido um. Olhando para a seta cinza alojada em sua garganta, Ruhl tentou lembrar quantos Arqueiro tinha disparado até o momento. Ele havia sido o disparo a uma taxa prodigiosa. Mais cedo ou mais tarde, ele deve ficar sem flechas.

Ficar para baixo e fora de vista, ele gritou para os que o rodeiam.

—Eu quero que o homem vivo! Não matá-lo. Leve-o vivo!

Capítulo 52

O sol tinha-se ocultado sob o horizonte ocidental e ao anoitecer estava passando por toda a paisagem. Maddie andava adiante, pastoreando as crianças à sua frente. Ela tinha desistido há um longo tempo de tentar mantê-los correndo. Eles não podiam fazê-lo. Ela riu sarcasticamente como ela tinha pensado. Ela não podia fazê-lo, e muito menos eles. Ela procurou, contando-os. Ela tinha desenvolvido um medo mórbido que um deles cairia para fora, caindo sobre a grama ao redor da estrada, e ela não notaria. Todos eles estão aqui, ela pensava. Depois ela hesitou. Ela tinha contado dez, ou nove? Sua mente estava brincando com ela, ela percebeu. Ela estava muito exausta para pensar direito. E se ela foi de uma maneira tão ruim, como estava dirigindo as crianças? Ela relembrou as palavras do Will: —Se você ainda estiver adiante deles ao pôr do sol, procure por um bom esconderijo fora da estrada—.

Mais fácil falar do que fazer, ela pensou. Onde eles poderiam se esconder neste país aberto? Ela virou e olhou para a estrada atrás deles. Lá não tinha qualquer sinal de perseguição. Também não havia sinal do Will. Seus olhos se enchiam de lágrimas quando ela relembrava como ela o havia deixado enfrentar Ruhl e seus homens sozinho. — Eu deveria ficar com você, — ela disse suavemente, apesar de ela saber que ele nunca teria permitido que ela fizesse isso. No olho da sua mente, ela podia ver os escravistas espalharem-se numa longa linha para cercar Will, possivelmente esperando até seu suplemento de flechas estar esgotado então se aproximariam e matariam ele.

Ou seria tão simples como isso, perguntou-se. Pelo que a criança tinha falado com ela, Jory Ruhl seria capaz de atos selvagens de vingança contra aqueles que ele pensou o ter frustrado. E Will tinha certamente feito isto. Possivelmente eles teriam torturado Will antes de mata-lo. Poderia eles então ainda estarem fazendo.

Ela olhou para ele à esquerda e viu as pequenas linhas de penhascos ela notara quando eles passaram pela primeira vez este caminho. Ela parou, tentando forçar sua mente a pensar claramente. Ela tinha notado algo sobre esses penhascos, mas o que seria isto? Isto poderia ser sobre a instrução de Will para ela — algo sobre o esconderijo. Ela percebeu que estava bamboleando de exaustão. As crianças haviam parado também. Muitos deles se afundaram na estrada e imediatamente caíram no sono na terra batida e cascalho fino. Puxão e Bumper pararam no lugar, olhando para ela curiosamente esperando instruções.

Os penhascos. Esconderijo após o pôr—do-sol. O que foi isto? Depois ela relembrou. Ela tinha visto o que parecia ser cavernas na base dos penhascos. Cavernas e rochas caídas onde eles poderiam se esconder e procurar abrigo e

descanso para o resto da noite. No escuro eles estariam invisíveis se Ruhl e seus homens passassem pela estrada.

De repente, ela estava reenergizada e caminhou entre as crianças, agitando e estimulando aqueles que tinham se deitado.

—Levante-se! Acorde! Nós temos que sair da estrada! — Ela gritou para eles. Previsivelmente, Julia tinha sido um daqueles a entrar em colapso e cair dormindo. Ela choramingou quando Maddie cutucou-a por trás com a ponta do seu arco.

—Pare com isto! Isto dói! Deixe me em paz! — —Vai doer mais se eu usar uma flecha, — Maddie disse a ela severamente. —Agora levante-se! — Ela enfatizou a ordem chutando Julia levemente na lateral do joelho — não o suficiente para prejudicá-la, somente para causar dor. Julia berrou em protesto. Mas ela começou andar, como os outros fizeram.

Maddie apontou para a linha de penhascos. —Tem cavernas lá e nelas poderemos passar a noite— ela disse. —Você poderá dormir o quanto quiser uma vez que nós chegarmos lá. Mas por agora você deve fazer um último esforço. Agora vamos lá! — Ela começou a sair da estrada e eles cambalearam atrás dela. De repente consciente de que o rastreador de Ruhl ainda poderia estar vivo, ela parou. Dez deles caminhando um atrás do outro deixaria uma inconfundível trilha no meio da grama, visível mesmo no escuro.

—Espalhem-se— ela falou para eles. —Não andem todos atrás de mim. Espalhem-se para os lados. — Eles obedeceram entorpecidos. A promessa de que poderiam descansar em breve levaram-nos para um último esforço e eles abriram caminho através da grama para a linha escura de penhascos, tropeçando, caindo ocasionalmente de corpo inteiro, mas de alguma forma conseguiram forças para continuar.

Finalmente, eles chegaram no abrigo de rochas caídas ao pé dos penhascos. Maddie tinha escolhido uma abertura na face de um penhasco — um largo buraco que prometia ser a entrada para uma considerável caverna. Mas isto acabou sendo nada mais que uma depressão, com não mais que dois metros de profundidade. Ela teve um momento de pânico. O que faria se todas essas entradas de cavernas provassem ser parecidas com esta última? Ela tentou outra e ficou igualmente desapontada. A caverna tinha apenas quatro metros de profundidade e era muito estreita. Não havia nenhuma sala para dez crianças, dois cavalos, e um aprendiz de Arqueiro esgotada.

Ela inspecionou outras três com resultados similares. Curiosamente, foi um dos menores buracos que provou ser a escolha correta. Era pouco mais que uma estreita fenda na base do penhasco com pouco mais de dois metros de altura. Mas dentro, este abria-se para um espaço largo e alto. O chão estava coberto de

areia macia e havia espaço para todos eles. Bumper e Puxão tiveram dificuldade e demoraram para se espremer e passar pela entrada, mas eles conseguiram fazer isso. Maddie olhou ao redor e ficou satisfeita. Lá ainda tinha a chance de os perseguidores, caso houvesse algum, após terem verificado as entradas maiores, ignorassem esta abertura insignificante completamente.

—Sinto muito não temos nada para comer—, ela disse. Então ela percebeu que estava falando para si mesma. Seus companheiros não estavam interessados em comida. Cada um deles tinha escolhido um lugar e já estavam esparramados na areia macia, e dormiam já que estavam completamente esgotados.

—Acho que eu deveria estabelecer uma vigilância—, disse ela, sabendo que não haveria ninguém exceto ela mesma para manter a guarda. Bumper bufou para ela. Dormir. Eles vão alertá-la se alguém estiver chegando.

—Eu suponho que você vai conseguir Will—, ela disse. Ela tirou a capa, dobrou-a e usou-a como travesseiro. Ela deitou-se na areia e suspirou satisfeita. Antes que o suspiro tivesse morrido, ela já estava dormindo.

Não havia mais flechas. Will observou que os homens que o rodeavam começaram a se mover mais perto, tornando-se gradualmente mais ousados quando perceberam que ele não poderia mais atirar — que ele não tinha mais nada para atirar. Ele balançou a cabeça desesperadamente. Ele jogou o jogo o máximo de tempo que ele poderia, na esperança de dar a Maddie tempo suficiente para fugir. Agora isto estava acabado, ele desconhecia o caminho que deveria seguir. Eles tinham franqueado Will, depois começaram a se aproximar por todos os lados. Ele mantê-los—ia na baía tão longe quanto pode, atirando neles sempre que via a chance de fazê-lo. E agora lá estavam oito homens ao redor dele, aproximando-se lentamente. Dois deles tinham feridas de flechas, mas eles ainda capazes de lutar. Tudo que ainda lhe restava era sua bandola e a faca de arremesso.

Ele enfiou seu arco para dentro do laço de couro na parte de trás da bota, e então inclinou para a frente e usando o corpo e os músculos das costas tirou a corda do arco. Ele havia criado o próprio arco e foi um dos melhores que ele já tinha feito. De alguma maneira, ele não queria que uma arma tão boa caísse nas mãos de traficantes de escravos. Ele jogou o arco longe, na grama longa. Ruhl estava de frente para ele, a menos de cinquenta metros de distância. Ele poderia decifrar as características do outro homem no crepúsculo, podia ver a raiva lá e também o ódio.

Chega um pouco mais perto, Jory, ele pensou. Sua mão pairou sobre a faca de arremesso na bainha. Todos os homens ao redor dele carregavam lanças e um deles tinha uma besta apontada para ele. Ruhl, consciente de suas limitações

como atirador, passara a besta para outro. Sua própria arma de longa distância era o dardo, e ele tinha três lanças de luz em um tubo de couro na sua costa. A espada estava na sua mão quando ele se aproximou.

Somente no passo seguinte, Will pensou. Seus músculos estavam tensos enquanto se preparava para puxar faca de arremesso e enviá-la girando no coração de Ruhl.

Ele ouviu um leve ruído atrás dele. Algo estalou passando por seus olhos e de repente um laço de corda apertou-se em torno de seus braços, fixando em torno de seus cotovelos. Ele virou-se, furioso por ter esperado muito tempo e a chance para matar Ruhl tinha passado. O Stealer riu, adivinhando o que estava se passando na mente de Will.

—Bom trabalho, Anselmo—, ele disse. O iberiano rapidamente lançou mais voltas de corda ao redor dos braços de Will, puxando-os firmemente. —Você matou meu amigo—, ele rosnou, enquanto se movia ao redor na frente de Will, empurrando seu rosto barbudo perto do Arqueiro. Will levantou uma sobrancelha com ironia. —Fico feliz em ouvir isso—, disse ele. —Pena que eu senti sua falta.— Sem aviso, Anselmo virou a cabaça para frente e deu uma cabeçada no rosto de Will. Will cambaleou, incapaz de recuperar o equilíbrio com os seus braços amarrados, e caiu no campo. Ruhl adiantou-se rapidamente, visando um pontapé para ele enquanto ele estava indefeso. Então ele estendeu a mão, agarrou a frente de sua jaqueta e puxou-o mais ou menos a seus pés. Eles enfrentaram-se um ao outro durante vários segundos.

—E desculpe-me duplamente eu senti sua falta—, Will disse. O rosto de Ruhl contorceu-se de raiva e ele recuou o punho para bater em Will. O Arqueiro encarou-o com calma, esperando o golpe. Mas Ruhl hesitou franzindo a testa enquanto olhava para o rosto barbudo na frente dele. — Eu conheço você —, ele disse.

Ele buscou em sua memória, tentando relembrar onde ele tinha visto aquele rosto antes. A recordação chegou para ele. Ele tinha estado em um bote — um barco movido a remo — deslizando para a outra margem do rio. E este homem tinham estado de frente para ele, apenas cinco metros de distância. —Você é Will Tratado—, ele disse suavemente. Então, com raiva do arqueiro, ele continuou. —Você era um dos que mataram ou capturaram meus homens. Você tinha nos perseguido em todo o país e destruiu meus negócios. Agora você está tentando fazer isto novamente. O que eu fiz para você, por quê isto? — —Você matou minha esposa—, Will falou para ele. Sua voz estava sem emoção, mas seus olhos estavam frios como pedra. Ruhl acenou com a cabeça, lembrando, compreendendo.

—Sim. A diplomata, não era ela? Bem, na verdade, como eu lembro, ela isto

para si mesma.

Correu de volta para a pousada que estava queimando e ficou presa, menina boba. Eu não fiz isso. Ela o fez. — —Você foi o responsável—, Will falou. Ruhl inclinou a cabeça, considerando a acusação. —Bem, eu suponho algumas pessoas podem colocar dessa maneira. Mas é tudo água sob a ponte, agora, não é? Ou devo dizer, fumo sobre a pousada?

Ele riu. Ele estudou Will cuidadosamente, procurando sinais de uma explosão de raiva. Em vez disso, ele só ódio naqueles gelados olhos marrons. — Eu vou matar você, Ruhl. Eu penso que você deve saber. — Ruhl sorriu para ele, balançando a cabeça. —É bom você me avisar, mas eu não acho que você fará. — Ele apontou para a corda amarrada ao redor dos braços e do corpo de Will. — Afinal de contas você está um pouco desamparado, não está? — —Vou tratar disso. Acredite em mim—, Will falou para ele. Mas novamente o Stealer balançou a cabeça ironicamente.

—Eu acredito que você quer. Eu acredito que você faria se eu te desse a chance. Mas Eu não vou fazer isso. Eu vou fazer uma coisa completamente diferente. — Ele apontou para o iberiano que tinha segurado Will. —Amarre-o corretamente Anselmo. Certifique-se de que ele não pode fugir. Depois traga-o de volta para o acampamento—.

Ele esperou até que o marinheiro tivesse habilmente amarrado Will, fixando seus braços e pulsos, e amarrando os tornozelos juntos, deixando um pedaço curto de corda entre eles, para que o Arqueiro só conseguisse andar mancando sem jeito. Will tentou os nós, testando a força de seus braços e pulsos contra eles. Mas a corda era nova e o marinheiro iberiano sabia fazer seu trabalho. Will não poderia movê-las um centímetro. Ruhl ficou para trás, observando o processo com um sorriso satisfeito. Depois, como Will ficou em silêncio, ele se aproximou de novo.

—Você não quer saber o que eu planejo fazer com você? — Ele perguntou. Will encolheu os ombros. —Na verdade não—. —Bem, eu vou te falar de qualquer forma. Em memória da sua amada esposa, eu acho que vou queimá-lo até a morte. —

Capítulo 53

O ronco baixo de Bumper deixou Maddie acordada.

Ela tinha dormido por duas horas — um sono profundo e satisfatório — e ela sentia-se refrescada e revitalizada. Mas o som de aviso de Bumper alcançou através dos véus do sono e alertou sua mente consciente. Ela acordou com um sobressalto, sentindo uma súbita onda de alarme.

Bumper e Puxão estavam ambos virados para a estreita entrada da caverna. Suas orelhas foram picadas o peito e músculos dos ombros de Bumper estavam tremendo em espasmos de advertência. Eles tinham ouvido ou sentido algo.

Ela se levantou, deu um tapinha em ambos sussurrou para eles irem relaxar. Depois ela se moveu para a entrada e olhou cuidadosamente em torno da borda. Ela não podia ver ou ouvir ninguém próximo. Encorajada, ela pulou para fora e moveu-se em direção a pedra larga, caindo atrás dela então ela examinou o terreno circundante.

Havia dois homens na estrada. Eles estavam um pouco além do ponto onde ela tinha levado as crianças da estrada para as cavernas, então eles obviamente não tinham visto nenhum sinal do que ela tinha feito. Ela de repente agradeceu seu instinto de fazer as crianças se espalharem. Mesmo alguém que não fosse um bom rastreador teria visto a faixa profunda que seria na grama se tivessem se movido em um grupo coeso. Ela não tinha dúvida de que o homem podia ser e seu coração afundou. Se eles tinham chegado tão longe, isso significava que Will tinha sido capturado. Caso contrário ele nunca teria deixado-os passar. Ele estava provavelmente deitado morto atrás de algum lugar ao longo da estrada. Seus olhos se encheram de lágrimas mas ela sacudiu-os longe, com raiva. Se fosse esse o caso, ela queria saber. Ela esperaria até ter certeza. E se ele estivesse morto, ela teria sua vingança contra Ruhl e sua gangue — começando os dois que estavam na estrada.

Eles tinham pausado hesitantes, olhando para a estrada no norte, não vendo sinal dos fugitivos. Ela podia ouvir o murmúrio fraco de suas vozes. Eles olharam em torno da área circundante e ela forçou a si mesma para permanecer ainda. O movimento poderia entregar sua posição. Como estava, ela era apenas outro monte escuro entre as rochas. As vozes dos homens foram levantadas quando eles começaram a discutir. Ela ainda não conseguia distinguir as palavras, mas os gestos e linguagem corporal eram inconfundíveis. Um deles mantinha-se gesticulando para o norte. Obviamente ele pensava que eles deveriam continuar. O outro levantou os braços em desgosto e se voltou para o sul, começando a refazer os seus passos. Seu companheiro gritou com raiva para

ele. Depois, com um encolher de ombros de resignação, ele seguiu o exemplo do outro. Eles ainda estavam discutindo sobre como voltariam para Hawksbead Bay.

Maddie esperou até que estivessem fora de vista, em seguida, correu de volta para dentro da caverna. Ela hesitou, pesando suas escolhas. Todos os seus instintos estavam falando para ela ir atrás de Will, para ver se ele estava vivo e se precisava de ajuda. Mas se ela fizesse, ela deveria abandonar as crianças.

Ela caminhou pelo chão de areia da caverna durante vários minutos, dividida por uma indecisão.

Ela sabia que Will dir-lhe—ia que colocou sua responsabilidade para com as crianças. Mas ela não poderia fazer a si mesma concordar com ele. Este era Will, seu padrinho, seu mentor. Ela pensou sobre as horas que eles passaram juntos na floresta ao redor de Redmont, as horas de instrução, paciente, e calmo, e seu prazer em silêncio quando ela conseguia fazer uma tarefa que ela tinha criado para ela. E ela sabia que não poderia abandoná-lo. Mesmo se ele estivesse morto, ela tinha que saber o que tinha acontecido com ele — e se ela abandonasse-o agora, ela nunca poderia descobrir. Sua decisão estava tomada, ela olhou ao redor para Tim Stoker e viu-o dormindo profundamente pela parede da caverna. Seus olhos voaram bem abertos e ela podia ver o alarme instantâneo neles. —Está tudo bem—, disse ela. —É a Maddie—.

O pânico nele morreu e ele arqueou seus olhos sonolentos para baixo. —Que horas são? Ela perguntou. Maddie encolheu os ombros. Ela não tinha ideia da hora exata. —Ainda é noite—, ela disse. —Eu quero que você se encarregue daqui. Eu vou voltar para encontrar Will. — —O que aconteceu com ele? — Ele perguntou. A tensão estava de volta em seu corpo e era evidente em sua voz. Ela balançou a cabeça. —Eu não sei. O Stealer pode ter feito alguma coisa a ele. — Ela não quis dizer que ele poderia estar morto. Ela temia que dizer poderia torna-lo real.

Tim olhou ao redor para as crianças dormindo. A caverna estava escura e quieta, somente com um ocasional murmúrio de um dos ex-cativos quando eles sacudiam-se em seu sono.

—Eu deveria acordá-los? — Ele perguntou mas ela novamente balançou a cabeça. —Deixe eles dormirem. Volte para o sono você também. Você está seguro aqui. Vou estar de volta para você amanhã, quando eu encontrar Will. Ele notou incerteza. Sentia-se seguro e protegido, enquanto ela estava ao redor. Sem ela, ele sabia que todos eles estavam vulneráveis. Ela deu um tapinha encorajador no ombro. —Apenas relaxe. Você ficará bem. — —Se você diz então—, ele respondeu. Mas sua voz falou para ela que ele não acreditava realmente nisto.

Ela vestiu a capa e verificou suas armas, em seguida, levou ambos os cavalos para fora através da abertura estreita. Ela deixou-os sem sela. Era mais fácil para eles passarem pela passagem estreita na racha dessa forma. Uma vez em campo aberto, ela selou os dois. Ela atou as rédeas de Puxão em volta do pescoço de modo que não poderia pendurar até derrubá-lo, em seguida, virou-se na sela de Bumper.

—Puxão, segue-me—, ela ordenou e o pequeno cavalo cinza sacudiu a cabeça obedientemente. Ela tocou em Bumper com os calcanhares e galopou lentamente pelo campo aberto para a estrada. Ela andou a cavalo para a superfície elevada e olhou para o sul. Não havia nenhum sinal dos dois homens mas ela não queria vir sobre eles inesperadamente assim ela segurou Bumper para baixo para uma caminhada, se movendo em suas trilhas.

Eles haviam se movido por vinte minutos, quando ela pegou a visão do luar brilhando em alguma coisa na longa grama pelo lado da estrada. Ela desmontou e caminhou pelo campo para verificar. Era o arco de Will. O feixe de luz na superfície da madeira tinha chamado sua atenção senão ela nunca o teria visto. Seu espírito caiu. Ruhl e seus homens obviamente tinham capturado Will aqui.

Provavelmente, como ela tinha suposto mais cedo, ele tinha esgotado seu suplemento de flechas e jogou arco para um lado para que eles não ficarem com o arco. Ela pegou-o, mexendo-o em suas mãos, correndo tristemente o dedo ao longo da superfície lisa da madeira. Ela olhou ao redor mas não havia nenhum sinal de seu corpo e ela começou a sentir um raio de esperança. Talvez eles o tenham feito prisioneiro. Talvez ele ainda esteja vivo. Ela correu de volta para os cavalos, deixando o arco de Will no compartimento para flechas atrás da sela de Puxão, e montou Bumper. Ela removeu seu próprio arco e fez com que a aba de sua capa que cobria as flechas ficasse aberta. Ela não se importava agora se ela pegava os dois sequestradores na estrada à sua frente. Na verdade, ela estava com esperança de que faria.

Ela cutucou Bumper para frente e ele respondeu imediatamente, caminhando em um galope, e ele parecia voar ao longo da estrada, seus cascos mal parecendo fazer contato com a superfície dura embaixo. Puxão, sem cavaleiro para sobrecarrega-lo, manteve o passo facilmente, a poucos metro atrás e para o lado.

Lá em cima, a lua irradiava a sua luz sobre eles, então a estrada parecia uma fita pálida correndo sobre a grama. Os dois pequenos cavalos galoparam, caminhando em perfeita harmonia para eles o som parecia o de uma corrida de cavalos, e não de dois.

Cinco minutos depois, na crista de uma pequena colina ela os dois escravagistas a frente deles. A colina tinha mascarado o som do martelar de cascos, mas agora os homens ouviam-nos e estavam em pânico ao encará-la.

Eles estavam aos duzentos metros de distância e ela incitou Bumper a correr mais rápido, puxando as rédeas e guiando-o com joelhos, e depois pegou uma flecha atrás dela. O homem à direita tinha uma besta. Ele levantou, com o objetivo de atingi-la.

Ela esperou um segundo ou dois, deixando seu alvo constante, então cutucou Bumper, instando-o para a esquerda, em seguida, um segundo depois, novamente à direita. A dupla jornada de direção fez o truque. O homem entrou em pânico, corrigiu e emperrou a alavanca do gatilho rápido demais enquanto tentava mantê-la em sua mira.

Ela ouviu um zumbido como o de uma vespa com raiva passando a sua esquerda. Em seguida, ela se levantou em seus estribos, atraindo flechas de volta. Ela tocou Bumper levemente com seu calcanhar direito e ele moveu-se um pouco para a direita, como ele havia sido treinado, deixando ela com um tiro certeiro para a frente. A oitenta metros, ela lançou, esperando a fração de segundo em que todas as quatro patas de Bumper estavam acima do solo. O arco zumbia e ela viu a velocidade da flecha indo para o seu alvo. O besteiro estava se esforçando para voltar a engatilhar a arma quando a seta o atingiu. Ele deixou cair a besta e cambaleou alguns passos, antes de cair de bruços na estrada. Seu companheiro olhou para ele com horror. Então ele começou a correr em direção a ela levando o braço atrás para pegar a lança de arremesso que ele carregava nas costas.

Calmamente, sem pressa, ela recarregou e disparou de novo. Seu arco era mais leve do que o de Will, e não tinha o mesmo impressionante poder de alcance. Mas o homem deixou cair a lança e parou em seu caminho, olhando com horror para a flecha no seu lado. Ele apertou a ferida e caiu de joelhos, dobrando-se. Ele estava chorando de dor quando Maddie passou por ele a galope, deixando-o para trás em um redemoinho de poeira.

Ela não puxou as rédeas até que estivesse a trezentos metros dos topos dos penhascos em Hawkshead Bay. Em seguida, ela aliviou os cavalos diminuindo o ritmo para um trote, indo para fora da estrada para que os sons de seus cascos fossem abafados pela grama grossa. A uma distância de cem metros, ela desceu da sela enquanto Bumper ainda estava se movendo. Sinalizando para os dois cavalos manterem-se firme, ela se agachou e correu para a beira do penhasco, caindo para as mãos e os joelhos nos últimos metros rastejando, para a frente, com medo do que ela poderia ver.

Capítulo 54

WILL ESTAVA AMARRADO a uma estaca grossa, fixado firmemente na areia grossa da praia.

A estaca tinha sido um dos suportes para o refeitório, mas os soldados de Ruhl tiveram de arrancá-lo, depois replantá-lo profundamente na areia, no interior das tendas. As mãos de Will tinham sido arrastadas por trás da estaca e amarradas firmemente lá. Seus pés tinham sido amarrados na altura dos tornozelos, e amarrada na parte inferior do poste. Finalmente,a terceira corda tinha sido amarrada à seu pescoço e ao poste, mantendo ele em pé.

Por volta de seus pés, e chegando a seus joelhos, os traficantes de escravos tinha colocado uma grande pilha de gravetos. Já era palha seca, mas Ruhl tinha encharcado em óleo para garantir que iria queimar instantaneamente e ferozmente. O cheiro de fechar garganta de óleo queimado chegou as narinas de Will, fazendo-o querer tossir. Ele resistiu a vontade não querendo dar à Ruhl qualquer satisfação.

Ele estava amarrado por várias horas e suas mão e pés estavam dormentes. De novo e de novo, Will tinha tentado forçar as cordas, tentando esticar as fibras ou encontrar ceder os nós. Mas foi um esforço inútil. Ele tentou só mais uma vez. Mas ele não conseguia mais sentir suas mãos. Se as cordas não forem afrouxadas e a circulação fosse restaurada para suas mãos e pés, pensou ele, ele perderia os dedos das mãos ou dos pés, ou até mesmo as próprias mãos. Então ele deu de ombros. Perder os dedos era a menor de suas preocupações.

Mais abaixo na praia, a cerca de vinte metros de distância, Ruhl e seus homens restantes estavam sentados em volta da fogueira, passando um jarro de Brandy Ibérica de mão em mão. Conforme Will observava, o Stealer tomou um longo gole, depois colocou a jarra para um lado.

Ele se levantou, um pouco vacilante, depois parou e tomou um flamejante marca do fogo.

Ziguezagueando um pouco, Ruhl fez o seu caminho até a praia para onde Will ficou de pé, preso contra o jogo, incapaz de se mover. Will sentiu seu estomago se apertar. Esta seria a terceira vez Ruhl realizou a farsa de acender o fogo ao redor dele.

Nas duas ocasiões anteriores, ele havia insultado Will, colocando a tocha flamejante poucos centímetros da lenha empilhada, em seguida, puxando-o de volta no último minuto. Então ele iria repetir a ação, de modo que Will nunca vai saber quando serão seus últimos momentos.

Será que isso é o tempo que ele iria em frente com sua ameaça?

Agora Ruhl estava diante de seu prisioneiro, instável em seus pés, com o rosto corado com o efeito do álcool. Ele se inclinou para frente, espiando para o rosto barbudo antes dele, tentando ver algum sinal de medo, algum pedido de misericórdia.

—Bem, Tratado, este é o momento? Você está prestes a ir para atender a sua adorável esposa mais uma vez? O que você diz?— Ele mergulhou o fim flamejante da marca perto da pilha de galhos encharcados com óleo . Will olhava para a frente, resistindo à quase tentação irresistível de ver como as chamas vacilaram, polegadas distância dos galhos empilhados.

—Que tal isso, Tratado? Você vai pedir misericordia para mim? Se você o fizer, eu poderia dar lhe um fim fácil. Apenas um golpe rapido de espada e você não terá que se preocupar com essas chamas— A marca queimada acenou na frente do rosto de Will, tão perto que ele podia sentir seu calor contra os olhos, sentir a barba e as sobrancelhas começaram a chamuscar.

—Nada a dizer? Você vai fazer muito barulho em um minuto, quando eu soltar esta tocha no fogo … ops!— Ela deixou a tocha cair, para, desajeitadamente, recuperá-la de novo antes que ela caisse na lenha empilhada. Will sentiu seu estomago se apertar de medo. Mas não mostrou nenhum sinal dele.

—Isso foi uma coisa quase executada, não foi, Tratado?— Ruhl zombou. Ele revirou os olhos e acenou com a tocha acima da lenha, mais uma vez, fazendo um ruído zombeteiro cantante.

—Vamos logo com isso, Jory. Mate-o e dê um fim nisso. Pare de insultar o homem.— Um dos traficantes de escravos tinha virado a partir do fogo do acampamento para assistir o desempenho do Ruhl. Ele o tinha visto atormentando o Arqueiro duas vezes antes, e visto que o barbudo não mostrou nenhum sinal de medo. Ele sentiu um respeito relutante por ele e, em proporção inversa, uma relação decrescente para o seu líder. Ruhl estava se divertindo muito muito, pensou. Matar um inimigo foi uma coisa, mas continuar para insultar, zombar dele e fingir deixar a tocha cair para, em seguida, puxá-la para trás a tocha no último minuto, mostrou um nível de maldade que mesmo um criminoso endurecido não podia tolerar.

Mas Ruhl agora virado para seu subordinado em uma fúria.

—Você não me diga o que fazer, Anders!—, Ele gritou, sua voz chegando a um nível agudo um pouco abaixo da histeria. Ele caminhou com raiva até a praia para a fogueira de acampamento, jogando o flamejante ramo para um lado enquanto ele subia para confrontar o homem que o desafiou. Ele estava sobre o homem, gritando insultos contra ele. Will soltou um suspiro de alívio e caiu um pouco contra os cruéis laços que o prendiam.

—Ele é meu prisioneiro!— Ruhl gritou —Quero ouvi-lo saco! Quero que ele peça por misericórdia!E quero ouvi-lo fazer isso e você vai calar a boca. Ou você quer acompanhá-lo. Você...me...entendeu? — O homem recuou. Ele estava em desvantagem, sentado enquanto Ruhl estava sobre ele. Ele sabia Ruhl era mais do que capaz de realizar a ameaça que ele tinha acabado de fazer. Mas ele trabalhou para o Ladrão há alguns meses, e ele também sabia que se mostrasse fraquezas, poderiam ser fatais. Ruhl caçava fraqueza. além disso, duvidava que seus companheiros apoiariam Ruhl e amarrá-lo à estaca com o Arqueiro.

—Isso não vai acontecer, Jory, e é tudo.Eu disse, mate ele e acabe logo com isso— —Eu vou matá-lo quando eu estiver pronto para isso—falou Ruhl, falando com exagerada precisão e cuidado. —E não quando alguma terceira taxa de carteiristas como você me diz para. Entendeu?— Anders assentiu. Ele tinha mostrado rebeldia suficiente, ele pensou.

—Se é o que você diz, Jory— ele murmurou. Ruhl alcançou o garrafão e sentou-se pesadamente, setado de costas para o prisioneiro amarrado à estaca.Ela não viu que Will cedera com alívio quando sua morte foi adiada mais uma vez.

E ele não percebeu tambem, que um dos afloramentos rochosos disformes que estava cravejado na praia atrás de Will se moveu alguns metros mais perto do Arqueiro, enquanto ele repreendia seu subordinado. O coração de Maddie bateu contra suas costelas. Ele podia ouví-o batendo e se perguntou como não era audível para os da praia.

Ela tinha tomado a situação no campo, então rastejou silenciosamente o caminho do penhasco para a praia, perto da entrada da caverna. A partir de lá, habia se mudado furtivamente de uma grande rocha para outra, caindo em cobertura quando chegava perto de cada uma. Foi uma benção que a praia estivesse tão cheia de pedras grandes, e que tinham eleito o Ruhl para montar a estaca e a fogueira tão lnge da praia, e não mais para baixo, onde estava o acampamento. Ela assistiu o ladrão, como ele zombou de Will, e ela percebeu como o homem era perigosamente insano.

Mais cedo ou mais tarde, ele iria cumprir a ameaça e atearíam fogo aos galhos amontoados em volta dos joelhos de Will. E ela sentiu que seria mais cedo. Se ele se virasse para Will de novo, ela acreditaria que o tempo para as ameaças tinha acabado. Will nunca vai implorar, e ela sabia. Ela sentiu que se Ruhl deixasse a tocha cair novamente, Will iria morrer. Ela estava encolhida na praia agora, uma massa disforme sobre seu manto, e apenas à alguns metros atás de Will. Cautelosamente, ela levantou um canto do capuz. A quadrilha-ou o que restou deles— estavam sentados em volta da fogueira. Eles estavam olhando para as chamas, que ela sabia que iria arruinar sua visão noturna. Encorajada pela realização, ela rastejou para frente, poucos centímetros de cada vez para

evitar ruidos, até que ela estava diretamente atras de Will. Agachando, escondida pela pilha de lenha, ela puxou Saxônica e cortou rapidamente as cordas em volta de suas pernas.

Ela o sentiu tenso quando a corda caiu e ela se levantou lentamente, para ficar escondido atras dele.

—Sou eu.Maddie— , ela disse sussurrando —Espere um momento e eu vou te libertar— Will gemeu baixinho, tentando suprimir o ruído. Seus braços e pernas haviam sido contraídos pelos laços apertados por horas. Como o sangue correu de volta das pernas e seus pés estavam dormentes, era pura agonia. Então o Saxônica cortou a corda das mãos e a que estava em volta de sua garganta.

Suas mãos e antebraços tambem sentiram uma dor aguda e insuportável da volta da circulação e ele caiu contra a estaca, incapaz de manter o equilibrio e deixando escapar um gemido mais alto de agonia. Este os homens ao redor da fogueira ouviram.Um deles se levantou.

—O que foi isso?— Ele viu vão oscilar um ritmo fora da estaca, em seguida, sua embreagem braços ao redor dele quando ele tentou desesperadamente recuperar o equilíbrio.

—É o Arqueiro! Ele está solto!— Pandemônio estourou como eles pegaram suas armas e esforçavam para seus pés. Maddie deixou cair o Saxonico para um lado e apressadamente desenrolou a funda de sua cintura, carregando um tiro para a bolsa.

Inicialmente, cego pelas chamas brilhantes que estavam fitando, nenhum dos homens de Ruhl tinham notado a forma escura atrás de Will. Mas quanto Maddie deu um passo claro para um lado, ela afunda balançando suavemente a capa atrás dela, que a viu e hesitou.

—Quem é?— —Há alguém com ele! — Só Ruhl reagiu imediatamente. Ele apontou para as duas figuras ao lado da estaca.

—Pegue-os! Mate-os! — Mas, quando ele disse as palavras, o primeiro remate de Maddie chocou-se contra um de seus homens.

Estudando o quadro a partir do topo do penhasco, ela tinha notado que dois deles usavam couraças de couro fervido e ela duvidou que seu arco teria o poder de perfurar-los. Deste modo, ela optou por usar o sling, deixando o arco e a aljava para trás para a escalada inábil para baixo do penhasco. Agora, ela percebeu que tinha feito a escolha certa.

A bola de chumbo, viajando com uma força tremenda, chocou-se contra a couraça de couro logo abaixo do coração do homem, flexão e deformar o couro, a condução de um dente enorme para ele. A bola não fez penetrar, mas o choque do impacto fez. Foi transmitida diretamente e praticamente sem diminuí ao corpo do traficante de escravos. Dois reforços cederam e um hematoma enorme

começou a se formar imediatamente. Seu coração vacilou, pegou novamente. O homem deu um grito estrangulado e caiu no solo, joelhos para cima, tentando respirar, e sentindo dor de corte em suas costelas como ele fez.

O traficante de escravos ao lado dele mal teve tempo de olhar para o seu companheiro de horror antes do segundo tiro de Maddie, bateu-lhe no ombro direito, quebrando os ossos grandes lá, quebrando a articulação para além de qualquer possibilidade de reparação e enviá-lo cambalear. Desmaiando de dor, ele caiu de joelhos, dobrou, depois tombou para o lado, lamentando suavemente.

Os outros três sequestradores pareciam em choque com seus companheiros, Vê-los atingido por uma terrível força, sem ser visto fora da escuridão. Eles trocaram um olhar, em seguida, virou-se e correu, soltando suas armas por trás deles.

Maddie os deixou ir, em busca de Jory Ruhl. Ela tinha tomado o outros em primeiro lugar, como eles estavam armados e, até agora, Ruhl não tinha feito nada mas deu ordens. Agora ela o viu, inclinando-se para recuperar algo perto do fogo. Ele ficou em pé e ela percebeu que ele estava segurando um pequeno dardo. Mas ele não estava olhando para ela. Seu olhar foi fixado em Will, como ele caiu contra a estaca, braços e pernas, cólicas terriveis, incapaz de se mover.

O braço direito de Ruhl voltou, em seguida, começou a apresentar. Maddie saltou para o lado de Will e empurrou-o para fora do caminho da arma. Ele caiu com um grito assustado em toda a pilha de lenha.

A mão de Maddie foi para a sua bolsa tiro, movendo-se com o bom, precisão automática que veio de prática constante. Ela era o carregamento de uma bola para o funda quando sentiu um impacto terrível contra seu quadril direito — um impacto que a levou de volta alguns passos, e foi seguido por uma explosão de agonia queimando para baixo sua coxa.

Ela olhou para baixo e viu que curto dardo de Ruhl havia paralisado sua coxa, logo abaixo do quadril. Sentiu um momento de descrença.

—Eu fui atingida—, disse ela, incrédula. Ela nunca tinha esperado uma coisa dessas acontecer. Mas ele tinha.

O mal, cabeça farpada foi enterrado no fundo de sua coxa e sentiu a perna ceder sob ela, incapaz de suportar seu peso. O sangue estava escorrendo por sua perna e ela caiu, causando mais agonia enquanto o eixo do dardo abalada contra o chão. Rangendo seus dentes contra a dor, ela lutou contra as ondas de náusea que ameaçavam para superar ela. Lágrimas escorriam de seus olhos com a dor e choque, ela sentiu-se esvaindo. Ela não conseguia respirar. O

trauma terrível da ferida parecia ter paralisado seus pulmões.

Sua visão começou a falhar, até que parecia que ela estava olhando para eventos através de um túnel longo e estreito, com a escuridão em todos os lados.

Ela viu Ruhl inclinando-se para pegar outro dardo do fogo.

Então ele começou a subir a praia em direção Will. Ela tentou chama-lo, para ele se orientar, mas nenhum som saiu. Tentei alcançá-lo, mesmo embora ele estivesse a poucos metros e além de seu alcance.

E então o mundo ficou vermelho e depois preto.

E não havia nada mais.

Will lançou-se desajeitadamente na lenha empilhada. Ele tentou se levantar, mas os ramos mudaram e cederam sob sua mão e ele fracassou, sem jeito.

Ele podia ver Ruhl se aproximando. O ramo de fogo na mão iluminou seu rosto com um brilho demoníaco e Will podia ver a expressão contorcida, onde foram misturados ódio e vingança em proporções iguais.

Em um minuto, ele iria lançar esse ramo em chamas nos outros ramos e Will estaria envolto em chamas.

Ele amaldiçoou os selvagens, cólicas incapacitantes em seus braços e pernas restringido seu movimento tão mal. Ele tentou subir novamente e falhou uma vez mais. Mas ele conseguiu se arrastar para longe um pouco, de modo que ele estava na borda da madeira empilhada. Sua mão direita agarrou a areia ,enquanto ele se arrastava, clara e que se fechou sobre um familiar forma.

Era o cabo de Saxe de Maddie, deitado na areia, onde ela deixou cair minutos antes. Desajeitado, ele inverteu a faca para que ele estivesse segurando a lâmina. Ruhl estava a poucos metros de distância, as chamas na marca lambendo furiosamente, pronto para incinerar Will.

Meio sem jeito, rangendo os dentes contra a dor das cólicas, Will jogou a Saxônica.

Como ele deixou sua mão, ele sabia que era o pior lance ele tinha sempre feito. Impedido pelas cólicas de seus músculos rígidos, ele atirou-se desajeitadamente, sem o controle preciso que ele normalmente colocaria em tal lance. Atingiu Ruhl — ele estava muito perto para errar o arremesso — mas feriu hilt primeiro, acertando-o na testa acima do olho direito.

O golpe foi doloroso, mas de nenhuma maneira letal. O bronze pesado cortou a sobrancelha eo sangue escorria em seu olho. Instintivamente, Ruhl se afastou, e pisou em um ramo que teve rolou da lenha empilhada.

Era um ramo irregular, dobrado e torcido pela metade ao longo de seu comprimento, de modo que ele se virou e rolou desajeitadamente sob seu pé. Ele cambaleou para trás, em seguida, tentou se recuperar, jogando seu peso para a frente.

Mas, distraído com o sangue nos olhos, ele sobrecompensado e perdeu o equilíbrio. Ele encontrou-se caindo para a frente, em direção à pilha de lenha

encharcada de óleo empilhados ao redor da fogueira. Os galhos empilhados cederam sob ele assim que ele os atingiu e, nesse instante, ele percebeu que ainda tinha o ramo de fogo bem ao lado, e que estava debaixo dele.

Houve uma pausa de um segundo como ele scrabbled para um apoio em os ramos mudando. Em seguida, a lenha inflamada com um explosivo Whoof!

Ruhl gritou enquanto as chamas subiram, envolvendo-o instantaneamente, pegando em suas roupas e cabelos. Ele lutou para se levantar novamente, mas os galhos empilhados entravam em colapso ainda mais, derrotando seus esforços. Ele tentou a gritar novamente, mas o ar queima e chamas queimaram sua garganta e pulmões e ele fez um terrível barulho grunhir desumana.

Will que, do outro lado do fogo, sentiu as chamas lambendo avidamente para ele. Instintivamente, ele evitou erro de tentar de Ruhl encontrar compra entre a mudança, ramos em movimento. Desesperadamente, ele rolou para o lado, claro das chamas. Como ele sentiu a areia por baixo , ele continuou a rolar, movendo-se cada vez mais longe.

Seu rosto foi queimado. Suas sobrancelhas estavam chamuscadas de distância e sua barba e o cabelo foram mal frisados. Mas ele foi claro. E sentimento estava voltando para os braços e pernas. Dolorosamente, ele arrastou-se ainda mais longe do fogo, o olhar horrorizado fixo na torção, empurrão, enegrecido forma no meio das chamas. Ele tentou calar os terríveis grunhidos, engasgos e sons que vinham a partir dele.

Então, finalmente, eles pararam.

Will que se levantou para uma posição sentada, a sua dor—espasmos pernas esticadas na frente dele. Aos poucos, as cólicas estavam se tornando menos e menos graves. Mas ele ainda só podia se mover desajeitadamente.

Agora que ele teve tempo para pensar, ele se perguntou estupidamente onde Maddie tinha ido. Lembrou-se de que ela o tinha deixado de lado, fora do o caminho do dardo do Ruhl. Mas ele não tinha visto o que tinha acontecido com ela. Estranho, pensou ele, que ela não tenha tentado ajudá-lo a escapar da fogo. Ele virou a cabeça, olhando em volta para ela.

—Maddie? —, Ele disse, sua voz não mais que um coaxar. Então ele viu a figura escura amassada na praia a poucos metros de distância.

Ele empurrou-se de pé, lutando contra o recorrente, de repente cólicas que esfaqueado seus músculos enquanto se movia muito rapidamente, e deu uma guinada em direção a ela, um enorme grito inarticulado de dor e raiva e tristeza vindo de sua garganta e ecoando a face do penhasco.

Ele caiu de joelhos e sentiu seu coração parar quando viu o dardo cruel enterrado em sua coxa. Folhas de sangue tinha encharcado seu roupas, olhando preto sob o luar. Seu rosto estava mortalmente branco e tinha perdido uma

quantidade excessiva de sangue. Ele sabia houve uma grande artéria na coxa, mas ele pensou que era no dentro, e o sangue estava escorrendo para fora, nada de bombeamento e aspersão como faria com uma artéria cortada. Ele se arrastou para a frente de joelhos e colocou os dedos na garganta, sentindo o pulso.

Não havia nenhum.

Mais uma vez, ele deixou escapar que terrível, rasgado de coração grito de dor e tristeza.

Ele sentiu uma leve vibração sob seus dedos questionador. Em seguida, o pulso começou a bater. Fracamente, fracamente. Mas existem. Maddie estava viva e seu coração disparou com alívio.

Em seguida, ele balançou novamente, desta vez do medo. Ela estava viva. Mas ela foi gravemente ferido e ela tinha perdido muito sangue. Ela ainda estava a perdê-lo, e ele não tinha material médico, sem ataduras, não há maneira de estancar o fluxo. Ele teve que retirar o dardo da ferida. Mas ele sabia que, assim como ele fez, ela perderia sangue duas vezes mais rápido que era agora.

Ele pensou no pacote médica que ele carregava no meio das suas sela sacos e olhou para as falésias acima dele.

—Eu espero que você trouxe os cavalos, menina—, disse ele. Ele deixou escapar um piercing apito.

Dez segundos se passaram, então ele ouviu um relincho ansioso. Olhando para cima, viu Bumper e Puxão espiando por cima da crista da falésia em ele. Ele pôs-se em pé, levantando a mão para detê-los a ainda mais.

—Fique—, ele ordenou. Ele sabia que nunca iria gerenciar esse , o caminho pedregoso áspero voltado para baixo. Ele teria que levar Maddie a eles. Seu cérebro começou a trabalhar, planejando coerentemente agora. Ruhl tinha tomado a sua faca de caça e jogando quando ele foi capturado e lembrou-se de ver o navio negreiro atirá-los para baixo ao lado do campo fogo. Ele ia precisar deles. Ele virou-se, encolhendo-se como hit cãibra ele novamente. Parecia que, se ele mudou-se imprudentemente, estendia-se um músculo ou virado para o lado errado, as cólicas atingiriam sem aviso. Mas eles estavam se tornando menos e menos selvagem mais ele continuou se movendo e manteve o suprimento de sangue que flui de volta para seus músculos. Ele mancou até a praia para a fogueira de acampamento, tentando ignorar o terrível cheiro de carne queimada que veio do fogo ao redor da estaca. Ele estava morrendo agora, e ele podia ver a enegrecido, forma deformada na pilha de brasas. Ele balançou a cabeça e afastou-se, em busca de suas facas. Ele encontrou-os e afivelou o cinto e bainha, em seguida, mancando dolorosamente para trás até a praia para Maddie.

Ele sacou a Saxônica e cortou uma tira um metro de comprimento da bainha

de sua capa. Ele amarrou—voltas e voltas a coxa, acima e abaixo da cabeça do dardo, puxando-a tão apertada quanto possível, em seguida, amarrando-o firmemente para estancar o fluxo constante de sangue.

Ele sentou-se nos calcanhares, franzindo a testa para o metro—e—um-metade-longa eixo do dardo. Ele não podia mover-la com isso ainda no lugar.

Mas ele não queria soltá-la até que o ferimento que ele tinha sua kit médico à mão. Ele teria de rompê-lo curto, ele percebeu, mesmo que fazê-lo, sem dúvida, fazer com que Maddie sentisse imensa dor. Ele respirou fundo várias vezes, em seguida, agarrou o eixo em ambas mãos, sacudindo a mão esquerda para baixo rapidamente e com força, segurando a extremidade curta tão firme quanto pôde com a direita.

O eixo quebrou com um estalo alto. Maddie gritou uma vez, em seguida, ficou em silêncio novamente. Ele estudou seu rosto. Pálido como um fantasma. Mas suas pálpebras vibraram. Ela ainda estava viva.

Ajoelhou-se em um joelho e puxou-a para a posição sentada.

Em seguida, ele se inclinou para a frente e, agarrando o cinto, levantou-a sobre o ombro direito, com a cabeça pendurada nas costas, seus pés em frente dele. Ele deu um suspiro longo e profundo, sabendo o que estava por vir, então ficou de pé, usando os grandes músculos em suas coxas e bezerros para levantar ela.

Cólicas começaram a acertá-lo imediatamente, seus músculos da coxa atar em agonia enquanto eles levaram a tensão. Ele gritou de dor, o seu grito ecoado pelo grito involuntário de Maddie enquanto ele movia ela. Ele ficou com ela por cima do ombro, balançando incerta. Então ele deu um passo em direção à base das falésias, esperando para ver se a dor iria surgir através de seu músculo torturado novamente. Ele não o fez, então ele deu mais um passo. Desta vez, um músculo da coxa apertado e ele engasgou em agonia, em seguida, forçou-se a dar mais um passo. Depois outro.

Ele achou ajudado se ele deu vazão à dor, então ele gritou quando cambaleou em frente à praia e até a pé incerto do caminho. Ele tropeçou e caiu e deslizou mas de alguma forma ele permaneceu em seus pés. E a cada terceira etapa, ele gritou tão alto quanto ele podia.

Ele conseguiu passar os dois ziguezague, sabendo que se ele olhasse para cima e visse o quanto ele tinha que ir, ele nunca faria isso. Então ele manteve os olhos para baixo nas rochas traiçoeiras de xisto que ameaçou derrubá-lo e enviá-lo alastrando. Um pé na frente do outro, gritando para dissipar a dor em seus músculos da coxa. Outro pé. Deslizar e se recuperar. Em seguida, seguir em frente. Outro passo. Outro tropeçar. Continue indo. Continue! Agora, estava gritando os dois palavras em vez de apenas berrando de dor. Ele ouviu o

incentivo de Puxão relinchar e parecia muito mais perto do que ele esperava que ser.

Então, seus olhos baixos viu o topo do caminho, e a longa grama que cresceu ao longo da falésia, e ele percebeu o que ele tinha feito.

Instantaneamente Puxão estava ao lado dele, relinchando e relinchando baixinho.

Ele agarrou a sela para se sustentar e guiar o pequeno cavalo para um local claro, onde ele colocou Maddie baixo. Ele tirou a encobrir e rolou-a sob a cabeça como um travesseiro. Em seguida, ele caçava ao redor da área, cortando galhos secos de um arbusto atrofiado, encontrar outros ramos secos que tinha soprado pelo vento, e construiu uma pequeno incêndio.

Seus movimentos eram muito mais livre agora, apesar de um incauto ação ainda pode provocar cólicas novamente e seus músculos doíam do efeito colateral da cãibra. Era semelhante a uma contusão grave, ele pensou. Ele encontrou o pacote médico e desenrolou-o, preparando-se um rolo de atadura de comprimento e o pequeno pote da pomada ferida especial que todas as guardas realizada. Ele pegou uma agulha com linha de seda e colocou-a no rolo de lona propagação-out. Uma vez que ele começou, ele teria que se mover rapidamente, eliminando a cabeça do dardo ferida, ungindo-o com a pomada de cicatrização, então costurar os lábios da ferida em conjunto. Finalmente, ele iria encerrar a rodada bandagem e em volta dela coxa, mantendo-a firme o suficiente para conter o fluxo de sangue da ferida, mas não tão firmemente que iria restringir o fluxo de sangue cura através do membro lesado. Os recentes acontecimentos tiveram ensinou-lhe muito bem das conseqüências desastrosas se ele fechar o sangue fluir inteiramente.

Uma vez que ele estava pronto para começar, ele moveu-se rapidamente e de forma positiva.

Ele cortou as leggings encharcadas de sangue acabar com sua Saxônica, expondo o pele nua ao redor da ferida.

Sua faca de arremesso estava descansando ponta pela primeira vez nas brasas da fogo. Anos atrás, o curandeiro chamado Malcolm lhe tinha dito que este destruiria os minúsculos organismos malignos que possam penetrar a ferida e causa a infecção. Ele esperou até que ela brilhava vermelho quente, em seguida, removeu-o, agitando-o no ar para que esfrie. Com sua esquerda mão, ele soltou o curativo improvisado em torno da coxa de Maddie, desenrolando-o com cuidado e observando como o sangue começou a escoar para fora uma vez mais. Ele prendeu o eixo abreviada do dardo e puxou suavemente, na esperança de que ele possa deslizar clara. Mas a farpa capturados na carne dentro da ferida e segurou-a. Maddie se mexeu, gritando de dor. Ele cerrou os dentes e deslizou a faca de

arremesso na ferida, mantendo-a em contato com a cabeça do dardo, deslizando para baixo até que ele podia sentir onde a farpa foi pego, então cuidadosamente trabalhando-a em torno de libertar a farpa.

O dardo moveu alguns centímetros. Maddie gritou de dor uma vez mais. Ele parou, limpou o suor da testa com a mão esquerda, em seguida, voltou ao trabalho, usando a lâmina da faca para proteger a farpa e pará-lo pegar novamente. Lentamente, a cabeça do dardo deslizou clara da ferida, ainda que, inevitavelmente, que causaram danos na o caminho para fora. Como ele saiu, um jorro de sangue vermelho seguiu. Vontade 423/446

arremessou o dardo para um lado, depois limpou a ferida com um pano limpo. Ele manchada a pomada em uma almofada de algodão e impulso lo na ferida, trabalhando-a em torno de espalhar a pomada cicatrizante em todas as direções. Então ele apertou os lábios da ferida juntos e passou a trabalhar com a agulha e linha de seda. Maddie estremeceu e gritou cada vez que ele socou a agulha através de sua pele. Ele balançou a cabeça, impotente.

—Desculpe, minha garota. Mas tem que ser feito —, ele murmurou.

Ele desenhou o último ponto apertado, volta então ligado de forma rápida e arredondar a parte superior da perna com o curativo que havia preparado. O sangue ainda estava vazando lentamente da ferida e manchado os primeiros camadas de bandagem vermelho, depois rosa. Mas o fluxo havia diminuído consideravelmente, até que era pouco mais que uma gota. Os pontos e os curativo contido, ea pomada ferida estava dentro da lesão, pronto para trabalhar o seu caminho de cura.

Contanto que Maddie poderia sobreviver ao choque da ferida, e seus cuidados posteriores.

Ela estava quase sem respirar. Seu pulso era leve, como o batimento cardíaco de um pequeno pássaro. Ele se ajoelhou ao seu lado, segurando sua mão, a cabeça baixa.

Os cavalos se deteve sobre o par deles, observando com preocupação em seus grandes olhos compassivos. Puxão podia sentir a preocupação de Will. Pára-choque podia sentir a dor de Maddie.

—Não morra, Maddie. Não morra. Por favor, não morra. Eu não posso te perder muito. Por favor, não morra. — Ele repetiu as palavras mais e mais como uma litania maníaco como ele vigiava a garota atingida.

Ela salvou minha vida, pensou. Como posso encarar Horace e Evanlyn se eu deixá-la morrer? Então ele voltou para o seu apelo murmurou, uma e outra vez.

—Não morra, Maddie. Não morra, Maddie. Por favor, não morra. — Mas não havia mais nada que pudesse fazer por ela, ele sabia. Ele só podia esperar, e repetir que exortação uma e outra vez.

Ele olhou para aquele rosto pálido — muito pálida, pensou — e em sua 424/446

exaustão se transformou em rosto de Alyss, ainda deitado e sem vida. Depois sua visão clareou e ele sabia que era Maddie e ele sentiu que ela estava escorregando e seu coração era um poço gigante de tristeza dentro de sua peito. Ele não podia suportar a idéia de perdê-la, não depois que ela curou a dor de seu preto perder o amor de sua vida.

—Não morra, Maddie. Não morra, Maddie. Por favor, não morra, Maddie.

As palavras correram juntos e caíram uns sobre os outros, até eles se tornaram um borrão sem sentido. Mas ela ainda estava lá, branco enfrentou. Will tinha visto a morte muitas vezes antes, em uma dúzia de diferentes campos de batalha, e ele sabia que era assim que parecia.

Amanhecer começou a raia o céu do leste sobre o mar. Ele poderia ouvir os pássaros em movimento e chamando, vibrando por entre os arbustos baixos e grama longa, farfalhando os galhos e folhas como caçavam insetos incautos. O dia foi um dia normal, assim como no dia anterior.

Mas seria sempre diferente, porque ele iria se lembrar esta dia como o dia em que ele perdeu Maddie.

—Eu estou com fome. O que há no café da manhã? —, Ela disse.

Sua cabeça virou-se e olhou para ela. Seus olhos estavam abertos e ela estava sorrindo para ele. Era um sorriso fraco, mas um sorriso, no entanto.

Ele sentiu seu coração guinada loucamente dentro do peito, com esperança e alívio e alegria.

—O que é para o pequeno almoço? —Ele repetiu entorpecida. —Depois de tudo o que você tem me fez passar, isso é tudo que você pode dizer? — Ela deu de ombros e fez uma careta quando o movimento lhe causava dor.

—O que eu posso dizer? Eu sou filha do meu pai. — Ele começou a rir. E em algum lugar, o riso se transformou em lágrimas e ele estava chorando incontrolavelmente — soluços imensas que sacudiam todo o seu corpo e cheias de lágrimas que corriam pelo seu rosto.

E ele sabia que as lágrimas eram as que ele nunca tinha sido capaz de derramado por Alyss. Eles eram para ela. E eles foram para Maddie. E

eram para ele.

Acima de tudo por ele.

425/446

E enquanto o sol nascia atrás dele, ele permaneceu inclinado sobre Maddie, soluçando, as lágrimas caindo sobre seu rosto abaixo dele até que ela deu um tapinha a mão desajeitadamente e confortou-o.

—Está tudo bem, Will. Está tudo bem agora. — Era plena luz do dia, quando

Tim Stoker encontrou. Ele havia deixado a caverna para vir em busca deles. Ele havia encontrado os corpos dos dois homens Maddie tinha ultrapassado na noite anterior e equipado se com a lança que um deles caiu.

Ele estava diante deles, armado com uma arma de grandes dimensões que era muito grande para ele.

—Will Tratado —, disse ele,— é Arqueiro Maddie está bem? —Ele foi duvidoso, porque, se ela fosse, ele não tinha idéia de por que o barbudo Arqueiros seria inclinado sobre ela, chorando baixinho.

Will olhou para o jovem rosto preocupado e sorriu. Ocorreu para ele que ele não tinha sorrido — realmente sorriu — em um longo, longo tempo.

—Ela está bem. Quem é você? — —Eu sou Tim. Assim, você pode nos levar para casa agora?

Epílogo

Seis meses depois Gilan dobrou o pergaminho e colocou de volta em uma pasta de couro.

Ele olhou para os rostos montados, o mar de casacos cinza e verde que o cercavam. Havia uma ansiedade sobre todos eles, ele podia ver. O recolhimento estava quase no fim para este ano e foi quase na hora da festa e contar e cantar que marcaria o fim do conto de montagem.

—Isso é apenas sobre todas as nomeações e promoções para este ano—, disse ele, e um burburinho de expectativa percorreu os arqueiros reunidos.

—Mas antes de chegarmos à festa —— ele indicou a longa mesa posta para fora sob as árvores, carregados com alimentos e bebidas —— não há mais um item de negócio. — Outro burburinho percorreu o grupo, que não era tão expectante.

—Ele tinha mais de um sentido do que agora?— Ele ergueu as mãos pedindo desculpas.

—Ele só vai levar alguns minutos—, disse ele, —então tudo que você pode ficar ocupado encher-se com muita comida. — Uma pequena onda de diversão correu por eles até que se acomodaram. Eles sabiam que Gilan não era um daqueles oradores que dizia: —Eu vou manter este curto—, e então fala por uma hora ou mais.

—E isso tem a ver com a razão pela qual os nossos dois convidados de honra estão aqui conosco hoje—, acrescentou, apontando na direção de Cassandra e Horácio, sentado à frente do grupo.

Isso causou um rebuliço de interesse. Os Arqueiros reunidos estavam imaginando porque a Princesa e o cavaleiro campeão do reino havia chegado mais cedo naquela manhã para o último dia do Encontro. Era altamente incomum para pessoas de fora para serem incluídos nas reuniões — Mesmo sendo da realeza. Os chefes viraram-se para estudar o casal. Cassandra sorriu graciosamente. Horace corou e abaixou a cabeça. Ele ainda não estava acostumado com aparições públicas.

—Como vocês sabem.— Gilan continuou —quando o Corpo assume um aprendiz, esse título é dado como cortesia até a conclusão satisfatória dos primeiros doze meses de treinamento. Nesse ponto, a folha de carvalho de bronze é dada ao aprendiz e ele se torna um arqueiro oficial.— Eles concordaram. Todos sabiam disso.

—Mas hoje em dia, temos entre nós um aprendiz de primeiro ano, que, depois de apenas nove meses de treinamento, já provou digno do título oficial e

da adjudicação da folha de carvalho de bronze. Ela também é, por coincidência, o nosso primeiro recruta feminino e provou que a garota certa é mais do que capaz de servir em nosso corpo e realizar todas as tarefas que se esperam de um arqueiro.

Agora, que tem uma reação. A maioria deles tinha ouvido rumores de que uma menina havia sido recrutados, embora eles não tinham ideia que tinha sido nomeado como seu mentor. Gilan e Halt decidiu que talvez fosse melhor não deixar de fora informações sobre Maddie, caso a experiência não deu certo.

Alguns dos Arqueiros sentados na parte de trás da plateia levantou-se e olhou em volta, na esperança de obter uma visão da primeira mulher Arqueiro. Mas é claro que Maddie estava sentado com seu capuz para cima e não se distinguia de todas as outras figuras intimidados ao seu redor.

—No decorrer dos últimos nove meses, ela passou em todos os testes definido pelo seu mentor — um juiz extremamente difícil, se eu poderia dizer — e introduziu uma nova arma para o Corpo de Fuzileiros. Sugiro que você pode pedir a ela para demonstrar isso quando o lado oficial das coisas é mais. — —O que vai ser quando? —Uma voz lúgubre chamado a partir do meio da multidão e todos riram.

Gilan assentiu com bom humor na direção do alto—falante.

—Não muito tempo para ir. Mas para continuar. Não só está recruta mostrado sua capacidade de treinamento, ela provou seu valor e sua coragem no campo também. Há seis meses, ela realizou uma missão com Will Tratado — cujo nome você pode estar familiarizado com —. Para quebrar um anel de escravização, na costa leste e voltar dez crianças sequestradas para suas casas — Agora mais e mais cabeças foram transformando, buscando o paradeiro da nova Arqueiro.

—E, no processo,— Gilan continuou, ela salvou a vida de Will. Algo que tem sido feito por muito poucas pessoas no passado. —Ele acenou com a cabeça em direção a uma figura de cabelos grisalhos na terceira fila. —Halt é um desses, é claro. E os outros dois são os pais da menina. . .

Ele fez uma pausa dramática. Havia um monte de presunto sobre Gilan.

—E eles são. . . Princesa Cassandra e Sir Horace, o Folha de carvalho Knight, o cavaleiro do reino Sunrise guerreiro e campeão. —

Agora, os Arqueiros estavam todos de pé, entender por que Cassandra e Horace estavam presentes, querendo ver essa garota que tinha feito tanto em tão pouco tempo. Alguém nas fileiras traseiras começaram a bater palmas, em seguida, eles foram todos aplaudindo e gritando para Gilan.

—Vamos vê-la! — —Onde ela está?— Gilan sorriu e acenou para Maddie.

Ela se levantou, jogando para trás o capuz de seu manto, e fez seu caminho para o pódio onde ele estava. Ela ainda estava mancando um pouco, ele notou. Ela provavelmente teria que mancar para o resto de sua vida.

Quando ela se virou para enfrentar os membros do corpo, as palmas alterado para aplaudindo e assobiando. Ela olhou ao redor do mar de rostos, escolhendo algum que ela conhecia. Será que, é claro, tinha os dois dedos na boca e estava emitindo um assobio cortante, e maquinando a sorrir imensamente ao mesmo tempo. Halt estava de pé, acenando e sorrindo ligeiramente. Para Halt, que era o equivalente de cornetas e tambores. Lady Pauline também estava presente, uma concessão ao prestígio e posição como uma figura sênior do Corpo de Halt. Ela estava assobiando bem, Maddie viu com surpresa.

Quanto à sua mãe e seu pai, eles estavam radiantes com orgulho.

Maddie acenou timidamente para eles e ficou chocada quando sua mãe de repente saltou para seus pés e bombeou seu punho no ar, emitindo um grito que parecia algo como: —Whoop! Whoop! Whoop!

Horace olhou para sua esposa, um tanto perplexo. Ela sorriu para ele e bombeado seu punho ainda mais difícil.

—Whoop! Whoop! Whoop!

—Parabéns, Maddie. Como é a sensação de ser um pioneiro? —, Disse Gilan baixinho em seu ouvido.

Sentiu-o colocando a corrente sobre a cabeça. Ela chegou a derrubar pegou o pingente de folha de carvalho bronze entre o indicador e o polegar, segurando-a para que ela pudesse vê-lo. Seus olhos aspergidas com lágrimas de orgulho.

—E agora vamos comer!— Gilan gritou, e os aplausos redobrados.

Eles festejaram. Eles riram. Eles tinham brindes bêbados caídos aos membros do Corpo — Liam entre os nomeados. Eles haviam cantado, concluindo com a música tradicional Arqueiros que acabou com todas as reuniões — —Cabin nas árvores—. Maddie uniu-se a canção, pensando em como era apropriado para a vida Arqueiro, pensando na pequena cabana que tinha compartilhado com Will nos últimos nove meses.

Agora, ela estava em um pequeno círculo de pessoas mais próximas a ela: Cassandra e Horace, Halt e Pauline, Gilan e, claro, Will.

Ela continuou chegando e tocando a pequena folha de carvalho bronze em volta do pescoço. Gilan e Will entendi como ela se sentia. Eles tinham compartilhado aquela sensação de incredulidade e alegria quando tinha sido atribuído o seu Oakleaves, bronze e prata.

Horace envolveu sua filha em um abraço de urso. —Eu estou orgulhoso de você —, disse ele. —Então, orgulhoso. — Houve uma captura em sua voz e, quando ele a soltou, ele virou-se para que os outros não o veria enxugando uma

lágrima. Ela deu um tapinha no ombro.

Em seguida, a mãe abraçou-a também. Mas quando ela soltou, Cassandra produziu um pergaminho enrolado dentro de sua manga.

—Isto é para você—, disse ela e entregou-a Maddie.

Aprendiz A nova Arqueiro olhou para ele com curiosidade. Parecia muito oficial, pensou.

—O que é isso?— Cassandra sorriu para ela. —É a sua reintegração. Oficialmente, você é mais uma vez uma Princesa real de Araluen. Você merece —, acrescentou.

Maddie hesitou, olhando rapidamente para Will. Ele desviou o olhar. Esta foi a decisão dela e ele não iria influenciá-la.

—Bem, isso é maravilhoso, e eu sou muito grato. Muito grato, na verdade . . . Mas. . . poderia esperar um pouco? —, ela disse.

Sua mãe olhou para ela, confuso. —Espere um pouco? Para quê?

Você provou que você é digno dela. Você não tem que fazer mais nada.

É hora de você voltar para casa. — —Mas. . . Eu prefiro terminar meu treinamento como um Arqueiro, —Maddie deixou escapar.

Halt e Gilan se virou para esconder seus sorrisos. Cassandra olhou acusadoramente para Will.

—A culpa é sua!—, Ela gritou com ele. —Eu devia saber isso! — Ela voltou para Maddie. —Mas isso vai ficar mais quatro anos!— Ela disse, sua voz aumentando em descrença e angústia.

Maddie assentiu, mordendo o lábio nervosamente. —Vai ser mais antes de conhecê-lo —, disse ela. —E eu vou visitá-lo com frequência.— Cassandra, por uma das raras vezes em sua vida, ficou sem palavras.

Ela olhou em torno das faces do grupo. De repente, ela teve uma sensação de déjà vu, como sua memória a levou de volta a um dia, muitos anos atrás. Ela era uma menina, de pé em uma varanda no Castelo Araluen, Horace ao seu lado, enquanto eles observavam Will andar afastado com Halt. Ele tinha acabado de escolhido a vida como um Arqueiro sobre a vida na corte real Araluen. Agora que estava a acontecer novamente.

—Eu já estive aqui antes—, ela finalmente conseguiu dizer.

Horace balançou a cabeça, sabendo que ela estava pensando. —E eu disse-lhe então, Arqueiros são diferentes do resto de nós. Eu estava certo então.

E eu estou agora. — Cassandra abriu a boca e fechou-a novamente várias vezes.

Finalmente, ela apelou para Horace, cuja força e bom senso tinha a apoiou em muitas ocasiões através de sua vida.

—O que eu devo dizer?—, Ela perguntou.
Ele sorriu para ela, depois para Maddie.
—Diga sim—, ele disse a ela.

FIM